

**Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes**  
**Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social - PPGDS**  
**Doutorado em Desenvolvimento Social**

**FÁBIO ANTUNES VIEIRA**



**DO MBL AO BOLSONARISMO:  
O discurso antipetista por um Brasil menos livre**

**Montes Claros**

**2022**

**FÁBIO ANTUNES VIEIRA**

**DO MBL AO BOLSONARISMO:  
O discurso antipetista por um Brasil menos livre**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, como requisito à obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Social.

**Orientador:** Professor Dr. Laurindo Mékie Pereira.

**Montes Claros**

**2022**

V658d

Vieira, Fábio Antunes.

Do MBL ao Bolsonarismo [manuscrito]: o discurso antipetista por um Brasil menos livre / Fábio Antunes Vieira – Montes Claros, 2022.  
210 f.

Bibliografia: f. 192-210

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes,  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social / PPGDS, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Laurindo Mékie Pereira.

1. Política. 2. Bolsonarismo. 3. Antipetismo. 4. Discurso. 5. Massa. I. Pereira, Laurindo Mékie. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: O discurso antipetista por um Brasil menos livre.

Catálogo: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge

Fotografia da capa: Ailton de Freitas - Agência "O Globo", 2015.

Revisão de Português: Fernanda Vasconcelos Leite e Fábio Antunes Vieira.



**Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes**  
**Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social - PPGDS**  
**Doutorado em Desenvolvimento Social**

Tese intitulada *DO MBL AO BOLSONARISMO: O discurso antipetista por um Brasil menos livre*, de autoria do doutorando Fábio Antunes Vieira, apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Laurindo Mékie Pereira PPGDS - Unimontes - Orientador

---

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta FAFICH - UFMG

---

Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub IFCS - UFRJ / PPGCSO - UFJF

---

Prof. Dr. Antônio Dimas Cardoso PPGDS - Unimontes

---

Profª Drª Luci Helena Silva Martins PPGDS - Unimontes

---

Profª Drª Anete Marília Pereira PPGDS - Unimontes / Suplente

- ( X ) Aprovada  
( ) Reprovada

Obs: Sem ressalvas.  
Assinaturas vide ata da defesa.

Montes Claros, 26 de maio de 2022.

Para minhas filhas,  
Nathália e Alice.

## AGRADECIMENTOS

Chegado o tão aguardado momento de finalização de quatro anos de pesquisa que resultaram a presente tese, mais que reconhecer não caber apenas a mim o mérito da conquista, é dever e privilégio agradecer aos que muito contribuíram para que ela fosse alcançada. Ao longo de sua jornada, o cientista Isaac Newton reconheceu que sobre os ombros de gigantes é possível ver mais longe, no que tange a apreensão e produção de conhecimentos. Analogamente, não sei o quão longe pude enxergar, mas sei que não me faltaram ombros de gigantes. A estes, inicio meus agradecimentos à Deus, sem o qual não teria superado os momentos de incertezas.

De modo especial, agradeço ao orientador, Laurindo Mékie Pereira, pela atenção, amizade e exímia competência com que me conduziu ao longo dos trabalhos. Não menos importante, agradeço pela confiança depositada ao aceitar assumir a orientação de alguém que se encontrava psicologicamente fragilizado, iniciando um tratamento, bem como precisando reiniciar toda a tese, restando pouco mais de dois anos para concluí-la. Imagino o quão foi desafiador para você esta primeira orientação de doutorado, mas saiba que honrar sua confiança sempre fez parte de minhas intenções ao longo do processo. Espero não tê-lo decepcionado, inclusive em relação ao resultado da tese.

Pertinente ao PPGDS, agradeço aos professores que cooperaram para a tese, pelo conhecimento apreendido, pelo exemplo profissional e compromisso com a ciência. Ademais, tomando como exemplo a professora Maria da Luz Alves Ferreira, à alguns incluo o agradecimento pela sensibilidade da atenção ao aspecto humano, sem o qual não é possível pensar em desenvolvimento social. Ainda sobre o Programa, agradeço aos servidores da Secretaria e aos colegas de turma pelas partilhas cotidianas, desde as questões mais técnicas até as boas e motivadoras conversas durante os cafezinhos.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e defesa, Antônio Dimas Cardoso, Jorge Gomes de Souza Chaloub, Luci Helena Silva Martins, Rodrigo Patto Sá Motta e Zaira Rodrigues Vieira, agradeço por atenderem solícitamente ao convite e principalmente pelas críticas construtivas proferidas oportunamente à tese. A expertise de vocês sobre o assunto, agregaram a ela maior plausibilidade.

Em relação a família, gratidão à minha esposa Liliana e às minhas filhas Nathália e Alice, pelo carinho, por cada incentivo, por cada sorriso, por cada angústia partilhada, por compreenderem minhas ausências, bem como por todas as renúncias que também tiveram que fazer, para que este momento de vitória pudesse se concretizar. Jamais teria conseguido sem

vocês. Aos meus pais, Antônio e Maria do Socorro, obrigado pelas boas lições, sobretudo aquelas advindas do exemplo que ajudaram a ser quem sou. Obrigado por um vida inteira de esforços, trabalho, afeto, preocupações e altruísmo para que eu pudesse chegar mais longe. Conseguimos família, partilhemos juntos o momento de júbilo.

À Reitoria do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG e a Direção do Campus Januária, onde desempenho minhas atribuições enquanto servidor público, agradeço por todo o apoio necessário ao longo destes quatro anos, incluindo a ajuda de custeio, através do Programa de Bolsas para Qualificação de Servidores - PBQS. Espero com a minha qualificação profissional, poder cooperar ainda mais com nossa Instituição, a partir do meu trabalho vocacional junto ao público ao qual servimos.

Por fim, injusto seria não agradecer a psicóloga Lilian Urzedo, não apenas pela terapia e atenção, mas também por todas às vezes em que gentilmente aceitou partilhar comigo conhecimentos mais técnicos. Não foram poucos os momentos em que as preocupações com a tese ocuparam boa parte das sessões, inclusive no que concerne a Sigmund Freud. Saiba que apreendi proveitosos conhecimentos a partir dos nossos diálogos. Obrigado.

*"O patriotismo é o último refúgio do canalha."*

Samuel Johnson



## RESUMO

O objeto dessa pesquisa são os discursos do ódio ao petismo empreendidos pelo Movimento Brasil Livre - MBL e por Jair Messias Bolsonaro, entre os anos de 2014 e 2018. Obtidos a partir de sites, redes sociais, documentários e livros, parte de suas tratativas metodológicas seguiram os postulados da análise do discurso, conforme as linhas teóricas de Michel Pêcheux, dentre outros. Para tanto, o objetivo consistiu em investigar a existência de alguma relação entre tais discursos e a radicalização do diálogo no campo político brasileiro, observado no período em questão. Desta feita, submetendo os discursos analisados ao crivo da psicologia de Sigmund Freud, associada a sociologia de Pierre Bourdieu, postula-se a tese de que, alçado a condição de ideal do ego de milhares de brasileiros em função de *habitus* partilhado, Jair Bolsonaro constituiu em torno de sua liderança uma massa de apoiadores entregues aos instintos que, identificados com o discurso do ódio ao petismo conduzido às ruas pelo MBL e que veio a ser personificado pelo próprio Bolsonaro, resultou na intolerância ao outro tomado como inimigo interno a ser eliminado, dificultando as possibilidades de diálogo inteligível no campo político. No cerne da questão, o gradual rompimento da “ralé” aos ditames da subcidadania durante os governos petistas, que atentou contra os interesses do núcleo "raiz" do bolsonarismo inscrito na classe média, dela dependente para obtenção do capital cultural, seu maior privilégio histórico.

## **ABSTRACT**

The object of this research are the speeches of hate towards petismo undertaken by the Movimento Brasil Livre - MBL and by Jair Messias Bolsonaro, between 2014 and 2018. Obtained from websites, social networks, documentaries and books, part of their methodological discussions followed the postulates of discourse analysis, according to the theoretical lines of Michel Pêcheux, among others. Therefore, the objective was to investigate the existence of any relationship between such discourses and the radicalization of dialogue in the Brazilian political field, observed in the period in question. So, submitting the analyzed speeches to the sieve of Sigmund Freud's psychology, associated with Pierre Bourdieu's sociology, the thesis is postulated that, elevated the condition of the ego ideal of thousands of Brazilians by the compatibility of habitus, Jair Bolsonaro constituted around his leadership a mass of supporters surrendered to instincts that, identified with the hate speech of petismo led to the streets by the MBL and which came to be personified by Bolsonaro himself, resulted in intolerance of the other taken as an internal enemy to be eliminated, hindering the possibilities of intelligible dialogue in the political field. At the heart of the matter, the gradual liberation of the subproletariat from the evils of sub-citizenship during the PT governments, which attacked the interests of the “root” nucleus of Bolsonarism inscribed in the middle class, dependent on it to obtain cultural capital, its greatest historical privilege.

## **LISTA DE SIGLAS**

AIB - Ação Integralista Brasileira  
AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras  
ANL - Aliança Nacional Libertadora  
BIRD - Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento  
CBF - Confederação Brasileira de Futebol  
CBN - Central Brasileira de Notícias  
CBO - Congressional Budget Office  
CIA - Central Intelligence Agency  
CIE - Centro de Informações do Exército Brasileiro  
CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas  
CNN - Cable News Network  
COLINA - Comando de Libertação Nacional  
CQC - Custe o que Custar  
CUNY - City University of New York  
DEM - Democratas  
DOI-CODI - Dest. de Operações e Informações - Centro de Operações de Defesa Interna  
DSN - Doutrina de Segurança Nacional  
EB - Exército Brasileiro  
EPL - Estudantes pela Liberdade  
ESG - Escola Superior de Guerra  
EUA - Estados Unidos da América  
FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado  
FARC - Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia  
FEB - Força Expedicionária Brasileira  
FIFA - Federação Internacional de Futebol  
FMI - Fundo Monetário Internacional  
GEDEC - Grupo Especial de Repressão a Delitos Econômicos  
IBAD - Instituto Brasileiro de Ação Democrática  
IDP - Instituto de Direito Público  
IPES - Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais  
IRS - Internal Revenue Service  
LSN - Lei de Segurança Nacional

MBL - Movimento Brasil Livre  
MDB - Movimento Democrático Brasileiro  
MG - Minas Gerais  
MPL - Movimento Passe Livre  
MRL - Movimento Renovação Liberal  
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
NWC - National War College  
ONU - Organização das Nações Unidas  
OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público  
PCB - Partido Comunista Brasileiro  
PCdoB - Partido Comunista do Brasil  
PEC - Proposta de Emenda à Constituição  
PGR - Procuradoria Geral da República  
PM - Polícia Militar  
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PP - Partido Progressista  
PRP - Partido Republicano Progressista  
PSC - Partido Social Cristão  
PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira  
PSL - Partido Social Liberal  
PT - Partido dos Trabalhadores  
PUC - Pontifícia Universidade Católica  
RJ - Rio de Janeiro  
SP - São Paulo  
SS - Schutzstaffel  
STF - Supremo Tribunal Federal  
SUS - Sistema Único de Saúde  
TFP - Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade  
TJSP - Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo  
TSE - Tribunal Superior Eleitoral  
UDN - União Democrática Nacional  
UnB - Universidade de Brasília  
URSAL - União das Republichetas Socialistas da América Latina  
USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	14
<b>Metodologia - O Caminho Epistemológico da Tese.</b>	
Tese: Angústias e Recomeço	24
O Caminho Percorrido	28
Análise do Discurso	32
Método Comparativo	43
O Bolsonarista "Raiz" Enquanto Tipo Ideal Weberiano	49
O Bolsonarismo: Um Fenômeno de Massa	62
<b>Capítulo 2 - Neoliberalismo, Globalização e Manifestações</b>	
Aspectos Gerais	66
Neoliberalismo, Globalização e a Falácia do Estado Mínimo	69
O Contexto em que Eclodiram as Manifestações	79
Da Primavera Árabe às Jornadas de Junho	84
<b>Capítulo 3 - O Movimento Brasil Livre - MBL: Origens, Discurso e Polêmicas</b>	
Da Sociedade Mont Pèlerin ao MBL: Os Think Tanks e o Avanço da Direita Liberal	99
O Discurso e a Retórica do Ódio	115
Algumas Polêmicas	134
<b>Capítulo 4 - Bolsonarismo: Ente a Teoria e a Prática do Discurso do Ódio ao Petismo</b>	
Uma Abordagem das Massas: Diálogo Teórico Entre Freud e Bourdieu	144
Bolsonaro: De Excêntrico à Presidenciável	159
O Anticomunismo no Brasil Antes do Petismo	165
O Antipetismo Associado ao Anticomunismo	175
Bolsonaro e o Discurso do Ódio ao Petismo	180
<b>Considerações Finais - Por Um Brasil Menos Livre</b>	187
<b>Referências Bibliográficas</b>	192
<b>Fontes</b>	199

## INTRODUÇÃO

Quando Jair Messias Bolsonaro venceu as eleições para Presidente em outubro de 2018, por mais que as pesquisas lhe apontassem o favoritismo, muitos profissionais da área de ciências humanas e sociais se viram em meio a indagações sobre o momento político então vivenciado no país. Ainda que as evidências estivessem postas, era difícil compreender a evolução eleitoral de alguém com seu histórico parlamentar, a ponto de chegar à Presidência. Desta feita, tomados por interrogações comuns a tantos brasileiros, vários acadêmicos têm procurado lançar luz sobre o assunto, a partir de estudos realizados sob forma de dissertações e teses, a exemplo do propósito aqui. Todavia, antes de tratar da tese em si, bem como da concatenação dos capítulos desenvolvidos para tanto, será feita uma contextualização do momento histórico em que ela se inscreve e foi pensada.

O primeiro mandato de Dilma Vana Rousseff à frente da Presidência da República, foi marcado por uma série de dificuldades que gradativamente desgastaram seu governo. Politicamente, embora o Partido dos Trabalhadores - PT, compusesse a maior bancada na Câmara dos Deputados, a Presidenta não dispunha da mesma habilidade de seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, para lidar com a oposição, particularmente com a parcela fisiológica inscrita no chamado 'centrão'. Em termos econômicos, também enfrentou dificuldades, muito em função dos efeitos da crise global do capitalismo desencadeada em 2008, que ainda se fazia sentir. Além disso, os vultosos recursos destinados à realização da Copa do Mundo da FIFA, em detrimento de algumas demandas sociais em um momento de crise, renderam publicidade negativa por parte da grande mídia tradicional, também atuante de modo oposicionista ao seu governo.

Destarte, a sensação de mal-estar se elevou quando a Presidenta, cedendo a pressões em razão dos problemas decorrentes da elevação dos gastos públicos, aceitou reduzir o volume de recursos destinados a alguns programas sociais. Tal atitude voltada à tentativa de redução do déficit público, não foi bem recebida por uma parte da população, sobretudo pelos segmentos sociais de baixa renda. Assim, muitos passaram a criticar o que entendiam ser um contrassenso do Governo Federal, que seria sobrepor os gastos da Copa do Mundo às demandas sociais da população em meio a uma crise do capitalismo global.

Além disso, as várias denúncias de superfaturamento da construção dos estádios, enfatizadas pelos telejornais, gradativamente foram contribuindo para impopularizar o evento, tomado como alvo de críticas por diversos segmentos sociais. Neste contexto, quando o aumento dos preços dos transportes coletivos ocorreu quase que simultaneamente em várias

idades no território nacional, às vésperas do início da Copa das Confederações, evento considerado como teste para a Copa do Mundo, a indignação explodiu.

Diante do quadro exposto, em meio a uma conjuntura ampla de agitações mundo afora, eclodidas sobretudo a partir da "Primavera Árabe", em 2013, foram desencadeadas em vários pontos do Brasil, uma série de manifestações que ficaram conhecidas como "Jornadas de Junho", em função do mês em que ocorreram. Sob a liderança do Movimento Passe Livre - MPL, o principal propósito atribuído às manifestações, era reverter o aumento das tarifas dos transportes coletivos, não sendo diferente na capital paulista, onde observou-se o maior volume de pessoas nas ruas naquele momento. Todavia, com o passar dos dias, pautas mais heterogêneas foram gradativamente sendo apresentadas em meio a elas, na medida em que outros grupos foram nelas se envolvendo.

Ampliadas, as manifestações foram tomadas como levantes populares por alguns governadores, preocupados com a própria imagem em meio a realização da Copa das Confederações. Cobradas a garantirem a ordem, algumas forças policiais terminaram por protagonizar atos excessivos de violência, que implicaram na exacerbação dos ânimos por parte de uma minoria dos manifestantes, cujos atos mais rebeldes foram explorados pela própria polícia para justificar a escalada da repressão.

Todavia, esta indisposição das autoridades em relação às manifestações foi sendo alterada, na medida em que a mídia tradicional passou a adaptar seu discurso acerca dos acontecimentos, particularmente através dos noticiários televisivos. Assim o fez, quando percebeu em meio a elas a participação de outros atores políticos, com suas vestes em tons de verde e amarelo, incluindo a camisa oficial da CBF, tomada como símbolo da procedência social destes novos manifestantes oriundos da classe média e que, ligados à direita no campo político, passaram a entoar explicitamente outros propósitos, alheios aos iniciais.

Sobre o assunto, é possível afirmar que as primeiras manifestações das Jornadas de Junho foram marcadas pela hegemonia das representações políticas ligadas à esquerda, a exemplo do próprio MPL, embora formalmente suas lideranças ressaltassem à época, o caráter independente e apartidário do Movimento. Todavia, visto o crescente acirramento das posições e conflitos em meio ao campo político, com vistas às eleições de 2014, alguns segmentos sociais provenientes da classe média, ligados à direita, percebendo a força dos movimentos de rua organizados a partir dos meios de comunicação digitais, delas gradativamente passaram a participar como discorrido, com o intuito de cooptá-las a favor de suas próprias pautas. Embora não fossem homogêneos, via de regra, convergiam no que diz respeito a oposição ao Governo Dilma, bem como contra a sua reeleição.

Acerca desta oposição, apesar do crescimento exponencial dos meios de comunicação pela via da internet naquele momento, bem como sua utilização para fins políticos, não é possível desconsiderar o papel da mídia tradicional frente aos acontecimentos que se seguiram, uma vez que cooperaram significativamente para a reação conservadora, conforme compreendem alguns especialistas, como Jessé Souza. No que tange as manifestações de junho de 2013, é importante lembrar que, enquanto as reivindicações nelas contidas se mantiveram mais inscritas no campo social que político, a cobertura midiática, principalmente televisiva e impressa, não mediu esforços para apresentá-las junto a opinião pública de modo marginalizado. Todavia, na medida em que o tom vermelho nas manifestações foi cedendo espaço ao verde e ao amarelo, as coisas foram mudando.

Desta feita, conforme as eleições presidenciais de 2014 se aproximavam e a bipolaridade política se acirrava nas redes sociais e nas ruas, os setores mais representativos e monopolistas da grande mídia ratificaram sua escolha, firmando posições com os atores políticos ligados à direita, que apoiavam a candidatura do então senador pelo PSDB-MG, Aécio Neves, com vistas ao reformismo econômico ancorado no neoliberalismo, sem maiores preocupações com os impactos no campo social. Contudo, apesar do contexto desfavorável, Dilma foi reeleita com estreita margem de votos, desencadeando a reação conservadora.

Nutridos pelo inconformismo da derrota, a começar pelo próprio Aécio Neves e pelo seu partido, que chegou a solicitar ao Tribunal Superior Eleitoral - TSE, uma auditoria para certificar a lisura do processo eleitoral, vários segmentos sociais ligados à direita, sobretudo os inscritos na classe média, trataram de se organizar com o intuito de derrubarem o Governo Dilma e construir a hegemonia no campo político. Foi neste contexto, que surgiu o Movimento Brasil Livre - MBL. De uma página no *Facebook* ligada ao Estudantes pela Liberdade - EPL, em 2013, um *think tank* destinado a difundir o pensamento liberal no Brasil, particularmente nos meios acadêmicos através de palestras, eventos e publicações, o MBL emergiu nacionalmente em 2014, como um bem-sucedido movimento destinado a desgastar o petismo por meio do discurso do ódio, elaborado com base na retórica do ódio de matriz olavista, conduzido dos meios de comunicação ligados à internet às manifestações de rua.

É certo que o MBL não foi o único a empreender manifestações favoráveis ao impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e contra o petismo. Entretanto, o trabalho de pesquisa desenvolvido permite afirmar que nenhum outro grupo congênere, inscrito à direita do campo político, obteve maior notoriedade ou foi mais eficaz que ele, no que tange ao trabalho de conduzir antipetistas às ruas, ambiente até então admitido como de atuação das forças políticas de esquerda, por excelência. Além disso, o volume de inscritos e de acessos as



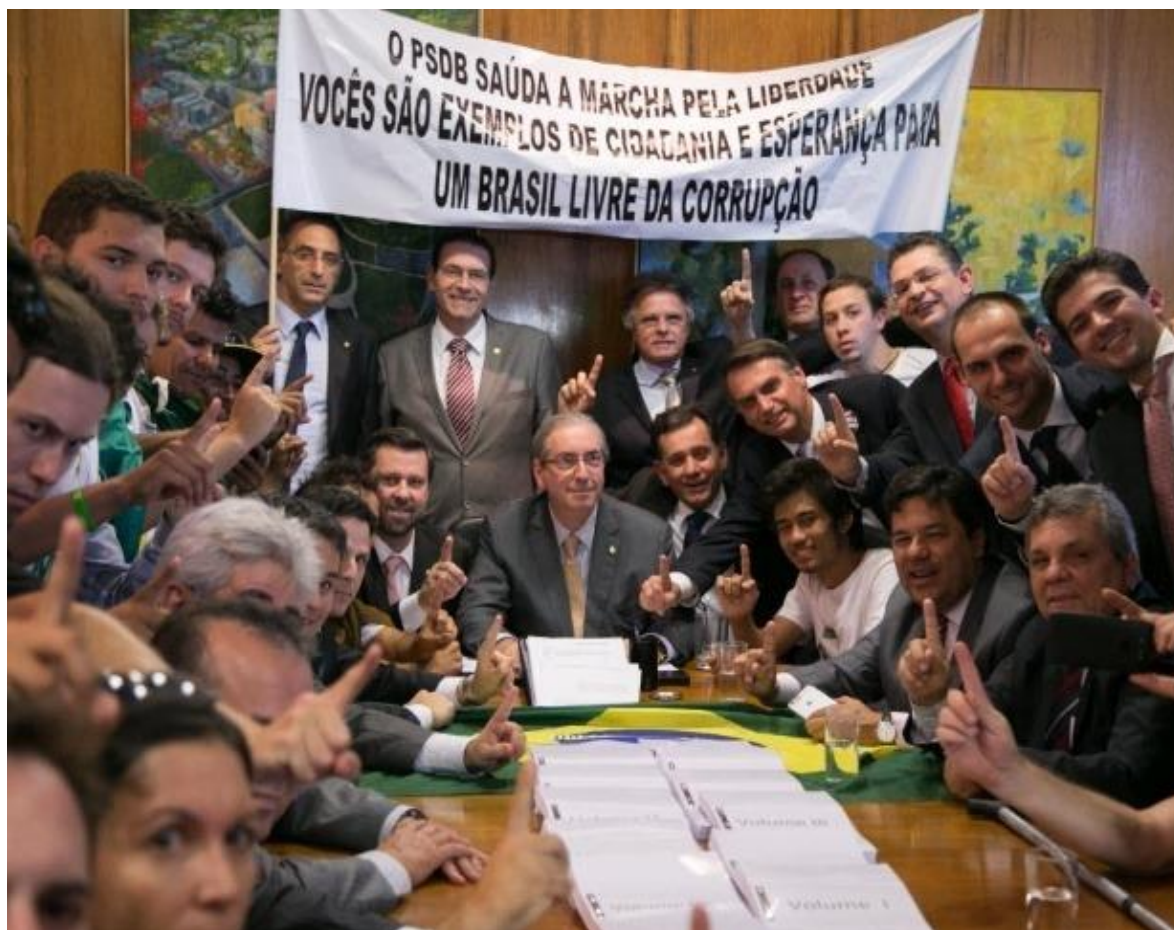
suas produções disponibilizadas em site próprio, replicadas em vários outros, dentre outras formas de comunicação digital, a exemplo do *Facebook* e do *Whatsapp*, não apenas serviu para corroborar tal afirmação, como evidenciou a capacidade que o Movimento dispunha naquele momento, de prover formas de comunicação interpessoais com alcance horizontalizado das informações, que vieram a se mostrar úteis ao bolsonarismo.

Para tal alcance, o MBL obteve recursos por diversos meios, que envolveram tanto doações de filiados, como de partidos políticos e até internacionais, dentre outras formas pouco transparentes, que não só chamaram a atenção dos seus detratores e alguns veículos de imprensa, como também do Ministério Público do Estado de São Paulo, que se pôs a investigá-lo. Todavia, para além das origens do dinheiro destinado ao financiamento de suas ações, escuso ou não, o fato é que o discurso do ódio promovido pelo MBL em relação ao petismo, sobretudo associando-o à corrupção e ao comunismo, resultou no contágio de milhares de brasileiros que com ele se identificaram por partilha de habitus e interesses em certa medida compatíveis, principalmente os situados em setores da classe média.

Disso, além das contribuições para o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016, as ações do MBL também cooperaram para a emergência do bolsonarismo, enquanto fenômeno de massa. Ainda que sem tal intenção proposital, isso ocorreu na medida em que o discurso antipetista conduzido às ruas por seus membros, encontrou em Jair Bolsonaro as condições adequadas para personificá-lo, a ponto de contribuir para a sua ascensão ao Palácio do Planalto em 2018, através de uma campanha eleitoral marcada pelo exercício do ódio ao inimigo, mais do que por propostas orientadas ao desenvolvimento do país. Assim, uma vez que seus candidatos de maior preferência não avançaram ao segundo turno das eleições, impelidos pelo antipetismo e identificados com o discurso liberal econômico bancado por Paulo Guedes durante a campanha, os integrantes do MBL atuaram nacionalmente de modo a cooperarem para a eleição de Bolsonaro, embora naquele momento isso nem fosse mais relevante, visto ter ele atingido a condição de protagonista, que havia buscado.

Parlamentar vinculado ao 'centrão' e ao chamado baixo clero na Câmara dos Deputados por quase três décadas, quando Jair Bolsonaro esboçou sua intenção de ser candidato à Presidência em 2015, a avaliação de alguns analistas era de que ele não conseguiria expandir seu eleitorado para além de um reduzido círculo situado à extrema direita no campo político. Naquele momento, antes da eleição de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos, em novembro de 2016, alardear o mundo acerca do fortalecimento de uma direita com posições mais radicais internacionalmente, Bolsonaro era tratado como uma figura política quase caricata em alguns programas de televisão. Além disso, no que tange ao

processo de impeachment de Dilma Rousseff, ao contrário de outros atores políticos, ele não passou de coadjuvante, como é possível observar na imagem abaixo, não por acaso tomada como capa desta tese, pelos elementos históricos e simbólicos nela contidos.



FOTOGRAFIA DA CAPA: FREITAS, Ailton de - Agência "O Globo". Fonte: MARIZ, Renata. *MBL Entrega no Congresso Pedido de Impeachment*. O Globo. Matéria de 27 de maio de 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/movimento-brasil-livre-entrega-no-congresso-pedido-de-impeachment-de-dilma-16277066>. Acesso em 17 de agosto de 2020.

A fotografia em questão, de autoria de Ailton Freitas, foi tirada em 27 de maio de 2015, durante o protocolo de um pedido de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, por integrantes do MBL. Ocorreu após a conclusão da chamada "Marcha pela Liberdade" entre São Paulo e Brasília, empreendida e percorrida principalmente por integrantes do Movimento ao longo de pouco mais de um mês a pé, com o intuito de chamar a atenção da opinião pública para a causa do impeachment e assim pressionar os congressistas para tanto. Embora não tenham obtido o apoio político na proporção esperada, inclusive de Aécio Neves, os integrantes que dela participaram foram ovacionados por alguns deputados federais, bem

como os coordenadores do Movimento, recebidos pelo então Presidente da Câmara dos Deputados, o Deputado federal pelo MDB-RJ, Eduardo Cunha.

Neste registro, que ganhou mais espaço publicitário que a marcha em si, além de Eduardo Cunha, sentado ao centro da mesa, é possível identificar a sua esquerda, trajando uma camiseta branca, Kim Kataguirí, um dos coordenadores nacionais do MBL e já naquele momento o rosto mais conhecido do Movimento. Passando à direita da mesa, embora quase totalmente encoberto por Bruno Araújo, então Deputado Federal pelo PSDB-PE, está Renan Santos, outro coordenador nacional do MBL e um dos seus fundadores.

Embora outros membros do MBL apareçam na fotografia, a exemplo do irmão de Renan Santos e também coordenador nacional, Alexandre Santos, os citados e suas posições simbólicas ocupadas à mesa, evidenciam que o Movimento dispunha de maior capacidade de articulação política no que tange ao propósito do impeachment, do que o então Deputado Federal pelo PP-RJ, Jair Bolsonaro, ali se contorcendo a exemplo de seu filho, também Deputado Federal pelo PSC-SP, Eduardo Bolsonaro, com o intuito de aparecerem no registro para lograrem alguma publicidade política vantajosa para 2018. Sobre o assunto, inclusive, é relevante salientar que Jair Bolsonaro chegou a formalizar um pedido de impeachment de Dilma alguns meses antes do protocolado pelo MBL, sem obter a mesma notoriedade.

Ainda sobre a fotografia apresentada, única em todo o texto, dentre tantos significados e interpretações possíveis a depender do foco do pesquisador, é possível observar nela, ironicamente, um elemento de contradição. Tirada como registro de um momento histórico supostamente destinado a combater a corrupção, traz em si a personificação da própria corrupção, sobretudo no que diz respeito ao Deputado Federal Eduardo Cunha, que veio a perder o mandato e ser preso exatamente por conta de tal prática, menos de um ano depois de deflagrar o processo de impeachment de Dilma, para muitos um golpe parlamentar. Além disso, o registro sugere pelas posições simbólicas nele contidas, o quão o MBL foi importante para alavancar a campanha de Jair Bolsonaro à Presidência pela via da extrema direita no campo político, ao partilhar com ele o discurso do ódio ao petismo, que já havia suplantado os meios de comunicação digitais e chegado às ruas, embora o Brasil não fosse um caso isolado analogamente naquele momento.

Sobre o fortalecimento da direita no campo político brasileiro, inclusive de sua parcela mais extrema que chegou à Presidência através de Jair Bolsonaro, em 2018, é importante salientar não se tratar de um fenômeno nacional particularizado, mas parte de uma conjuntura maior, quando analisado em termos internacionais. Nesse sentido, a citada eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2016, é um exemplo disso. Esse avanço da direita

pelo mundo, pode ser interpretado, dentre outras coisas, em função da crise vivenciada por muitas democracias face ao processo de globalização e o alastramento do neoliberalismo, fatores que têm cooperado para descrença em relação ao Estado como provedor das políticas de bem-estar social, segundo a compreensão de vários especialistas, como será tratado mais detidamente no segundo capítulo.

Nesse sentido, é perceptível que, para atender as orientações da política econômica neoliberal, ou simplesmente liberal como preferem seus defensores, tais como abertura das economias nacionais ao mercado mundial, pagamento da dívida pública, privatizações, preponderância da propriedade privada enquanto patrimônio em detrimento de sua função social, subordinação às instituições financeiras internacionais, desregulamentação do mercado de trabalho e, dentre outras, capitalização individualizada dos sistemas previdenciários, o Estado tem promovido forte intervenção para desregulamentar a si mesmo, como vem ocorrendo também no Brasil. Disso, é possível inferir que o Estado continua a atuar de modo intervencionista, mas agora para acabar com as conquistas sociais de orientação keynesiana.

Considerando o exposto, uma das consequências verificadas tem sido, para além de outros fatores, a decepção e o descrédito em relação às governanças tradicionais de esquerda, fato que tem favorecido a ampliação das forças políticas de direita que, exatamente, mais têm corroborado com o próprio neoliberalismo. Assim, em meio às disputas travadas no interior dos diversos campos, sobretudo político e econômico em meio ao espaço social, os defensores do neoliberalismo vêm atuando para o enxugamento do Estado, especialmente no que concerne às políticas de bem-estar social e cerceamento de direitos dos trabalhadores.

Entretanto, cientes da impopularidade do discurso do Estado mínimo junto a uma significativa parcela da população, os interessados em promovê-lo têm procurado desviar o foco das discussões sociais, ao colocarem no centro do debate público pautas de caráter moral, de modo a ridicularizarem politicamente adversários ou incitar contra eles discursos de ódio destinados a tomá-los como inimigos internos, com vistas a suas eliminações simbólicas ou até mesmo físicas. Em outros termos, atuando de modo a procurarem desviar a atenção acerca dos efeitos econômicos e sociais nefastos das reformas liberais, seus apologistas, tomados por interesses de grupos ou classes sociais as quais estão inseridos e partilham habitus, não têm medido esforços para tentarem inviabilizar a racionalidade do debate público entre as forças adversárias no campo político, sobretudo em circunstâncias favoráveis à formação de massas, a exemplo do Brasil, segundo a tese aqui apresentada.

Considerando a explanação realizada, o intento aqui é prestar contribuição com as discussões e reflexões inerentes à evolução da direita no campo político brasileiro,

particularmente entre os anos de 2014 e 2018, período marcado pelas manifestações de rua lideradas pelo MBL a favor do impeachment de Dilma Rousseff, bem como pela emergência do bolsonarismo. Associando a psicologia de Sigmund Freud com a sociologia de Pierre Bourdieu, foi possível chegar a tese de que, alçado a condição de ideal do ego de milhares de brasileiros em função de *habitus* partilhado, Jair Bolsonaro constituiu em torno de sua liderança uma massa de apoiadores entregues aos instintos que, identificados com o discurso do ódio ao petismo conduzido às ruas pelo MBL e que veio a ser personificado pelo próprio Bolsonaro, resultou na intolerância ao outro tomado como inimigo interno a ser eliminado, dificultando as possibilidades de diálogo inteligível no campo político.

Todavia, é importante salientar que a tese apresentada não implica generalizações, seja no que tange admitir todos os eleitores de Bolsonaro em 2018 como bolsonaristas, todos os que são como um constitutivo de massa homogêneo e muito menos que pertencem a um único grupo ou classe social em meio ao espaço social. Isso seria um erro, tanto em relação à teoria utilizada, quanto em relação a alguns estudos já publicados. Portanto, por razões que serão elucidadas na metodologia, escrita como primeiro capítulo da tese, o bolsonarista aqui admitido como conservador em relação aos costumes e com tendência liberal em relação à economia, situado a extrema direita no campo político e que colocou Bolsonaro como ideal do ego de si mesmo por maior identificação com o discurso do ódio ao petismo por ele personificado, trata-se de uma concepção referencial. Em outros termos, este bolsonarista, chamado por Esther Solano de "raiz", inscrito na classe média e dependente da exploração da ralé para dispor do ócio necessário à busca de capital cultural, com o qual o diálogo político inteligível é dificultado por conta de sua postura mais instintiva que racional em meio a massa, decorre de uma construção pautada pela teoria do tipo ideal weberiano.

Além desta discussão do tipo ideal que viabilizou a construção referencial do bolsonarista "raiz", a metodologia também trata das fontes utilizadas para a realização da pesquisa, dos métodos aplicados em relação a elas, bem como do aporte teórico para tanto. Desenvolvida em caráter majoritariamente qualitativo, a pesquisa que resultou na tese apresentada foi viabilizada a partir da associação de alguns métodos e teorias. Dentre eles, destaque para a "análise do discurso" e o "comparativo". No que tange às teorias, os pensadores que mais teceram contribuições à construção da tese foram Sigmund Freud, Pierre Bourdieu, Max Weber, Jessé Souza, João César de Castro Rocha, Esther Solano Gallego, Rodrigo Patto Sá Mota, Jairo Nicolau, Michel Pêcheux e Olavo de Carvalho, embora este último tenha se prestado mais como fonte.

Em relação ao segundo capítulo, visto que o impeachment de Dilma Rousseff e os demais acontecimentos que culminaram na eleição de Bolsonaro não podem ser pensados fora de um contexto internacional, seu propósito consiste em promover esta conexão. Para tanto, a maior parte do seu conteúdo versa sobre algumas problematizações inerentes ao neoliberalismo e à globalização, que contribuíram para o desencadeamento das manifestações de rua organizadas pelas redes sociais em várias partes do mundo. Neste sentido, sob a influência da Primavera Árabe, dentre outras manifestações, as discussões do capítulo chegam ao Brasil no momento das chamadas "Jornadas de Junho" e continuam até sua gradual cooptação pelos atores políticos ligados à direita, no momento em que o MBL surgiu.

Uma vez explorado o contexto internacional o qual o Brasil não deixou de estar inscrito, o terceiro capítulo é iniciado com um breve histórico acerca da difusão do neoliberalismo no país através dos chamados *think tanks*, onde reside as origens do Movimento Brasil Livre. Pertinente ao MBL, as abordagens versam sobre seu processo de formação, prerrogativas e fundadores mais notórios, os quais permitem uma percepção acerca do Movimento, para além do dito. Na sequência, o capítulo apresenta a análise do discurso do ódio do MBL ao petismo, que tanto cooperou para a emergência do bolsonarismo. O capítulo é encerrado, com a exposição de algumas polêmicas envolvendo o Movimento, de modo a evidenciar algumas de suas contradições.

Passando ao quarto e último capítulo, que pese ser provido por quatro subtítulos, suas discussões estão distribuídas em dois momentos complementares. O primeiro deles, de natureza mais teórica, tem o intento de promover o diálogo entre alguns aspectos da psicologia de Sigmund Freud, particularmente no que concerne a "psicologia das massas", com outros vinculados à sociologia de Pierre Bourdieu, sobretudo no que diz respeito a "habitus", de modo a sustentar a afirmação de tratar-se o bolsonarismo de um fenômeno de massa que dificulta o diálogo racionalizado no campo político. Já o segundo momento, tem como objetivo trazer a discussão teórica à prática do bolsonarismo. Isso foi realizado, tanto discorrendo sobre alguns aspectos históricos que favoreceram a associação do comunismo ao petismo, quanto analisando o discurso do ódio personificado por Bolsonaro, que contribuiu para consolidar simbolicamente junto à massa, o petista como um inimigo interno a ser eliminado, não apenas no campo político, mas em todos os outros inscritos no espaço social, a começar pelo campo educacional, sem margem ao diálogo racionalizado.

Quanto às considerações finais, visto que uma tese por trazer em si uma afirmação que já denota uma conclusão, o conteúdo a ela dedicado não tem por intento resumir a produção escrita, mas contribuir para uma reflexão acerca daquilo que não está explícito pelo

discurso do ódio ao petismo. Para tanto, visto que a partilha de um interesse coletivo é necessária à existência da massa, assim como o líder, segundo Freud, no caso do bolsonarismo isso não foi e não tem sido diferente. Assim, segundo é possível apreender dos estudos de Jessé Souza, tal interesse partilhado seria o retorno a um Brasil mais desigual socialmente. Inscrito nele, o foco principal seria garantir à classe média a primazia em relação ao capital cultural, seu maior privilégio histórico, a partir da submissão econômica e exploração laboral do subproletariado ou ralé, que vinha gradualmente rompendo os ditames da subcidadania durante os governos petistas, sobretudo no período Lula. Assim, enquanto maior liderança da esquerda brasileira, não por acaso ser ele o principal alvo do discurso do ódio promovido pelos seus detratores, em prol de um Brasil menos livre.

## METODOLOGIA

### O Caminho Epistemológico da Tese

Tese: Angústias e Recomeço.

Neste capítulo, em que será tratado sobre a metodologia e a síntese epistemológica da tese, tomo a liberdade da escrita em primeira pessoa do singular, ao invés do impessoal, visto algumas particularidades enfrentadas no decorrer do processo de pesquisa no Programa, as quais pretendo externar de um modo muito pessoal. Neste sentido, reconheço o risco de esboçar, em relação à banca, alguma fragilidade. Contudo, este capítulo trata da parte que mais me exigiu leituras, desconstruções e reconstruções de conhecimentos, afetação mental e questionamentos acerca de minhas habilidades enquanto pesquisador no âmbito das exigências do PPGDS. Neste ponto, em meio ao "princípio da incerteza" continuei com os trabalhos de pesquisa seguindo minha intuição, uma vez admitindo, a exemplo de Gerd Gigerenzer, ser ela nosso mais primitivo e "importante instrumento de tomada de boas decisões", para além da racionalidade a qual tem sido demasiadamente subjugada<sup>1</sup>.

O ofício de pesquisador é algo que se constitui durante o período da graduação, mas se aperfeiçoa durante toda a vida. Sou historiador por formação e vocação. Enquanto tal, uma vez ingresso em um Programa interdisciplinar, não tinha a presunção de realizar pesquisa como um sociólogo, um antropólogo, um advogado ou um economista, seja por um profundo respeito às peculiaridades, às vivências requeridas aos profissionais inerentes a tais ciências, seja por reconhecer que nenhum estudo a ser desenvolvido, em qualquer área do conhecimento, pode prescindir da paixão pelo ofício escolhido a partir de uma vocação. Sem vocação, penso, qualquer trabalho se impõe como um *tripalium* a quem o realiza, ou seja, uma forma de tortura física e/ou mental, cujo produto pode não satisfazer a si e à sociedade.

Dito isso, ingressei no PPGDS pela excelência do Programa, pelo apreço à Universidade a qual sou egresso, bem como por uma demanda profissional. Servidor público lotado no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG, Campus Januária, tenho por atribuição central a docência na área de "estudos sociais", que me exigem além do ofício de historiador, alguma compreensão das Ciências Sociais, mais especificamente da Sociologia, de modo a melhor servir ao público discente do educandário em questão. Assim, face a tal preocupação e necessidade, abri mão da busca por um doutorado específico na área de minha

---

<sup>1</sup> GIGERENZER. Apud STRECK. *Racionalidade Ecológica e Formação de Cidadania*, p. 831.



formação, mas não sem consequências. Ciente de que somos responsáveis por nossas escolhas, não tardei a perceber que minha adaptação ao Programa seria um grande desafio.

Sujeito às demandas de estudos que muitas vezes exigiam despir-me da conduta de historiador, de modo a buscar desenvolver algum *habitus* de cientista social a bem da adaptação e apreensão de conhecimentos, no que tange à metodologia, acabei me perdendo por algum tempo. Tomado por autocríticas, cheguei a contestar minha competência enquanto pesquisador e a viabilidade de minha permanência no Programa. Disso vieram problemas psicológicos com implicações fisiológicas. Todavia, a soma de esforços envolvendo medicamentos, terapia, força de vontade, apoio de alguns professores, familiares e colegas de turma, viabilizou a continuidade dos trabalhos de pesquisa, um dia de cada vez<sup>2</sup>.

Recobrado o equilíbrio emocional, passei algum tempo buscando apreender conhecimentos sobre diversas metodologias, na esperança de encontrar alguma que viabilizasse a pesquisa. Em meio a tal busca, cheguei a conclusão mais óbvia de que deveria retornar a matriz da minha formação enquanto pesquisador, tomando por base meu ofício de historiador, minhas vivências profissionais e só então, me reencontrando academicamente, prosseguir de modo mais assertivo. Para tanto, a primeira coisa que fiz foi retrabalhar a relação entre pesquisa científica e subjetividade.

Embora aparentemente esta discussão possa ser considerada superada academicamente por muitos, não custa salientar que em um trabalhado de pesquisa os aspectos subjetivos não podem ser anulados completamente. Nesse sentido, assim como

---

<sup>2</sup> Talvez neste momento, algum membro da banca em meio a tal leitura possa estar se perguntando a razão não acadêmica de tal exposição. Se for o caso, muito respeitosamente saliento a importância de chamar a atenção para o aumento dos problemas psíquicos que vem acometendo cada vez mais estudantes de pós-graduação no mundo inteiro, como atesta um estudo recente realizado por Katia Levicque, pesquisadora da Universidade de Gent, na Bélgica. Analogamente, segundo outro estudo dirigido pelo pesquisador Nathan Vanderford, da Universidade de Kentucky, nos Estados Unidos, publicado na *Nature Biotechnology*, doutorandos são seis vezes mais propensos a desenvolverem ansiedade e depressão em comparação com a população geral. Em termos de Brasil, apesar da carência de maiores estudos sobre o assunto, os poucos disponíveis apontam que a situação não é diferente, como o realizado em 2009 com pós-graduandos da UFRJ, publicado no periódico *Psicologia em Revista*, que identificou níveis anormais de estresse em mais da metade deles. Sobre o assunto, é certo que realizar um curso de pós-graduação é antes de tudo uma escolha que implica renúncias, dedicação e desgastes. No entanto, o aumento de doenças mentais em um momento ímpar de busca pelo conhecimento, não pode ser admitido com algo normal e inerente ao processo. Desta feita, uma vez tecidas tais exposições, também inscritas no caminho epistemológico percorrido e relevantes a um debate oportuno acerca da relação entre saúde mental e os estudos de pós-graduação no Brasil, passo às questões mais técnicas cabíveis à metodologia. Sobre o assunto, ver: LEVICQUE, Katia. Apud BARRECHEGUREN. Doutorado e Prejudicial a Saúde Mental. *El País*. Site. Ver também: MORAES. Suicídio de Doutorando da USP Levanta Questões Sobre Saúde Mental na Pós. *Folha de São Paulo*.

Adam Schaff, admito que a neutralidade científica não pode ser atingida, pelo fato do pesquisador sempre introduzir no processo de produção do conhecimento um fator subjetivo, em função de suas ações serem condicionadas socialmente. Desta feita, as diferentes percepções, interpretações e descrições de uma mesma realidade social entre pesquisadores distintos, têm na subjetividade sua razão mais elementar<sup>3</sup>.

Ainda sobre o assunto, concordo com o argumento de Pierre Bourdieu de que o outrora sonho positivista por um conhecimento imparcial, cooperava apenas para ocultar a diferença entre aqueles que insistiam em não admitir a parcialidade no processo construtivo do conhecimento científico, daqueles que, admitindo-a, se esforçavam "para conhecer e dominar o mais completamente possível" seus "efeitos produzidos inevitavelmente"<sup>4</sup>. Em outras palavras, compreendo que diante da impossibilidade da eliminação da subjetividade em um trabalho de pesquisa, cumpre ao pesquisador consciente admiti-la de modo a procurar minorar, através da aplicação de métodos às fontes, seus efeitos sobre o conhecimento produzido que, só assim, pode ser valorado e aceito como científico, embora sem a presunção de expressar uma verdade absoluta ou imutável.

É certo que a busca pelo conhecimento científico possui estreita vinculação com a busca pela verdade. Porém, considerando que o "objeto do conhecimento é infinito", uma vez que não pode ser alcançado plenamente pelo homem, a verdade absoluta também termina por ser inalcançável<sup>5</sup>. Desta feita, tomo por correta a afirmação de que o conhecimento científico se inscreve em "um processo de acumulação das verdades parciais", que tende "ao limite que é o conhecimento completo, o qual não pode ser atingido num único ato cognoscitivo, permanecendo sempre como um devir infinito"<sup>6</sup>.

Além disso, é possível afirmar que o conhecimento é mutável, já que as verdades parciais ou relativas são constantemente reelaboradas ou revisadas, fato que termina por definir a própria racionalidade científica moderna, segundo Madel Luz<sup>7</sup>. Isso parece ainda mais evidente quando tratamos de política, pois, como já argumentava Platão desde a Antiguidade, "a verdade ocupa uma posição muito instável no mundo, visto que as opiniões, isto é, aquilo que pode pensar a multidão decorrem antes da persuasão do que da verdade"<sup>8</sup>. Sobre a relação entre ciência e verdade, procuro comparar esta última como um cubo de seis lados, o qual só podemos enxergar no máximo três. Contudo, embora não nos caiba conhecê-

---

<sup>3</sup> SCHAFF. *História e Verdade*, p.83

<sup>4</sup> BOURDIEU. *A Miséria do Mundo*, p.694

<sup>5</sup> SCHAFF. *História e Verdade*, p.113

<sup>6</sup> CARDOSO. *Uma Introdução à História*, p.19

<sup>7</sup> LUZ. *Natural; Racional; Social: Razão Médica e Racionalidade Científica Moderna*, p.30

<sup>8</sup> Apud ARENDT. *Origens do Totalitarismo*, p. 29.

la por completo é possível se aproximar, estimar o conteúdo dos seis lados, analisando metodologicamente os lados visíveis.

Associando tal analogia à teoria de Pierre Bourdieu, é possível compreender o dado como um todo, com seus seis lados, como o "espaço social". Nele, estão inscritos os diversos "campos" que se interligam e onde se posicionam diversos agentes sociais que se aproximam formando "grupos" ou "classes" (não no sentido marxista) ou se distanciam, segundo compatibilidade ou divergência de "habitus" constituído, conforme a proporção dos capitais "econômico", "cultural" ou "social" de que dispõem, todos em luta na busca por alguma hegemonia, por algum poder, uns em relação aos outros<sup>9</sup>.

Neste jogo, ainda que se procure restringir geograficamente o espaço social, ele jamais poderá ser conhecido por completo. Todavia, algumas de suas estruturas são de conhecimento possível, a depender do interesse do pesquisador pelo objeto, pelo lado ou pelos lados que ele possa tomar como objeto de análises a partir do método aplicado às fontes disponíveis, que o permita passar de "um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais 'próximo' da verdade", ou seja, do conhecimento científico<sup>10</sup>. Assim, é possível dizer não caber a ciência "as certezas de um saber definitivo", pois, ela só pode "progredir ao colocar perpetuamente em questão os princípios de suas próprias construções"<sup>11</sup>.

Assim, se a metodologia é indispensável para a organização das técnicas a serem aplicadas às fontes vinculadas a um objeto, o qual se procura conhecer, com o intuito da produção de um conhecimento que possa ser considerado científico e, portanto, o mais próximo possível da verdade, o que vem a ser ela? De modo mais específico, o que tomei durante a realização da pesquisa como sendo metodologia? De modo a responder tais indagações, faço minhas as palavras de Pedro Demo, para o qual metodologia "trata das formas de se fazer ciência" ou, mais propriamente, dos "caminhos" percorridos pelo pesquisador para produzir conhecimento com validade científica<sup>12</sup>. Todavia, o sociólogo chama a atenção para o fato de que ao pesquisador, não cabe o erro comum de superestimar a metodologia, no "sentido de cuidar mais dela do que de fazer ciência", pois, "somente o metodólogo profissional faz dela sua razão de ser", não sendo este o caso aqui<sup>13</sup>.

Considerando o exposto, avalio ser possível afirmar que produção científica não envolve apenas a técnica, por se tratar também de uma "arte", como argumenta Pedro Demo.

---

<sup>9</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas. Passim*

<sup>10</sup> BOURDIEU. *Ofício de Sociólogo*, p. 17.

<sup>11</sup> BOURDIEU. *Ofício de Sociólogo*, p. 38.

<sup>12</sup> DEMO. *Introdução a Metodologia Científica*, p.19. Ver também: MINAYO. *O Desafio do Conhecimento*, p.44.

<sup>13</sup> DEMO. *Introdução a Metodologia Científica*, p.19

Para ele, embora o pesquisador precise aprender a técnica, "não se pode sacrificar a criatividade", uma vez que "o bom artista é aquele que superou os condicionamentos da técnica para voar sozinho". Assim, "quem segue excessivamente as técnicas, será por certo medíocre", pois, "onde há demasiada ordem" no trato a ciência, "nada se cria". Dito de outro modo, a "inestimável contribuição da metodologia para a produção" do conhecimento científico, "não pode tornar-se obsessão de quem apenas constrói caminhos" para "não chegar a nada", como também defendia, analogamente, Pierre Bourdieu<sup>14</sup>. Ao pesquisador criativo cumpre tanto a capacidade de realizar "um trabalho formal, dentro da ordenação prevista", quanto o de "afirmar o contrário do que todo o mundo espera"<sup>15</sup>, o que pode vir a ser o caso desta tese, a depender do ponto de vista dos membros da banca.

### O Caminho Percorrido.

Acerca do caminho, começo por diferenciar metodologia de método. Inscrito na metodologia, se esta representa o "caminho", o método pode ser entendido como a técnica empregada para percorrê-lo. Para Maria Cecília Minayo, analogamente a Pedro Demo, a metodologia se interessa pelo caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa. Enquanto tal, "não deve ser confundida" com o conteúdo teórico e nem com os procedimentos técnicos, ou seja, com os métodos. Todavia, embora não sejam a mesma coisa, metodologia e método são dois termos inseparáveis, "devendo ser tratados de maneira integrada e apropriada quando se escolhe um tema, um objeto, um problema de investigação" e as fontes as quais serão obtidas as informações"<sup>16</sup>. Portanto, o bom método ou a associação de alguns deles a depender da pesquisa, deverá viabilizar ao pesquisador no trato com as fontes, respostas às indagações feitas, de modo a que o objeto possa ser compreendido<sup>17</sup>, mas sem engessamentos que comprometam a criatividade, o "espírito crítico" e a "autoconsciência" do próprio pesquisador<sup>18</sup>.

Dito isso, chego ao momento de expor o caminho que percorri, bem como os métodos adotados no trato com as fontes ao longo da pesquisa, que permitiram chegar a tese de que, alçado a condição de ideal do ego de milhares de brasileiros em função de habitus partilhados, Jair Bolsonaro constituiu em torno de sua liderança uma massa de apoiadores

---

<sup>14</sup> DEMO. *Introdução a Metodologia Científica*, p.19. Ver também: BOURDIEU. *Ofício de Sociólogo*, p.14.

<sup>15</sup> DEMO. *Introdução a Metodologia Científica*, p.19

<sup>16</sup> MINAYO. *O Desafio do Conhecimento*, p. 44.

<sup>17</sup> MINAYO; GOMÉZ. *Díficeis e Possíveis Relações Entre Métodos Quantitativos e Qualitativos nos Estudos de Problemas de Saúde*, p.118.

<sup>18</sup> DEMO. *Introdução a Metodologia Científica*, p. 19

entregues aos instintos que, identificados com o discurso do ódio ao petismo conduzido às ruas pelo MBL e que veio a ser personificado pelo próprio Bolsonaro, resultou na intolerância ao outro tomado como inimigo interno a ser eliminado, dificultando as possibilidades de diálogo inteligível no campo político. No cerne da questão, o gradual rompimento da ralaé aos ditames da subcidadania durante os governos petistas, que atentou contra os interesses do núcleo "raiz" do bolsonarismo inscrito na classe média, dela dependente a obtenção do capital cultural, seu maior privilégio histórico, segundo Jessé Souza. Desta feita, é possível afirmar tratar-se o bolsonarismo de um fenômeno político de massa, situado à extrema-direita<sup>19</sup>.

Evidentemente, antes da possibilidade de chegar a tal afirmação, precisei formular várias indagações em meio às incertezas. Dentre elas, destaco as três que mais se prestaram à pesquisa. Situados à direita e à extrema direita no campo político brasileiro, para além das dissemelhanças, o MBL e o bolsonarismo disporiam de elementos "dominantes" comuns em seus discursos, que pudessem implicar alguma relação de influência entre eles? Visto que todo discurso implica em interesses por vezes inconfessos, seria possível identificar algumas das motivações implícitas do MBL em seu trabalho pelo impeachment de Dilma Rousseff?

Embora as duas primeiras indagações tenham sido importantes à pesquisa, nenhuma me inquietou mais que a terceira a seguir. Considerando que o bolsonarismo compreende um

---

<sup>19</sup> Embora as discussões que permitem sustentar tal afirmação estejam contidas em vários pontos do texto, acerca da extrema direita, no que se refere ao bolsonarismo, é possível afirmar que ela apela a "uma reconstrução idealizada do passado", em que os "papéis tradicionais" das "antigas autoridades" em meio a sociedade eram respeitados, antes das mudanças admitidas como "progressistas", promovidas pelos governos petistas, terem atentado contra a "velha ordem". Apesar de não ser homogênea, a extrema direita bolsonarista possui um núcleo ligado à classe média urbana, ressentida com os governos petistas por ter se sentido "ameaçada pelas mudanças na sociedade", a exemplo das conquistas materiais e da "ascensão dos setores mais populares", que lhe implicaram alguma "perda de status". Além disso, o apoio às políticas relacionadas aos direitos humanos e das minorias, bem como o avanço do feminismo, conduziram os segmentos mais conservadores da sociedade brasileira, em boa medida ligados ao neopentecostalismo, a tomarem os governos petistas e seus apoiadores como contrários à ordem da "família tradicional" e ao dito "cidadão de bem". Desta feita, quando a crise econômica e seus reflexos sociais se fizeram sentir ainda no primeiro Governo Dilma, paralelo à gradativa exploração midiática dos escândalos de corrupção que fomentaram certo descrédito em relação às instituições políticas e a própria democracia, o discurso do ódio "demonizando" o PT, admitido como "o grande mal do Brasil", foi engendrado por grupos como o MBL e partilhado por milhões de brasileiros. Tal discurso personificado por Bolsonaro, que soube se apresentar como um político antissistêmico, "guardião da tradição", da "família", da "moral e dos bons costumes" contra "vagabundos comunistas", elevou o petista à condição de inimigo interno a ser eliminado. Para tanto, embora demagogicamente diga defender a democracia, em sua "narrativa (...) a perda da liberdade e as fórmulas autoritárias aparecem como 'único remédio' para acabar com a desordem produzida pelos 'esquerdopatas' (...) e sua 'hegemonia' cultural na sala de aula e na mídia". Desta feita, não por acaso, Bolsonaro ter enaltecido um conhecido torturador do período do regime militar em pleno Congresso Nacional, em 2016, bem como manifestado em um programa de televisão em setembro de 2018, em plena campanha à Presidência, que não aceitaria resultado diferente do que sua eleição, sem qualquer punição. Sobre o assunto, ver: GOLDSTEIN. *A Ascensão da Direita Radical Brasileira no Contexto Internacional*, pp. 17a36. Sobre as frases, ver: CONSTANTINO; COSTA; EIRAS. *As Ideias e Valores de Bolsonaro em 100 Frases. O Globo*. Site. Ver também: BECKER, Clara; LEAL, Natália. *Jair Bolsonaro Eleito: Veja Aqui 110 Frases Ditas Por Ele e Checadas Pela Lupa em 2018. Piauí / Folha de São Paulo*. Site.

discurso, em boa medida divergente de algumas práticas cidadinas do então parlamentar Jair Bolsonaro, o que favoreceu tantos brasileiros o terem tomado por "mito", de modo tão apaixonado e relativamente voluntário como ocorreu? Pertinente a esta indagação, uma provocação feita por Hannah Arendt, que bem cabe ao "mito" o qual Bolsonaro foi investido, parece-me bem pertinente: "Se um número de pessoas que acreditam na veracidade de uma fraude (...) é bastante elevado" para conferir a ela "o foro de dogma de todo um movimento político, a tarefa do historiador já não consiste em descobrir a fraude, pois o fato de tantos acreditarem nela é mais" significativo do que ela em si e a busca pelas "explicações" para isso se torna mais imperativa<sup>20</sup>.

Diante de tais indagações, a partir das quais me coloquei a trabalhar, alguns acontecimentos observados entre 2014 e 2018, período que compreende o recorte temporal principal desta pesquisa, foram relevantes, inclusive o surgimento e crescimento do próprio MBL em meio a crise do segundo governo de Dilma Rousseff. A partir deste grupo, mais que a qualquer outro no período em questão, o discurso antipetista se consolidou em termos de ocupação dos corpos nas ruas analogamente ao que ocorreu em relação à Primavera Árabe, e tomou proporções tais que, não apenas cooperou para o golpe parlamentar em torno do impeachment, como também para a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018, como a pesquisa veio a demonstrar.

Embora não tenha sido o único grupo a evocar mobilizações contra o Governo Dilma e as forças políticas de esquerda de um modo geral, o MBL foi o que mais se destacou neste sentido, inclusive em publicidade junto aos meios de comunicação mais tradicionais, em meio aos acontecimentos entre a eleição presidencial de 2014 e o impeachment, em 2016<sup>21</sup>. Para tanto, o Movimento criou o próprio site<sup>22</sup> para divulgação dos seus conteúdos, com enorme replicação através de outras formas de comunicação digital, a exemplo do Facebook, o que viabilizou um processo de "comunicação interpessoal de massa", que potencializou o alcance horizontalizado de informações a uma quantidade incontável de brasileiros<sup>23</sup>.

Desta feita, compreender o discurso do MBL, discurso este tomado por mim como objeto inicial da pesquisa, foi fundamental para elucidar algumas razões que viabilizaram a gradual cooptação do antipetismo pelo bolsonarismo, também perceptível através dos discursos do "mito". Sobre o assunto, não por acaso o Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro, que apoiou a eleição de Lula em 2002, só veio a inscrever o antipetismo em sua

---

<sup>20</sup> ARENDT. *Origens do Totalitarismo*, p.27.

<sup>21</sup> Ver, por exemplo: MARTIN. *Não é Uma Banda de Indie-Rock, é a Vanguarda Anti-Dilma*. Site.

<sup>22</sup> Ver: <https://mbl.org.br>

<sup>23</sup> MARTINO. *Teoria das Mídias Digitais*, p. 74.

retórica do ódio a partir de 2014, em seu último mandato parlamentar, antes das eleições presidenciais de 2018, em um momento contíguo ao crescimento e a publicidade das ações do MBL, inclusive no que se refere às manifestações<sup>24</sup>.

Dito isso, saliento que esta pesquisa, desenvolvida em caráter majoritariamente qualitativo, só pôde atingir seus resultados conciliando uma série de métodos e teorias, que resultaram um caminho, uma metodologia que posso bem considerar aqui de associativa. Neste sentido, alguns métodos foram utilizados e associados no trato com as fontes. Dentre eles, destaco como principais o da "análise do discurso" e o "comparativo". No que tange às teorias, os pensadores que mais se prestaram ao delineamento da tese foram Sigmund Freud, Pierre Bourdieu, Max Weber, Jessé Souza, João César de Castro Rocha, Esther Solano Gallego, Rodrigo Patto Sá Mota, Jairo Nicolau, Michel Pêcheux, Eni Orlandi e Olavo de Carvalho, embora este último tenha se prestado mais como fonte.

Pertinente às fontes, foram constituídas pelo filme do MBL intitulado "*Não Vai Ter Golpe! o Movimento de Um Brasil Livre*", lançado em 2019, vídeos curtos obtidos a partir do *You Tube*, livros específicos escritos por Olavo de Carvalho e Kim Kataguiri, matérias jornalistas, postagens, vídeos e comentários extraídos do *Facebook*, entrevistas, tanto para tratar e obter informações acerca do MBL e seu discurso, quanto de Jair Bolsonaro. Em relação a este último, soma-se ainda a proposta do Plano de Governo intitulada "*Caminho da Prosperidade*", divulgado em 2018 por ocasião da campanha eleitoral à Presidência, por conter em diversos aspectos muito do discurso por ele preconizado, inclusive o combate à esquerda, ou mais precisamente, leia petista "comunista"<sup>25</sup>.

Como perceptível, apesar de terem sido obtidas a partir de múltiplos meios, em termos de conjuntos, as fontes se constituem de escritas e audiovisuais, em sua maioria obtida a partir da rede mundial de computadores, inclusive de redes sociais. Acerca destas últimas, penso ser importante esclarecer que, uma vez que enquanto meios para a obtenção das fontes, elas não compõem objeto de estudo desta pesquisa, não foram abordadas aqui teoricamente<sup>26</sup> e muito menos foi dedicada a elas a aplicação de algum método específico. Assim, considerando que o discurso elaborado pelo MBL e o inerente ao bolsonarismo proferidos por Bolsonaro, representam os objetos indispensáveis à compreensão da tese, não por acaso, à análise do discurso coube a mim maior preocupação dentre os métodos trabalhados em meio ao caminho metodológico, seguido pelo método comparativo, em boa medida associados.

---

<sup>24</sup> Acerca da mudança de comportamento político de Bolsonaro em relação ao petismo, ver: SHALDERS. Como o Discurso de Bolsonaro Mudou ao Longo de 27 Anos na Câmara? *BBC Brasil*. Site.

<sup>25</sup> Uma consulta mais detalhada das fontes pode ser feita ao final do texto, após as referências bibliográficas.

<sup>26</sup> Sobre o assunto, uma das leituras realizadas foi: MARTINO. *Teoria das Mídias Digitais*.

## Análise do Discurso.

Sobre a "análise do discurso", a vertente utilizada foi a francesa e, inscritos nela, boa parte dos estudos de Michel Pêcheux, iniciados na década de 1960 e que foram sendo, pelo próprio, constantemente lapidados até sua morte, em 1983. Embora o termo tenha sido utilizado inicialmente pelo linguista norte-americano Zellig Harris em artigo de mesmo nome, em 1952, sua preocupação mais voltada com a "linguística textual", terminou por relegar sua condição enquanto fundador de uma análise do discurso mais interpretativa, como veio a ocorrer uma década depois, em alguns países, dentre os quais a França<sup>27</sup>. Inscrita no "campo dos estudos do discurso", a análise do discurso ganhou notoriedade a partir da publicação do livro intitulado "*Análise Automática do Discurso*", em 1969, de autoria de Michel Pêcheux, que procurou conciliar linguística, marxismo e psicanálise, com o intuito de desenvolver um método analítico do discurso<sup>28</sup>.

Acerca do discurso, Eni Orlandi, seguindo a linha de Pêcheux, o entende como "palavra em movimento", bem como que sua análise procura "compreender a língua fazendo sentido"<sup>29</sup>. Em outras palavras, para ela a análise do discurso visa a "compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos"<sup>30</sup>. A análise do discurso "interroga a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente" relacionada "ao inconsciente sem ser absorvida por ele"<sup>31</sup>.

Embora confira relevância aos estudos de Saussure acerca da linguística, Pêcheux não deixa de ser crítico a ele, sobretudo no que tange a relação entre a língua e a fala. Neste sentido, enquanto Saussure segrega língua e fala, Pêcheux defende para fins de análise do discurso a existência de uma interdependência entre elas. Para tanto, argumenta que a "língua pensada" como um "sistema" fechado em si mesma, "deixa de ser compreendida como tendo a função de fazer sentido"<sup>32</sup>. Assim, segundo ele, "a fala enquanto uso da língua" viabiliza "um caminho da liberdade humana (...), avançando dos fonemas ao discurso", pois, o

---

<sup>27</sup> MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, pp. 15e16.

<sup>28</sup> MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, p.19. Ver também: ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.20 e PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.9.

<sup>29</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.15.

<sup>30</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.26.

<sup>31</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.20.

<sup>32</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.18.



"sentido" de uma "frase" aplicada pelo sujeito em um contexto sócio histórico é tão ou mais importante para a compreensão de um discurso, que seu próprio significado linguístico<sup>33</sup>.

Em termos gerais, interpretando Pêcheux, penso ser possível concatenar que, para ele, quem faz um discurso, este "superior a uma frase", coloca a "língua em funcionamento" através da fala. O faz sempre por meio de algum "processo de produção" ("conjunto de mecanismos formais") a partir de determinadas "condições de produção" ("circunstâncias sócio-históricas"), para expressar sua "posição ideológica no interior de uma formação social" ou de algum campo ou campos na relação de forças com outros agentes sociais em meio ao espaço social, para aqui fazer uma ponte entre seu pensamento com o de Pierre Bourdieu.

Ao usar o discurso para expressar-se, o sujeito falante o faz a partir da disponibilidade dos "tipos de capital" de que dispõe, do "habitus" constituído ao longo da vida e sua partilha com outros membros de um grupo ao qual pertence, bem como de seus interesses<sup>34</sup>. Além disso, dentre outros aspectos que podem ser inscritos no âmbito da psicologia social, para Meingueneau, "o discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito", a um "eu" que "se coloca como fonte de referências pessoais, temporais e espaciais, indicando qual é a atitude que adota em relação ao que diz"<sup>35</sup>.

Sobre o assunto, para Ronan Jakobson a "liberdade de combinar fonemas em palavras é circunscrita, é limitada a situação marginal da criação de palavras". Contudo, na formação de "frases a partir de palavras a coerção que o locutor sofre é menor"<sup>36</sup>. Desta feita, o discurso pode ser compreendido como "a linguagem além da palavra, pois só existe a partir de um grupo de palavras concatenadas em "frases", agenciadas de maneira a que a comunicação alcance êxito"<sup>37</sup>.

Na "combinação das frases em enunciados, as ações das regras coercitivas da sintaxe" da língua cessam e a "liberdade de todo locutor particular aumenta substancialmente"<sup>38</sup>. Desta feita, é certo que todo "sujeito falante (...) usa a língua" e seus sistemas de "códigos" para se comunicar. Entretanto, ao usá-la em determinada circunstância posta, um sistema de "subcódigos" que implica múltiplos significados, sentidos e representações, termina por ser gerada a partir da interação com outros<sup>39</sup>. Assim, o "sentido" é

---

<sup>33</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, pp. 21e28.

<sup>34</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, pp. 19a21.

<sup>35</sup> MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, p.27.

<sup>36</sup> JAKOBSON. *Essais de Linguistique Générale*, p.47.

<sup>37</sup> MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, p. 24.

<sup>38</sup> JAKOBSON. *Essais de Linguistique Générale*, p.47.

<sup>39</sup> JAKOBSON. *Essais de Linguistique Générale* p.213.

"continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas" enquanto "obra de indivíduos (...) inseridos em configurações sociais de diversos níveis"<sup>40</sup>.

Além do exposto, considero importante salientar que, para Pêcheux o "discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio". Portanto, nenhum discurso se inicia do nada. Dito isso, é certo afirmar que o orador, o sujeito falante, sempre "evoca" algum "acontecimento" que "já foi objeto de discurso" anterior. Ao fazê-lo, "ressuscita no espírito dos ouvintes" os quais pretende algum apoio por partilha de habitus ou identificação ideológica, "o discurso no qual este acontecimento era alegado", ainda que com "as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido"<sup>41</sup>, a exemplo dos sentidos de comunismo e de corrupção apreendidos pelos agentes sociais no Brasil. Disso, uma das implicações é a de que o orador "experimente de certa maneira o lugar de ouvinte", a partir de seu próprio lugar de fala, de modo a procurar "pressupor" o que o outro que o ouve vai "pensar". Embora isso também faça parte da construção do discurso, Pêcheux deixa claro que não implica certeza da receptividade esperada por aquele que realiza o discurso<sup>42</sup>.

Pertinente à questão da recepção, a relação entre o sujeito que profere o discurso e aquele que o ouve será tanto mais forte na medida proporcional da "conexão psicológica" ou ideológica entre eles. Destarte, um discurso não se resume a transmitir informações, mas buscar "efeitos de sentidos" entre quem discursa e a quem se destina, de acordo com os lugares que ocupam na "estrutura de uma formação social" ou, como prefiro, em algum campo inscrito no espaço social de que trata Bourdieu<sup>43</sup>. Isso não quer dizer que todo discurso seja passível de aceitação de modo homogêneo por aqueles predispostos em aceitá-lo.

Em relação a um discurso qualquer ou um conjunto deles tomado como objeto de análises, Pêcheux argumenta que o mais comum é observar alguns elementos mais "dominantes" que outros<sup>44</sup>. Isso ocorre, segundo apreendido de Pêcheux, Bourdieu e Freud, em função de uma relação psicológica entre falante e ouvinte, que envolve identificação, habitus partilhado com o grupo a que mais se presta o discurso, os "processos de produção" e as "condições de produção" do discurso, o modo como cada um apreende "sentidos" em relação ao dito, a imagem que fazem de si próprios e constituem o "ego", bem como o lugar que ocupam nas relações de forças em relação a outros agentes sociais em meio aos diversos campos interligados dentro do espaço social.

---

<sup>40</sup> MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, p.29.

<sup>41</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.34.

<sup>42</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p. 34e43.

<sup>43</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.38.

<sup>44</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.43.

Inscrito nisso, compreendo ainda que a apreensão do discurso pelo ouvinte depende daquilo tomado por ele como efeito verdade ou, no caso do cínico de que trata Peter Sloterdijk, daquilo que esteja disposto a aceitar como válido por "gozo", por algum benefício pessoal ou pela defesa de seus interesses, ainda que disponha de esclarecimento acerca da falsa consciência<sup>45</sup>. Aliás, é explícito em Pêcheux, Orlandi e Maingueneau que todo discurso expõe posições ideológicas de quem o profere, partilhados ou não com aqueles que o receptam, bem como é "sempre marcado por interesses" nem sempre explícitos, os quais o analista deve procurar desvelar e compreender<sup>46</sup>.

Diante do discurso, não é posição nesta tese tratar o ouvinte, leitor ou receptor, como manipulado, já que o interesse foi investigar as relações por "identificação" neste sentido. Certamente, enquanto seres sociais, sofremos desde o nascimento "influências", como tratam Freud e Bourdieu, que se iniciam em meio à família nuclear (inclusive de ordem genética) e que vão se estendendo, se externalizando ao longo da vida por meio das diversas formas de interações psicológicas e sociais com os pais, bem como com outros agentes sociais em diversos campos do espaço social.

Nesse processo, considerando alguns pontos da teoria de Pierre Bourdieu, a proporção de "capital econômico, cultural e social" de que dispõe a família de um determinado agente social, o conjunto de crenças o qual ele é exposto, os aspectos morais ligados ao superego dos pais, algumas determinantes genéticas, a classe<sup>47</sup> ou grupo social o qual convive, dentre outras coisas, influem diretamente na constituição de "habitus", ou seja, em um "princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais

---

<sup>45</sup> SLOTERDIJK. *Crítica da Razão Cínica*, p. 34.

<sup>46</sup> MAINGUENAU. *Discurso e Análise do Discurso*, p.61.

<sup>47</sup> Bourdieu é um crítico em relação a ideia de classe social, particularmente no que tange a compreensão marxista das distinções baseadas na materialidade. Todavia, embora chegue a afirmar que uma classe social não existe enquanto grupo mobilizado por objetivos comuns, salienta por outro lado não ser possível negá-las dentro do espaço social marcado pelas diferenças e composições de forças nas quais os indivíduos se integram ou se afastam segundo o volume de capital econômico, cultural e social de quem dispõem, bem como de *habitus* constituído, na luta pela defesa de seus interesses em diversos campos. Assim, embora tenha argumentado que uma classe social só possa ser admitida virtualmente e nunca homogeneamente, Bourdieu não fecha a porta no que se refere à utilização do termo, por admitir em processos de mobilização política, quando um grupo de pessoas procura impor sobre outro uma "visão do mundo social ou, melhor, uma maneira de construí-la, na percepção e na realidade", um "recorte" de tais grupos em conflito pode ser admitido enquanto classes em termos simbólicos. BOURDIEU. *Razões Práticas*, pp. 21a27. Dito isso, quando o termo classe média for utilizado ao longo da tese, será em sentido análogo cominado com parte da teoria freudiana acerca da psicologia das massas. Sem caráter de homogeneidade, sem a intenção puramente econômica, mas simbólica, servirá para representar uma parcela da sociedade brasileira que, por "sugestionabilidade" e "contágio" se "mobilizou" a partir do discurso do Movimento Brasil Livre - MBL e que passando a agir como "massa", cooperou para a emergência do bolsonarismo.

de uma posição [social] em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto de escolhas de pessoas, de bens e de práticas"<sup>48</sup>.

Destarte, é possível apreender que, quanto maior a compatibilidade de *habitus* entre os agentes sociais, conseqüentemente maior será a aproximação entre eles, pois, mais próximos estarão no "espaço social" em termos dos capitais "econômico, cultural" e do "capital social" a eles associados, tal qual em termos de "capital simbólico", segundo a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu<sup>49</sup>. Neste caso, o *habitus* também constitui o princípio dessa forma particular de eficácia simbólica, a influência (seja ela de uma pessoa sobre a outra ou de um pensamento, por exemplo), "a qual muitas vezes se atribui o papel de uma virtude soporífera e cujo mistério se esvai quando seus efeitos quase mágicos são referidos às condições de produção das disposições que predispunham a suportá-la"<sup>50</sup>.

Considerando o exposto, ao aceitar um discurso como válido para si ou seu grupo social, um ouvinte ou leitor não o faz por manipulação neste caso, mas por afinidade de "habitus" (Bourdieu), "ideologia" (Pêcheux) ou "identificação" psicológica (Freud), que implica "interesses" (Meingueneau), tudo isso concatenado. Assim, a posição do receptor em relação ao discurso neste caso, ocorre pela existência ou não de uma predisposição pessoal, que o conduz a aceitá-lo ou refutá-lo.

Relacionado ao assunto, para Bourdieu, "nada é mais difícil de 'manipular' do que o campo"<sup>51</sup>. Isso porquê, indiferente de qual seja o campo inscrito no espaço social (econômico, político, dentre outros), sendo ele marcado por lutas entre os agentes sociais que se aproximam ou se afastam para conservá-lo ou transformá-lo, nenhum deles termina por agir contra seus interesses, exceto em uma situação de massa, em que agindo irresponsavelmente pelo inconsciente, pode vir a "sacrificar seu interesse pessoal ao coletivo", como afirma Freud e será tratado adiante<sup>52</sup>. Para ele, embora um discurso qualquer, inclusive o mais "performático", seja dotado de uma "força simbólica" que "constitui uma forma de poder que se exerce sobre os corpos diretamente" como que "por encanto" a "despeito de qualquer constrição física", tal "encanto" sempre "opera buscando apoiar-se em disposições" pessoais "previamente constituídas", ou seja, *habitus*<sup>53</sup>.

Apesar do exposto, deixo claro que minha intenção não é negar as teorias que apresentam a manipulação de um agente social sobre o outro enquanto prática moral

---

<sup>48</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, p.22. Grifo nosso.

<sup>49</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, pp. 15a27.

<sup>50</sup> BOURDIEU. *Meditações Pascalianas*, p.205.

<sup>51</sup> BOURDIEU. *Os Usos Sociais da Ciência*, pp. 22a25.

<sup>52</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 45.

<sup>53</sup> BOURDIEU. *Meditações Pascalianas*, p.205.

questionável, indiferente das motivações ou intensidade, como possível em dadas circunstâncias. Inclusive, há diversos estudos sobre o assunto, a exemplo do livro intitulado *Manipulation: Theory and Practique*, de autoria de Christian Coons e Michael Webe, publicado em 2014. Meu objetivo é restringir as discussões, para fins de análise do discurso segundo seus préstimos à minha tese, a situação em que a relação entre aquele que discursa, o conteúdo e o ouvinte ocorra por "identificação", por "habitus", implicando "efeito de sentidos" partilhados entre eles. Desta feita, foi preciso considerar o fato de que a análise do discurso "visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos"<sup>54</sup>.

Disso, é possível compreender que, inicialmente, o discurso se afasta de uma perspectiva durkheimiana pautada pelo coletivo e se aproxima mais de uma "ação social" orientada ao outro, inerente à sociologia weberiana. Todavia, na medida em que as identificações mais pessoais em relação às formações discursivas passam a ser percebidas como análogas em seus efeitos de sentidos a um volume maior de pessoas por compatibilidade de *habitus*, por exemplo, o sentimento de pertença ao grupo e o aceite a liderança se consumam, formando uma massa no sentido freudiano. Assim, embora o autor do discurso procure por meio da retórica angariar o apoio de um grupo de pessoas para desencadear alguma "sugestão" proposta através dele, a passagem da identificação pessoal à coletiva só pode ocorrer por compatibilidade de crenças, *habitus*, ideologia.

Uma vez que teci tais esclarecimentos, uma questão apresentada por Eni Orlandi que também me coube, foi "como" me posicionar como analista do discurso do MBL e do bolsonarismo, de modo a identificar e compreender além do aparente?<sup>55</sup> Como não tratar o discurso como texto, mas como algo provido de sentidos entre os que o promoveram e aqueles para os quais foi direcionado?<sup>56</sup> De imediato, adianto que com base em Pêcheux e Orlandi, não há uma receita pronta. Sobre tal afirmação, Orlandi esclarece que apesar dos méritos da teoria proposta por Pêcheux, muitas questões por ele levantadas "mais abrem do que se fecham em respostas acabadas"<sup>57</sup>. Isso vale também se for considerado que o próprio Pêcheux jamais desistiu de procurar aprimorar seus estudos sobre o assunto, em muitos casos fazendo autocríticas a própria obra. Assim, uma prerrogativa inerente a análise do discurso,

---

<sup>54</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.26.

<sup>55</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.18.

<sup>56</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.39.

<sup>57</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.9.

consiste na capacidade de "interpretação" do analista, de se pôr em "estado de reflexão" sem cair na "ilusão de ser consciente de tudo"<sup>58</sup>.

Como já tratei aqui, não há possibilidade de produção científica desprovida de alguma subjetividade. Esta afirmação parece conferir ainda mais sentido em uma pesquisa majoritariamente qualitativa em que o discurso se apresenta como objeto de análise. Quanto a isso, cumpre ao pesquisador a responsabilidade de fazer as perguntas mais assertivas que o possibilite compreender o discurso para além daquilo que está explícito, tais como os "interesses que procura dissimular"<sup>59</sup>. Isso evidentemente não invalida a análise do discurso enquanto método e menos ainda a possibilidade de adaptação do pesquisador em relação a ele.

Para Orlandi, a "responsabilidade" referida acima é "que organiza a relação do pesquisador com o discurso" e o conduz à "construção de seu dispositivo analítico com o qual ele se compromete seguir". Para tanto, a "prática de leitura", a teoria adotada para auxiliar a formulação das indagações necessárias e a sensibilidade para interpretar são indispensáveis, uma vez que ao analista cabe considerar que a linguagem de um discurso "não é transparente", pelo menos em boa medida<sup>60</sup>.

Acerca da interpretação, destaco que o analista "não procura o sentido verdadeiro do discurso", mas aquilo que tem o sentido de verdade pelos interlocutores em termos linguístico, histórico e psíquico<sup>61</sup>. Para tanto, a interpretação compreende dois momentos no processo de análise: o primeiro consiste em apreender os sentidos contidos no discurso do agente social no momento em que o faz. Para isso, o conteúdo pode ser tomado em sua integralidade ou através de recortes mais específicos a depender das circunstâncias. Já no segundo momento, o analista, ciente de que não lhe é possível a apreensão dos "sentidos" do discurso desprovida do caráter subjetivo de sua própria interpretação, deve procurar realizá-la a partir da introdução proposital de um "dispositivo teórico que possa intervir em sua relação com o objeto que analisa". Assim, seu trabalho ocorre sempre "nos limites da interpretação", sem se colocar "fora da história, do simbólico e da ideologia", embora a escolha de uma determinada teoria a ser aplicada também implique alguma subjetividade<sup>62</sup>.

Segundo Patrick Charendeau, o "papel" do analista é procurar "compreender" como o discurso produz "sentido social", engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar e evidenciar", pois, "apresentar como verdade abstrata uma explicação relativa e

---

<sup>58</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.9.

<sup>59</sup> MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, p. 53

<sup>60</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, pp. 17e27.

<sup>61</sup> ORLANDI. *Discurso e Análise do Discurso*, p.59

<sup>62</sup> ORLANDI. *Discurso e Análise do Discurso*, pp. 60e61.

acreditar nela [sem crítica] seria arrogância", mas "fazê-la sem acreditar", por outro lado, "seria cinismo". Todavia, "entre a arrogância e o cinismo, há lugar para uma atitude que, sem ignorar as convicções [que permeiam o analista], procure compreender os fenômenos" inerentes ao discurso (...) e proponha interpretações [com base em uma teoria] para colocá-las em foco no debate social"<sup>63</sup>.

Como procurei evidenciar, a interpretação do discurso não pode prescindir de uma teoria aplicada, para isso e aqui ela está particularmente atrelada a alguns estudos de Jessé Souza, principalmente, no que concerne seu entendimento de que os acontecimentos que resultaram no impeachment da Presidenta Dilma Rousseff fizeram parte de uma reação conservadora, na qual se inscreve o MBL e uma parcela significativa das pessoas que aderiram ao bolsonarismo. Mas aqui, ainda pertinente a análise do discurso, cumpre tratar do "corpus" enquanto constitutivo das fontes.

Para os fins propostos, saliento que "corpus" se constituiu por um "conjunto de textos ou trechos deles", bem como de produções audiovisuais, por mim admitidos como discursos. Pertinente ao MBL, saliento que foi atribuída maior atenção aos proferidos por suas maiores lideranças que, por se unirem enquanto "grupo", precisei considerar como "locutores coletivos"<sup>64</sup>, em meio aos acontecimentos que cooperaram para a emergência do bolsonarismo, sobretudo entre 2014 e 2018 que, como já descrito, compreende o espaço temporal da pesquisa. Tais discursos, cabe ratificar, foram obtidos a partir da rede mundial de computadores, inclusive o filme intitulado "*Não Vai Ter Golpe!*", outrora já mencionado, que condensou boa parte do discurso do MBL que vinha sendo proferido através de algumas redes sociais, sobretudo o *Facebook*, dentre outras formas, como entrevistas a periódicos e manifestações de rua, desde 2014, quando formalmente surgiu.

Acerca do discurso vinculado ao bolsonarismo, saliento que foram priorizadas as entrevistas concedidas pelo então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro, aos diversos meios de comunicação durante a campanha eleitoral, inclusive à emissoras de televisão, a exemplo das concedidas ao Jornal Nacional da Rede Globo e ao Jornal das Dez da Globo News. Sobre estas, foi curioso observar que, embora se tratar de manifestações em ambientes marcados por maior formalidade e controle, quando comparadas àquelas encontradas na rede mundial de computadores, Bolsonaro não deixou de externalizar argumentos simbólicos vinculados e em depreciação ao petismo com base na retórica do ódio.

---

<sup>63</sup> CHARANDEAU. *Discurso das Mídias* p. 29. Grifo nosso.

<sup>64</sup> Tal entendimento foi possível a partir da concatenação teórica dos seguintes autores: MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, pp. 39e75, ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.63 e PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.27.

Além das supracitadas, constituíram enquanto fontes várias manifestações de Bolsonaro replicadas através do *Facebook* e do *You Tube*, sobretudo a partir de 2014. No mais, também fazem parte das fontes o livro de João Cezar de Castro Rocha intitulado "*Guerra Cultural e Retórica do Ódio*", muito alinhado aos estudos pertinentes a lógica do discurso bolsonarista, o livro de Olavo de Carvalho intitulado *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, por ser considerado a matriz teórica da "retórica do ódio" inscrito no discurso bolsonarista, bem como o já citado Plano de Governo intitulado *Caminho da Prosperidade*, divulgado em 2018 durante a campanha eleitoral, parte do corpus destinado à análise do discurso bolsonarista. Ainda sobre o "corpus", é importante destacar que sua constituição viabilizou a identificação dos elementos "dominantes" inscritos nos discursos analisados<sup>65</sup>, sendo o procedimento utilizado para isso a "lexicometria"<sup>66</sup>. Esta etapa, embora de caráter mais quantitativo, antecedeu a qualitativa.

Destarte, foi através desta etapa que consegui identificar a questão da corrupção e do comunismo atrelados ao petismo, como os elementos dominantes comuns dos discursos do MBL e do bolsonarismo, o viés ideológico e a interdiscursividade que implicaram em uma formação discursiva antipetista, em função de interesses inconfessos, abordados em boa medida pelos estudos publicados por Jessé Souza. Evidentemente, visto que os elementos dominantes não se apresentaram de igual modo em intensidade, linguagem, processos e condições de produção nos discursos integrantes dos corpus do MBL e do bolsonarismo, a identificação do antipetismo como formação discursiva comum a ambos, embora já mencionada, só veio a ocorrer após a fase posterior, através do método comparativo.

Ainda sobre a lexicometria, embora sua prática seja comumente realizada por meio de ferramentas de informática aplicada a textos, a exemplo de WordSmith, Sphinx, Alceste, IRaMuTeQ, Lexicon 5 e Lexico3<sup>67</sup>, este não foi o caso na pesquisa, uma vez que optei por ouvir, visualizar e realizar uma leitura direta e comparativa dos discursos, disponíveis sob a forma escrita ou audiovisual, como já mencionado. Dentre as razões para isso, começo por destacar o fato de que o corpus, por não ser tão vasto, viabilizou este procedimento mais completo que a busca eletrônica por palavras chave.

Outra razão, a qual credito maior importância, se refere à necessidade de considerar os efeitos polissêmicos e das paráfrases contidos nos discursos. Isso porquê as muitas formas criativas de procurar conferir sentido a mensagens análogas, bem como as ressignificações de

---

<sup>65</sup> PÊCHEUX. *Análise Automática do Discurso*, p.63

<sup>66</sup> Sobre "lexicometria" ver: MALDIDIER. *A Ansiedade da Fala. Uma Viagem pela História da Análise do Discurso*. Ver também MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, p.103.

<sup>67</sup> MALDIDIER, Denise. *A Ansiedade da Fala. Uma Viagem pela História da Análise do Discurso*.



uma mesma expressão em sua relação "com o dito" no momento em que o discurso está sendo proferido (ligado ao intradiscurso) com aquilo que "já foi dito antes" (ligado ao interdiscurso)<sup>68</sup>, não pode prescindir as leituras cumulativas do analista acerca do assunto vinculado à pesquisa.

Como entende Orlandi, considerando "que não há discurso que não esteja em relação com outros, que não forme um intrincado nó de discursividade", bem como que a "natureza dessas relações é importantíssima para o processo de análise", não avaliei outro modo de me ater aos discursos, que não a atenção direta quanto a identificação dos elementos dominantes, antes de passar para a fase seguinte de interpretação<sup>69</sup>. A título de exemplo, saliento que, pertinente ao comunismo, as associações promovidas em relação ao petismo ocorreram muito menos pelo uso direto de tal expressão por parte dos membros do MBL, do que por uma série de outras ou de ideias que só puderam ser identificadas através do conhecimento histórico e do trabalho de interpretação, considerando o contexto em que foram utilizadas. No caso do MBL, isso ocorreu em função do pretense conhecimento de alguns de seus integrantes sobre o que vem a ser comunismo enquanto teoria.

Desta feita, apelando propositalmente ao imaginário histórico constituído sobre o assunto junto à memória coletiva de boa parte da população brasileira, optaram por usar expressões variadas com igual efeito de sentido. Assim procederam, não propriamente para evitar incorrerem em desvio teórico, mas para potencializarem simbolicamente a identidade do petista ao mal polissemicamente, como observado analogamente antes da instauração do regime militar brasileiro, segundo tratou Rodrigo Patto Sá Motta em vários dos seus livros, a citar como exemplo, "*Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*".

Considerando o exposto, visto que o "discurso é sempre marcado por interesses", sob a aparente defesa do liberalismo econômico e da moralidade política, enquanto locutor coletivo, o MBL empreendeu uma campanha deliberadamente antipetista. O fez por meio de associações simbólicas capazes de produzirem sentidos negativos acerca do petismo, junto a uma parcela mais conservadora da sociedade brasileira, que por partilha de *habitus* ou identificação, dispunham de uma predisposição psicossocial para admitir tal discurso como válido, seja por cinismo ou por tomá-lo com efeito de verdade, o que também pude identificar nas falas de Jair Bolsonaro, analogamente, apesar das diferenças que serão abordadas.

Todavia, interpretando os propósitos com base nos estudos de Jessé Souza, um dos intuitos inerentes a tais discursos, seria garantir a manutenção de uma sociedade mais

---

<sup>68</sup> MAINGUENEAU. *Discurso e Análise do Discurso*, pp. 95a103

<sup>69</sup> ORLANDI. *Análise do Discurso*, p.89

desigual, onde o controle da "ralé" (subproletariado) por uma parcela da classe média fosse possível, a bem do intento de monopolizar o acesso ao capital cultural, indispensável a obtenção de algum capital econômico através da ocupação das melhores vagas de trabalho disponíveis no mercado, seja no setor público ou no setor privado.

Embora isso também conste na pauta indizível dos interesses de boa parte dos adeptos do bolsonarismo, no caso deste a formação discursiva antipetista ganhou contornos de um conservadorismo vinculado à moralidade de costumes pelo viés religioso, além de um autoritarismo político saudosista a ditadura militar encerrada em 1985, não defendida pelo MBL. Apesar disso, embora o MBL tenham rompido com o Governo Bolsonaro após as eleições, antes delas o antipetismo em comum foi razão mais que bastante para uni-los contra Fernando Haddad, para além dos argumentos de assim terem procedido em razão das propostas liberais na economia, então defendidas por Paulo Guedes.

Destarte, é certo que ao cooperar para o impeachment de Dilma, o MBL não tinha como propósito a ascensão de Bolsonaro ao Palácio do Planalto. Todavia, isso não elimina o fato de que o MBL, por seu discurso e ações, especialmente no que tange ao antipetismo, cooperou para a emergência do bolsonarismo. Para tanto, é possível compreender que um dos cerne do antipetismo, para além dos escândalos de corrupção envolvendo lideranças do Partido, foram as políticas sociais praticadas pelos Governos Lula e Dilma, que beneficiaram em grande medida exatamente a "ralé", como expõe Jessé Souza em suas publicações, entre elas "*A Radiografia do Golpe*". Em função disso, tais políticas passaram a ser avaliadas por muitos agentes sociais identificados com o discurso do MBL como ameaça aos seus interesses, implicando o petismo como um inimigo objetivo a ser combatido e eliminado, no sentido arentiano, o que também é corroborado por João César de Castro Rocha<sup>70</sup>.

Não por acaso, a associação do petismo à corrupção e ao comunismo em uma sociedade majoritariamente cristã, foi promovida de modo a incitar a retórica do ódio contra suas lideranças e apoiadores, sobretudo através das redes sociais, dentre as quais o *Facebook*, ou das manifestações de rua, no período já referido. Face ao exposto, o MBL potencializou a lógica do nós contra eles, materializando com seu discurso, ocupação das ruas e atos simbólicos, a exemplo da exacerbação do contraste entre o verde-amarelo e o vermelho, a "distinção política" de que tratou o nazista Carl Schmitt, de que os "atos e motivações políticas podem ser reduzidas (...) entre amigos e inimigos"<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> ROCHA. *A Guerra Cultural e a Retórica do Ódio*, p. 42.

<sup>71</sup> SCHMITT. Apud LILLA. *A Mente Imprudente*, p. 56.

Disso, o resultado foi o avanço do bolsonarismo, sobretudo após alguns escândalos envolvendo políticos ligados à direita mais moderada, a exemplo de Aécio Neves do PSDB, candidato derrotado nas eleições presidenciais de 2014. Tais escândalos fomentaram um maior sentimento antissistêmico em relação à política tradicional, que beneficiou Jair Bolsonaro, uma vez que esse assim conseguiu se apresentar a parte do eleitorado, mesmo que sua trajetória parlamentar tenha sido marcada pela filiação a partidos políticos fisiológicos pertencentes ao chamado "Centrão", maior exemplo do tipo espúrio de prática política que o então candidato havia se comprometido a combater. Tecida esta abordagem, concluo as discussões sobre a análise do discurso e passo às tratativas acerca do método comparativo.

### Método Comparativo.

Para Marc Bloch, quando tratamos das "ações do homem no tempo", afim de procurar "compreender o presente pelo passado e, correlativamente o passado pelo presente" é ilusório "imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo de documento específico para esse uso", pois, "em relação a todos os outros", quando lidamos com "fatos humanos" estamos lidando com "fatos complexos", uma vez que, o "homem se situa na ponta extrema da natureza". Por isso, "poucas ciências" a exemplo da história, "são obrigadas a usar tantas ferramentas" em seu processo de produção de conhecimento<sup>72</sup>.

Disso cumpre ao historiador uma boa capacidade de "crítica" em relação às suas testemunhas, a bem da "compreensão" acerca do que elas têm a revelar, sem incorrer em "enganos" banais ou julgamentos. Para tanto, "na base de quase toda a crítica inscreve-se um trabalho de comparação" que acarrete "ressaltar tanto semelhanças como diferenças" dos "testemunhos", ou melhor dizendo neste caso, discursos, tomados como objetos destinados à produção de conhecimentos sobre um determinado assunto<sup>73</sup>.

Compatível com a ideia expressa por Marc Bloch, o trabalho comparativo tomado aqui como método em meio à metodologia, essencialmente cumpriu dois propósitos: o primeiro cooperou para a identificação dos elementos "dominantes" do discurso do MBL. Já o segundo, vinculou-se a tratar das similitudes e incongruências entre os discursos do MBL e do bolsonarismo, para assim compreender em que medida o primeiro contribuiu para a emergência do segundo, entre 2014 e 2018. Pertinente ao primeiro propósito, por estar

---

<sup>72</sup> BLOCH. *Apologia da História*, pp. 25a27.

<sup>73</sup> BLOCH. *Apologia da História*, pp. 91a109.

associado às prerrogativas de trabalho inerentes à análise do discurso, penso já ter sido suficientemente abordado, o que me permite passar ao segundo propósito.

Para José D'Assunção, em se tratando do método comparativo, a importância de Marc Bloch como seu "sistematizador" em "termos gerais" é inegável<sup>74</sup>. Para ele, sua aplicação em uma pesquisa se destina a "iluminar um objeto ou situação a partir de outro, de modo que o espírito que aprofunda esta prática comparativa" possa "fazer analogias e identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades".

Em outros termos, o método comparativo, cuja escolha "consciente" deve ser acompanhada de capacidade de "crítica", visa "confrontar dois objetos ou realidades ainda não" prontamente "conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro", viabilizando a percepção das "ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum"<sup>75</sup>. Todavia, considerando que sua aplicação em uma pesquisa não pode ocorrer indiscriminadamente, indagações tais quais "o que se pode comparar" e "como se comparar" devem ser "relevantes" ao pesquisador<sup>76</sup>.

O "cuidado em comparar somente" o "passível de comparação" tem "por motivo um temor" salutar que deve acompanhar o historiador, qual seja, o de perder a singularidade, as especificidades dos processos históricos<sup>77</sup>. Nesse sentido, "o medo de um excesso de abstração que não respeite os limites do espaço e do tempo na construção da análise comparativa" se justifica, pois, do contrário, o risco de incorrer em anacronismos, um dos erros banais os quais um historiador deve evitar, segundo Marc Bloch, torna-se evidente<sup>78</sup>.

Tomando tais considerações como advertências válidas, considerando que o método comparativo demanda objetos inscritos em "realidades contíguas", análogas e "recíprocas" entre si, bem como marcadas por alguma relação de "influência"<sup>79</sup>, isso foi observado aqui. Neste sentido, além dos discursos do MBL e o inscrito no bolsonarismo serem comparáveis, neste caso, embora não fosse condição necessária, são quase que contemporâneos.

Considerando que a etapa destinada à análise do discurso viabilizou a identificação dos elementos discursivos inerentes ao MBL e ao bolsonarismo, o trabalho comparativo entre eles se fez possível. Assim, visto que a "fase comparativa reside na formulação das hipóteses

---

<sup>74</sup> BARROS. *História Comparada*, p. 11.

<sup>75</sup> BARROS. *História Comparada*, pp. 10e11.

<sup>76</sup> BARROS. *História Comparada*, p.12.

<sup>77</sup> FLORINDO. *O Método Comparado na História*, p.384.

<sup>78</sup> FLORINDO. *O Método Comparado na História*, p.384. Ver também: BLOCH. *Apologia da História*, p.30.

<sup>79</sup> BARROS. *História Comparada*, p.11.

comparativas e na justaposição de informações e conclusões analíticas"<sup>80</sup>, uma das preocupações que tive em mente, neste momento da pesquisa, foi procurar comparar os elementos discursivos do MBL e do bolsonarismo, de modo a identificar, para além das dissemelhanças mais notórias, se a influência de um sobre o outro dispunha de alguma pertinência, o que se confirmou.

Segundo Otília Lage, nesta fase isso é possível, pois, como a "reflexão" se encontra "mais qualificada" e "fundamentada", pode-se melhor decidir acerca do que "deve ou não ser contemplado na comparação e como empreender a justaposição" das informações e análises desenvolvidas, o "que permite a confrontação necessária à confirmação ou refutação de uma hipótese, numa abordagem mais concisa". Desta feita, um exame mais rigoroso" das "semelhanças e diferenças (...) para se estabelecer o *Tertium comparationis* [aspectos análogos], termina por permitir avançar com maior segurança para uma análise comparativa sintética, articulada" e de caráter mais geral<sup>81</sup>.

No desenrolar desta fase da pesquisa, embora tenha sido possível identificar o antipetismo como parte da "formação discursiva" inerente ao MBL e ao bolsonarismo, com alguma preponderância inicial do primeiro sobre o segundo, os elementos discursivos vinculando, especialmente, comunismo e corrupção ao petismo não foram abordados de igual modo em ambos. Para começar, no que implica a retórica do ódio, no caso do MBL, a violência simbólica foi mais direcionada à eliminação do petismo enquanto força política de esquerda oposta às forças políticas de direita no campo político. Por outro lado, no caso do bolsonarismo, a violência foi mais direcionada coercitivamente ao petista enquanto parte de um grupo constitutivo de inimigo a ser "banido", "expatriado" ou mesmo "eliminado".

A título de exemplo, basta rememorar aqui o trecho de um discurso realizado por Bolsonaro, em setembro de 2018, na cidade de Rio Branco. Após simular disparar tiros, utilizando simbolicamente para isso um tripé para equipamento de filmagem, disse: "Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre", sob os aplausos e gritos eufóricos dos apoiadores que o ouviam<sup>82</sup>. Deste pequeno exemplo, várias são as possibilidades interpretativas acerca das expressões de violência nele contido.

Vou começar pela expressão "petralhada". Cunhada pelo colunista da Revista Veja, Reinaldo de Azevedo, outrora um dos mais ácidos críticos dos governos petistas, ela foi apresentada no título do livro por ele escrito intitulado "*O País dos Petralhas*", publicado em

---

<sup>80</sup> LAGE. *História Comparada e Método Comparativo Historiográfico*, p. 67.

<sup>81</sup> LAGE. *História Comparada e Método Comparativo Historiográfico*, p. 67. Grifo nosso.

<sup>82</sup> PODER 360º. *No Acre, Bolsonaro Fala em "Fuzilar" a "Petralhada" e Envia-los à "Venezuela"*. Vídeo.

2008. Doravante, muito utilizada pelos antipetistas, não fugindo à regra os membros do MBL e os bolsonaristas, tal qual o livro, essa palavra pejorativa facilmente rimada com "canalha", teve por propósito desqualificar, promover a associação do petismo com o mal, ou mais especificamente, com o mal do Brasil. Não por acaso, o livro que chegou a ter um segundo volume com o mesmo nome, foi publicado pela Editora Record, que tendo por Editor Executivo Carlos Andreazza, incentivou diversas publicações de liberais econômicos e antipetistas além de Reinaldo Azevedo, tais como: Merval Pereira, Rodrigo Constantino e dentre outros, evidentemente, Olavo de Carvalho<sup>83</sup>.

No sentido exposto, além de estimular o antipetismo, o qual o MBL cooperou para levar as ruas, a expressão de Reinaldo Azevedo também se aplicou ao trabalho de "fazer descer", tratado por Pierre Ansart, uma vez que procurou "reduzir as admirações, as estimas e os respeitos às posições rivais"<sup>84</sup>. Agindo assim, de modo não propositivo, cooperou para evidenciar o "político", neste caso petista, como um ente "risível", mentiroso, odiável, o qual "convém se desvincular" ou ocultar a "afetividade política"<sup>85</sup>, implicando uma apatia observada nas últimas eleições presidenciais de 2018, a qual mais de 40 milhões de eleitores deixaram de manifestar sua escolha em relação aos dois candidatos no segundo turno, número maior que nas duas eleições presidenciais anteriores, comparativamente.

Uma vez desqualificado o adversário, combatê-lo sem precisar recorrer a um tipo de política mais propositiva se torna proporcionalmente mais fácil. No exemplo do "fuzilamento", Bolsonaro elevou a condição do adversário político analogamente ao de "inimigo objetivo", ou seja, a condição de alguém deliberadamente escolhido ideologicamente pelo líder político, como portador de algum mal irreparável, patológico, pelo qual deve ser "eliminado", indiferente de suas ações manifestadamente de oposição ou não ao líder ou governo o qual ele integra e controla<sup>86</sup>.

Neste aspecto, seja pelo gesto simbólico de atirar ou pela força do emprego de uma palavra que remete a morte, a ideia manifesta por Bolsonaro, ainda que irrealizável pela força das instituições e das leis em um país democrático, é a de eliminação de um tipo de inimigo escolhido deliberadamente. Com isso, o intento é angariar para si um tipo de liderança incontestável junto a todos aqueles que, por identificação ao discurso por ele personificado,

---

<sup>83</sup>Além do livro Reinaldo Azevedo, pela mesma Editora foram publicados no mesmo período "*O Lulismo no Poder*" de autoria de Merval Pereira, "*Esquerda Caviar*" de autoria de Rodrigo Constantino e "*O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*", de Olavo de Carvalho, todos, dentre outros não citados, críticos ao petismo e mais particularmente a Lula.

<sup>84</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, pp. 56a62.

<sup>85</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, pp. 56a62.

<sup>86</sup> Sobre "inimigo objetivo" ver: ARENDT. *Origens do Totalitarismo*. p. 474.

partilha de *habitus* ou interesses inconfessos, concordem ou aceitem a máxima de que todo petista "petralha", "canalha", "esquerdopata", "mentiroso", "ladrão", "antipatriótico", "vagabundo" e "comunista", dentre outras tantas expressões contidas nos discursos com efeito de sentidos ruins, deve morrer, ou na melhor das hipóteses, ser colocado para "correr" para a "Venezuela" [comunista] para comer "capim" na falta de "mortadela"<sup>87</sup>.

Não por acaso, dentre as centenas de manifestações de apoio ao vídeo, um apoiador chamado Vinícius Souza escreveu em caixa alta, "obrigado por existir Bolsonaro"<sup>88</sup>. Disso, a partir de Bourdieu e Freud, leio a mensagem do Vinícius como: obrigado por dispor do seu "poder simbólico" para agir como eu gostaria, obrigado por me inspirar, por me proporcionar fazer parte de uma massa a partir do qual possa me expressar sem maior receio, obrigado por me servir como "ideal do ego" Bolsonaro. Pertinente ao poder simbólico, no que se presta o conceito neste texto, vale o registro de que para Bourdieu trata-se de "poder subordinado, uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder (...) capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia"<sup>89</sup>.

Comparativamente, é oportuno descrever o trecho de um discurso de um dos membros do MBL, de modo a procurar demonstrar a aproximação com o bolsonarismo, no que concerne ao antipetismo. Como colunista do Jornal Folha de São Paulo, trabalho destinado quase que exclusivamente a proferir críticas ao petismo e, mais especificamente ao segundo Governo Dilma, escreveu Kim Kataguirí, em março de 2016: "O governo Dilma é um dragão muito ferido, mas ainda é um dragão. Se não aproveitarmos o momento para aniquilá-lo, segundo os instrumentos que a democracia oferece, continuará a cuspir fogo nas instituições, mesmo agonizante"<sup>90</sup>.

Neste caso, a "aniquilação" reivindicada não toma o sentido de inimigo objetivo como no exemplo anterior de Bolsonaro, mas de impeachment em um momento de fragilidade política, através do poder legislativo federal, dentro dos limites democráticos e das leis. Todavia, a associação do governo petista de Dilma Rousseff à figura do "dragão" cuspidor de "fogo", não deixa de estabelecer interdiscursividade histórica acerca da ameaça comunista no Brasil e seus sentidos simbólicos negativos inscritos no imaginário de boa parte da sociedade brasileira.

Sobre o assunto, Rodrigo Patto Sá Motta argumenta que, por "imaginário entendemos o conjunto de imagens e relações de imagens produzidas pelos homens acerca de

---

<sup>87</sup> PODER 360º. *No Acre, Bolsonaro Fala em "Fuzilar" a "Petralhada" e Enviá-los à "Venezuela"*. Vídeo. Grifo nosso.

<sup>88</sup> PODER 360º. *No Acre, Bolsonaro Fala em "Fuzilar" a "Petralhada" e Enviá-los à "Venezuela"*. Vídeo.

<sup>89</sup> BOURDIEU. *O Poder Simbólico*, p.15.

<sup>90</sup> KATAGUIRÍ. *Quem é Esse Moleque Para Estar na Folha*, p.35.

determinados aspectos da vida social". Neste sentido, os comunistas foram "representados ao longo da história através de uma farta gama de adjetivos" e iconografias "que lhes atribuíram qualidades negativas" e o comunismo como "a imagem do mal, inclusive no Brasil como uma das justificativas para o golpe militar de 1964"<sup>91</sup>. No tocante as representações, a escolha do "dragão" por Kataguri não foi aleatória, já que no "imaginário popular" e cristão esta associação zoomórfica "é normalmente associada a figura do demônio"<sup>92</sup>.

Como procurei demonstrar brevemente, apesar dos integrantes do MBL e de Jair Bolsonaro se valerem de modos próprios de linguagens para se expressarem ideologicamente no período que compreende este estudo, ou seja, apesar de constituírem formações discursivas distintas em seus discursos<sup>93</sup>, quando submetidas ao método comparativo, é notório que elas têm o antipetismo como seu ponto de convergência, como continuarei a tratar nos próximos capítulos. Porém, no que tange à metodologia, algumas questões que se apresentaram como problemas nesta fase da pesquisa, demandaram a busca por outras alternativas teóricas que, somadas às até então empregadas, pudessem ratificar a tese.

#### O Bolsonarista "Raiz" Enquanto Tipo Ideal Weberiano

Em termos de "caminho" percorrido, até o momento procurei salientar, a partir das discussões inerentes à relação entre produção científica e subjetividade, a análise do discurso e ao método comparativo, que o antipetismo trazido das redes sociais às ruas, em particular pelo MBL, cooperou para a emergência do bolsonarismo. Ambos, por meio de discursos comparativamente análogos no que diz respeito a associação do petismo à corrupção e ao comunismo, firmaram entendimento de ser ele um mal a ser combatido.

Embora unidos por um inimigo em comum, segundo seus discursos, os propósitos neles inscritos, comparativamente, não eram propriamente os mesmos. Para o MBL, a luta contra o petismo decorreria da necessidade da troca do governo por outro que pudesse conduzir o Brasil ao caminho das reformas destinadas a um modelo de desenvolvimento liberal, sobretudo no aspecto econômico. Já no caso do bolsonarismo, o discurso personificado por Jair Bolsonaro, seria o da eliminação do petismo em prol da defesa de uma moralidade conservadora aplicada à sociedade e ao Estado, pautada em Deus, Pátria e Família, analogamente ao integralismo da década de 1930, embora divergente em relação a

---

<sup>91</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, p.47.

<sup>92</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, p.51.

<sup>93</sup> Sobre formação discursiva ver: PÊCHEUX. *Semântica e Discurso*, p.160.



este, no que diz respeito à intervenção estatal na economia uma vez que, ao longo da campanha eleitoral de 2018, a defesa do liberalismo econômico foi publicizada.

Considerando o exposto, ao atingir este momento da pesquisa, as respostas às minhas duas primeiras indagações, outrora expostas, haviam sido respondidas. No que concerne à segunda, inclusive, por meio do auxílio dos estudos e argumentos teóricos de Jessé Souza. Contudo, em relação à terceira, tomada como mais importante para a tese, algumas dificuldades inicialmente impensadas, se apresentaram. Assim, os argumentos destinados a responder o que conduziu tantos brasileiros terem tomado Jair Bolsonaro por "mito", de modo tão apaixonado e relativamente voluntário como ocorreu, face as incongruências entre sua realidade enquanto parlamentar, vida pessoal e seu discurso, não foram de fácil formulação.

Como procurei destacar em outro momento, para os fins desta pesquisa, diante do discurso, o agente social, embora passível de influência por identificação ao conteúdo, não incorre necessariamente em manipulação. Em outros termos, não é levado a aceitar o discurso por inocência ou enganação, de modo a agir contra sua ideologia ou interesses. No mais, procurei mostrar que outras teorias que assim sugerem não cabem aqui. Disso, mais algumas indagações precisaram ser feitas. Uma delas diz respeito a solucionar o problema, para além da via da manipulação, pertinente à evidente falta de criticidade de boa parte dos bolsonaristas em relação à dicotomia entre o discurso e as práticas de Jair Bolsonaro. Outra partiu da dificuldade de classificação dos agentes sociais adeptos do bolsonarismo, visto sua heterogeneidade dificultar algumas afirmações mais gerais.

A solução a tais indagações veio da aplicação de dois recursos teóricos à pesquisa, inscritos na psicologia das massas de Sigmund Freud e na sociologia compreensiva de Max Weber. Em relação ao primeiro, o principal aspecto de interesse foi a questão do "ideal do ego", inscrito na obra *"Psicologia das Massas e Análise do Eu"*. Já em relação a Weber, a discussão de "tipo ideal", a qual pode ser apreendida da obra *"A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo"* foi fundamental, em associação aos estudos de Esther Solano Gallego e Jairo Nicolau, como será abordado.

Acerca do "tipo ideal", Weber esclareceu que, "os quadros de pensamento" tratados como "ideias" em sentido "puramente lógico", não implicam de modo algum à "noção do dever ser, do exemplar". Trata-se "da construção de relações que parecem motivadas para a nossa imaginação e, conseqüentemente, objetivamente possíveis e que parecem adequadas ao nosso saber nomológico"<sup>94</sup>. Dito de outro modo, a partir de Weber é possível compreender o "tipo ideal" como um conceito "que o especialista das Ciências Humanas constrói unicamente

---

<sup>94</sup> WEBER. *A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais*, p.107.

para os fins da pesquisa, (...) peculiar ao método histórico individualizante, cujo objeto sabemos que é estudar a realidade e os fenômenos em sua singularidade"<sup>95</sup>. Assim, é um "recurso heurístico utópico através do qual" o pesquisador "ordena uma série de aspectos recorrentes da leitura da realidade"<sup>96</sup>.

Para além das críticas daqueles que "acusam o modelo de tipo ideal de totalizar a realidade como sendo apenas uma, os que o defendem, a exemplo de Gabriel Cohn, o entende como um "aporte", como um "recorte da realidade analisada, de modo a compreender aspectos próprios criados ou formulados pelo observador a partir de leituras prévias". Destarte, ao criar um modelo tipo ideal de análise, o pesquisador não parte do nada<sup>97</sup>. Como evidenciado, o "tipo ideal ou tipo puro de Weber é um método que possibilita um recorte da realidade, que dá ao pesquisador mecanismos para que ele possa compreender a realidade ou possível realidade do seu objeto de estudo de forma mais ampla e abrangente"<sup>98</sup>.

Trazendo a discussão ao sentido mais prático em relação ao conceitual, após ler o livro "*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*", é possível, dentre outras coisas, estabelecer o "tipo ideal" de um puritano inglês da época do pastor Richard Baxter, no século XVII. Trata-se de um homem branco que, em meio à teoria da predestinação, deveria considerar a si mesmo como escolhido por Deus para a salvação, pois, duvidar disso implicava falta de fé. No mais, em termos de conduta moral e ética, deveria glorificar a Deus através do trabalho vocacional e procurar um estilo de vida marcado pela frugalidade e abstinência de tudo o que pudesse ser avaliado como prazeres mundanos ou fúteis, a exemplo de práticas sexuais para além da procriação ou divertimentos como frequentar um teatro.

Desta vida de trabalho intenso e reduzido consumo material, viria o acúmulo de capital, considerado sinal da eleição Divina, o qual veio a ser usado um século depois para o advento da Revolução Industrial. Neste momento, o discurso religioso se adaptou a um modo de vida burguês, e o protestante, "depositário" capitalista de Deus, não só passou a atribuir a si a obrigação de fazer prosperar a fortuna do Senhor, para não incorrer ser considerado mau servo como aquele tratado no Novo Testamento, em Lucas 19, 11-27, como também de fazer cumprir a ordem social Divina desejada na terra, ou seja, forçar os não eleitos, os pobres, a uma vida sem ócio, frugais e de trabalho, cooperando para a consolidação do modo de produção e exploração capitalista<sup>99</sup>.

---

<sup>95</sup> SCHÜTZ. *O Tipo Ideal Webereniano*, p.143.

<sup>96</sup> AMORIN. *Elementos de Sociologia do Direito em Max Weber*, p.75.

<sup>97</sup> SCHÜTZ. *O Tipo Ideal Webereniano*, p.142.

<sup>98</sup> SCHÜTZ. *O Tipo Ideal Webereniano*, p.146.

<sup>99</sup> WEBER. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, pp. 122a141.

Evidentemente, ao apresentar um puritano inglês dentro do modelo tipo ideal, como procurei resumir acima, Weber não teve qualquer intenção de afirmar que todo puritano assim deveria ser. Trata-se de um modelo imagético, "puramente lógico" como colocado por ele, construído a partir de determinadas características, ocorrências comumente perceptíveis que permitem construir um padrão de referência "inteligível", dentre "outros vários possíveis", para se pensar a realidade<sup>100</sup>. Desta forma, visto a diversidade de puritanos que viveram no período em questão, o tipo ideal permite pensá-lo de uma forma mais homogênea, mais concreta ao pensamento, uma vez que a cada característica apresentada, embora variável em intensidade ou mesmo em incidência, de algum modo compreende um dado da realidade. Dito isso, em relação ao bolsonarismo, a viabilidade de pensar um tipo ideal para aplicação à realidade, não é diferente.

Pertinente a busca por um modelo "tipo ideal" que pudesse servir como referencial bolsonarista, o primeiro estudo ao qual tive acesso nessa direção foi o coordenado por Isabel Oliveira Kalil, elaborado em outubro de 2018. Segundo ela, o objetivo seria delimitar "os perfis dos eleitores de Bolsonaro", tomando por base uma série de entrevistas realizadas junto a manifestantes que participaram de atos políticos ocorridos na cidade de São Paulo", mais "especificamente" as de "direita e ultradireita", entre "2016 e 2018"<sup>101</sup>.

Todavia, ainda que alguns aspectos identificados no estudo sejam congruentes à minha tese, sobretudo no que tange ao combate à corrupção associado ao petismo, ser um elemento dominante do discurso sensível aos bolsonaristas, no que concerne a formulação do "tipo ideal", contrariando minha expectativa inicial, ele não contribuiu. A razão para tanto, está ligada ao fato de Isabel Kalil ter distribuído os adeptos dos bolsonarismo em 16 perfis distintos, com base em informações e dados obtidos em suas entrevistas que, uma vez confrontados, não me permitiram chegar a um limite de homogeneidade necessária à construção simbólica do tipo ideal<sup>102</sup>.

Continuando a busca por estudos mais contemporâneos, realizados em um espaço temporal mais próximo às eleições de 2018, que pudessem cooperar com tal intento, cheguei a cientista social Esther Solano Gallego, professora adjunta da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp. Pensando o bolsonarismo no campo sócio-político brasileiro, ela argumenta que ele se nutriu de um "forte discurso antissistêmico" perpassado "pela lógica da corrupção", não apenas em termos econômicos, mas também em relação a "valores morais e princípios

---

<sup>100</sup> SCHÜTZ. *O Tipo Ideal Webereniano*, p.141.

<sup>101</sup> KALIL. *Quem São e no Que Acreditam os Eleitores de Jair Bolsonaro*, p.5.

<sup>102</sup> KALIL. *Quem São e no Que Acreditam os Eleitores de Jair Bolsonaro*, passim.

éticos". Nessa linha, "o sistema político estaria todo corrompido", razão a qual evidenciou-se o "discurso contra os partidos", sobretudo o PT, mais identificado ao imaginário comunista, a "intelectualidade acadêmica" dentro das universidades, particularmente no que tange às áreas de humanas e sociais comumente associadas à esquerda, "o sistema informacional da imprensa, o sistema de Justiça" e o intervencionismo estatal<sup>103</sup>.

Contra isso, Solano avalia existirem "duas matrizes de pensamento" que cooperaram para a configuração do discurso bolsonarista. A primeira está vinculada à ideia "patriótico-militarista" da "consagração do ideal da ordem, da hierarquia, da disciplina e da autoridade, como se a democracia fosse um regime e uma experiência política" de tendência "à libertinagem", principalmente "quando ela é capturada por governos de esquerda", a exemplo dos petistas. Destarte, a retomada da estabilidade em relação a tal regime "democrático frouxo" seria a infiltração "da filosofia militar na ordem pública", baseada na "mão dura, na disciplina e no controle", afim de resgatar a ideia de um "Brasil místico e romântico do passado, melhor e mais ordeiro", organizado existencialmente e "ontologicamente em outros valores vinculados à matriz cristã e à meritocracia"<sup>104</sup>.

Relativo a essa "ideia da cristianização da política", que representa a segunda matriz de pensamento, Solano salienta que o discurso é o "de retomar os valores da tradição cristã como organizadores da vida social". Isso decorre da interpretação de que diante das lutas pelas pautas indenitárias, geralmente apoiadas pelas alas mais progressistas da esquerda em meio ao campo político, desorganizam a vida e o convívio das classes conservadoras dentro de uma perspectiva mais cristã<sup>105</sup>.

Combinadas ambas as matrizes, o resultado do discurso promovido por Jair Bolsonaro foi o "empoderamento" da direita, desde a mais moderada a mais extremista, que não se "sentia representada em outros processos eleitorais". Tomada por esse "empoderamento enraizado", a "direita desavergonhada" e liberta do politicamente correto, não apenas tomou as redes sociais e as ruas para se manifestarem, como agregaram força eleitoral em torno do "mito" para elevá-lo a Presidente da República<sup>106</sup>.

Desta compreensão de Esther Solano inerente ao bolsonarismo, o avanço de seus estudos sobre o assunto em 2019, revelaram ser possível classificar os bolsonaristas em pelo menos dois grandes grupos, os quais ela chamou de "nutella" e "raiz". Para ela, o primeiro é constituído majoritariamente por um agente social inscrito em um pensamento da direita mais

---

<sup>103</sup> GALLEGO. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver tb: GALLEGO. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista.

<sup>104</sup> GALLEGO. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver tb: GALLEGO. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista.

<sup>105</sup> GALLEGO. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver tb: GALLEGO. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista.

<sup>106</sup> GALLEGO. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver tb: GALLEGO. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista.

moderada, de "centro" no campo político. Trata-se de pessoas para as quais as políticas públicas destinadas à redução das desigualdades sociais e garantias de direitos, a exemplo dos trabalhistas, são importantes, visto estarem inscritas nas parcelas da sociedade brasileira consideradas pobres ou nos extratos economicamente e socialmente inferiores da classe média, dentro do que alguns estudiosos chamam de nova classe média<sup>107</sup>.

Desta feita, os "nutellas" já compuseram parte do eleitorado petista em outros momentos, vindo a romper com ele, sobretudo, pelas razões inerentes à segunda matriz ligada a "cristianização da política", como já abordado. Portanto, no momento representam a parcela mais arrependida pela adesão ao bolsonarismo, visto que, para além do conservadorismo vinculado ao viés religioso, têm sido "empobrecidos" pelas reformas do governo, como a trabalhista e a da previdência, dentre outras ações praticadas<sup>108</sup>.

Os "nutellas" compõem um grupo mais complexo dentro do campo político. O conservadorismo vinculado a questões religiosas os posicionam politicamente à direita. Todavia, mais dependentes das políticas sociais de ordem estatal, boa parte deles são ex-eleitores de Lula e Dilma mas, se sentindo traídos por eles, sobretudo quanto ao que consideram a flexibilidade dos bons costumes que devem tutelar a sociedade, apostaram em Bolsonaro em 2018, por conta da identificação com a parte do discurso ligado à moralidade e combate à corrupção. Para tanto, inclusive, "as questões morais trazidas à tona pelo MBL, na sua dinâmica de guerras culturais", muito contribuíram.

Além de "corruptos", para os "nutellas" os "governos petistas foram vistos como governos que provocaram a desmoralização progressiva do País ao se colocarem contra os princípios da tradição e dos costumes"<sup>109</sup>. Porém, mais afetados pelo processo de pauperização em virtude das reformas e práticas do Governo Bolsonaro, os "nutellas" têm cada vez mais se arrependido e retomado sua intenção de voto à Lula, no que tange a 2022<sup>110</sup>.

Passando ao bolsonarista "raiz", embora Esther Solano tenha por objeto de estudo o "nutella", não deixa de tecer algumas considerações que permitem apreender algumas de suas características. Logo de início, ela deixa claro tratar-se o "raiz" de um agente social vinculado à "extrema-direita" no campo político brasileiro. Aderiu ao bolsonarismo por maior identificação com o "discurso do ódio", o qual acrescento, de matriz olavista e dentro da

---

<sup>107</sup> GALLEGO. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver tb: GALLEGO. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista.

<sup>108</sup> GALLEGO. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver tb: GALLEGO. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista.

<sup>109</sup> GALLEGO. *Crise da Democracia e Extremismos de Direita*, pp. 24a26.

<sup>110</sup> LINHARES. *Eleitorado de Bolsonaro Expõe Mistura que Inclui até Opção de Voto em Lula*. Site.

perspectiva do ORVIL<sup>111</sup>, cuja retórica versa em "reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado"<sup>112</sup>. Portanto, mais saudosista em relação ao regime militar brasileiro e ao discurso do patriotismo, se identifica mais com a parte do discurso que versa sobre uma suposta necessidade de combater o comunismo em sua etapa contemporânea de ação pela via do "marxismo cultural", cujo petismo seria o maior representante no Brasil<sup>113</sup>.

Sobre o marxismo cultural, para boa parte desta parcela "raiz" do bolsonarismo, a explicação de Luis Felipe Miguel a respeito, pode bem ser aplicada a ela. Para ele, o suposto "marxismo cultural" encarnado pelo petismo no Brasil, teria por intento a "derrubada do capitalismo e da civilização ocidental" a partir da "dissolução da moral sexual convencional e da estrutura da família ocidental", tradicional por meio da infiltração, doutrinação e enfraquecimento das instituições do Estado<sup>114</sup>.

Contudo, considerando que não há discurso ou adesão a ele sem interesses, é possível admitir que o combate ao "marxismo cultural" oculta o fato de que à "redução da vulnerabilidade dos mais pobres teve impacto inegável no mercado de trabalho, fazendo escassear a mão de obra que estava disponível a preço vil" em benefício da "classe média em seus serviços domésticos e pessoais"<sup>115</sup>. Portanto, as políticas petistas destinadas a redução das desigualdades sociais, despertou o ódio de boa parte da classe média, por ter reduzido as condições de exploração sobre a "ralé" (subproletariado) como avalia Jessé Souza, exploração indispensável ao ócio necessário à busca pelo capital cultural, sem o qual o monopólio pelas melhores ocupações e renda no mercado de trabalho não é possível<sup>116</sup>.

---

<sup>111</sup> Sobre o *Orvil* (Livro ao contrário), trata-se de livro elaborado pelo Centro de Informações do Exército - CIE no final da ditadura militar, destinado a contrapor o livro "*Brasil: Nunca Mais*" organizado por Dom Paulo Evaristo Arns, de modo a divulgar a visão dos militares sobre o regime, inclusive no que tange ao combate ao comunismo. Publicado em 2012, com a apresentação do Coronel Carlos Brilhante Ustra, torturador ídolo de Jair Bolsonaro, a obra traz um alerta sobre a nova fase da revolução comunista, qual seja, a dominação cultural das instituições do Estado, inclusive educacionais, pelos políticos de esquerda, de modo a corrompê-las e assim aniquilar o modo de vida ocidental que os militares procuraram preservar pelas armas durante a ditadura. Embora não usem o termo "marxismo cultural", uma vez que ele só veio a ser sistematizado em 1992 nos Estados Unidos, por Michael Minnicino, a ideia dos militares contida no ORVIL é análoga. Teve muita influência junto a alguns intelectuais ligados à extrema-direita no Brasil, dentre os quais Olavo de Carvalho, considerado maior expoente da chamada "retórica do ódio" contra a esquerda brasileira, cujas técnicas foram empregadas pelo MBL a partir das redes sociais e manifestações de rua e, de modo mais intenso, pelos bolsonaristas mais radicais, ou "raiz", para citar o termo de Esther Solano. Embora as informações aqui contidas tenham sido obtidas de várias publicações, a título de referência cito: ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio. Crônicas de um Brasil Pós-Político*, pp. 246a247.

<sup>112</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio. Crônicas de um Brasil Pós-Político*, p.159.

<sup>113</sup> GALLEGU. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver também: GALLEGU. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista.

<sup>114</sup> MIGUEL. *A Reemergência da Direita Brasileira*, p.22.

<sup>115</sup> MIGUEL. *A Reemergência da Direita Brasileira*, p.24.

<sup>116</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, pp 60a61. Ver também: SOUZA. *A Elite do Atraso*, pp. 95a96.

Visto o exposto, este bolsonarista "raiz", que até então não se sentia representado no jogo de forças do campo político brasileiro, inclusive pelos psdbistas em quem costumava votar por falta de opção, sobretudo Aécio Neves<sup>117</sup>, integra o grupo de interesse a esta pesquisa. A razão para tanto está no fato de se aproximar mais do discurso de Jair Bolsonaro por identificação e partilha de *habitus*, implicando a aceitação deste como "mito", como ideal do ego na perspectiva freudiana, a ponto de inviabilizar qualquer tentativa de diálogo inteligível, como também constata Esther Solano. Todavia, embora a classificação de Esther Solano já preste alguma contribuição no que concerne a construção de um modelo "tipo ideal" deste bolsonarista em questão, ele ainda está longe de algo mais específico que permita o fomento das discussões necessárias à afirmação da tese. Assim, sobre o bolsonarista "raiz" de Esther Solano, apliquei os estudos de Jairo Nicolau, contidos na obra "*O Brasil Dobrou à Direita - Uma Radiografia da Eleição de Bolsonaro em 2018*".

Quando Bolsonaro iniciou em 2015 a sua "pré-campanha como candidato a presidente em viagens pelo Brasil, a expectativa dos analistas" era de que ele não conseguiria "ativar" nada além do que um reduzido "contingente de eleitores de extrema-direita". Todavia, aquela "figura excêntrica e folclórica", como era tratado em suas "entrevistas" por diversos "apresentadores de programas de auditório televisivos", terminou por vencer as eleições sem moderar seu discurso em nenhum momento. Assim, tomado pela inquietude acerca do avanço eleitoral de Bolsonaro para além do estimado, Jairo Nicolau se propôs ao desafio de procurar traçar "o perfil de sua base eleitoral". Para tanto, utilizou resultados oficiais das eleições de 2018, "divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral", bem como os "dados de pesquisas de opinião", sobretudo do "Datafolha e do Ibope", sempre levando em conta os "segmentos sociais selecionados com base em escolaridade, idade, gênero e religião"<sup>118</sup>.

Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral - TSE, em 2018 o Brasil dispunha de 147 milhões de eleitores aptos a votar. Destes, aproximadamente 42 milhões, de algum modo, optaram por não escolher entre Bolsonaro e Haddad. Assim, dentre os quase 105 milhões de votos válidos, Bolsonaro, então candidato pela "Coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos" envolvendo o PSL e o PRTB, venceu o segundo turno ao obter perto de 58 milhões de votos, ou 55% destes<sup>119</sup>.

Destes dados, é importante salientar que Bolsonaro não venceu as eleições em função de ter obtido a maioria dos votos dos eleitores aptos, mas sim a maioria dos que se dispuseram

---

<sup>117</sup> GALLEGO. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo. Ver também: GALLEGO. *A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista*. Entrevista. Ver também: NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, pp. 11,12e17.

<sup>118</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, pp. 8a14.

<sup>119</sup> TSE. *Eleições 2018: Justiça Eleitoral Conclui Totalização dos Votos do Segundo Turno*. Site.

a escolher entre ele e Fernando Haddad. Quanto aos que realizaram a opção política pela não escolha entre os candidatos no segundo turno, algumas discussões já foram tecidas em outro momento. Desta feita, como destes não é possível colher maiores informações que possam cooperar para o modelo tipo ideal do bolsonarista "raiz", passo a análise dos dados obtidos por Jairo Nicolau dentre os que votaram, para atingir tal propósito.

Em relação ao campo da escolaridade, confrontando os gráficos de 4 a 7, contidos entre as páginas 43 e 51 da obra supracitada, é possível constatar que Bolsonaro venceu nacionalmente em todos os níveis (fundamental, médio e superior) e em todas as regiões. Exceção à regra ocorreu no nordeste, onde Haddad teve mais votos dentre os eleitores dos níveis fundamental e médio, além de análogo a Bolsonaro em relação aos com ensino superior<sup>120</sup>. Em termos percentuais no âmbito nacional, Bolsonaro obteve a seu favor a diferença aproximada de 10% dos eleitores com ensino fundamental, 30% dos com ensino médio e 20% dos com ensino superior, inclusive na região sudeste<sup>121</sup>.

Confrontando tais dados com a classificação de Esther Solano, é possível interpretar que os eleitores situados entre os do ensino fundamental e médio, constituem em boa medida os bolsonaristas "nutellas", quando comparados com os providos de ensino superior, mais inscritos dentre os "raiz". Os argumentos para tais afirmações, obtive também de Jairo Nicolau. No gráfico 5, ele apresenta dados estatísticos acerca das principais preocupações dos eleitores quanto a alguns problemas nacionais em função da escolaridade. O resultado é que para os menos escolarizados, aproximadamente 60% das preocupações estavam vinculadas ao "desemprego", a "segurança" e a "saúde", igualmente distribuídas em 20% cada uma<sup>122</sup>.

Por outro lado, dentre os eleitores com ensino superior, os mesmos 60% das preocupações se dividiam em 35% para a corrupção e 25% para a segurança<sup>123</sup>. Além disso, chamo a atenção para o fato de que, "entre os eleitores de ensino superior, o patamar de votos de Bolsonaro foi semelhante" ao obtido por Aécio Neves "do PSDB, em 2014"<sup>124</sup>. Portanto, trata-se de um eleitor que, como já tratado, não se fazia representar no campo político enquanto extrema-direita, até o advento da campanha de Bolsonaro.

Essa discussão acerca da relação entre escolaridade e voto é especialmente importante para a tese, pois, ao concluir ser possível afirmar tratar-se os eleitores com ensino superior uma base importante do bolsonarismo "raiz", pude começar a tratar tal base como

---

<sup>120</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.51.

<sup>121</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.43.

<sup>122</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.47.

<sup>123</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.47.

<sup>124</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.44.



parte integrante da "classe média" de que trata Jessé Souza. Não quero com isso usar esta expressão por determinado viés marxista da distinção marcada apenas pela materialidade. Embora o aspecto econômico seja um importante fator de diferenciação entre grupos sociais, como prefere Pierre Bourdieu, aqui tomo classe no sentido também admitido por ele.

Embora crítico à expressão, Bourdieu salienta não ser possível negá-la em "termos simbólicos" dentro do espaço social marcado pelas diferenças e composições de forças nas quais os indivíduos se integram ou se afastam, segundo o volume de capital econômico, cultural e social de quem dispõem, bem como de *habitus* constituído, na luta pela defesa de seus interesses em diversos campos<sup>125</sup>. Desta feita, o capital cultural, compreendido enquanto educação adquirida pelo agente social, seja de ordem familiar ou acadêmica, é indispensável à uma formação profissional que viabilize ocupações destacadas no mercado de trabalho, inclusive no que se refere à renda e posições simbólicas na hierarquia social. Para tanto, o ócio obtido a partir da exploração da "ralé" com vistas ao capital cultural e simbólico, está no cerne do ódio ao petismo por parte do bolsonarismo "raiz" inscrito na classe média, pois, "quanto maior a escolaridade, maior é o antipetismo"<sup>126</sup>.

Apesar da escolaridade ter um apelo importante à tese, no que se refere ao modelo tipo ideal, outras abordagens possíveis a partir de Jairo Nicolau podem refiná-lo. Pertinente à eleição por gênero e idade, Bolsonaro obteve 62% dos votos válidos dos eleitores homens, em sua maioria dentre os de ensino superior e em todas as idades, embora mais representativo a partir dos 34 anos. Esta constatação, só corrobora ainda mais com a afirmação feita nos parágrafos anteriores, no que diz respeito à relação entre o bolsonarismo "raiz" e a classe média. No caso das mulheres, é interessante destacar que, embora também tenham votado majoritariamente em Bolsonaro, a proporção foi menor que a dos homens, totalizando 53% dos votos válidos femininos.

Contudo, ao contrário do observado em relação aos homens, a maior resistência a Bolsonaro ocorreu exatamente dentre as mulheres com ensino superior, onde houve praticamente um empate entre ele e Haddad, conforme demonstrado pela gráfico 10<sup>127</sup>. Isso demonstra que, se por um lado o apelo à família tradicional e a religiosidade inscrito no discurso bolsonarista cooperou para angariar o voto da maioria da mulheres a partir de 45 anos, por outro a reação ao machismo, ao racismo e a misoginia vieram principalmente das

---

<sup>125</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, pp. 21a27.

<sup>126</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.84.

<sup>127</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.60.

eleitoras mais escolarizadas e jovens, com idade entre 16 e 44 anos. Em relação a quaisquer outras comparações estatísticas, essa foi a maior reação a Bolsonaro durante as eleições<sup>128</sup>.

Em termos religiosos, em 2018, os dados conhecidos possibilitam argumentar que o eleitorado brasileiro era constituído por 51% de católicos, 32% de evangélicos e 17% de outros<sup>129</sup>. Na corrida à Presidência, Bolsonaro venceu nos três segmentos, embora com margem muito pequena em relação a "outros", em sua maioria seguidores de religiões de matrizes africanas, onde a diferença em relação a Haddad ficou em aproximadamente 5%. No tocante aos católicos, a diferença foi de aproximadamente 10% em termos nacionais. Todavia, no nordeste, onde 72% da população se declara católica, Haddad venceu com uma diferença de mais de 30%. Desta feita, veio dos evangélicos o maior volume proporcional de votos à Bolsonaro, que superou Haddad em aproximadamente 35% no país, inclusive no sudeste, onde a diferença chegou ao patamar de 50% aproximadamente<sup>130</sup>.

Embora Jairo Nicolau não trate do fator renda, um estudo de André Singer apresenta apontamento importante neste sentido. Além de corroborar com a afirmação de que "entre os brasileiros de escolaridade superior" a "reprovação" ao petismo vinha crescendo desde o final do primeiro Governo Lula, de modo análogo o mesmo também pode ser dito em relação à renda. Tomando por base uma pesquisa realizada pelo Ibope, em setembro de 2006, por ocasião do primeiro turno das eleições presidenciais daquele ano, é perceptível o aumento da rejeição a Lula por parte dos eleitores com rendimentos acima de 5 salários mínimos<sup>131</sup>.

Quando da eleição de 2018, um estudo comparativo de ordem quantitativa realizado por Kiko Llaneras, por ocasião do primeiro turno, traz dados significativos. Neste sentido, ele conseguiu apurar que enquanto Fernando Haddad obteve apenas 25% dos votos dos municípios com renda média ou alta, Bolsonaro neles obteve até 75%. Em termos mais específicos, Jair Bolsonaro "venceu nas dez cidades mais ricas do Brasil. Em muitas delas, conseguiu até oito vezes mais votos que Haddad". Por outro lado, este último prevaleceu "em 9 das 10 cidades mais pobres". A título de exemplo, enquanto em Balneário Camboriú - SC, Bolsonaro obteve 71% dos votos, Haddad obteve apenas 8% no primeiro turno. Inversamente, dentre os municípios mais pobres, enquanto Haddad alcançou 73% dos votos em Parintins - AM, Bolsonaro ali não passou de 15%<sup>132</sup>.

---

<sup>128</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, pp. 55a67.

<sup>129</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p.71.

<sup>130</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, pp. 72e73.

<sup>131</sup> SINGER. *Os Sentidos do Lulismo*, pp. 53e54.

<sup>132</sup> LLANERAS. Bolsonaro Arrasa nas Cidades mais Brancas e Ricas; Haddad nas Mais Negras e Pobres. *El País*.

Em termos raciais, as divisões também se refletiram nas votações do primeiro turno. Em relação a elas, "Bolsonaro venceu em 9 dos 10 municípios com maioria branca, enquanto Haddad venceu em 7 dos 10 municípios com uma maioria não branca". De um modo geral, Bolsonaro venceu com folga nas cidades onde o percentual da população branca ultrapassa os 80%, principalmente no sul do país, enquanto Haddad venceu em todas aquelas em que este percentual não chega a 20%. Em termos de exemplo, enquanto em Bento Gonçalves - RS, município com 87% de população branca, Bolsonaro obteve 71%, frente a 11% de Haddad, em Codó - MA, cidade com 14% de população branca, ambos os candidatos obtiveram, respectivamente, 20% e 65% dos votos no primeiro turno das eleições de 2018<sup>133</sup>.

No que concerne uma "nota metodológica" sobre o estudo, principalmente em relação à obtenção dos dados, Llaneras esclarece que "todas as estatísticas" dos municípios analisados por ele, foram retiradas do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, inclusive as variáveis de renda. Quanto aos dados de votação no primeiro turno das eleições de 2018, foram retirados da contagem apurada pelo Tribunal Superior Eleitoral - TSE, divulgados pelo site da Rede Globo de Televisão.

Apesar da viabilidade para a obtenção de mais dados, penso que, em relação à finalidade proposta, os que foram usados são suficientes. Dito isso, após concatenar as informações obtidas a partir dos estudos de Esther Solano, Jairo Nicolau, André Singer e Kiko Llaneras, foi possível chegar a descrição do "modelo tipo ideal" do chamado bolsonarista "raiz", segundo a teoria weberiana.

Homem, branco, próximo aos quarentas anos, com ensino superior completo e renda acima dos 5 salários mínimos, residente no perímetro urbano dos municípios mais ricos das regiões sul e sudeste do país, ideologicamente ligado à extrema-direita no campo político brasileiro, saudosista em relação ao período da ditadura militar brasileira e à violência policial nas periferias, afeito à retórica do ódio contra o petismo admitido como corrupto e comunista, evangélico ou católico conservador e, pelo conjunto, simbolicamente inscrito, por *habitus* e reservas dos capitais cultural e econômico de que dispõem, nos extratos médios e superiores da classe média, dentro dos limites possíveis do uso de tal expressão face à teoria de Pierre Bourdieu e Jessé Souza<sup>134</sup>. Em sentido "abrangente" e simbolicamente referencial, este é o

---

<sup>133</sup> LLANERAS. Bolsonaro Arrasa nas Cidades mais Brancas e Ricas; Haddad nas Mais Negras e Pobres. *El País*.

<sup>134</sup> Para Jessé Souza, em conformidade com Pierre Bourdieu, "a concepção de classe que limita a classe social a uma dada renda", como preferem os marxistas, "é mais um meio de obscurecer a realidade do que de iluminá-la". Para ele, "a classe social só pode ser realmente compreendida como um mecanismo de 'reprodução de privilégios', positivos ou negativos, que são herdados de pai para filho". Portanto, envolve *habitus*, capital econômico ("muitas vezes injusto, posto que independe do mérito individual") e dentre outras coisa, capital

bolsonarista "raiz" com o qual, segundo Esther Solano, "não dá para conversar" sem sofrer alguma forma de violência<sup>135</sup>.

Desta feita, a sentença de Esther Solano, de que "não dá para conversar" com o bolsonarista "raiz", no sentido de ser difícil estabelecer com ele diálogo inteligível pautado pela crítica em relação ao Governo Bolsonaro<sup>136</sup>, se tornou algo tão notório citadinamente, que mesmo alguns bolsonaristas "nutellas" começaram a concordar<sup>137</sup>. O bolsonarista "raiz", enquanto agente social, quando se trata da defesa do Presidente Bolsonaro, reage de modo muitas vezes inconsequente e acrítico contra o "outro" tomado como inimigo, seja aplicando o discurso de ódio com base na "retórica do ódio" ou mesmo a violência física, cada vez mais comum, inclusive contra jornalistas mulheres, seguindo o exemplo do próprio "mito"<sup>138</sup>.

Sobre a "retórica do ódio", João César de Castro Rocha a define como "uma técnica discursiva que pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado", inicialmente de modo simbólico<sup>139</sup>. Dentro da lógica da "guerra cultural" travada pelo Governo Bolsonaro contra o engodo do "marxismo cultural" já tratado aqui, a "retórica do ódio" inscrita em "discursos do ódio", tem suas origens em Olavo de Carvalho e no *Orvil*. "Hiperbólica", é aplicada de modo a desqualificar, anular, humilhar, desacreditar, condenar sem provas, inviabilizar o diálogo e agredir o adversário, tomado como inimigo muito bem definido<sup>140</sup>.

Desta feita, considerando que o bolsonarismo enquanto fenômeno político de extrema direita, agrega agentes sociais em torno da liderança de Jair Bolsonaro por identificação ao discurso do ódio ao petismo, não é absurdo compreender que o acirramento da figura do inimigo interno a partir da "retórica do ódio", representa uma faca de dois gumes

---

cultural, "privilegio" mais concentrado junto à "classe média" e que demanda ócio obtido a partir da exploração da "ralé". SOUZA. *O Engodo do Combate à Corrupção*, pp. 17a19.

<sup>135</sup> GALLEGU. *O Bolsonarismo Nutella*. Vídeo.

<sup>136</sup> Em relação a esta dificuldade de dialogar com o bolsonarista "raiz", um pequeno experimento foi realizado durante a realização da pesquisa, sobretudo em janeiro de 2021. Tomando o "tipo ideal" construído como referência simbólica, procurei estabelecer diálogos com agentes sociais em alguma medida a ele análogo, seja por meio de conversas cotidianas e ou através das redes sociais, inclusive em grupos no *Facebook*, envolvendo familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos, tanto em âmbito local, quanto em outros Estados da federação. Em relação aos desconhecidos, sempre que houve alguma interação em que a defesa de Bolsonaro e agressões ao petismo eram postadas, procurei pesquisar os dados pessoais destes, afim de verificar maior ou menor proximidade com o tipo ideal. Na maioria das vezes, minha inserção ocorreu a partir de inconsistências identificadas, ditas ou publicadas pelos bolsonaristas de perfil "raiz", fossem de ordem teórica ou por prática de notícias falsas ("fakenews"). Dentre aproximadamente setenta agentes sociais com quem procurei dialogar, todos praticaram contra mim o discurso do ódio, em alguma medida, corroborando com a afirmação de Esther Solano. Todavia, tal experimento não foi realizado tomando por base as prerrogativas do método estatístico, visto fugir aos propósitos desta pesquisa.

<sup>137</sup> ZYLBERKAN. As Celebidades Arrepentidas Pelo Apoio a Bolsonaro. *Veja*. Site.

<sup>138</sup> MELLO. *A Máquina do Ódio*. *Passim*. Ver também: AMORIN. Perseguição a Jornalistas e Comunicadores populares explode no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Site.

<sup>139</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p.159.

<sup>140</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp.159e160.

ao próprio bolsonarismo. Isso ocorre visto que, se por um lado fortalece os vínculos entre os bolsonaristas "raiz", a ponto de consolidá-los enquanto massa quase que irrestrita de apoio ao "mito" e inviabilizar o diálogo inteligível, por outro tende a afastar os "nutellas", boa parte dos quais cada vez mais preocupados com as necessidades cidadinas de sobrevivência.

Visto que os estudos de Esther Solano versam sobre a inviabilidade de diálogo inteligível com o bolsonarista "raiz", como venho procurando destacar, a última questão pendente ao propósito da tese, consiste em procurar compreender o que leva este bolsonarista "raiz" subordinar sua razão à prática do discurso do ódio, pautado pela retórica do ódio, contra o outro admitido como inimigo, inclusive pessoas de sua convivência em muitos casos, seja nas redes sociais, manifestações de rua ou até em conversas do cotidiano, a favor de um líder em certa medida contraditório em relação ao discurso que publicamente personifica, a ponto de conferir ao "personagem" maior "relevância que o sujeito político"<sup>141</sup>.

Para tratar desta questão, o caminho percorrido consistiu em associar de forma interdisciplinar, alguns aspectos da psicologia de Sigmund Freud com elementos teóricos da sociologia de Pierre Bourdieu. Todavia, visto que tal discussão associada, desenvolvida teoricamente no quarto capítulo, demanda de outra a ela anterior, destinada a demonstrar tratar-se o bolsonarismo de um fenômeno de massa, a última tratativa em termos metodológicos terá este intento, com foco na psicologia das massas de Freud.

## O Bolsonarismo: Um Fenômeno de Massa

Segundo Freud, "na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira regular", seja como "modelo" ou "adversário", por exemplo. Por esta razão, desde o princípio "a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social ou das massas"<sup>142</sup>. Neste sentido, em termos conceituais a psicologia das massas "trata do indivíduo como membro (...) de um grupo de pessoas que, em certo momento e com uma finalidade determinada, se organiza numa massa" sob uma liderança<sup>143</sup>.

Uma vez na massa, as "singularidades" dos "indivíduos" tendem a "desaparecer" e o que lhe era "heterogêneo se perde no homogêneo". Isso ocorre porque a "superestrutura psíquica", responsável por dotar o ego (o eu) de consciência moral e que se desenvolve "de maneira tão diversa nos indivíduos", é "enfraquecida", enquanto o "fundamento inconsciente

---

<sup>141</sup> GALLEGU. *Crise da Democracia e Extremismos de Direita*, p.25.

<sup>142</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 35e36.

<sup>143</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 37,123e124.

semelhante em todos, se torna ativo e visível". No mais, como parte da massa, o indivíduo "sugestionado" por "identificação" ao discurso do líder a ela dirigido, se "contagia". Nesta condição, "adquire um sentimento de poder invencível que lhe permite entregar-se aos instintos que, sozinho, seria refreado"<sup>144</sup>.

Se sentindo "anônimo" em meio a massa, o agente social passa a agir de modo "irresponsável", livre dos "recalcamentos" normalmente impostos pelo superego aos seus desejos mais "impulsivos" contidos no "inconsciente" (no ID), "onde se encontra o que há de mais malvado na alma humana". Assim, depois de perder sua "personalidade consciente" por identificação a "sugestionabilidade" contida no discurso do líder, o agente social passa a obedecê-lo como se analogamente por ele estivesse "hipnotizado"<sup>145</sup>.

Sob a influência de uma "sugestão" do líder, que pode ser feita por meio da retórica do ódio em meio a um discurso do ódio destinado a eliminação de um inimigo objetivo, que pode ser um petista por exemplo, um agente social poderá se "lançar com um impulso irresistível à execução de determinadas ações" de modo a concretizá-la. Destarte, a "sugestão" emanada pelo líder, como "fuzilar a petralhada", no caso do exemplo de Bolsonaro, "por ser comum" e aceita por "identificação" a "todos os agentes que constituem sua massa" de apoio, como bem pode ser dito dos bolsonaristas "raiz", aumenta a coesão e o "sentimento de reciprocidade" e proteção entre eles<sup>146</sup>

Para Freud, uma vez sujeito à massa, "o ser humano é capaz de descer "vários degraus na escala da civilização", a ponto "de um indivíduo culto" passar a agir como um "bárbaro, um ser instintivo". Destarte, "quem quiser agir sobre ela não precisa de nenhuma ponderação lógica de seus argumentos", bastando para inflá-la "pintar as imagens mais fortes" e "repetir" a exaustão a formação discursiva contida em um discurso, para aqui tecer uma ponte com as discussões inerentes a análise do discurso. Segundo é possível apreender de Freud, a relação entre o verdadeiro e o falso é irrelevante à "massa", pois, "consciente" de seu enorme poder coletivo, é "crédula na autoridade" que a conduz, respeitando e exigindo dela a "força", "inclusive a violência" contra seus inimigos objetivos. É sobremaneira "conservadora" e possui um "respeito ilimitado pela tradição"<sup>147</sup>.

Uma vez tecidas tais considerações, resta argumentar acerca da razão que leva um agente social identificado com um líder, subordinar voluntariamente sua razão às "sugestões" por ele emanadas por meio do discurso dirigido a massa. Neste momento, tratarei brevemente

---

<sup>144</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 42e43, 98a103.

<sup>145</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 44a46.

<sup>146</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 47e48.

<sup>147</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp 48e51.

sobre a questão do "ideal do ego". Parte da psique humana, o "ideal do ego" ou "ideal do eu", via de regra consiste em um "objeto" por nós admitidos e elevado ao grau de perfeição que jamais pode ser alcançado, de modo a motivar o ego (eu) a constante busca de aproximação com ele. De caráter opressor, quanto maior for a distância psíquica entre o "ego" e o "ideal do ego", maior é o sofrimento do indivíduo que pode, dentre outras coisas, desenvolver problemas de baixa autoestima. Por outro lado, uma diminuta ou inexistente distância entre ambos, pode favorecer um comportamento narcísico<sup>148</sup>.

Um exemplo didático de "ideal do eu" no campo religioso é Jesus, o qual todo indivíduo que se "identifica" com o discurso cristão se subordina voluntariamente, passando a compor uma "massa" de fiéis "sugestionável" aos Seus ensinamentos, os quais procuram praticar, mesmo aqueles que fogem à compreensão pela racionalidade. Na condição de "líder" religioso "carismático", cuja "autoridade" e força é "reconhecida" pela "massa" na luta contra o inimigo, Jesus é alçado por cada um dos que a compõe como o modelo "perfeito", passando a ocupar o "lugar" do "ideal do ego" cristão o qual o "ego" deve procurar se aproximar em seu "objetivo" de salvação da alma, mesmo sabendo ser impossível igualar. Uma vez inscrito na "massa", o indivíduo passa a partilhar o sentimento de acolhimento coletivo, mas "sugestionado" por Jesus, "colocado no lugar de ideal do eu" como os demais que a integram, sua possibilidade de agir livremente em meio a ela se torna limitada.

Tecido tal exemplo é possível constatar que, psicologicamente, ao indivíduo é muito difícil, sobretudo sem o auxílio de alguma terapia, se colocar criticamente diante do objeto por ele admitido como perfeito, colocado como "ideal do ego". Tal dificuldade decorre do fato de que, para fazer isso precisaria antes de tudo conseguir criticar a si mesmo, buscando no inconsciente, de onde derivam os atos conscientes submetidos aos filtros morais, as razões da idealização dos seus modelos referenciais<sup>149</sup>. Embora tenha usado o exemplo de Jesus de modo elucidativo, a realidade é que o "ideal do ego" é variável de indivíduo para indivíduo e, dentre os vários campos do espaço social que o "ego" de cada um o queira reivindicar, ele pode advir de "modelos" referenciais idealizados bons ou ruins, a depender do ponto de vista, inclusive no campo da política. Realizada esta abordagem, posso retomar as discussões acerca do bolsonarista "raiz" de modo contextualizado a ela. Para tanto, vou copiar o mesmo parágrafo do exemplo de Jesus e realizar as alterações necessárias.

---

<sup>148</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 109a118.

<sup>149</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 42, 109a118.

Um exemplo didático de "ideal do eu" no campo da política é Bolsonaro, o qual todo indivíduo que se "identificou" com o "discurso do ódio" se subordinou voluntariamente, passando a compor uma "massa" de apoiadores "sugestionável" à "retórica do ódio" contra o petismo, a qual procuram praticar quase que irracionalmente, sobretudo o bolsonarista "raiz". Na condição de "líder" político "carismático", cuja "autoridade" e força é "reconhecida" pela "massa" na luta contra o inimigo, Bolsonaro foi alçado por cada um dos que a compõe como o modelo político "perfeito" e necessário. Assim, passando a ocupar o "lugar" do "ideal do ego" político o qual o "ego" do bolsonarista deve procurar se aproximar em seu "objetivo" de "aniquilação" do petismo a bem de privilégios de minorias, Bolsonaro segue com seus desmandos procurando garantir sua permanência à frente do poder estatal.

Desta feita, uma vez inscrito na "massa" e se sentindo protegido em meio a ela, o bolsonarista "raiz" passou a agir acriticamente a favor de Bolsonaro, inclusive no que tange a se "lançar com um impulso irresistível à execução de determinadas ações" destinadas a cumprir as "sugestões" por ele preconizadas, através do "discurso do ódio" ao petismo divulgado em lives, redes sociais, entrevistas concedidas aos setores da imprensa formal que lhe prestam apoio, "motociatas", inaugurações de obras públicas e, dentre outras formas, naquilo conhecido como "cercadinho" de apoiadores em frente ao Palácio do Planalto.

Uma vez que Bolsonaro foi colocado no lugar de "ideal do ego" pelo agente social, este se torna acrítico quando se trata de defendê-lo, não importando a relação entre fatos e realidade. Inconsciente psiquicamente acerca das razões ligadas a sua personalidade que o conduziram a se identificar com Bolsonaro, se torna incapaz de criticá-lo, uma vez que isso implicaria criticar em si mesmo um "modelo" idealizado de perfeição. Por isso é tão difícil, para não dizer inviável, estabelecer um diálogo inteligível com um bolsonarista "raiz" para tratar de assuntos ligados ao campo da política. Para ele não importam os fatos, a verdade ou argumentos, mas sim defender o "mito" pela "retórica do ódio" ou até violência física contra todos aqueles que, por oposição, passem a ser compreendidos como inimigos.

Por esta interpretação pelo viés freudiano, o bolsonarista "raiz" não pode ser simplesmente considerado manipulado por Bolsonaro. Sua condição enquanto integrante da "massa" bolsonarista ocorreu antes por "identificação" com ele a partir do discurso em função de uma série de fatores que compõem sua personalidade, inclusive *habitus* partilhado com outros agentes sociais inscritos em setores da classe média, para os quais o mesmo discurso é provido de sentidos análogos. Portanto, por trazer em si um Bolsonaro interior em alguma medida, o bolsonarista, sobretudo o "raiz", não pode ser eximido de responsabilidade em relação aos atos praticados pelo Presidente, que vierem a pesar contra seu governo.



Embora as discussões aqui estabelecidas não encerrem o assunto, que será ampliado nos demais capítulos, acredito ter demonstrado a contento o "caminho" epistemológico o qual percorri para chegar a tese, condensada em um dos parágrafos iniciais. Obviamente, não há produto perfeito quando tratamos de ciência e nem poderia haver, pois, isso implicaria o fim da possibilidade do progresso humano. Assim, aqui apresento uma interpretação, na tentativa de prestar alguma contribuição inerente à compreensão do advento do bolsonarismo, em 2018, cominado com as razões que o viabilizaram, sobretudo a partir de 2014, como a intensificação do discurso do ódio ao petismo promovido pelo MBL. Dito isso, visto que a experiência histórica brasileira inscrita entre 2014 e 2018, não é alheia a uma conjuntura maior, internacional, de significativas transformações sociais e expressivos movimentos sociais e políticos, o segundo capítulo tem por intento esta discussão mais geral.

## CAPÍTULO 2

### Neoliberalismo, Globalização e Manifestações

#### Aspectos Gerais

O intento deste capítulo é tratar de alguns antecedentes que cooperaram para as manifestações de rua no Brasil, sobretudo a partir de 2013 e que precederam as ações mais incisivas das forças heterogêneas ligadas à direita brasileira, dentre as quais o Movimento Brasil Livre - MBL. Para tanto, seu conteúdo começará versando sobre alguns problemas relacionados ao neoliberalismo e à globalização, potencializados em função da crise capitalista desencadeada em 2008, a partir dos Estados Unidos, que contribuíram para o desencadeamento das manifestações de rua organizadas pelas redes sociais em várias partes do mundo. Neste sentido, sob a influência da Primavera Árabe, dentre outras manifestações, as discussões chegam ao Brasil no momento das chamadas "Jornadas de Junho". O texto terá seu foco direcionado a tratar da inserção gradual da direita em meio ao processo das manifestações no país, com o apoio de boa parte dos meios de comunicação tradicionais, de alguns segmentos ligados ao grande capital, além de frações da classe média urbana, a qual pertence a maior parte dos integrantes, especialmente seus fundadores do MBL.

As ações do MBL, entre os anos de 2014 e 2016, que cooperaram para o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e a emergência do Bolsonarismo, inscrevem-se em um contexto mundial de manifestações relativamente espontâneas e horizontais que, embora tenham ganhado notoriedade pelas ocupações dos espaços públicos em diversas cidades de vários países, foram organizadas a partir das novas tecnologias de comunicação e informações ligadas à internet, particularmente àquelas vinculadas as redes sociais, a exemplo do *Facebook* e do *Twitter*<sup>150</sup>. No caso do MBL, embora suas manifestações e discurso do ódio ao petismo tenham destoado das pautas de maior interesse dos segmentos sociais de baixa renda, inscritas nas manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre - MPL, em junho de 2013, ambas possuem alguma ligação com fatores condicionantes anteriores a elas que, no contexto do sistema capitalista as opuseram.

Retrocedendo historicamente, de modo a contextualizar algumas discussões seguintes, é válido rememorar que as revoluções burguesas arrebataram das monarquias absolutistas o controle político dos Estados Nacionais na Idade Moderna. Com isso,

---

<sup>150</sup> ZIZEK. *Problemas do Paraíso*, p. 102.

cooperaram para a consolidação da dinâmica produtiva pautada pela exploração do trabalho assalariado e o conseqüente enriquecimento do capitalista a partir da obtenção da mais-valia, segundo o pensamento marxista, embora para Pierre Bourdieu a lógica do capital não possa ser limitada ao viés economicista, compreensão importante às discussões inerentes aos próximos capítulos. De qualquer modo, através de constituições, a inviolabilidade da propriedade privada, sem a qual a exploração do trabalho alheio não é possível, foi garantida. Desde então, é possível afirmar que a burguesia no controle dos Estados Nacionais não apenas tem assegurado a proteção aos meios de produção enquanto patrimônio de poucos, via de regra por meio do uso da violência legal, como procurado modernizar as estratégias que viabilizem intensificar a apropriação das riquezas produzidas pelos assalariados, em detrimento das condições materiais e sociais de existência destes.

Evidentemente, essa relação dicotômica entre os interesses burgueses e do proletariado, nunca deixou de ser marcada por conflitos. Estes, geralmente foram intensificados em determinados contextos de crise do capitalismo, visto a emergência de certas condições intoleráveis de exploração. Considerando tal contexto, via de regra, nas ocasiões em que a burguesia se viu intimidada diante de perspectivas sublevadoras dos de baixo e, por conseqüência, do potencial transformador destas sublevações, acabaram admitindo certas concessões pela via do Estado com o intento de arrefecê-las, sempre que a iniciativa do uso da força tenha sido avaliada como ineficaz ou mais onerosa. Diante do exposto, é possível admitir que um destes momentos de crise historicamente mais recentes foi iniciado em 2008, a partir dos Estados Unidos. Seus desdobramentos mundo afora, incluindo os efeitos sociais nocivos a boa parte da população mundial, não deixaram de ser acompanhados por ondas de manifestações, como esclarece Slavoj Zizek.

Segundo Zizek, as manifestações, protestos e revoltas observadas no início da segunda década do século XXI, evidentemente decorrem de uma combinação de propostas marcadas pela "sobreposição de níveis diferentes". Dentre as principais, é possível destacar, a depender do lugar onde ocorreram, a luta pela democracia onde impera o autoritarismo, a reformulação da democracia onde ela se encontra institucionalizada, o combate ao racismo e ao sexismo, a dicotomia entre as políticas de bem-estar social e o neoliberalismo, o combate à corrupção na política e na economia, a decepção com as representações políticas, a exemplo de partidos e sindicatos, além da dualidade relacional entre nacionalismo e globalização<sup>151</sup>.

Dessa forma, "não existe um único objetivo 'real' perseguido pelos manifestantes", em termos internacionais. Assim, é possível compreender que, algo analogamente comum

---

<sup>151</sup> ZIZEK. *Problemas do Paraíso*, p. 105.

compartilhado por eles é um "sentimento fluído de desconforto e descontentamento que sustenta e une demandas particulares". Em outras palavras, uma "sensação geral de mal-estar" pairou sobre o mundo<sup>152</sup>. Neste sentido, Žižek argumenta que os manifestantes estariam "fartos de um mundo onde reciclar latinhas de Coca-Cola, dar alguns dólares para a caridade ou comprar cappuccino da Starbucks com um por cento da renda revertida para os problemas do Terceiro Mundo, fosse suficiente para se sentirem bem". Para ele, os manifestantes "perceberam que por um longo tempo permitiram que seus compromissos políticos fossem terceirizados" e passaram a "querê-los de volta"<sup>153</sup>.

Para Pierre Ansart, embora o "termo mal-estar", em sua perspectiva marxista de crítica "ao modo de produção capitalista", não seja o mais adequado para evocar "a soma de insatisfações, de sentimentos e de frustrações suscitadas por uma sociedade que não cessa de provocar os desejos de consumo, de poder e de distinção social" que satisfazem a poucos, ele admite que o sistema político institucionalizado na atual fase do capitalismo, visa atuar de modo a promover a apatia das pessoas e o desincentivo a uma participação mais efetiva. Contrariando o que deveria proporcionar, ou seja, um espaço de discussões inteligíveis que pudesse resultar práticas propositivas, a política regida por boa parte dos agentes políticos ligados às instituições estatais, tem sido direcionada ao propósito de "fazer descrever"<sup>154</sup>.

De acordo com Ansart, essa lógica de projeção de "fazer descrever" está ligada ao fato de que, via de regra, cada força política parece estar mais interessada "em enfraquecer os vínculos e opiniões favoráveis dirigidas às forças adversárias". Para tanto, todo um trabalho "visando reduzir as admirações, as estimas e os respeitos às posições rivais" termina por ser articulado, renovado e executado constantemente. Assim, "o político" acaba sendo "percebido" como um ente "risível, das mentiras, das máscaras, das comédias do qual convém se desvincular". Essa lógica que visa deliberadamente a "ocultação da afetividade política", coaduna com a "ideologia do capitalismo, que tende a desvalorizar tudo aquilo que não dependa da produção nem do consumo de bens materiais"<sup>155</sup>.

Falecido em 2016, embora Pierre Ansart tenha vivenciado as manifestações desencadeadas no início da segunda década do século XXI, suas produções acadêmicas mais importantes foram desenvolvidas antes delas. Assim, seu pensamento, expresso a partir da escrita, foi elaborado em um momento em que "em múltiplos lugares, o silêncio a respeito do debate político" fez "parte do código de boa conduta das relações cotidianas". Destarte, na

---

<sup>152</sup> ŽIŽEK. *Problemas do Paraíso*, p. 103.

<sup>153</sup> ŽIŽEK. *O Violento Silêncio de um Novo Começo*, p. 18.

<sup>154</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, pp. 59e61.

<sup>155</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, pp. 56e62.

medida em que se acentuou a "divisão do mundo político", a "ilusão" quanto a "participação no poder central" institucionalizado foi quase "destruída", cedendo lugar a um sentimento de "impotência" que contribuiu para direcionar as pessoas à iniciativas participativas em "grupos" mais "limitados" às suas realidades mais cidadinas, implicando uma "pulverização dos vínculos". Desse modo, a cidade, a associação local e a empresa de trabalho, se tornaram espaços de engajamento de maior interesse, por algum tempo, visto as possibilidades de maior domínio e reconhecimento no que concerne as relações interpessoais<sup>156</sup>.

Apesar do exposto, as manifestações desencadeadas a partir da Primavera Árabe, demonstraram que essa apatia em relação ao poder central, que este "mal-estar" acumulado em relação a ele atingiu um limite tal que despertou o sentimento de transformações, de rupturas e da ânsia pela retomada de formas de participações políticas mais efetivas, como abordado por Zizek. Isso não significa que o pensamento de ambos sejam incompatíveis. No que se presta aqui, é notório que, embora atuantes academicamente em momentos um tanto distintos, tratam de descontentamentos, de frustrações, de um "mal-estar", apesar da ressalva a este termo por parte Ansart e de sua preferência por Zizek, no que tange aos sentimentos de um incontável volume de pessoas em várias partes do mundo, em relação à política institucionalizada a partir dos Estados Nacionais. Neste ponto, a compreensão para tanto e, por extensão, para um melhor entendimento acerca das manifestações, incluindo as discussões inerentes ao MBL, requerem, no caso deste estudo, um diálogo entre Immanuel Wallerstein, Boaventura de Sousa Santos e Milton Santos, no que tange seus estudos sobre a globalização, o neoliberalismo e a atuação dos Estados Nacionais, sobretudo no Ocidente.

### Neoliberalismo, Globalização e a Falácia do Estado Mínimo

Segundo Immanuel Wallerstein, o "sistema-mundo moderno" como forma de expressão da economia capitalista mundial, "existe desde o século XVI em parte do globo, embora ela só tenha se tornado verdadeiramente global, "pela primeira vez", após a expansão observada no final do século XIX<sup>157</sup>. Para ele, "ainda que esteja na moda" atualmente falar que a globalização se iniciou na década de 1970, "as cadeias transnacionais de mercadorias já eram extensivas desde o começo do sistema", bem como "globais desde a segunda metade do século XIX"<sup>158</sup>. Em meio a isso, politicamente, discorre que a maior peculiaridade do Estado

---

<sup>156</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, p. 64.

<sup>157</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 91.

<sup>158</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 92.

moderno é a "soberania" inscrita no "sistema inter-Estado", existente desde a "Paz de Vestefália, em 1648". Assim, teoricamente, enquanto ao Estado caiba a prerrogativa de "implementar políticas internas que julgar" oportunas sem que "nenhum indivíduo" possa "recusar obedecê-las", externamente nenhum "outro Estado teria o direito de exercer qualquer autoridade, direta ou indiretamente, no interior das fronteiras alheias"<sup>159</sup>.

Apesar de tais considerações, Wallerstein adverte que, de fato, "nenhum Estado moderno jamais foi soberano inteiramente, pois, sempre houve resistência interna a sua autoridade", que culminou em "limitações", por meio de "leis constitucionais". Além disso, externamente também há limites à soberania, já que há a interferência de um Estado nos assuntos do outro, implicando uma relação desigual na qual os "Estados mais fortes não retribuem plenamente o reconhecimento da soberania de Estados mais fracos"<sup>160</sup>. Neste último caso, mais que no primeiro, é evidente que a globalização atua como uma faca de dois gumes no que concerne ao processo ambíguo de crise e reordenação dos Estados Nacionais, embora de modo algum ele possa ser considerado suplantado ou desnecessário.

Sobre a globalização, Boaventura de Souza Santos argumenta que ela promoveu a intensificação da circulação de mercadorias, informações, capitais, serviços e pessoas em escala global<sup>161</sup>. Todavia, embora seja errôneo afirmar que ela anunciou "o fim do sistema nacional enquanto núcleo central das atividades e estratégias humanas organizadas", em sua fase atual de evolução combina "a universalização e a eliminação das fronteiras" com o "particularismo, a diversidade local, a identidade étnica e o regresso ao comunitarismo"<sup>162</sup>. Dominada pelo "sistema financeiro investido em escala global", a economia mundial ditada pela globalização atual foi viabilizada pelo gradual incremento dos sistemas de transportes e, sobretudo, pelo "desenvolvimento dos sistemas de informações e comunicações", particularmente com o advento da internet<sup>163</sup>. Porém, apesar do "Consenso de Washington" com seu pragmatismo neoliberal tentar vender a ideia da consensualidade da globalização, é importante salientar que ela não é consensual<sup>164</sup>.

Sobre o neoliberalismo, Perry Anderson versa que ele surgiu "após a Segunda Guerra Mundial, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, como reação ao Estado intervencionista de bem-estar social". Embora tenha alcançado maior notoriedade no final da década de 1970, com Margaret Thatcher e Ronald Reagan, "seu ponto de partida" foi o livro de Friedrich

---

<sup>159</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, pp. 93a95.

<sup>160</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 94.

<sup>161</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 25.

<sup>162</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 26.

<sup>163</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 29.

<sup>164</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 27.

Hayek intitulado "*O Caminho da Servidão*" publicado em 1944<sup>165</sup>, que veio a ser traduzido no Brasil em 1946, sob o incentivo de Adolpho Lindenberg, primo de Plínio Corrêa, que criou a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade - TFP, em 1960.

Enquanto doutrina, é possível afirmar ter sido o neoliberalismo concebido em 1947, "por um grupo de 37 participantes, entre os quais o próprio Hayek, além de Milton Friedman, Ludwig Von Mises e Karl Popper, que fundaram a sociedade Mont Pelérin, reunida em um hotel no sul da Suíça". Seu objetivo era "combater o keynesianismo e o liberalismo político, entendidos por eles como formas disfarçadas de socialismo, bem como preparar as bases de um capitalismo mais rígido, fundado na competição e no liberalismo econômico"<sup>166</sup>.

Em termos de prerrogativas, é possível dizer que a globalização, articulada ao neoliberalismo, visa a desregulamentação das economias nacionais, com maior prejuízo aos países periféricos. Para tanto, sua política econômica é orientada para a abertura das economias nacionais ao mercado mundial, para a regulação dos preços segundo a concorrência internacional, para a prioridade as exportações em relação ao mercado interno, para a política fiscal voltada ao pagamento da dívida pública em detrimento das políticas de bem-estar social, para as privatizações, para a primazia do direito à propriedade privada em relação ao direito de uso, para a subordinação do capital nacional às instituições financeiras, tais como Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional - FMI, além de para a desregulamentação do mercado de trabalho e das leis de proteção aos trabalhadores<sup>167</sup>.

Em termos de consequências, Boaventura Santos adverte para o aumento das desigualdades entre os países e no interior de cada país, bem como a ampliação das migrações, dos conflitos étnicos e das catástrofes ambientais<sup>168</sup>. No mais, embora não desconsidere a prática de algumas ações assistencialistas por parte de alguns governos, o autor deixa claro que para os neoliberais elas são aceitáveis apenas como expressões paliativas para evitar revoltas, uma vez que a pobreza é vista como reflexo da competição global, que separa os competentes dos incompetentes<sup>169</sup>. Nesse sentido, há inclusive quem reivindique o "darwinismo social" como forma de procurar justificar tal segregação, a exemplo de Ludwig Von Mises, um dos principais nomes da chamada "escola neoliberal austríaca", apreciada por ultra-neoliberais e algumas lideranças do MBL, a exemplo do deputado federal pelo DEM-SP,

---

<sup>165</sup> ANDERSON Apud MARTINS. *Globalização, Dependência e Neoliberalismo na América Latina*, p. 143.

<sup>166</sup> ANDERSON Apud MARTINS. *Globalização, Dependência e Neoliberalismo na América Latina*, p. 143.

<sup>167</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, pp. 29e30.

<sup>168</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 26.

<sup>169</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, pp. 34e35.

Kim Kataguirí<sup>170</sup>. Para Mises, a intervenção estatal na economia seria uma afronta a própria lei da natureza, uma vez que a relação entre ricos e pobres seria determinada pelas suas capacidades de empreendedorismo condicionadas geneticamente.

Em consonância com Boaventura Santos, Milton Santos compreendia a globalização como uma "fábrica de perversidades", onde o desemprego, o aumento da pobreza, a perda da qualidade de vida de uma parcela cada vez maior da população mundial, a fome, a redução salarial, a diminuição do acesso à educação, o aumento dos problemas virais e de mortalidade, além do aumento da corrupção são algumas de suas consequências<sup>171</sup>. Para ele, "a tirania do dinheiro e a tirania da informação são os pilares da produção da história atual do capitalismo globalizado", onde o sistema financeiro tem um papel avassalador<sup>172</sup>.

Em termos políticos, quando governos e empresas de modo associado, "utilizam os sistemas técnicos contemporâneos e seu imaginário para produzir a globalização", terminam por impor "formas econômicas implacáveis, que não aceitam discussões e exigem obediência imediata", que "expulsa" os descontentes ou "escraviza" os demais atores a uma "lógica indispensável ao funcionamento do sistema"<sup>173</sup>. Inscrita nessa lógica, a "competitividade tem a guerra como norma", onde a "todo custo" é preciso "vencer o outro, esmagando-o para tomar seu lugar" e isso tem "justificado o individualismo" cada vez mais<sup>174</sup>. A necessidade de buscar mais dinheiro tem conduzido uma competição cada vez mais voraz entre nações, empresas, cidades e se tornado também a regra de convivência entre as pessoas, favorecendo o uso da força, o emprego da violência, institucionalizada ou não, bem como a constituição de diversos medos que têm ocupado corações e mentes de bilhões de pessoas mundo afora<sup>175</sup>.

Contudo, embora tais circunstâncias inerentes à globalização e ao neoliberalismo possam pressupor a decadência dos Estados Nacionais, os três últimos pensadores abordados tecem alguns argumentos que evidenciam o oposto. Wallerstein, por exemplo, enfatiza que neoliberais, como Milton Friedman, chegaram a defender o Estado enquanto "guarda-noturno", ou seja, um guardião no que tange ao direito à propriedade privada<sup>176</sup>. Não por acaso, tal direito se encontra resguardado constitucionalmente em vários países, a exemplo do Brasil no caput do seu artigo quinto. No mais, o Estado presta contribuição aos capitalistas

---

<sup>170</sup> KATAGUIRI. As 6 Lições de Ludwig Von Mises. MBL. Site.

<sup>171</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, p. 10.

<sup>172</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, p. 12.

<sup>173</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, p. 23.

<sup>174</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, p. 23.

<sup>175</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, pp. 28e29.

<sup>176</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, pp. 95e96.



provendo-lhes proteção contra roubo, confisco e tributação excessiva, pois, "não há sentido em acumular capital" se não houver a possibilidade de "conservá-lo"<sup>177</sup>.

Acerca da "tributação", os capitalistas compreendem que a cobrança de impostos "razoáveis" consiste em uma forma de "comprar" vantajosos serviços ofertados pelo "Estado", com um mínimo de custo. Neste ponto de vista, "a taxaço pelo Estado tende a ser uma maneira de transferir mais-valia de pequenas empresas e da classe trabalhadora para os grandes capitalistas". Além disso, os capitalistas sabem que, a taxaço entendida também como uma forma de comprar proteção do Estado, é mais barata do que assumirem eles próprios tais custos, integralmente<sup>178</sup>.

O Estado também atua de modo benéfico ao capitalismo, a partir de outros mecanismos de controle, tais como restrições legais, subsídios e agente consumidor, a exemplo da indústria de armamentos, talvez o caso mais notório. Quanto ao subsídio, este pode ser praticado por meio de obras de infraestrutura com dinheiro público, que tanto atendem aos interesses de empresários em áreas as quais estes não estejam dispostos a arcar com o custeio, quanto das construtoras licitadas para a execução<sup>179</sup>. Destarte, outra forma de subsídio, ocorre por meio da isenção de impostos ou até mesmo de investimentos como forma de fomento à determinadas atividades de interesse público ou privado, além da flexibilização de normas ambientais que viabilize a exploração de recursos naturais<sup>180</sup>.

Para além do exposto, a principal atuação do Estado no interesse do capitalismo, naquilo que melhor dialoga com este trabalho, é a imposição da própria ordem capitalista que, ao mesmo tempo, não apenas atua "contra a insurgência da classe trabalhadora", como coopera para a ampliar a sua exploração<sup>181</sup>. Disso, é possível afirmar que a legitimidade do "Estado no seio da economia-mundo capitalista (...) certamente não advém da justiça da distribuição da mais-valia ou mesmo da aplicação das leis"<sup>182</sup>.

Neste contexto, o que Max Weber chamou de "legitimação racional-legal" possui estreitos vínculos com a "ideologia liberal". Pertinente a esta, tomando por base algumas prerrogativas inscritas na Revolução Francesa, o Estado é legitimado pelo poder do povo, ainda que a ideia de soberania do povo não seja a mais objetiva, visto a imprecisão acerca de "quem é o povo e por que meios há ele de poder exercer coletivamente a autoridade".

---

<sup>177</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 96.

<sup>178</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 97.

<sup>179</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, p. 38.

<sup>180</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 98.

<sup>181</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 100.

<sup>182</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 101.

Destarte, "a história da domesticação do exercício popular da soberania é a história da ideologia liberal no século XIX"<sup>183</sup>.

Para os liberais, como preferem ser denominados seus adeptos, visto que o "progresso" seria "desejável e inevitável", as reformas necessárias deveriam ser implementadas, "usando a autoridade dos Estados como alavanca política básica". Assim, uma vez confrontados os interesses do proletariado urbano, "os liberais ofereceram um programa tridênteo de reformas", pautadas pelo "sufrágio universal" (para fazer crer que o poder emana do povo), os "começos do Estado de bem-estar social" (controlado e de modo a minimizar o avanço das ideias revolucionárias da esquerda mais radical), bem como "um nacionalismo politicamente integrador e racista", de modo a culpabilizar sempre o outro pelas mazelas e não o capitalismo e a propriedade privada<sup>184</sup>.

Além do exposto, é possível também compreender que o advento da classe média complicou a continuidade do discurso da luta de classes no século XIX e passou a servir de parâmetro aos mais pobres, no que tange a busca por um melhor modo de vida dentro da sociedade capitalista. Assim, a social-democracia (e seu discurso reformista) passou a ser tolerada pelos capitalistas, como forma de diminuir a força política dos esquerdistas mais radicais, tais como os comunistas e seu clamor revolucionário e contra a propriedade privada. A social-democracia e a classe média contribuíram para inviabilizar o discurso de classe e fomentar esperanças nos mais pobres em dias melhores a partir de reformas engendradas pelo próprio Estado, sem a necessidade de revoluções radicais e violentas<sup>185</sup>.

Todavia, Wallerstein adverte que os movimentos de 1968 lançaram compreensão de que o liberalismo e a construção do otimismo ditado por ele era corrupto e fraudulento. Assim, os segmentos mais populares da sociedade "começaram a abandonar os movimentos e o reformismo liberal, abandonado, por conseguinte, as estruturas do Estado como veículos da sua melhoria coletiva". Desta feita, segundo o autor, as populações, mediante a gradativa perda de confiança no Estado de Direito, ampliaram os atos de desobediência civil em relação às autoridades. A consequência disso foi a expansão da "hostilidade ao Estado", hoje tão em voga, fato que "tem preocupado os capitalistas que precisam dele", ao contrário do que possa ser abstraído superficialmente da teoria neoliberal<sup>186</sup>. Portanto, a máxima de menos Estado inscrita no discurso liberal, deve ser pensada no sentido da redução das políticas de bem-estar social aos mais pobres, mas não em relação à sua atuação em benefício dos mais ricos.

---

<sup>183</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 103.

<sup>184</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 103.

<sup>185</sup> VIEIRA. *Social-Democracia e Comunismo*, pp. 17e18.

<sup>186</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 105.

Atualmente, uma questão importante diz respeito ao fato de que, para muitos neoliberais, é auspicioso o mercado disciplinar os Estados quando são arbitrários, mas é irresponsável estes mesmos Estados permitirem que o mesmo mercado discipline os bancos. Em outros termos, a decisão social de preservar o bem-estar social é irresponsável, mas a decisão social de salvar bancos, não". Disso, é possível compreender que, embora a globalização não esteja afetando verdadeiramente a capacidade dos Estados Nacionais funcionarem, como afirma Milton Santos<sup>187</sup>, estes estão "pela primeira vez" em séculos, "numa curva descendente em termos de soberania", o que implica o "sinal primário da crise do capitalismo como sistema histórico", segundo Wallenstein<sup>188</sup>.

Sobre essa redução da soberania, é importante argumentar que ela não se manifesta da mesma forma em todos os Estados Nacionais e, como demonstrado por Wallenstein, muito menos a expressão do seu esfacelamento. Segundo Boaventura Santos, é notório que os "Estados hegemônicos" têm procurado "comprimir a autonomia dos Estados periféricos"<sup>189</sup>. Para tanto, a pressão das agências financeiras controladas pelos Estados mais ricos, sobre os Estados mais pobres, tem forçado-os a adotarem medidas neoliberais de modo a melhorarem seus índices de risco ao investimento de capitais, fato que termina por reduzir suas soberanias<sup>190</sup>. No mais, é perceptível nas últimas décadas, que o Estado para atender as orientações da política econômica neoliberal já expressas anteriormente, tem promovido "forte intervenção" para desregulamentar a si mesmo<sup>191</sup>. Assim, a "morte do Estado" é uma "falácia", usada para encobrir seu fortalecimento em nome dos interesses financeiros<sup>192</sup>.

Muitos Estados nacionais têm se fortalecido e atuado para acabar com as conquistas e direitos provenientes das práticas keynesianas observadas até a década de 1980, afim de cumprirem as prerrogativas da ideia do Estado mínimo em relação às políticas de bem-estar social, que se presta a política econômica neoliberal, embora o mesmo não tenha ocorrido quando se trata do socorro destes mesmos Estados em relação ao grande capital<sup>193</sup>. Para tanto, um dos artifícios empreendidos pelos neoliberais, tem sido o fomento cada vez mais agressivo

---

<sup>187</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, p. 38.

<sup>188</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, p. 107.

<sup>189</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 35.

<sup>190</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 37.

<sup>191</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 38.

<sup>192</sup> SANTOS. *Por Uma Outra Globalização*, p. 10.

<sup>193</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 38.

ao individualismo em meio as democracias liberais, de modo a fazer crer ser o Estado um empecilho à meritocracia<sup>194</sup>.

Disso, o resultado tem sido o favorecimento de uma agenda reformista que tem se prestado cada vez mais ao grande capital e promovido a intensificação das desigualdades sociais, como demonstram os estudos do economista Thomas Piketty<sup>195</sup>. Destarte, a segurança social tem sido convertida em rigidez salarial, o mercado financeiro tem sido priorizado, as despesas públicas de caráter social tem sido reduzidas e o bloqueio da distribuição dos rendimentos, as desigualdades sociais e a pauperização têm sido encaradas como reflexos da competição que pune os menos eficientes<sup>196</sup>.

Diante do exposto, não é nenhum exagero considerar que o Estado tem despertado cada vez mais um sentimento de decepção e incredulidade em um volume cada vez maior de pessoas, na medida em que tem se afastado de suas funções sociais outrora assumidas. Em meio a isso, as massas populares têm demonstrado a perda da esperança no "reformismo liberal" e, em um processo pendular, também em "seus avatares à esquerda", que pouco têm se apresentando como opções a isso. Neste sentido, Zizek chega a afirmar que "a esquerda ocidental fechou seu ciclo", depois de abandonar o chamado essencialismo da luta de classes pela pluralidade das lutas"<sup>197</sup>.

Talvez a esquerda não tenha fechado seu ciclo, como entende Zizek. Todavia, sua subserviência aos interesses do capital, sobretudo o financeiro, em meio às disputas no campo político pela ascensão aos governos dos Estados Nacionais, sem o ímpeto revolucionário de outrora, só tem promovido seu distanciamento em relação às suas bases de apoio. Giovanni Alves, tomando por base a esquerda europeia, argumenta que ela aceitou a política neoliberal de austeridade aplicada pela direita para salvar bancos em detrimento social<sup>198</sup>. Destarte, a social-democracia e os socialistas, em certa medida, se tornaram "promíscuos" em relação ao capital financeiro "especulativo parasitário"<sup>199</sup>. Isso tem cooperado, embora não homogeneamente, para ampliar gradualmente o descrédito dos segmentos populacionais mais precarizados socialmente em relação às forças políticas de esquerda.

Resumindo um pouco as coisas, tomando aqui mais especificamente o pensamento de Wallerstein, "uma economia-mundo capitalista requer uma estrutura em que haja Estados soberanos ligados num sistema inter-Estados". Estes Estados desempenham um papel crucial

---

<sup>194</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, pp. 42e43.

<sup>195</sup> PIKETTY. *A Economia da Desigualdade*. Passim.

<sup>196</sup> SANTOS. *Os Processos de Globalização*, p. 78.

<sup>197</sup> ZIZEK. *O Violento Silêncio de Um Novo Começo*, p. 16.

<sup>198</sup> ALVES. *Ocupar Wall Street ... E Depois?*, p. 34.

<sup>199</sup> ALVES. *Ocupar Wall Street ... E Depois?*, p. 35.

de apoio aos capitalistas. Dentre estes apoios, é possível destacar a assunção de uma parte dos custos de produção, a garantia da prática de alguns monopólios para aumentar os coeficientes de lucro e seu esforço tanto para restringir a capacidade das classes trabalhadoras de defender seus interesses, "como para tentar mitigar o descontentamento através de redistribuições parciais da mais-valia", o que já não tem surtido o mesmo efeito, como evidenciam os descontentamentos e as conseqüentes manifestações<sup>200</sup>.

Nessa linha, o capitalismo global associado ao "sistema inter-Estados" abordado por Wallerstein, não é homogêneo. Trata-se de "processo complexo que afeta diversos países de maneiras variadas". Todavia, apesar de suas "multiplicidades", as insatisfações contra as "facetas" da globalização estão no cerne de muitas manifestações<sup>201</sup>. Isso pode ser explicado em parte, pelo fato de que em certa medida a globalização "passou a minar a legitimidade das democracias ocidentais"<sup>202</sup>. A "tendência geral do capitalismo global atual", de direcionamento da "expansão do mercado", da tentativa de "enclausuramento do espaço público, da diminuição dos serviços públicos e do aumento do funcionamento autoritário do poder público", tem cooperado para intensificar junto a boa parte das populações em vários lugares, certo sentimento de repulsa em relação às representações políticas institucionalizadas<sup>203</sup>. Aqui, face a intensificação das desigualdades sociais latentes, não tem feito maior diferença se tais representações são de orientação política de esquerda ou direita, uma vez que ambas, em regimes democráticos pluralistas, têm notoriamente beneficiado ao grande capital ao invés dos segmentos populacionais mais pobres, como raras exceções ou mínimas distinções.

Para Pierre Ansart, "a ideologia democrática e igualitária que atravessa os sistemas educativos proclama com alarde que todos são iguais e possuem as mesmas chances de acesso aos postos de prestígio". Todavia, na prática a imensa maioria dos pretendentes não dispõem das mesmas condições materiais, sociais ou culturais para buscar acesso à eles, contrariando a falácia da meritocracia. Essas desigualdades sem contrapartida, pesam "massivamente sobre as classes desfavorecidas que acumulam as carências". Destarte, o "desencantamento político", mantido pelo sistema pluralista ou provocado pelos fracassos das promessas ideológicas, coloca os cidadãos face as coerções do Estado a serviço do capital,

---

<sup>200</sup> WALLERSTEIN. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*, pp. 108e109.

<sup>201</sup> ZIZEK. *Problemas no Paraíso*, p. 104.

<sup>202</sup> ZIZEK. *O Violento Silêncio de Um Novo Começo*, p. 21.

<sup>203</sup> ZIZEK. *Problemas no Paraíso*, p. 104.

potencializando a "descrença" no sistema político representativo que, embora teoricamente enfatize o poder político emanado do povo, na prática não o viabiliza de igual modo<sup>204</sup>.

Diante do exposto, compreende-se que face ao "mal-estar" decorrente dos efeitos cumulativos da globalização e do neoliberalismo, no que concerne ao esfacelamento das políticas de bem-estar social pela via do Estado, os manifestantes começaram a internalizar o entendimento de que a "democracia parlamentar é incapaz de impor limites e resistir aos interesses do sistema financeiro", segundo Vladimir Safatle<sup>205</sup>. Em outros termos, a democracia parlamentar pluralista ao não defender a população da espoliação dos recursos públicos, "de modo cínico", pelos agentes financeiros, acaba contribuindo para a ampliação da descrença, do aprofundamento dos sentimentos de "mal-estar" e "angústia"<sup>206</sup>.

Acerca dos protestos ocorridos em Wall Street, nos Estados Unidos, em 2011, por exemplo, Peschanski argumenta que "a desigualdade econômica" tem minado "o funcionamento democrático", pois, "os ricos têm fácil acesso aos tomadores de decisão e capacidade de influenciá-los"<sup>207</sup>, seja por identificação a um discurso qualquer ou por partilha de *habitus* de que trata Bourdieu. Assim, é possível admitir que, no campo político, os interesses que têm sido mais atendidos são os daqueles que "controlam os fluxos de investimentos". Diante disso, os manifestantes em Wall Street, os "ocupas", colocaram "na pauta política justamente a discussão de alternativa aos regimes econômicos desiguais e a experimentação de uma espécie de igualitarismo democrático radical" que, obviamente, não interessa aos mais ricos<sup>208</sup>. De modo análogo, para Giovanni Alves, uma faceta da atual fase do capitalismo "tem sido a tentativa de ocultação das misérias burguesas". Destarte, os manifestantes ao escancará-las, procuraram "desmistificar a democracia ocidental", bem como reverberar as mazelas procedentes "do capitalismo financeiro senil"<sup>209</sup>.

A postura de "desconfiança adaptada" por parte de milhares de pessoas, de "tolerância às insatisfações", de uma apática descrença em relação ao sistema político ocidental pautado na democracia, de que tratou Pierre Ansart<sup>210</sup>, passou a ceder lugar a uma tomada de consciência acerca da necessidade da prática de ações políticas de caráter mais coletivo. Assim, esses insatisfeitos, que até então atuavam mais como expectadores do que atores no campo político, impulsionaram as manifestações, articuladas pelas redes sociais e

---

<sup>204</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, pp. 58e77.

<sup>205</sup> SAFATLE. *Amar Uma Idéia*, p. 48.

<sup>206</sup> SAFATLE. *Amar Uma Idéia*, pp. 51a55.

<sup>207</sup> PESCHANSKI. *Os "Ocupas" e a Desigualdade Econômica*, p. 30.

<sup>208</sup> PESCHANSKI. *Os "Ocupas" e a Desigualdade Econômica*, p. 30.

<sup>209</sup> ALVES. *Ocupar Wall Street ... E Depois?*, pp. 33e34.

<sup>210</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, p. 63.

expressadas pela ocupação dos corpos nas ruas. Assim, contrariando Pierre Ansart neste ponto, se antes "em múltiplos lugares o silêncio a respeito do debate político" fez "parte do código de boa conduta das relações cotidianas"<sup>211</sup>, o mesmo já não tem sido observado, sobretudo após a crise capitalista de 2008 e das manifestações por ela de certo modo incitadas, a partir da chamada "Primavera Árabe", em 2011, como será tratado a seguir.

## O Contexto em que Eclodiram as Manifestações

Segundo Tariq Ali, as democracias ocidentais mostraram a quem servem quando, em meio a crise capitalista desencadeada a partir dos EUA, em 2008, vários governos direcionaram recursos estatais para resgatar bancos, promovendo uma espécie de "socialismo para os mais ricos", em detrimento das parcelas populacionais mais pobres, as quais foram submetidas à austeridade econômica, desemprego, perdas de direitos trabalhistas e uma grave crise social. Para ele, em vários países, os políticos inscritos em seus partidos "se negaram a aceitar que a crise de 2008 tinha a ver com as políticas neoliberais que vinham" se arrastando "desde a década de 1980". Destarte, presumiram que "poderiam seguir como se nada tivesse acontecido". Contudo, "os movimentos de baixo desafiaram tal suposição"<sup>212</sup>.

Decepcionados com a democracia e suas representações políticas sindicais e partidárias, uma vez que "questões cruciais como de bem-estar social e distribuição de riquezas" saíram das pautas de "debates", as pessoas se viram "obrigadas a saírem às ruas". Desta feita, "condições inaceitáveis", insatisfações, cooperaram para as "insurreições"<sup>213</sup>. No mais, visto que os canais formais de expressão se subordinam ao poder do dinheiro, não se prestando, portanto, aos interesses da maioria insatisfeita, a estes não restou outra opção a não ser ocuparem os espaços públicos para os fins de manifestações. Apesar das peculiaridades políticas inerentes a "Primeira Árabe" em relação as demais manifestações ocidentais em regimes democráticos que, de algum modo, ela influenciou, é possível afirmar que "a Praça Tahrir", no Cairo, em 2011, "mostrou ao mundo a força dos corpos nas ruas"<sup>214</sup>.

Embora as manifestações inscritas na "Primavera Árabe", dentre outras coisas, também tenham sido marcadas pelo intento da derrubada de ditaduras em alguns países onde ocorreu, contrapondo, neste ponto, várias outras ligadas à decepção com os regimes democráticos pluralistas, esta percepção de David Harvey acerca da "força dos corpos nas

---

<sup>211</sup> ANSART. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?*, p. 64.

<sup>212</sup> ALI. *O Espírito da Época*, pp. 67-69.

<sup>213</sup> ALI. *O Espírito da Época*, p. 70.

<sup>214</sup> HARVEY. *Os Rebeldes na Rua*, p. 61.

ruas" merece maior consideração que sua simples citação para corroborar o pensamento de Tariq Ali. Antes porém, é importante salientar não ser possível desconsiderar o fato de que as novas formas de comunicação a partir das redes sociais no início da primeira década do século XXI, cooperaram não apenas para viabilizar a expressão individualizada das insatisfações, como também para promover seu caráter relacional através da comunicação em rede.

Dito isso, é certo compreender que "o poder de mobilização exponencial das redes sociais" se tornou "um fator relevante para se pensar elementos da vida fora da internet", pois, quem participa "das redes sociais online são seres humanos ligados às redes do mundo desconectado, e as interferências entre os dois ambientes (...) são inevitáveis". Desta feita, "como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões online têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico"<sup>215</sup>. Neste ponto, é possível retomar o pensamento expresso por Harvey.

Como já foi tratado aqui, a dinâmica da atual fase do capitalismo financeiro vinculada à globalização e ao neoliberalismo, bem como a forma que os Estados Nacionais têm se adaptado para atendê-lo, tem gerado uma espécie de "mal-estar", descrédito e dentre outras coisas, decepção em relação à política institucionalizada, bem como com a própria democracia típica da maioria dos países ocidentais. Assim, na medida em que a ideia do Estado mínimo avança como pretexto para procurar encerrar um ciclo de políticas de bem-estar social, os reflexos das condições intoleráveis de vida à maioria das pessoas, terminou por despertar a necessidade de novas formas de expressão política, para além das vias formais verticais e representativas.

Assim, as consequências sociais da crise capitalista de 2008 para os milhares de insatisfeitos mundo afora, articuladas pelas redes sociais, começaram a se expressar nos espaços públicos. Disso, a "força dos corpos nas ruas", mais do que representar formas de manifestações horizontalizadas, sem maiores lideranças, passou a expressar o intento da retomada do protagonismo político direto dos insatisfeitos, diante do "mal-estar", da desconfiança, da "descrença" em seus governos enquanto agentes de representação dos seus interesses. Portanto, os corpos representam a ocupação física insurgente dos espaços públicos, a expressão simbólica da rua enquanto espaço de transgressão à ordem vigente. Nesse sentido, se o Estado tem a prerrogativa do uso legal da violência para atuar em defesa da ordem vigente, "o poder coletivo de corpos nos espaços públicos continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição, quando todos os outros meios" de enfrentamento se mostram

---

<sup>215</sup> MARTINHO. *Teoria das Mídias Digitais*, p. 58.



"bloqueados"<sup>216</sup>. Isso pode não ser um fato novo historicamente, mas foi retomado com força após as consequências da crise de 2008 terem desencadeado determinadas condições intoleráveis de sobrevivência para boa parte da população mundial.

De modo análogo, Emir Sader e Wallerstein também concordam que as primeiras manifestações, de algum modo, tiveram as consequências da crise capitalista de 2008 como fator de impulsionamento<sup>217</sup>. Corroborando com Tariq Ali, ambos apresentam, dentre outras coisas, a austeridade econômica, o desemprego, a proteção demasiada aos bancos por parte dos Estados, a recessão, a atenção ao déficit público em detrimento das políticas sociais, o neoliberalismo e a polarização da riqueza como parte significativa do conjunto de problemas que levaram as pessoas às ruas<sup>218</sup>. Além disso, enquanto Wallerstein especifica que governos corruptos e a natureza antidemocrática desses governos em relação aos interesses populares, bem como a falta de unidade política da esquerda, também são importantes para a compreensão do contexto<sup>219</sup>, Emir Sader acrescenta que, no caso da "Primavera Árabe", a derrubada de ditaduras também fez parte dos intentos dos manifestantes<sup>220</sup>.

Até o momento, sustentado teoricamente pelos autores aqui escolhidos, foi tratado que as manifestações ocorridas no Brasil a partir de 2013, sejam as vinculadas às demandas levantadas pelo MPL, sejam as destinadas ao impeachment de Dilma Rousseff, as quais tiveram a participação ativa do MBL, estão de certo modo ligadas à alguns antecedentes, embora distintas em objetivos, sem o estudo dos quais uma melhor compreensão destas manifestações não é plausível.

No que tange às primeiras manifestações após a deflagração da crise capitalista iniciada em 2008, nos EUA, Zizek argumenta que, embora elas tenham suas particularidades a depender do local onde ocorreram, bem como não ser possível abstrair delas intentos em comum, via de regra estiveram ligadas por um sentimento de "mal-estar" em relação às representações políticas, visto a subserviência destas aos interesses do grande capital a partir dos Estados, em detrimento das políticas de bem-estar social, cada vez mais subjugadas aos ditames do neoliberalismo e da globalização. Entretanto, como será tratado adiante, as manifestações foram tomando um caráter cada vez mais heterogêneo, incluindo, inclusive, a

---

<sup>216</sup> HARVEY. *Os Rebeldes na Rua*, p. 61.

<sup>217</sup> SADER. *Crise Capitalista e Novo Cenário no Oriente Médio*, p. 83. Ver também: WALLERSTEIN. *A Esquerda Mundial Após 2011*, p.73.

<sup>218</sup> WALLERSTEIN. *A Esquerda Mundial Após 2011*, pp. 73e74. Ver também: SADER. *Crise Capitalista e Novo Cenário no Oriente Médio*, pp. 83e84.

<sup>219</sup> WALLERSTEIN. *A Esquerda Mundial Após 2011*, pp. 74e75.

<sup>220</sup> SADER. *Crise Capitalista e Novo Cenário no Oriente Médio*, p. 86.

defesa do próprio neoliberalismo, como no caso do Brasil com o MBL, dentre outros grupos que delas também participaram.

Segundo Pierre Ansart, visto os interesses de ganhos dos grandes capitalistas, os Estados têm sido cooptados a atendê-los. Para tanto, têm procurado atuar de modo a reduzir a paixão das pessoas pela política enquanto espaço de debate destinado à busca do bem comum, sobretudo promovendo nelas a "descrença" em relação às suas representações políticas. Apesar de não ter tratado tal "descrença" como um potencial elemento articulador das manifestações como Zizek, ambos concordam com a existência de uma insatisfação com a política enquanto instrumento do Estado a serviço do capital. Aqui, é possível compreender que esta insatisfação, levada ao extremo em função dos efeitos nocivos do neoliberalismo e da globalização, cooperou para a emergência das manifestações.

Tratando mais um pouco sobre a globalização, embora destaque não se tratar de um fenômeno novo, Wallerstein esclarece que ela tem afetado à soberania dos Estados Nacionais, implicando uma relação desigual entre estes, na medida em que os mais fortes têm cada vez mais procurado impor práticas econômicas que atendam seus interesses em relação aos fracos. Para Boaventura Santos, esse desequilíbrio inerente a soberania dos Estados Nacionais, possui estreita ligação com a desregulamentação de suas economias, que tem sido uma das prerrogativas defendidas e buscadas pelos neoliberais em meio ao mercado global, controlado pelos grandes capitalistas ligados ao sistema financeiro. Com isso, as desigualdades têm se intensificado entre os Estados e no interior de cada um deles, replicando seus efeitos mais nefastos nos países economicamente considerados periféricos, inclusive a violência policial, cada vez mais intensa na medida em que se agravam os próprios problemas sociais .

Sobre o assunto, dispondo da prerrogativa do emprego legal da violência, esta não se limita apenas à defesa da soberania, mas sobretudo à manutenção da ordem capitalista, contra quaisquer formas de insurgência popular a ela, que possam ser contidas pelo emprego da coerção ou da combinação desta com mínimas concessões. Não por acaso, uma das áreas de maior investimentos de qualquer Estado Nacional mundo afora, é exatamente a de segurança pública, com destaque para as forças policiais e prisionais. Quanto a este último, é notória a interpretação de Michel Foucault acerca de sua função. Para ele, a prisão não se presta a ressocialização de um detento que infringiu a ordem. Ao contrário, a lógica da sua existência é a punição coercitiva da liberdade física, de modo a promover outra forma de coerção, buscada, desejável ao sistema, que é psicológica sobre todos aqueles que, a partir do temor de

destino análogo, permaneçam enquadrados à ordem vigente<sup>221</sup>. Assim, não por acaso Jair Bolsonaro defender que "preso não deve ter direito nenhum por não ser mais cidadão", bem como que "o sentido da cadeia não é ressocializar, mas tirar o marginal da sociedade"<sup>222</sup>.

No que tange às forças policiais, é oportuno destacar o entendimento de Hannah Arendt para elucidar sua utilidade, quando comparadas às forças armadas destinadas mais a defesa da soberania. Para ela, quando se trata de uma atuação dentro do Estado Nacional, seja em decorrência de uma guerra civil ou de segurança pública, as forças armadas "constituem instrumento duvidoso de ação", uma vez que, via de regra, não dispõem de treinamento para "olhar o próprio povo com os olhos do conquistador estrangeiro"<sup>223</sup>. Por outro lado, a polícia, por ofício, já é preparada psicologicamente para atuar contra o cidadão infrator da ordem a ser mantida. Assim, enquanto para um militar do Exército o inimigo é o estrangeiro, para um policial o inimigo é um compatriota que se coloca como um inimigo objetivo da ordem. Não por acaso, dispõem do apreço, atenção e até mesmo receio dos governos.

Apesar do exposto, uma ressalva é necessária. É certo que a coerção enquanto prática com o intento da obediência funciona, apesar das excepcionalidades. Contudo, se aplicada como instrumento central para tal intento, o temor por ela produzido, não raro, pode se converter em ódio que, como já argumentava Nicolau Maquiavel desde o século XVI, pode representar o maior erro de um governo em relação aos seus governados. Assim, uma histórica estratégia burguesa para contorná-lo, foi fomentar a ideia da soberania do povo a partir da democracia política, de modo a fazê-lo crer ser o centro político do Estado e, portanto, seu instrumento de legitimação.

Desta feita, a tolerância ao sufrágio universal e a algumas reformas inscritas em políticas de bem-estar social, bem como o incentivo ao nacionalismo integrador, sobretudo no século passado, podem ser interpretados como concessões burguesas em defesa dos seus próprios interesses, inclusive para dirimir a busca popular pela democracia social, sob o manto da democracia política. Todavia, esta estratégia tem apresentado alguns sinais de esgotamento nas últimas décadas, embora o mesmo não possa ser dito acerca dos países há muito marcados por regimes autoritários, que ainda almejam a democracia política como um ideal a ser buscado, embora representem a minoria.

Tomando a maioria dos países ocidentais, Wallerstein, Boaventura Santos e Milton Santos, corroboram que o acirramento das condições de vida nas últimas décadas, muito em

---

<sup>221</sup> FOUCAULT. *Vigiar e Punir*. Passim.

<sup>222</sup> CONSTANTINO; COSTA; EIRAS. As Ideias e Valores de Bolsonaro em 100 Frases. *O Globo*. Site.

<sup>223</sup> ARENDT. *Origens do Totalitarismo*, p. 470.

função dos efeitos nocivos da globalização e do neoliberalismo a serviço do capital financeiro, tem conduzido cada vez mais pessoas a não mais compreender o Estado como patrono das políticas de bem-estar social e cada vez menos a democracia política como instrumento para a democracia social. Assim, essa descrença que durante certo tempo se expressou pulverizada e em certa medida apática no que tange às ações coletivas, foi inculcando um sentimento de mal-estar e de angústia que tomaram as redes sociais e passaram a unir os insatisfeitos em várias dimensões sobrepostas.

Desta forma, visto as consequências da crise capitalista de 2008 e as condições intoleráveis de vida por ela encetadas a boa parte das populações mundiais à revelia de seus governos, mais interessados em salvarem bancos, "a consciência política rebelde, órfã dos aparatos e desconfiada da política institucional", emergiu "em manifestações de rebeldia, muitas vezes espontâneas"<sup>224</sup>. Assim, doravante, a abordagem versará especificamente sobre algumas destas manifestações pelo mundo, de modo a chegar ao MPL no Brasil em 2013 e, por consequência, ao MBL a partir de 2014.

#### Da Primavera Árabe às Jornadas de Junho

Segundo Henrique Soares Carneiro, no ano de 2011 "ocorreu um fenômeno que há muito não se via", ou seja, "uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protestos com reivindicações peculiares de cada região", porém "com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua". Para ele, o ano de 2011 trouxe a "rebelião popular para a ordem do dia". Para tanto, "o pano de fundo" foi uma "crise social, econômica e financeira" que se arrastava desde 2008, a partir dos Estados Unidos e que deixou como "consequências, dentre outras coisas, a carestia dos gêneros alimentícios e o aumento do desemprego". Contudo, o grande impasse que esteve presente naquele ano e que foi estendido posteriormente, foi a "ausência de alternativas políticas organizadas"<sup>225</sup>.

Sobremaneira, as manifestações "praticamente espontâneas" ocorreram contra "estruturas políticas partidárias e sindicais vigentes", embora sem maior "articulação orgânica e representativa", visto terem sido marcadas pela horizontalidade, no que tange aos "anseios de transformações e rupturas". No mais, considerando que suas primeiras expressões ocorreram no norte da África em meio a chamada "Primavera Árabe", elas assumiram ainda o

---

<sup>224</sup> CARNEIRO. *Rebeliões e Ocupações de 2011*, p. 13.

<sup>225</sup> CARNEIRO. *Rebeliões e Ocupações de 2011*, pp. 7e8.

caráter de "revolução democrática contra longas ditaduras"<sup>226</sup>. Assim, embora as manifestações ocorridas na Tunísia ou no Egito tenham inspirado outras em Nova Iorque ou São Paulo, uma comparação entre elas carece de limites<sup>227</sup>.

No caso da Primavera Árabe, além da questão do combate aos governos autoritários que também a marcou, outro aspecto diferencial importante é o religioso. Neste sentido, Ziauddin Sardar argumenta que "o islamismo no século XXI", tem demandado uma "nova agenda reformista" em relação à sua versão "formalizada (...) tão enraizada na legalidade, tão exclusiva e míope". Para tanto, os dois condutores básicos neste processo, são parte das mulheres e da juventude, ávidos por "novas interpretações" teológicas a partir do Alcorão, mais "liberais e humanistas". Vinculado a isso, "há outro instrumento de transformação que não pode ser desprezado, qual seja, a globalização"<sup>228</sup>.

Segundo Sardar, entre prós e contras, a globalização tem promovido alterações econômicas em vários países do chamado "mundo árabe" e produzido uma "classe média mais articulada, moderna e consciente, com profundo desgosto pela ortodoxia conservadora, que não só tem exigido, mas introduzido mudanças"<sup>229</sup>. Destarte, além dos demais fatores condicionantes, essas divergências entre os que defendem um islamismo mais conservador ou reformado, também contextualizaram a Primavera Árabe, para além de suas principais facções, sunitas e xiitas, ou das ações fundamentalistas.

Embora as manifestações ocorridas na Praça Tahrir, na cidade do Cairo, tenham recebido maior atenção midiática, o início da Primavera Árabe ocorreu na Tunísia, tendo por estopim o protesto por autoimolação de Mohamed Bouazizi. Em 17 de dezembro de 2010, o desempregado jovem de 26 anos, formado em engenharia, trabalhava como vendedor ambulante na cidade de Sidi Bouzid, quando foi abordado pela polícia e teve sua mercadoria confiscada. Diante do fato, Bouazizi buscou solução junto ao governo local, sem sucesso. Revoltado, comprou produtos inflamáveis e ateou fogo em si mesmo em frente à sede do governo que lhe negou ajuda. Chegou a ser socorrido, mas veio a falecer em um hospital da cidade de Ben Aros, no início de janeiro de 2011<sup>230</sup>.

A morte de Bouazizi ganhou ainda mais repercussão, quando o presidente Zine Al Abidine Ben Ali resolveu visitá-lo no hospital com o intento de procurar melhorar sua imagem junto a parte da opinião pública que vinha contestando seu governo. O efeito

---

<sup>226</sup> CARNEIRO. *Rebeliões e Ocupações de 2011*, p. 8.

<sup>227</sup> ZIZEK. *O Violento Silêncio de Um Novo Começo*, p. 20.

<sup>228</sup> SARDAR. *Em Que Acreditam os Muçulmanos?*, p. 181.

<sup>229</sup> SARDAR. *Em Que Acreditam os Muçulmanos?*, p. 182.

<sup>230</sup> DA REDAÇÃO. Entenda a Crise na Tunísia. *BBC Brasil*. Site.

esperado não ocorreu. Ao contrário, foi tomado como deboche pelas parcelas mais precarizadas da população, principalmente por jovens recém-formados com dificuldades de conseguir emprego. Como é perceptível, a morte de Bouazizi e a forma como ocorreu, conseguiu elencar em si os vários problemas enfrentados por milhares de tunisianos naquele momento, ao mesmo tempo em que foi tomada como uma forma de protesto dramático, que terminou por sensibilizar e unir os insatisfeitos<sup>231</sup>.

No norte da África, a Tunísia vinha sendo governada despoticamente por Ben Ali, um ex-militar, desde 1987. Durante algum tempo, a privação de liberdade política e a corrupção praticadas pelo governo, foram em certa medida compensadas por alguma estabilidade econômica, em parte proveniente de investidores estrangeiros que, em meio à globalização, se satisfaziam com os incentivos do governo e com a mão de obra barata disponível no país. Todavia, os efeitos da crise de 2008 alteraram o quadro de aparente estabilidade econômica. Inflação elevada, desemprego, aumento da pauperização e da corrupção praticada por uma parcela das autoridades públicas, cooperaram para uma grave crise econômica e social<sup>232</sup>.

Diante das queixas, Ben Ali respondia com a intensificação da repressão e violação aos direitos humanos, sob o argumento de que os opositores estavam tentando se apropriar da crise mundial para desestabilizar seu governo. Por isso, a importância da morte de Bouazizi e seu efeito simbólico. Ela representou simbolicamente o descrédito e o mal estar de boa parte da população em relação a um governo autoritário e corrupto, bem como a luta por melhores condições de vida face aos malefícios da globalização e do discurso neoliberal. Tudo estava interligado e a morte de Bouazizi foi tomada como um símbolo da externalização de todas as insatisfações até aquele momento contidas. Dali em diante, milhares de pessoas, organizadas horizontalmente a partir das redes sociais, sem lideranças claras, começaram a tomar as ruas como "ato histórico" de contestação à "autoridade" e às condições intoleráveis impostas pelo capitalismo financeiro, embora não propriamente contra o sistema em si<sup>233</sup>.

Após alguns dias de confrontos e dezenas de mortes, as manifestações chegaram a capital Tunes, ameaçando o governo. Ben Ali tentou contemporizar, mas já era tarde. Percebendo a força dos manifestantes, renunciou ao governo e buscou asilo na Arábia Saudita, em janeiro de 2011, país que o aceitou após recusa da França. A "Revolução de Jasmim", como ficaram conhecidas as manifestações tunisianas em 2011, resultou no fim do

---

<sup>231</sup> DA REDAÇÃO. Entenda a Crise na Tunísia. *BBC Brasil*. Site.

<sup>232</sup> CARNEIRO. *Rebeliões e Ocupações de 2011*, pp. 7e8.

<sup>233</sup> ZIZEK. *O Violento Silêncio de Um Novo Começo*, p. 23.

governo de Ben Ali e da sua polícia política, na liberdade de presos políticos e na formação de uma Assembleia Constituinte. Na continuidade, em dezembro de 2011, Moncef Marzouki foi eleito presidente, iniciando um novo momento histórico na Tunísia<sup>234</sup>.

O exemplo dos tunisianos influenciou outras "revoluções" inscritas na "Primavera Árabe", a exemplo da egípcia que forçou a derrubada do governo de Hosni Mubarak, em fevereiro de 2011, bem como a libanesa, que resultou na morte de Muammar al-Gaddafi, em outubro do mesmo ano. Todavia, conforme já evidenciado, tal influência não ficou restrita ao norte da África. Noticiada globalmente pelos diversos meios de comunicação, em maior ou menor intensidade a depender do lugar, é evidente que os efeitos da Primavera Árabe cooperaram para a ocorrência de diversas outras manifestações em vários países ocidentais marcados por regimes políticos democráticos, dentre os quais, os movimentos dos "Indignados", na Espanha, o "Occupy", nos Estados Unidos e o "Passe Livre", no Brasil, que será tratado mais adiante.

O movimento dos "Indignados", na Espanha, também conhecido como movimento "15M", em função das manifestações terem sido iniciadas no dia 15 de maio de 2011, teve como "pano de fundo a crise social, econômica e financeira que se arrastava desde 2008", mas não apenas isso. Tratou-se de um movimento que, analogamente à outros, inscreveu-se em um contexto de "desregulamentação global e perda de direitos sociais em nome da flexibilização que ampliou a nova camada social precarizada centrada nos mais jovens"<sup>235</sup>.

Em meio a este quadro, semelhante ao ocorrido em vários países do norte da África, muitos jovens recém-formados amargavam com as políticas de austeridade praticadas pelo governo espanhol, tais como a perda de direitos trabalhistas e o desemprego, enquanto recursos públicos eram utilizados para "salvar bancos". Além disso, padeciam de um "mal-estar" em relação aos sindicatos e aos partidos então existentes, fossem de esquerda ou de direita, por não se sentirem por eles representados e em função dos casos de corrupção envolvendo muitos de seus membros<sup>236</sup>.

A quebra de confiança nas representações políticas, expressa pela frase "o povo unido não precisa de partido", cooperou para o surgimento da plataforma digital "Democracia Real Já!", que teve como uma de suas lideranças o então estudante de arquitetura Jon Aguirre Such, de 26 anos. Articulando horizontalmente dezenas de grupos de "indignados", tal qual o "Juventude Sem Futuro", um dos mais atuantes na ocasião, a plataforma, embora longe da

---

<sup>234</sup> DA REDAÇÃO. Entenda a Crise na Tunísia. *BBC Brasil*. Site.

<sup>235</sup> CARNEIRO. *Rebeliões e Ocupações de 2011*, pp. 8e13.

<sup>236</sup> SAFATLE. *Amar Uma Ideia*, pp. 54e55.

homogeneidade, foi o principal instrumento de organização das manifestações que se seguiram a partir do dia 15 de maio de 2011 em várias cidades da Espanha e até fora dela<sup>237</sup>.

Dentre as principais reivindicações dos manifestantes, é possível destacar a anulação da reforma trabalhista de 2010, o combate ao desemprego, a reforma eleitoral, o fim do financiamento dos partidos com recursos públicos, a impossibilidade da candidatura de políticos condenados por corrupção e a transparência pública em relação aos bens dos políticos. Deflagradas antes das eleições municipais, marcadas para 22 de maio de 2011, o centro mais notório das manifestações foi a Puerta del Sol, principal praça do centro de Madri. Apesar da passividade do movimento, o governo não relutou em empregar a força. Isso resultou em maior empenho dos manifestantes e o crescimento do movimento, que chamou a atenção dos meios de comunicação no mundo inteiro, vindo a influenciar diretamente o movimento "Occupy", nos Estados Unidos, no mesmo ano<sup>238</sup>.

Em termos de legado, segundo Pablo Padilha, uma das lideranças do "Juventude Sem Futuro", as manifestações possibilitaram as pessoas se conscientizarem que "a crise não era um fenômeno natural, mas algo provocado por determinadas políticas". Além disso, muitas comissões municipais foram criadas, ampliando as possibilidades reais de participação política das pessoas. No mais, o movimento dos "Indignados" ou "15M", viabilizou a criação de um novo partido com rápida expansão nacional, o "Podemos", que integrou boa parte das lideranças da "Democracia Real Já!", que permaneceu atuante após maio daquele ano<sup>239</sup>.

Quanto ao movimento "Occupy", ou mais precisamente "Occupy Wall Street", seu início ocorreu após a revista ativista "Adbusters", ter convocado uma manifestação na praça Zuccotti Park, no distrito financeiro de Manhattan, em Nova Iorque. Influenciados pela "Primavera Árabe" e pelos "Indignados", milhares de nova iorquinos pacificamente não só tomaram a praça, como instalaram nela um acampamento. Ali, onde se encontravam as sedes dos "grandes estabelecimentos financeiros do país", os manifestantes puderam "expressar sua cólera contra os bancos de Wall Street, contra a ganância das empresas, contra os cortes orçamentários feitos pelo governo" sob a influência do setor financeiro, contra a desigualdade econômica e social, bem como contra a corrupção<sup>240</sup>.

Na interpretação de Catherine Sauviat, o movimento "Occupy" tratou-se "na verdade, de uma revolta contra o capitalismo financeiro e seus símbolos mais fortes, os grandes bancos

---

<sup>237</sup> DE BLAS; GÁLVEZ. Os "Indignados" da Espanha Avaliam Seu Legado Quatro Anos Depois. *El País Brasil*. Site. Ver também: LAMBERT. Na Espanha, a Hipótese Podemos. *Le Mond Diplomatique Brasil*. Site.

<sup>238</sup> DE BLAS; GÁLVEZ. Os "Indignados" da Espanha Avaliam Seu Legado Quatro Anos Depois. *El País Brasil*. Site. Ver também: LAMBERT. Na Espanha, a Hipótese Podemos. *Le Mond Diplomatique Brasil*. Site.

<sup>239</sup> DE BLAS; GÁLVEZ. Os "Indignados" da Espanha Avaliam Seu Legado Quatro Anos Depois. *El País Brasil*. Site.

<sup>240</sup> SAUVIAT. *Occupy Wall Street, Um Movimento Social Inédito nos Estados Unidos*, p. 149.



de Wall Street e as grandes empresas americanas". Foi uma "revolta contra o poder concentrado dos bancos e das finanças", visto que essa expressão do poder do dinheiro "capturou literalmente o Estado e os seus reguladores", comprometendo os interesses da maioria e, por extensão, a credulidade na própria democracia. Em outros termos, os "dirigentes do setor financeiro se infiltraram por todo o aparelho estatal, pondo-se assim em condições de moldar as decisões em benefício próprio"<sup>241</sup>.

Inconformados, os manifestantes, em boa medida jovens universitários recém-formados, desempregados e demais afetados pelos efeitos da crise de 2008, bem como pela globalização e pelo neoliberalismo ao mesmo tempo cerceador de direitos sociais e subserviente aos interesses financeiros, passaram a exigir "uma democracia não controlada pelo dinheiro", como afirmou o economista Joseph Stiglitz<sup>242</sup>. Assim, fosse em Nova Iorque ou em outras cidades do país para onde o movimento se espalhou, a exemplo de São Francisco, os "ocupas", como ficaram conhecidos os manifestantes, saíram às ruas e ocuparam os espaços públicos sob o argumento de que o faziam em nome dos 99% da população afetados pelas desigualdades sociais, os de baixo, contra os 1% dos de cima, mais ricos e gananciosos. Por isso, o efeito de horizontalidade dos "99% contra os 1%"<sup>243</sup>.

Destarte, o slogan principal do movimento, "nós somos os 99% (...) não pode soar mais justo, pois o 1% mais rico dos Estados Unidos viu sua parte na renda nacional mais que duplicar nas três últimas décadas, passando, segundo o Congressional Budget Office, de 8% em 1979 para 17% em 2007"<sup>244</sup>. Já no ano da crise em 2008, segundo dados pesquisados por Peschanski, enquanto boa parte da população foi submetida a um processo de pauperização, os 1% mais ricos passaram a controlar 25% da renda total dos Estados Unidos, percentual aproximadamente 15% maior que em 1980<sup>245</sup>.

Comparando os dois dados estatísticos é notório que, enquanto a crise de 2008 afetou negativamente a maioria dos norte-americanos, viabilizou o aumento da renda dos 1% mais ricos em 8% só naquele ano, em parte em função das políticas econômicas do governo destinadas a socorrerem os bancos de um lado, associadas às políticas de austeridade de outro. Tais dados, corroboram com as discussões realizadas anteriormente, a partir de Wallerstein, Boaventura Santos e Milton Santos.

---

<sup>241</sup> SAUVIAT. *Occupy Wall Street, Um Movimento Social Inédito nos Estados Unidos*, p. 150. Interpretação análoga também pode ser verificada em: ALI. *O Espírito da Época*, p. 66.

<sup>242</sup> UCHOA. O Que o Movimento "Occupy" Tem a Ver Com os Protestos no Brasil. *BBC Brasil*. Site.

<sup>243</sup> ALVES. *Ocupar Wall Street ... E Depois?*, p. 33. Ver também: PESCHANSKI. Os "Ocupas" (...), p. 28

<sup>244</sup> SAUVIAT. *Occupy Wall Street, Um Movimento Social Inédito nos Estados Unidos*, p. 150.

<sup>245</sup> PESCHANSKI. Os "Ocupas" e a Desigualdade Econômica, p. 27.

O movimento se arrastou por todo o restante de 2011. Apesar de serem constituídos por uma "complexa diversidade social", organizados horizontalmente (sem lideranças específicas), os manifestantes permaneceram unidos pela simbólica ideia de pertencimento aos 99%, que exprimia a eles "proletariedade", segundo Giovanni Alves. Assim, embora marcados por uma "profunda consciência moral e senso de justiça social", os manifestantes não chegaram a elaborar um conjunto de reivindicações objetivas<sup>246</sup>. Para Zizek, isso não pode ser considerado um fator de desabono ao movimento, uma vez que "não devemos ficar aterrorizados com a eterna questão: 'mas o que eles querem?'". Ao contrário, o movimento "Occupy", bem como os "Indignados", dentre outros observados no período, trataram de protestos marcados por alguns elementos inovadores, como uso das redes sociais enquanto canais de articulação horizontalizada para as manifestações que tomaram as ruas. Neste caso, "mais importante que um conteúdo positivo (...) foi o gesto formal de rejeição, pois, somente um gesto assim abre espaço para um conteúdo novo"<sup>247</sup>.

Apesar do exposto, isso não significa que os "ocupas" não lograram algum êxito prático. Conforme Ruth Milkman, Stephanie Luce e Penny Lewis, três sociólogas americanas que avaliaram a experiência do Occupy em um estudo da City University of New York - CUNY, a ele pode ser "pelo menos parcialmente creditado uma variedade de" decisões "políticas que ocorreram no fim de 2011 e início de 2012, como a extensão do 'imposto sobre milionários' em Nova York", além da "desistência do Bank of America de impor mais taxas para seus clientes". Além disso, "muitos ativistas ficaram maravilhados com o quanto o debate sobre a desigualdade se tornou central no discurso político nacional graças ao Occupy", naqueles anos marcados pelo governo de Barack Obama<sup>248</sup>.

Assim como nos Estados Unidos, no Brasil a influência das manifestações iniciadas no norte da África em 2011, também se fez notar, embora um pouco mais tardiamente, visto que alguns dos efeitos da crise capitalista, desencadeada em 2008, tiveram algumas de suas consequências em certa medida retardadas no país, em parte em função das políticas sociais praticadas durante a gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva<sup>249</sup>. Contudo, embora as chamadas "Jornadas de Junho" só tenham ocorrido em 2013, é válido salientar que uma onda de protestos contrários à elevação dos preços dos transportes coletivos, que veio a ser o estopim destas ditas "Jornadas", já vinham ocorrendo em várias cidades e capitais brasileiras

---

<sup>246</sup> ALVES. *Ocupar Wall Street ... E Depois?*, pp. 32e33.

<sup>247</sup> ZIZEK. *O Violento Silêncio de um Novo Começo*, p. 23.

<sup>248</sup> MILKMAN; et.al. Apud UCHOA. O Que ... "Occupy" Tem a Ver Com os Protestos no Brasil. *BBC Brasil*. Site.

<sup>249</sup> Tal afirmação pode ser corroborada por algumas estatísticas pertinentes ao incremento da renda, ampliação da escolaridade e redução das desigualdades sociais no governo em questão, apresentadas pelo economista Marcelo Neri. Para tanto, ver: NERI. *A Nova Classe Média*, pp. 121a125.

desde 2012, a exemplo da "Revolta do Busão", em Natal - Rio Grande do Norte. Todavia, a pressão popular associada ao incentivo fiscal sobre o diesel promovido pelo Governo Federal na ocasião, não só para arrefecer os ânimos como também para reduzir a inflação, moderou as manifestações naquele ano, ao adiar os aumentos para 2013.

Em termos econômicos, 2012 também não foi dos melhores. Após anos de crescimento, a balança comercial brasileira sofreu uma queda de 34% em relação a 2011, embora tenha fechado com um superávit de aproximadamente 19 de bilhões de dólares<sup>250</sup>. Contudo, face aos efeitos da crise capitalista internacional e, dentre outras coisas, os expressivos gastos para sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2014, o ano de 2013 foi marcado pela redução ainda maior do superávit, que não foi suficiente para cobrir a dívida pública em crescimento. O Brasil evidenciava a recessão.

Além do exposto, a Copa das Confederações, marcada para junho de 2013, um teste para a Copa do Mundo, chamou maior atenção da mídia e da população em geral para os gastos do Governo presidido por Dilma Rousseff neste sentido, bem como para as várias denúncias de corrupção e superfaturamento das obras vinculadas ao evento. A título de exemplo, basta memorar que o estádio Mané Garrincha em Brasília - DF, inicialmente orçado em 690 milhões, terminou por custar aproximadamente três vezes mais.

O governo procurou se defender, argumentando tratar-se de investimentos que seriam pagos pelos empresários em função dos resultados da Copa, além de viabilizarem retorno à população, sobretudo no que tange à melhoria de infraestrutura, o que no fim não ocorreu ou, pelo menos, não para a maioria. Assim, a modernidade das obras "padrão FIFA" contrastava com a realidade de vida de milhões de brasileiros humildes assalariados, que não viam mesmo menor sentido naqueles gastos, diante da precarização de diversas áreas do serviço público, os quais mais necessitavam, a exemplo da saúde, educação e transportes, apesar dos investimentos que o governo promovia nelas.

A sensação de mal-estar se agravou, quando em comparação com o Governo Lula, o Governo Dilma resolveu, em meio ao contexto de crise e elevação de gastos públicos, promover alguns cortes de recursos destinados a alguns programas sociais, a exemplo do "Minha Casa, Minha Vida". Esta atitude destinada à redução do déficit público, não foi bem recebida pela maior parte da população, intensificando ainda mais o modo como os gastos para a Copa eram admitidos por ela. Neste contexto, quando o aumento dos preços dos transportes coletivos ocorreu, quase que simultaneamente em várias cidades do país em junho de 2013, às vésperas do início da Copa das Confederações, a indignação explodiu.

---

<sup>250</sup> MARTELLO. *Balança Comercial Registra em 2012 Pior Desempenho em 10 Anos. G1 - Economia*. Site.

Valendo-se das redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, diversos grupos começaram a articular as manifestações que tomaram as ruas de várias cidades. Dentre eles, é possível citar o "Fórum de Lutas" no Rio de Janeiro, o "Revolta do Busão", em Natal e o "Assembleia Popular Horizontal", em Belo Horizonte. Contudo, nenhum outro teve maior destaque naquele momento que o "Movimento Passe Livre" - MBL, em São Paulo. O governo chegou a manter alguns incentivos fiscais sobre o diesel, na esperança de contornar os aumentos. Todavia, eles ocorreram ainda assim, como foi o caso de São Paulo, no dia 02 de junho, mesmo que o Prefeito na ocasião, Fernando Haddad, fosse do mesmo Partido dos Trabalhadores - PT, que a Presidenta Dilma, evidenciando uma falta de sintonia da esquerda no governo.

Nos primeiros dias de junho, a então chamada "Manifestação dos 20 Centavos" por alguns, por tratar-se essa a diferença do aumento praticado sobre o transporte coletivo em São Paulo, foi mais modesta. Entretanto, as reações violentas da Polícia Militar fizeram com que o movimento ganhasse ainda mais força nas redes sociais e, por consequência, maior adesão nas ruas. A partir do dia 13 de junho, as manifestações se espalharam com maior notoriedade não apenas dentro do Estado de São Paulo, mas também por outras cidades do Brasil. Até então, marcadas por um caráter mais popular, tanto em participação, quanto em demanda, as manifestações foram tratadas pelos principais meios de comunicação do país com desdém e oposição, ao conferir a elas a alcunha de balbúrdias promovidas por vândalos.

A tentativa da marginalização das manifestações pela grande mídia, tanto televisiva quanto de radiodifusão e impressa, pode ser evidenciada pela reportagem de João Batista e de Juliana Deodoro, da Revista *Veja*, publicada no dia 14 de junho de 2013. Segundo os jornalistas, "o pessoal que vai às ruas" ocupa sempre as principais vias públicas da cidade para chamar atenção, "causando a maior balbúrdia possível e prejudicando um incalculável número de cidadãos que não consome drogas, trabalha oito horas por dia, não desfruta de imunidade sindical, sofre com o trânsito e quer viver em paz, com segurança, tendo assegurado seu sagrado direito de ir e vir"<sup>251</sup>.

Apesar das ocorrências de confrontos e atos de depredação que realmente foram praticados por uma minoria dos manifestantes, sobretudo ligados aos chamados "Black Blocs", a maioria primou pelo pacifismo, por vezes contrastado pela truculência da polícia. Entretanto, sem qualquer sutileza, é notório nesta parte da reportagem da Revista *Veja*, que os jornalistas não apenas generalizaram, como retiraram dos manifestantes a condição de cidadãos, tanto pela comparação do que consideraram ser um cidadão, quanto pelo o que não

---

<sup>251</sup> BATISTA JR.; DEODORO. Um Protesto Por Dia, Quem Aguenta? *Veja*. Site.

consideraram, a partir das prerrogativas imputadas por eles aos manifestantes. Todavia, este comportamento dos grandes meios de comunicação tradicionais, exemplificado aqui pela Revista Veja, logo viria a se alterar.

Na continuidade dos acontecimentos, as manifestações do dia 17 de junho foram marcadas por algumas singularidades, tais quais o aumento da participação de grupos mais heterogêneos, inclusive de segmentos da classe média urbana mais tradicional, além da mudança de postura da grande imprensa no que concerne a cobertura a elas. Isso, justamente em um dos momentos de maior tensão entre os manifestantes e algumas forças de coerção do Estado, bem como com os membros da própria imprensa.

No dia supracitado, novas pautas passaram a ser identificadas, ainda que timidamente e de modo heterogêneo entre os manifestantes, começando a justificar as várias pichações observadas na capital paulista, de que o movimento não era mais apenas pelos 20 centavos. Alguns cartazes contra a PEC 37, que pretendia monopolizar o direito às investigações criminais às polícias judiciárias em detrimento do Ministério Público, começaram a ser vistos entre outros, onde se lia: "Da Copa Eu Abro Mão, Quero é Investimento em Saúde e Educação". Além disso, até mesmo as cores começaram a mudar. Entre os manifestantes, a primazia do vermelho do MPL começou a ser quebrada pelo verde e pelo amarelo, por vezes simbolizado pela camisa da Seleção Brasileira de Futebol, que passou a ser notada junto com a bandeira nacional, entre um cartaz ou outro exigindo o combate à corrupção.

Apesar da horizontalidade e do apartidarismo manifesto desde o início pelo MPL, no dia 17 de junho, não raro alguns manifestantes passaram a radicalizar repúdio aos partidos. Além disso, intimidação contra manifestantes que se encontravam caracterizados com vestes e bandeiras de alguns partidos, sobretudo os de esquerda, começou a ocorrer. Em Brasília, o teto do Congresso Nacional foi tomado por vários participantes. Além disso, em Belo Horizonte, mais de 20 mil pessoas tentaram forçar um protesto em frente ao Estádio do Mineirão, por ocasião do jogo entre Nigéria e Taiti, pela Copa das Confederações. Isso implicou no confronto com os policiais das tropas de choque que empregaram, além de força física, o uso de munições de borracha, granadas de gás lacrimogêneo e as chamadas bombas de "efeito moral", de forte estampido intimidativo.

Ainda no dia 17 de junho, em São Paulo, a equipe do jornalista Caco Barcellos, da Rede Globo de Televisão, sofreu intimidação de alguns manifestantes mais exaltados, quando tentava realizar a cobertura para o programa "Profissão Repórter". Apesar da atitude não ter sido aprovada pela maioria, Barcellos precisou se retirar, sob o argumento de que desde a

ditadura militar não era impedido de realizar seu trabalho<sup>252</sup>. Já no Rio de Janeiro, o final da manifestação foi notabilizado pelo entrincheiramento de aproximadamente 80 policiais militares no Palácio Tiradentes, visto os ataques enfiados de parte dos ativistas, inclusive com uso de coquetel molotov, um explosivo de fabricação caseira a base de inflamáveis<sup>253</sup>.

Apesar destas peculiaridades mais notáveis no dia 17 de junho, até aquele momento é possível identificar que as manifestações ainda conservavam um caráter predominantemente popular e com um viés de esquerda. Embora tal afirmação pareça contraditória, pode ser esclarecida. Neste caso, o apartidarismo dos manifestantes não implicava imparcialidade política. Se for tomada uma das origens clássicas do sentido político de direita e esquerda a partir da Revolução Francesa iniciada em 1789, é possível interpretar que, majoritariamente, os movimentos eclodidos a partir da Primavera Árabe, de algum modo interligados pelo já tratado "mal-estar", segundo Zizek, foram mais de esquerda, não sendo diferente no Brasil.

Analogamente ao julgamento do Rei Luis XVI, em 1793, na França, em que os defensores da monarquia (situação) permaneceram à direita, enquanto os que almejavam mudanças e exigiam sua execução (oposição) ficaram à esquerda, considerando as abordagens até aqui promovidas, é correto afirmar que os manifestantes assumiram posições contrárias à situação a qual estavam sendo submetidos. Suas reivindicações, via de regra, expressavam inconformismo contra o *status quo* da atual fase do capitalismo, suas formas de atuação globais e apropriação dos Estados Nacionais, embora não propriamente contra o sistema em si. Em outros termos, o desejo de mudanças, a ideia simbólica de fazerem parte de um conjunto de pessoas inscritas em 99% de explorados em benefício de 1% de abastados, ainda que na prática as coisas sejam mais complexas que esse reducionismo, exprimem aos manifestantes uma condição de serem mais de esquerda naquele momento, apesar de uma certa descrença em relação às representações partidárias e sindicais<sup>254</sup>.

Corroborando com o exposto, de acordo com Milkman, Luce e Lewis, "pesquisas realizadas junto aos participantes do Occupy Wall Street, indicaram que muitos dos

---

<sup>252</sup> GALHARDO. Caco Barcellos é Hostilizado por Manifestantes em São Paulo. IG - *Último Segundo*. Site.

<sup>253</sup> JORNAL NACIONAL. Edição de 17 de junho de 2013.

<sup>254</sup> Embora o julgamento do Rei Luis XVI tenha sido tomado, neste ponto do texto, como pequeno exemplo ilustrativo para procurar diferenciar esquerda e direita, evidentemente a discussão acerca deste embate é muito mais complexa. Neste sentido, segundo Norberto Bobbio, pensador que se ocupou sobre o assunto, "a contraposição entre direita e esquerda representa um típico modo de pensar por díades, a respeito do qual já foram apresentadas as mais diversas explicações, sejam psicológicas, sociológicas, históricas e mesmo biológicas". BOBBIO. *Direita e Esquerda*, p.32. Entretanto, como esta tese trata de uma temática ligada a posições da direita brasileira em meio ao campo político, sobretudo no que tange ao antipetismo e a consequente emergência do Bolsonarismo, sua expressão mais extremista, algumas definições podem ser encontradas nas páginas 29, 99 e 100. Para além disso, uma discussão mais ampla sobre a dicotomia entre direita e esquerda, pode ser encontrada na mesma obra de Norberto Bobbio, supracitada.

manifestantes já tinham experiência em participar de manifestações, em geral de esquerda"<sup>255</sup>. No caso do Brasil, uma breve investigação acerca de algumas lideranças do MPL, também permite afirmar que a maior parte, apesar do alegado apartidarismo do Movimento, historicamente foram atuantes em outras formas de manifestações de esquerda. Assim, "semelhanças e diferenças à parte, os jovens que saíram às ruas nos Estados Unidos (...) e no Brasil se viam (...) como uma "geração de jovens que obedeceram às regras do jogo e não viram os frutos dos seus esforços"<sup>256</sup>.

Admitindo como correta ou no mínimo aceitável essa interpretação do viés de esquerda inscrita nestas primeiras manifestações, seria uma "ingenuidade pensar que o Estado burguês não reagiria as manifestações" para defender o poder do dinheiro, se valendo de suas representações institucionais, do direito do uso da violência legal por meio de suas forças de coerção, do apoio da mídia tradicional e de uma aliança com parte da classe média inscrita à direita no campo político, aterrorizada pelas reivindicações e conquistas sociais do subproletariado por ela explorado<sup>257</sup>.

Sobre a atuação dos meios de comunicação nesse processo, é importante salientar o papel da chamada "velha mídia" em relação às novas, uma vez que, nas "sociedades contemporâneas, não obstante a velocidade das mudanças tecnológicas", a influência da televisão, da rádio, dos jornais e das revistas ainda é expressiva<sup>258</sup>. Nesse sentido, embora as manifestações tenham sido convocadas por meio das redes sociais através da internet, os agentes sociais nela inscritos "ainda [dependiam] da velha mídia para alcançarem [maior] visibilidade pública naquele momento, isto é, para serem melhor incluídos no espaço formador da opinião pública"<sup>259</sup>. No mais, "na vida cotidiana de um jornal, de uma rádio, de uma televisão (...) a vida política do país" ainda se vê "refletida", apesar do crescente ativismo político a partir dos meios de comunicação digitais. Desta feita, "com todas as deformações que se queira", ainda é possível identificar, a partir da mídia tradicional, "o jogo que é jogado no mundo político"<sup>260</sup> ou campo político, segundo a teoria de Bourdieu.

---

<sup>255</sup> MILKMAN; et.al. Apud UCHOA. O Que o ... "Occupy" Tem a Ver Com os Protestos no Brasil. *BBC Brasil*. Site.

<sup>256</sup> MILKMAN; et.al. Apud UCHOA. O Que o ... "Occupy" Tem a Ver Com os Protestos no Brasil. *BBC Brasil*. Site.

<sup>257</sup> ALVES. *Ocupar Wall Street ... E Depois?*, p. 38.

<sup>258</sup> LIMA. *Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação*, p. 89.

<sup>259</sup> LIMA. *Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação*, p. 90. Grifo nosso. Embora seja inegável a contribuição dos grandes meios de comunicação no que concerne à formação da opinião pública, conforme entende Venício Lima, é preciso ressaltar que a relativização é necessária, visto o texto do autor ter sido escrito em 2013, momento em que os novos meios de comunicação e informação a partir da internet, embora já importantes, não tinham a mesma notoriedade e capacidade de alcance público como em 2013.

<sup>260</sup> JEANNENEY. *A Mídia*, p. 225.

Realizadas tais considerações, no início das Jornadas de Junho, quando seu movimento não era necessariamente contra o Governo Federal, apesar das insatisfações, a cobertura realizada pelos grandes meios de comunicação lhes conferiram um aspecto de marginalização, conforme já discorrido aqui. Contudo, na medida em que elas foram se ampliando e angariando outros agentes sociais, esta mesma grande mídia tradicional, no Brasil controlada por poucas famílias, foi adequando a publicidade conforme seu jogo de interesses e de seus patrocinadores.

Destarte, no que tange à mídia tradicional, o que começou "com veemente condenação, transformou-se da noite para o dia em uma tentativa de cooptação" das manifestações, com o intuito de instigar novas pautas alheias às motivações iniciais, sobretudo a partir de 17 de junho<sup>261</sup>. Neste sentido, a "velha mídia" identificou "também uma oportunidade de 'desconstruir' as inegáveis conquistas sociais dos últimos anos em relação ao combate à desigualdade, à miséria e à pobreza"<sup>262</sup>. Neste sentido, um exemplo notório foi o da Rede Globo de Televisão que, através do Jornal Nacional, o telejornal de maior audiência do Brasil, rapidamente adequou seu discurso em relação às manifestações, de modo a tomá-las como ponto de apoio contra o Governo Dilma.

Acerca da relação entre o Jornal Nacional e as manifestações, assim como no exemplo da Revista Veja já discorrido, o tom das abordagens era de depreciação e marginalização<sup>263</sup>. Todavia, a partir da edição de 17 de junho, a situação começou a mudar. Apresentado pela jornalista Patrícia Poeta, neste dia o telejornal destinou aproximadamente 15 minutos às manifestações. Ao contrário de outras coberturas, nesta edição, por diversas vezes foi ressaltado o caráter pacífico dos manifestantes, apesar dos episódios de violência já apontados. A tomada das ruas, antes uma balbúrdia que comprometia o direito de ir e vir dos cidadãos de bem, agora havia se transformado em uma expressão inerente à democracia. Além disso, a bandeira nacional passou a ser buscada o tempo inteiro em várias tomadas, bem como pessoas vestidas com a camisa da Seleção Brasileira de Futebol, de modo a quebrar a primazia do vermelho, cor representativa do MPL e historicamente do PT<sup>264</sup>.

Além do exposto, embora tenha sido explicitado por Érica de Oliveira, uma das lideranças do MPL, que o objetivo do movimento continuava a ser a revogação do aumento da tarifa do transporte coletivo, indiferente da proporção que aquilo viesse a tomar, a edição do telejornal procurou enfatizar outras pautas então alheias à proposta do Movimento, tais

---

<sup>261</sup> LIMA. *Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação*, p.92.

<sup>262</sup> LIMA. *Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação*, p.92.

<sup>263</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 89.

<sup>264</sup> JORNAL NACIONAL. Edição de 17 de junho de 2013.



como os anseios da população por maiores investimentos na saúde e na educação, a insatisfação com os gastos do governo com a Copa da FIFA e, "em sentido ainda abstrato", o combate à "corrupção". No mais, na interpretação de Patrícia Poeta, além do aumento da tarifa do transporte coletivo, as manifestações eram contra o "aumento do custo de vida" que, apesar de pertinente, não correspondia a nenhuma fala ou cartaz durante a cobertura. Além disso, embora tenha sido abordado acessoriamente os protestos contra a própria emissora, o incidente com o jornalista Caco Barcellos e sua equipe sequer foi mencionado<sup>265</sup>.

Segundo Jessé Souza, que acompanhou em seus estudos essa alteração de conduta da Rede Globo em relação às manifestações, o objetivo das coberturas do Jornal Nacional, a partir de então, passou a ser ditar as pautas com o propósito de procurar "federalizar o movimento" contra o Governo Dilma e assim agir "abertamente como um partido político da elite do dinheiro". Daquela edição em diante, "bandeiras do Brasil e rostos pintados como nas 'Diretas Já', apareceram por todos os lados. Começava a criação estética e moral do movimento antigoverno federal capitaneado" não apenas pela Rede Globo, mas pela "grande imprensa" em geral. Assim, ao "invés de jovens estudantes", as manifestações foram gradualmente sendo apropriadas por "famílias de classe média com perfil de renda alta"<sup>266</sup>. As manifestações passaram a ser gradualmente "roubadas" da esquerda, por membros inscritos em segmentos da classe média ligados ao pensamento liberal e politicamente de direita<sup>267</sup>.

Apesar da revogação do aumento da tarifa do transporte coletivo em São Paulo, no dia 19 de junho, seguido por outras cidades, as manifestações não apenas continuaram como ganharam força. O MPL e outros grupos com vínculos mais populares, de menores rendas, começaram a se retirar, na proporção inversa da entrada de outros mais conservadores, de rendas mais elevadas, afeitos ao discurso neoliberal e contrários aos governos petistas desde o segundo mandato do Governo Lula. Desta feita, "palavras de ordem como 'muda Brasil', como forma cifrada de invocar a verdadeira bandeira - 'Muda (de governo) Brasil' - passaram a dominar o imaginário das manifestações"<sup>268</sup>.

Diante da situação, a Presidenta Dilma manteve uma conduta democrática e não aparelhou o Estado para sustentar o governo, ao contrário do que vem sendo observado em relação ao Governo Bolsonaro. Assim, Dilma "buscou canalizar as manifestações para tirar da imobilidade diversos projetos de interesse popular que se encontravam parados no Congresso, por conta do perfil conservador das duas casas". Destarte, no dia 24 de junho, após ter

---

<sup>265</sup> JORNAL NACIONAL. Edição de 17 de junho de 2013. Ver também: SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 90.

<sup>266</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, pp. 48,90e91.

<sup>267</sup> RAUH; SANTOS (Dir.); SANDALO (Prod.). *Não Vai Ter Golpe! O Nascimento de Um Brasil Livre*. MBL. Filme.

<sup>268</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 94.

recebido anteriormente representantes do MPL, a Presidenta promoveu uma reunião com os governadores e prefeitos de diversas cidades, para apresentar uma Agenda Positiva ao País. Por meio dela, o governo propunha transformar a prática da corrupção em crime hediondo, ampliar o atendimento médico nas redes públicas de saúde, inclusive valendo-se de profissionais estrangeiros em caso de necessidade, realizar reforma política, ampliar os investimentos em transportes coletivos e, dentre outras coisas, destinar parte dos royalties do petróleo e cem por cento do Pré-Sal para a educação<sup>269</sup>.

Segundo Jessé Souza, "foi uma resposta inteligente" do Governo Dilma, porém "tardia e pouco efetiva". Tais propostas sofreram reação de parlamentares, dos governadores dos Estados com receitas provenientes do petróleo e de investidores internacionais. No mais, apesar do discurso de parte da classe média conservadora contra a corrupção, essa não chegou a ser, de fato, uma das suas preocupações. Além disso, as propostas também "esbarraram no desinteresse" de uma parte significativa da grande "mídia" tradicional, que naquele momento experimentou certo "poder" para influenciar algumas agendas consideradas mais relevantes, não apenas para atender aos interesses das poucas famílias que a controla, como também dos grupos que as sustentam financeiramente, seja por meio de campanhas publicitárias, investimentos e créditos, dentre outros meios<sup>270</sup>.

Neste sentido, tomando novamente o exemplo do Jornal Nacional, no mesmo dia 24 de junho, ao invés de notabilizar os aspectos mais importantes da Agenda Positiva proposta por Dilma, optou por continuar "martelando" contra a PEC 37, seguindo os anseios das forças inscritas à direita no campo político<sup>271</sup>. A partir de então, os acontecimentos passaram a ocorrer de modo a "cooptar o alinhamento do aparelho jurídico-policia, com o objetivo de deslegitimar o Governo Federal"<sup>272</sup>. Assim, conforme compreende Jessé Souza, a direita saiu "do armário" e passou a se articular contra o Governo Dilma. Em meio a isso, as manifestações foram gradualmente sendo apropriadas por grupos tais como o MBL, que passaram a direcionar o caminho para o impeachment após a reeleição em 2014, assunto para o terceiro capítulo.

---

<sup>269</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 94.

<sup>270</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 94.

<sup>271</sup> RAUH; SANTOS (Dir.); SANDALO (Prod.). *Não Vai Ter Golpe! O Nascimento de Um Brasil Livre*. MBL. Filme.

<sup>272</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 94.

## CAPÍTULO 3

### O Movimento Brasil Livre - MBL: Origens, Discurso e Polêmicas

Da Sociedade Mont Pèlerin ao MBL: Os *Think Tanks* e o Avanço da Direita Liberal

Considerando as fontes utilizadas nesta tese, não seria exagero admitir que um dos diferenciais do Movimento Brasil Livre - MBL, em relação a outros grupos situados à direita do campo político brasileiro, foi o de conduzir o antipetismo dos meios políticos e das redes sociais para as ruas, após a reeleição de Dilma Rousseff. Disso, não por acaso, o "que começou com o Movimento Passe Livre - MPL em 2013, ter resultado no MBL em 2014"<sup>273</sup>. Como já discutido no segundo capítulo, as manifestações inscritas em pautas sociais de 2013, influenciadas pelos acontecimentos mundiais decorrentes da Primavera Árabe, foram gradativamente sendo apropriadas pela direita contra o Governo Dilma, com significativo apoio de vários meios de comunicação. Para Leonardo Avritzer, ao iniciar as manifestações em junho de 2013, o MPL "contribuiu para o desencadear da crise com sua incapacidade de politizá-las devido às fortes limitações de suas lideranças. A partir daí, a direita brasileira, que era envergonhada desde as suas derrotas durante a democratização, passou a ser desavergonhada"<sup>274</sup>. Todavia, seria um erro supor que a emergência de tais forças de oposição, a exemplo do próprio MBL, tenham ocorrido de modo imediato e espontâneo.

Segundo é possível apreender da tese de doutorado de Camila Rocha, intitulada *Menos Marx, Mais Mises*, a origem do MBL não pode ser dissociada do gradual trabalho de disseminação das ideias liberais no Brasil desde o final da década de 1940, em oposição ao intervencionismo varguista. Para ela, o advento de grupos como o MBL, bem como a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República, em outubro de 2018, "não foi um raio em céu azul, mas fruto da consolidação paulatina de uma nova direita brasileira que durou mais de uma década e que encontrou suporte em redes de contatos e organizações nacionais e estrangeiras construídas décadas atrás por intelectuais e acadêmicos pró-mercado"<sup>275</sup>.

Sobre a nova direita, segundo o cientista político Jorge Chaloub, ela se caracteriza antes de qualquer coisa, pela "clareza em se afirmar como pertencente à direita, algo que não se fazia", avaliação análoga a de Leonardo Avritzer. Outro aspecto a ela inerente, "é a centralidade de um discurso moral, dividindo o mundo entre bem e mal. Por isso, todas as

---

<sup>273</sup> METEORO DOC. *O Que é o MBL*. 15 de janeiro de 2019. Documentário.

<sup>274</sup> AVRITZER. *O Pendulo da Democracia*, pp. 143e144.

<sup>275</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", pp. 15e16.

posições que se assemelhem à esquerda são retratadas como patologias". Além disso, embora "heterogênea" e marcada pela conciliação entre "continuidades" com a direita tradicional e "descontinuidades" em relação a ela em alguns aspectos, conformam o "conservadorismo moral" com "liberalismo econômico". No mais, é preciso destacar sua "capacidade de articulação político-institucional" entre os "grupos", em parte "organizada em torno de *think tanks* com vínculos com o empresariado e a mídia". Não menos importante, também é relevante salientar sua "capacidade de renovar a linguagem e aproximar-se de um público desconfortável com a cena política tradicional, organizada em torno do centro". Neste sentido, é notória uma "preocupação em construir um discurso esteticamente mais atraente, que se vende como novo", particularmente a partir dos meios de comunicação ligados a internet<sup>276</sup>. Este é o caso do MBL, como será visto adiante.

Em termos internacionais, um dos marcos importantes no século XX, que cooperou para adaptar o pensamento liberal então vigente, foi a Sociedade Mont Pèlerin, na Suíça, fundada em 1947. Para tanto, cooperaram, Ludwig Von Mises, inscrito na Escola Austríaca de pensamento econômico e grande defensor do "libertarianismo"<sup>277</sup>, Milton Friedman, vinculado à Escola de Chicago e, dentre outros, Friedrich Hayek, ligado a ambas. Pautada formalmente pelos princípios de defesa da liberdade de expressão, livre mercado e valores políticos de uma sociedade aberta, tal Sociedade foi constituída desde sua origem, por intelectuais, políticos, economistas e capitalistas de diversos países, interessados em disseminarem as diversas correntes do pensamento liberal pelo mundo, ou como preferem seus críticos, o neoliberalismo, como tratado no segundo capítulo. Para tanto, uma das formas de atuação, foi a organização e financiamento dos chamados *think tanks*.

A expressão *think tank* não possui uma tradução literal para a língua portuguesa. Todavia, é comumente entendido como "laboratório de ideias". Embora historicamente tenham origens mais remotas, suas formas mais contemporâneas foram intensificadas nos Estados Unidos, na década de 1960. Em termos gerais, os *think tanks* podem ser compreendidos como "organizações civis privadas mantidas com doações de pessoas físicas e/ou jurídicas, que inicialmente reuniam especialistas e técnicos, normalmente recrutados junto a academia". Seus membros procuravam dedicar-se a "pesquisas e a divulgação de

---

<sup>276</sup> CHALOUB. Apud BILENKI. Grupos Vendem Direita Como Novo, Avalia Professor. *Folha de São Paulo*. Site. Ver também: AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, pp. 144a148.

<sup>277</sup> O "libertarianismo" prima pela radical defesa do capitalismo sem restrições de qualquer tipo, bem como a defesa moral e política da liberdade dos seres humanos, sem coação de uns pelos outros. ROCHA. *Menos Marx. Mais Mises*, p. 46. Os "libertarianos" ou "libertários", são considerados "ultra-liberais".

ideias no campo de políticas públicas de forma mais autônoma" e independente possível em relação a grupos de interesse específicos<sup>278</sup>.

Embora inicialmente os *think tanks* se caracterizassem mais pelo rigor científico, gradativamente passaram a "atuar no campo do ativismo político". Destarte, "a maior parte dos recursos materiais e humanos" recebidos pelas *think tanks* foram deixando de ser aplicados em pesquisas científicas destinadas à "educação da população" sobre diversas áreas, para ser investido em "ativismo" político. Assim, para "maximizar as possibilidades de influenciar os processos políticos", os *think tanks* passaram a refinar suas "estratégias de comunicação" e "análises de conjuntura", de modo a desenvolver "materiais de marketing para grupos políticos específicos" e "grandes meios de comunicação". Desta feita, o intento passou a ser procurar influenciar a "opinião pública", de modo a favorecer, no campo político, o pensamento de orientação liberal<sup>279</sup>.

Em termos teóricos, é possível dizer que o livro "*O Caminho da Servidão*", de Friedrich Hayek, publicado em uma versão condensada, em 1944, na revista *Reader's Digest*, foi um dos marcos da defesa do ideário do livre mercado, em um momento marcado pela aceitação do pensamento keynesiano<sup>280</sup>. Nesta obra, Hayek, ex-aluno de Mises, explicitou como tese central "que a descida à tirania é a trajetória final e inevitável de uma sociedade em que a soberania do indivíduo é subvertida na acumulação de poder econômico pelo Estado"<sup>281</sup>. Em outras palavras, o "aprofundamento da lógica 'coletivista' e 'estatista' que ampara o chamado Estado de Bem-Estar Social conduziria necessariamente" os países que o aplicassem ao "totalitarismo e, portanto, ao fim das liberdades individuais"<sup>282</sup>.

No Brasil, o livro de Hayek foi traduzido em 1946, incentivado pelo engenheiro Adolpho Lindenberg, primo de Plínio Corrêa de Oliveira, que criou em São Paulo a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade - TFP, em 1960, ligada a ala mais conservadora do catolicismo e que muito cooperou "no quadro da luta anticomunista dos anos 1960 e 1970"<sup>283</sup>. Seu objetivo ao estabelecer contato com Hayek, patrocinar e publicar seu livro no Brasil, era barrar o avanço da esquerda católica e suas principais pautas, a exemplo da reforma agrária<sup>284</sup>. Combativo anticomunista e contrário às reformas de base

---

<sup>278</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 49.

<sup>279</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 54.

<sup>280</sup> ONOFRE. *O Profeta e o Livro Sagrado do Livre Mercado*, p. 12

<sup>281</sup> SUTTON, Rob. How Covid paved the Road to Serfdom. *The Critic*. Site

<sup>282</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 51.

<sup>283</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, p. 149.

<sup>284</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 60

incentivadas pelo governo de João Goulart, pessoalmente ou através da TFP, muito cooperou para o golpe civil-militar de 1964.

Com o acirramento da Guerra Fria e seus impactos na América Latina em função da Revolução Cubana deflagrada em 1959, a disseminação do pensamento liberal no Brasil se conformou aos interesses do núcleo duro da direita anticomunista no campo político, inclusive significativa parcela da União Democrática Nacional - UDN, que chegou a estreitar seus contatos com os militares, através da "cúpula do partido"<sup>285</sup>. Nascida como uma frente de oposição à ditadura do Estado Novo, a UDN sempre conservou certa heterogeneidade, manifesta, entre outras coisas, em complexas visões sobre temas como desenvolvimento econômico e reforma agrária. No geral, em virtude do seu claro embate com o bloco nacionalista-reformista que se formou em torno de Vargas e que, apesar das diferenças, em certa medida teve continuidade com Juscelino Kubitschek e João Goulart, a sigla ficou mais conhecida como conservadora em termos de costumes e contrária ao intervencionismo estatal nos campos social e trabalhista, sobretudo em relação a governo deste último<sup>286</sup>.

Desta feita, uma das táticas consistiu em explorar a associação do seu governo ao imaginário comunista, inclusive através de caricaturas, como abordado por Rodrigo Patto Sá Motta, de modo a promover algum temor em meio à sociedade, sobretudo junto aos segmentos populacionais mais religiosamente conservadores, além de procurar ridicularizá-lo<sup>287</sup>. Para tanto, articuladas a Escola Superior de Guerra - ESG e a Central de Inteligência Americana - CIA, muito contribuíram o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais - IPES, bem como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD<sup>288</sup>.

---

<sup>285</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, pp. 231, 232 e 261.

<sup>286</sup> DREIFUSS. *1964: A Conquista do Estado*, p. 370.

<sup>287</sup> MOTTA. *Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura*. Passim. Mas ver principalmente as pp. 157a169.

<sup>288</sup> Organizados e destinados para atuarem como *think tanks* a serviço dos interesses da direita conservadora brasileira e do governo norte-americano em meio a Guerra Fria, ambos os institutos contaram com recursos financeiros provenientes deste, além de diversos empresários nacionais e estrangeiros. Fundado em 1959, por Ivan Hasslocher, com o apoio de empresários, a exemplo de Paulo Ayres Filho, que veio a ser membro da Sociedade Mont Pèlerin, o IBAD teve por papel a propaganda política anticomunista e o financiamento de campanhas eleitorais de políticos de direita. Para tanto, respectivamente foram criadas a revista *Ação Democrática* e a *Ação Democrática Popular - ADP*, ferrenhamente atuantes contra o governo de João Goulart, a partir de 1961. A participação do IBAD na campanha eleitoral de 1962, foi marcada pela agressividade da propaganda e abundância de recursos, fato que o levou a ser investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI e a consequente dissolução por meio de um "Decreto baixado pelo Presidente Goulart". No que concerne ao IPES, sua fundação ocorreu em 1961 pelo engenheiro e empresário Augusto Trajano de Azevedo Antunes. Porém, já no mesmo ano sua direção foi transferida ao general Golbery do Couto e Silva, professor da ESG e principal mentor da chamada "Doutrina de Segurança Nacional - DSN", que preconizava a aliança com os Estados Unidos na luta contra o avanço da influência soviética pelo mundo durante a Guerra Fria, bem como o papel do Brasil em coibir por todos os meios, a influência interna de quaisquer formas de pensamento que pudessem ser interpretadas como comunistas. Em termos de atuação, o Instituto também promoveu intensa campanha contra o Governo Goulart, em muitos casos, promovendo estudos estatísticos que lhe fossem

Apesar da importância histórica do IPES e do IBAD para a direita brasileira, sobretudo no que concerne à exploração do imaginário comunista em seu sentido mais nefasto contra as forças políticas situadas à esquerda no campo político, tais institutos não encerraram a atuação de *think tanks* no país. Ao contrário, apenas fomentaram a criação de outros, com propósitos análogos, paralelamente ao observado no ocidente europeu e nos Estados Unidos. Sobre o assunto, o estudo de Camila Rocha citado neste capítulo, tem sido tomado como referência por diversos pesquisadores, acerca da evolução do pensamento liberal e da direita no campo político brasileiro, particularmente no que se refere à formação e a atuação dos *think tanks*. Todavia, visto que o propósito aqui é tratar brevemente sobre o tema, de modo a favorecer melhor compreensão sobre as origens do MBL, não há maior razão para aprofundamentos, exceto naquilo que se presta a tese. Desta feita, quando se trata de ativismo político em defesa do pensamento liberal e politicamente de direita a partir de *think tanks*, internacionalmente um dos mais relevantes e que veio a estender sua atuação no Brasil, é o chamado Atlas Network, sediado nos Estados Unidos.

Inspirado pelas ideias de Hayek e sob sua orientação, o ex-piloto combatente da Segunda Guerra Mundial pela Royal Air Force - RAF, Antony George Anson Fischer, criou em 1955 o *Institute of Economic Affairs* - IEA, sediado em Londres. Em termos gerais, o IEA atuou de modo a difundir o "ideário pró-mercado" e desempenhou "papel fundamental na política britânica, não apenas no plano das ideias, mas também no da política profissional". Neste sentido, chegou a fornecer "assessores técnicos" ao governo de Margareth Thatcher, a partir de 1979, "influenciando, de forma importante, a adoção de reformas econômicas e sociais de cunho liberalizante colocadas em prática pela política conservadora"<sup>289</sup>.

A experiência e notoriedade alcançadas por Fischer, cooperaram para que ele fosse convidado a criar diversos outros *think tanks* em outros países. Assim, avaliando a necessidade de uma "espécie de *metathik tank* especializado em fomentar a criação de outras

---

desfavoráveis. Associando as propostas inscritas nas chamadas "Reformas de Base", intentadas por Goulart, ao comunismo, o IPES "utilizou os mais diversos meios de comunicação na defesa do discurso da 'democracia' e da livre iniciativa". Para tanto, "publicou artigos nos principais jornais do país, produziu uma série de filmes de 'doutrinação democrática' (...) financiou cursos, seminários, conferências públicas, publicou e distribuiu inúmeros livros, folhetos e panfletos anticomunistas", inclusive contra a União Nacional do Estudantes - UNE, "dirigido aos estudantes universitários, então tidos como um dos pilares da infiltração comunista". Mais longo que o IBAD, junto com ele, o IPES foi um importante instrumento golpista contra o governo Goulart, que culminou na instauração do regime militar em 1964. Sobre o assunto ver: MOTTA. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, pp. 241a243. Ver também: DREIFUSS. *1964: A Conquista do Estado*, pp. 293,302,304,307,318e319. Ver também: ROCHA. *Guerra Cultura e Retórica do Ódio*, pp. 275a277. Ver também: PAULA. *IBAD*. FGV - CPDOC. Ver ainda: PAULA. *IPES*. FGV - CPDOC. Para mais informações sobre o IPES e o IBAD, ver: DREIFUSS. *1964: A Conquista do Estado*, pp. 101a104 e 162a208.

<sup>289</sup> ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", p. 53. Ver também: MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*, p. 25.

organizações", de outros *think tanks* ligados ao pensamento liberal "pelo mundo", Fischer deu origem em 1981, na cidade de Washington, a *Atlas Economic Research Foundation*, que mais tarde veio a receber o nome fantasia de *Atlas Network*<sup>290</sup>. Financiada inicialmente por vários capitalistas vinculados à Sociedade Mont Pèlerin, em 1987, a Atlas Network fortaleceu ainda mais sua capacidade de ação, ao se associar ao *Institute of Humane Studies* - IHS, que contava com o apoio econômico dos bilionários empresários do ramo do petróleo, os irmãos David Hamilton Koch e Charles de Ganahl Koch<sup>291</sup>.

Com o propósito de exemplificar a força da Atlas Network, basta mencionar que, em 2013, ano em que eclodiram as manifestações do MPL no Brasil, sua receita declarada às autoridades norte-americanas foi de quase 12 milhões de dólares<sup>292</sup>. Deste, aproximadamente 600 mil dólares foram empregados na América do Sul, inclusive no Brasil, a exemplo do Estudantes Pela Liberdade - EPL, *think tank* a partir do qual o Movimento Brasil Livre - MBL foi criado no mesmo ano supracitado e não por acaso<sup>293</sup>. Tratar do EPL e do MBL, requer antes tratar um pouco sobre Fábio Maia Ostermann, um dos adeptos das ideias de Mises que, nos últimos anos, mais cooperou para difundir o "libertarianismo" no Brasil, seja através de vários *think tanks*, da política ou de atividades vinculadas ao ensino.

Filho de empresários, advogado, economista, também graduado em Liderança para a Competitividade Global, pela Georgetown University e em Políticas Públicas pela Leadership Academy for Development ligada à Stanford/Johns Hopkins University, ambas nos Estados Unidos, além de mestre em Ciência Política, pela PUC do Rio Grande do Sul, o gaúcho Ostermann, nascido em 1984, se encaixa no "modelo de homem neoliberal", para o qual "tanto os direitos de cidadania como os próprios problemas sociais", devem ser "transferidos para a esfera individual pela legitimação meritocrática da sociedade"<sup>294</sup>. Em outros termos, ele é um típico abastado que apoia uma "ideologia neoliberal" pautada por uma "espécie de darwinismo social", criticada por Bourdieu<sup>295</sup>.

---

<sup>290</sup> CASIMIRO. *A Nova Direita*, p. 398.

<sup>291</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", pp. 57e58.

<sup>292</sup> CASIMIRO. *A Nova Direita*, p. 399.

<sup>293</sup> No Brasil, constam como parceiros da Atlas Network, além do EPL, os seguintes *think tanks*: Instituto de Estudos Empresariais (Porto Alegre), Instituto de Formação de Líderes (Belo Horizonte), Instituto Liberal (Rio de Janeiro), Instituto Liberal de São Paulo, Instituto Liberdade (Porto Alegre), Instituto Ludwig Von Mises Brasil (São Paulo), Instituto Millenium (Rio de Janeiro), Líderes do Amanhã Institute (Vitória), Mackenzie Center For Economic Freedom (São Paulo), Students For Liberty Brasil (São Paulo), Instituto Atlantos (Porto Alegre), Instituto de Formação de Líderes (Belo Horizonte), Instituto de Formação de Líderes de Santa Catarina (Santa Catarina), Instituto de Formação de Líderes-SP (São Paulo), LIVRES (Rio de Janeiro). MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*, p. 26.

<sup>294</sup> CASIMIRO. *A Nova Direita*, p. 393.

<sup>295</sup> BOURDIEU. *Contrafogos*, p. 58.



Antes do EPL e do MBL, Ostermann cooperou para criar no Brasil, em 2009, o Instituto Ordem Livre. Para tanto, valeu sua experiência como estagiário em uma congênere de mesmo nome, ligada ao Cato Institute, outro *think tank* norte-americano, através do programa *Koch Summer Fellow Program*, em 2008<sup>296</sup>. Através deste Instituto, no mesmo ano de sua fundação, foi desencadeado o projeto chamado "Liberdade na Estrada", financiado, dentre outros, pelo Grupo Localiza. Tal projeto, que teve várias edições, destinou-se a promover "palestras" de conteúdo liberal por "intelectuais" em quase 50 universidades distribuídas em mais de 30 cidades pelo país. Para Camila Rocha, "o 'Liberdade na Estrada' ajudou a conectar ainda mais a militância pró-mercado distribuída pelo território nacional"<sup>297</sup>.

Em termos partidários, Ostermann fez parte do Partido Novo, em 2013, criado pelo empresário João Amoedo anos antes. Em 2016, fundou o LIVRES, após ter saído do Novo e ter rompido com o MBL no ano anterior, por razões que serão abordadas. Movimento político mais "libertariano", o LIVRES passou a ter atuação associada ao Partido Social Liberal - PSL, no mesmo ano de sua fundação, após a filiação de Ostermann. Com ele, o PSL criado pelo empresário Luciano Bivar, se fortaleceu a partir do ingresso de muitos outros ultraliberais, também adeptos do libertarianismo de Mises. Todavia, a filiação de Jair Bolsonaro ao Partido para concorrer às eleições presidenciais de 2018, bem como as consequentes pautas conservadoras no campo dos costumes trazidas por ele e seu eleitorado, cooperaram para a saída de Ostermann e seu LIVRES.

Após sair do PSL, Ostermann acabou retornando ao Novo. Por este Partido, candidatou e se elegeu deputado estadual pelo Rio Grande do Sul, em 2018. Quanto ao LIVRES, uma vez desvinculado do PSL, permaneceu ativo como movimento civil em defesa do libertarianismo, dentro dos princípios liberais ligados à Escola Austríaca. Todavia, pelo menos formalmente, passou a se posicionar de modo suprapartidário, tendo Ostermann como um de seus principais representantes, para além do seu mandato parlamentar e envolvimento com o Estudantes Pela Liberdade.

O EPL, que em sua página oficial oferece de modo destacado um curso intitulado *Introdução à Escola Austríaca*, ministrado pelo economista libertário norte-americano Richard Ebeling<sup>298</sup>, é um *think tank* apresentado "publicamente" em 2012, no Fórum da Liberdade, "principal evento da agenda liberal no Brasil" e que, em 2013, foi encerrado aos

---

<sup>296</sup> AMARAL. A Nova Roupa da Direita. *Agência Pública*. Site

<sup>297</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", pp. 145e146.

<sup>298</sup> ALL COURSES. Introdução à Escola Austríaca. *EPL*. Site

gritos de "Fora Dilma" e "Fora PT"<sup>299</sup>. Sediado em Belo Horizonte, foi fundado por Fábio Ostermann, Juliano Torres e Anthony Ling<sup>300</sup>. Um dos principais focos de atuação do EPL é o "recrutamento de jovens universitários para a composição de novos quadros de intelectuais orgânicos da ideologia de mercado"<sup>301</sup>. Para tanto, a estratégia de recrutamento envolve "desde a organização de grupos de estudos, elaboração e distribuição de materiais panfletários e didáticos", disputa pelo "controle de centros acadêmicos", além de "workshops em escolas", participação em "eventos", campanhas publicitárias, fornecimento de "recursos educacionais", tais como "livros e apostilas", bem como provendo "premiações" para grupos que realizem bons trabalhos dentro da lógica liberal<sup>302</sup>.

É possível dizer que o EPL tem suas "raízes lançadas em tradicionais aparelhos privados de hegemonia de caráter doutrinário", a exemplo do "Instituto Liberal, do Instituto de Estudos Empresariais, do Instituto Liberdade e do Instituto Millenium", além do Instituto Von Mises Brasil. Quanto à sua "vinculação externa, o EPL configura-se como uma versão brasileira do Students for Liberty" norte-americano. Segundo sua "própria organização, o EPL seria parceiro da Atlas Network, International Federation of the Liberal Youth, Students For Liberty Network e membro associado da Economic Freedom Network Fraser Institute" e, dentre outros, possui conexões com a "Property Rights Network"<sup>303</sup>.

Financiado por diversas organizações internacionais, a exemplo das citadas Atlas Network e Students for Liberty<sup>304</sup>, por uma questão tributária nos Estados Unidos, apesar de considerável leque de atuações, era vedado ao EPL a participação em atividades políticas, a

---

<sup>299</sup> AMARAL. *A Nova Roupa da Direita*. Site

<sup>300</sup> AMARAL. *A Nova Roupa da Direita*. Site. Juliano Torres é mineiro, publicitário e partidário do libertarianismo inerente a escola austríaca, tanto em sua vertente ligada a Mises e Hayek, quanto sua variante mais radical ligada a Murray Rothbard. Neste ponto, se diferencia um pouco de Fábio Ostermann, defensor de um libertarianismo mais moderado, dentro do campo ultraliberal. No que tange ao EPL, Torres assumiu direção executiva, no momento de sua fundação. Anthony Ling faz parte de uma "família de intelectuais orgânicos do neoliberalismo". De origem chinesa, a família Ling faz parte do Conselho de Administração do Grupo Petropar SA". Seu pai, William Ling, foi fundador e primeiro presidente do Instituto de Estudos Empresariais - IEE, membro e presidente do Conselho Fiscal do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, membro do Conselho de Administração do Instituto Liberdade e do Conselho de Mantenedores do Instituto Millenium e, dentro outros, fundou o Instituto Ling. Anthony Ling é formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, associado ao IEE, articulista do Instituto Millenium e colaborou nas iniciativas do Seasteading Institute, Blueseed e Future Cities Development. Sobre Juliano Torres e Anthony Ling, ver: CASIMIRO. *A Nova Direita*, pp. 396a398.

<sup>301</sup> CASIMIRO. *A Nova Direita*, pp. 394e395.

<sup>302</sup> CASIMIRO. *A Nova Direita*, pp. 395e401.

<sup>303</sup> CASIMIRO. *A Nova Direita*, pp. 398e399.

<sup>304</sup> Criado em 2008, o Students For Liberty "é uma rede "liberal" com foco em doutrinação estudantil "em todo mundo". Consta como sua missão, "educar, desenvolver e empoderar as próximas gerações de líderes da liberdade". Atribui-se como a "maior organização estudantil pró-liberdade do mundo". Sua estratégia visa identificar e capacitar "os principais líderes estudantis (...) para serem agentes de mudança em suas comunidades". MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*, p. 27.

exemplo das que fervilharam pelo Brasil em 2013, como tratado no segundo capítulo. Percebendo o impasse face ao momento oportuno de ocupação das ruas, alguns integrantes do EPL decidiram criar um movimento para tal propósito. Assim surgiu o MBL. Sobre o assunto, Juliano Torres, em entrevista concedida a Marina Amaral da *Agência Pública* de jornalismo investigativo, esclareceu:

Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students For Liberty, por uma questão de imposto de renda lá [nos Estados Unidos], eles não podem desenvolver atividades políticas [diretas]. Então a gente falou: ‘Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre’<sup>305</sup>.

Destarte, Juliano Torres e Fábio Ostermann, se juntaram a alguns outros integrantes do EPL e criaram a logomarca inicial do MBL, bem como desencadearam uma campanha através do *Facebook*, de modo a mobilizarem pessoas a participarem das manifestações. Segundo Ostermann, a ideia do MBL veio da necessidade de criar um "movimento focado exclusivamente em ativismo" a partir de pessoas identificadas com o pensamento liberal e politicamente de direita, para "fazer protestos, petições e manifestações" de rua que pudessem chamar a atenção da "mídia". Para ele, visto que os *think tanks*, por diversas razões, não poderiam se envolver diretamente com isso, o Movimento Brasil Livre terminou por ser a maneira encontrada para "canalizar entusiasmos" e fomentar a participação de todos aqueles que ansiavam por isso, em 2013<sup>306</sup>.

Analisando fonte análoga, Flávio Casimiro explicita de forma muito clara a principal razão para o EPL ter criado a marca MBL para "participar das manifestações de rua", ao invés de atuar diretamente neste sentido. Segundo ele, o propósito foi evitar "comprometer as organizações estadunidenses que são impedidas de doar recursos para ativistas políticos pela legislação da receita americana (Internal Revenue Service - IRS)", a exemplo dos principais mantenedores financeiros do EPL<sup>307</sup>. E não eram poucos os recursos.

Segundo reportado por Juliano Torres, só em 2015, ano marcado por manifestações do MBL favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff, o "budget" (orçamento) do EPL atingiu aproximadamente "300 mil reais" em doações. Isso, fora outras formas de doações para custeios de bolsas de estudos e viagens de alguns de seus membros para os Estados

---

<sup>305</sup> AMARAL. A Nova Roupa da Direita. *Agência Pública*. Site. Grifo nosso. Ver também: CASIMIRO. *A Nova Direita*, p. 405.

<sup>306</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 161.

<sup>307</sup> CASIMIRO. *A Nova Direita*, p. 402.

Unidos, destinadas à participação em conferências, palestras, reuniões, treinamentos e estágios. Tal foi o caso já citado do Fábio Ostermann, não sendo diferente com o próprio Juliano Torres. Dentre outros, Kim Kataguirí, que veio a ser um dos nomes mais conhecidos do MBL após as eleições de 2014, também foi um dos membros "treinados" pelo EPL, que chegou a frequentar eventos internacionais promovidos pela Students For Liberty <sup>308</sup>.

Todavia, embora a participação do incipiente MBL em meio às manifestações de junho de 2013 tenha evidenciado aos membros do EPL a viabilidade de reunir um grande número de pessoas nas ruas "para protestar por pautas que não fossem de esquerda", a página do movimento no *Facebook*, que então contava com aproximadamente 10 mil curtidas, foi abandonada por seus fundadores ao final do mesmo ano, visto outras demandas apresentadas. No caso de Juliano Torres, as ocupações inerentes ao cargo de Diretor Executivo do EPL, dificultaram o dispêndio de tempo necessário a ser dedicado ao MBL. Já Fábio Ostermann, optou por se engajar na campanha eleitoral a Deputado Estadual pelo Rio Grande do Sul, do seu amigo Marcel Van Hattem, outro abastado meritocrático ultra-liberal a exemplo dele, na época filiado ao Partido Progressista - PP<sup>309</sup>.

Entretanto, quando o curso dos acontecimentos parecia representar o fim precoce do MBL, a busca dos membros do EPL para evitar que isso ocorresse, terminou ao encontrarem os irmãos Renan Antônio Ferreira dos Santos e Alexandre Henrique Ferreira dos Santos. Inscrito em uma família ligada a diversos empreendimentos, Renan Santos ou "Hass", como também é conhecido, nasceu em Vinhedo - SP, em 1984. Embora defensor da privatização das universidades públicas em meio ao liberalismo econômico, possui formação em Direito

---

<sup>308</sup> AMARAL. *A Nova Roupa da Direita*. Site. Segundo Juliano Torres em 2015, "o Kim é membro do EPL, treinado" por ela. "Inclusive, vai participar de um torneio de pôquer filantrópico que o Students For Liberty organiza em Nova York para arrecadar recursos. Ele vai ser um palestrante. E também na conferência internacional em fevereiro [2016] ele vai ser palestrante".

<sup>309</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 162. Descendente de holandeses, Marcel Van Hattem é gaúcho. Coursou ensino médio no Colégio Marista Pio XII, na cidade de Novo Hamburgo e Relações Internacionais na UFRGS. Aos 18 anos foi eleito vereador do município de Dois Irmãos - RS. Como Fábio Ostermann, participou do Programa de Liderança para a Competitividade Global, pela Georgetown University. Concorreu a Deputado Estadual em 2014 e foi diplomado primeiro suplente do Partido Progressista - PP, vindo a assumir em fevereiro de 2015. Possui mestrado em Ciência Política pela Leiden University, da Holanda, bem como mestrado em Jornalismo, Mídia e Globalização, com especialização em Mídia e Política, pela Aarhus University, da Dinamarca e pela University of Amsterdam. Em 2018, filiado ao Novo, foi eleito o Deputado Federal mais bem votado pelo Rio Grande do Sul. É um defensor do pensamento liberal em termos econômicos e tem votado majoritariamente em conformidade com as prerrogativas do Governo Bolsonaro. Foi um grande incentivador das ações do MBL contra o governo de Dilma Rousseff, a ponto de Kim Kataguirí chegar a dizer ser ele o único político realmente alinhado com o Movimento. Sobre Van Hattem, ver: HATTEM, Marcel Van. Biografia. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/156190/biografia>. Acesso em 20 de janeiro de 2022. Ver também: AMARAL. *A Nova Roupa da Direita*. Site.

pela Universidade de São Paulo - USP. Filiado ao PSDB entre 2010 e 2015 "para combater o Governo Dilma", desde a graduação "fazia oposição ao PT" através "da política estudantil"<sup>310</sup>.

Ao realizar uma busca pelo nome de Renan Santos na internet, os primeiros sites que o constam são relacionados a problemas com a Justiça. Considerando levantamento realizado em fevereiro de 2021, ele constava como "réu", sozinho ou associado a outros familiares, a exemplo do pai, Mário Jorge Ferreira dos Santos, em pelo menos 16 ações cíveis e mais 45 processos trabalhistas, a maioria junto ao Tribunal de Justiça de São Paulo - TJSP, "incluindo os que estão em seu nome ou das empresas de que é sócio", a exemplo da "Martin Artefatos de Metal". Em termos de acusações, boa parte incluí "fechamento fraudulento de empresas, dívidas fiscais, fraude contra credores, calote em pagamento de dívidas trabalhistas e ações de danos morais, num total de 4,9 milhões de reais"<sup>311</sup>.

Sobre Alexandre Santos, crítico de Getúlio Vargas por avaliar ter sido ele "um dos caras que realmente acabaram com a economia do Brasil", em razão da criação da "CLT" e da "justiça trabalhista"<sup>312</sup>, também existem diversos processos em que aparece como "réu", sejam associados ao próprio irmão Renan Santos, outros familiares ou sócios em empreendimentos. Embora, dentre outras coisas, atue como cineasta e assim seja considerado pelos membros do MBL<sup>313</sup>, até onde a pesquisa avançou, Alexandre Santos, também conhecido como "Salsicha", iniciou curso de Comunicação Social na Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP, em 2013. Todavia, não chegou a concluir o curso e sua passagem pela Fundação terminou por lhe render outro processo na justiça paulista, "por não pagamento de mensalidades"<sup>314</sup>.

Relacionado a Alexandre Santos, o processo da FAAP por dívida na área educacional não foi o primeiro. Por falta de pagamento de mensalidades então devidas ao Colégio Sérgio Buarque de Holanda LTDA, onde ele cursou o ensino médio, seu pai também teve processo movido em 2014, com "baixa" em abril de 2021<sup>315</sup>. No caso da FAAP, o processo, até onde pesquisado, não havia sido encerrado. Neste caso, é no mínimo curioso que um filho de

---

<sup>310</sup> MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*, p. 33.

<sup>311</sup> LOPES; SEGALLA. Líder do MBL Responde a Mais de 60 Processos e Sofre Cobrança de 4,9 Milhões de Reais. *UOL São Paulo*. Site. Ver também: SEGALLA; ROSSI; BETIM. Renovação Liberal: A Associação Familiar Para Onde Vai o Dinheiro do MBL. *El País*. Site. Processo nº 1064799-70.2016.8.26.0100. Consulta de Processos de Segundo Grau realizada em 04 de março de 2021.

<sup>312</sup> SANTOS. *A Lacrada da Ancine!* MBL. Site.

<sup>313</sup> SANTOS. *O Que é o MBL?*. MBL. Vídeo

<sup>314</sup> TJSP. Processo nº 1064799-70.2016.8.26.0100. Até onde os trabalhos de pesquisa puderam acompanhar o desfecho do Processo, em 2018 ele ainda não havia sido encerrado. Neste sentido, em dezembro do ano em questão, segundo uma reportagem, enquanto "Salsicha" dava um "rolê" com a família pela Europa, a Justiça procurava Alexandre Henrique Ferreira dos Santos, em seus endereços possíveis no Brasil, para tentar "entregar o boleto". SEGALLA. Fundador do MBL dá Calote em Faculdade e Foge da Justiça. *Carta Capital*. Site.

<sup>315</sup> TJSP. Processo nº 1003389-82.2014.826.002.

empresário, inscrito na classe média, defensor, tal qual o irmão, da privatização do ensino público, tenha tido dificuldades para arcar com o ensino privado na busca pela ampliação do seu capital cultural, de que trata Bourdieu.

Apesar da breve passagem pela FAAP, Alexandre teve contato com algumas pessoas ali, que vieram a ser úteis aos seus intentos com Renan naquele momento, tais quais o publicitário catarinense Fred Rauh, o ator paulista Gabriel Sândalo Calamari, que veio a participar em 2017 da série *teen* Malhação, da Rede Globo, além do estudante de Publicidade e cantor paranaense Pedro D'eyrot. Disso, em 2013, os irmãos Santos criaram a incipiente "associação privada", intitulada "Movimento Renovação Liberal - MRL", também chamada de "Renova". Em seu Estatuto, registrado no ano seguinte, consta como "finalidade" do MRL no Artigo 2º do Capítulo I:

Apoiar e desenvolver ações para a defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, bem como o fortalecimento da democracia brasileira, através das atividades de divulgação de ideias liberais, promoção de simpósios e eventos, publicação de livros, organização de manifestações e formulação de políticas públicas<sup>316</sup>.

Em 2015, o MRL foi registrado com o CNPJ nº 22.779.685/0001-59. Sediado à Avenida Brigadeiro Luis Antônio, nº 487, Conjunto 71, bairro Bela Vista, São Paulo - SP, seu quadro de associados foi constituído por quatro pessoas, sendo três membros da família Santos, a saber, os já citados Renan e Alexandre, bem como a irmã, Stephanie Liporacci Ferreira dos Santos que, embora conste como Presidenta do MRL, vivia na Alemanha. Em termos de recursos, o intento do MRL era vir a constituir uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP, de modo a viabilizar doações privadas que pudessem ser debitadas do imposto de renda. Todavia, até onde a pesquisa pôde apurar, o cadastro necessário junto ao Ministério da Justiça, responsável por realizá-lo de modo a viabilizar o funcionamento enquanto tal, não dispõe de registros<sup>317</sup>. Contudo, antes de tratar das polêmicas envolvendo o MRL, é preciso voltar aos seus primórdios no já citado ano de 2013, quando iniciou as atividades que veio a favorecer contato entre seus membros e alguns integrantes do EPL, em torno do MBL.

Ligada e sediada no mesmo endereço do MRL, também em 2013, os irmãos Santos, Alexandre e Renan, em parceria com Pedro D'eyrot, criaram uma produtora chamada NCE Filmes (nome fantasia "2013 Filmes"), com o propósito de atuarem no mercado privado de

---

<sup>316</sup> MRL. *Estatuto*. PDF.

<sup>317</sup> SEGALLA; ROSSI; BETIM. Renovação Liberal: A Associação Familiar Para Onde Vai o Dinheiro do MBL. *El País*.

publicidade, sobretudo no campo político<sup>318</sup>. Na ocasião, a expansão das atividades do Renova pelo interior de São Paulo, possibilitaram o contato dos irmãos Santos com o advogado e político de Vinhedo, Rubens Alberto Gatti Nunes Filho, conhecido como Rubinho. Filho de político e de uma comerciante, também formado em Ciências Sociais, passou pela PUC - Campinas e pela Mackenzie. Foi através dele, que a produtora NCE firmou contrato com o empresário Paulo Márcio Batista, para desenvolver seu primeiro trabalho publicitário em uma campanha eleitoral, que cooperou para o acúmulo de experiências que mais tarde vieram a ser usadas contra o Governo de Dilma Rousseff, em meio ao MBL<sup>319</sup>.

Empresário do setor imobiliário e defensor do "libertarianismo", Paulo Batista se candidatou a Deputado Estadual em São Paulo pelo Partido Republicano Progressista - PRP. Embora formalmente candidato por este Partido, descrito como sendo conservador de centro-direita, Paulo era entusiasta do "Líber" ou "Partido Libertários". De tendência libertária em termos econômicos e civis, bem como situado à extrema direita no campo político, o Líber foi inspirado em sua congênere norte-americana e tenta, desde 2009, preencher os requisitos necessários para sua formalização junto ao Tribunal Superior Eleitoral - TSE, inclusive o número mínimo de assinaturas de filiação. Dentre as propostas de Paulo inscritas no Líber, a síntese é a defesa do "livre mercado e a privatização de tudo, educação, saúde, transporte (...), exceto a "segurança", as forças de coerção do Estado. Afinal, para ele, a "liberdade" e o "direito a propriedade privada" devem ser resguardados"<sup>320</sup>.

Durante sua campanha, que integrou pessoas ligadas ao Líber, ao MRL e a produtora NCE, houve provocações a partidos de esquerda, a exemplo do PT, manifestações igualmente provocativas em frente às embaixadas da Venezuela e de Cuba, bem como associação do uso da maconha a estudantes universitários de esquerda, dentre outras coisas. Todavia, nenhuma outra estratégia de marketing lhe rendeu mais notoriedade que os vídeos inerentes ao "raio privatizador"<sup>321</sup>. Tais vídeos da campanha, divulgados principalmente pelas redes sociais, foram "produzidos por Alexandre Santos" em parceria com Rafael Rizzo, um produtor fonográfico formado pela Universidade Anhembi Morumbi, que veio depois a integrar o MBL. Neles, Paulo era mostrado lançando "raios privatizadores" com os olhos, em monstros

---

<sup>318</sup> Até onde foi possível pesquisar sobre a NCE, sua condição mais recente apresenta Frederico Schmitt Rauh, ligado ao MBL, como sócio. Sua razão social consta como NCE Serviços de Filmagens Eireli, CNPJ 19.154.926/0001-60, nome fantasia NCE Company. Apesar de alterações de nomes e endereços, consta como aberta desde 29 de outubro de 2013. Seu endereço atual é rua Flórida, 1703, conjunto 62, bairro Cidade Monções, São Paulo-SP. Informações disponíveis em: <https://cnpj.rocks/cnpj/19154926000160/nce-servicos-de-filmagens-eireli.html>. Acesso em 31 de janeiro de 2022.

<sup>319</sup> RAUH; SANTOS (Dir.); SANDALO (Prod.). *Não Vai Ter Golpe!* MBL Filmes. Documentário.

<sup>320</sup> TV FOLHA. Candidato do 'Raio Privatizador' Diz que Não é Nenhum Tiririca. *Folha de São Paulo*. Site.

<sup>321</sup> PRIVATIZA MEU AMOR. Vídeo Clipe de Campanha - "Raio Privatizador". NCE. Vídeo

comunistas, "empresas estatais e cidades de países como Rússia, Coréia do Norte e Cuba, como se fosse um super-herói do capitalismo", modernizando tudo por onde passava<sup>322</sup>.

Em um destes vídeos, Renan Santos aparece "caracterizado como um líder comunista fugindo dos raios de Batista". As produções viralizaram na internet e renderam notoriedade a Batista, embora não especificamente em bom sentido. Tal foi o caso de uma reportagem do *The New York Times*, em que o candidato foi citado como um exemplo de políticos brasileiros que "agiam como palhaços em propagandas". Por outro lado, nos círculos da mídia tradicional, houve quem avaliou a campanha de Batista como oportuna para tratar do antipetismo, a exemplo de Danilo Gentili. Junto com o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro do PSC-SP, no dia 05 de novembro de 2014, Paulo Batista foi um dos convidados do apresentador do *talk show* "The Noite", exibido pelo SBT, contato que viabilizou certa proximidade entre eles, como também dos irmãos Santos<sup>323</sup>.

Apesar da visibilidade e dos quase 17 mil votos recebidos, Batista não conseguiu se eleger. No entanto, sua campanha agregou "boa parte da militância ultra-liberal em atividade, as quais, durante as eleições, também somaram esforços para" procurarem "derrotar a candidatura de Dilma Rousseff, apoiando de modo pragmático o candidato" Aécio Neves do PSDB, no segundo turno das eleições. Além disso, foi durante a campanha de Batista, que os irmãos Santos, dentre outras pessoas ligadas ao MRL, se aproximaram de Fábio Ostermann que, como já mencionado, foi um dos idealizadores do MBL.

Em 2014, embora focado na campanha de Marcel Van Hattem, Ostermann acabou conhecendo o "pessoal que estava coordenando a campanha do Paulo Batista". Segundo ele, a forma "mega inovadora e iconoclasta" da campanha, somada a "inclinação aos valores liberais" por parte do grupo responsável por ela, que gostava e acompanhava seu trabalho pela internet, facilitaram o contato. Convidado para realizar uma palestra em um evento em São Paulo, ficou surpreso ao chegar e ver um cartaz com seu rosto em destaque, lhe conferindo importância. Assim, palestrou, conheceu o "pessoal", o qual "achou gente fina" e desde então passou a acompanhá-los e fornecer algum suporte<sup>324</sup>. Dessa experiência, nas palavras de Ostermann, "rolou uma conexão de visão em relação à necessidade de se fazer comunicação política de uma forma inovadora, diferente, de uma maneira muito mais iconoclasta"<sup>325</sup>.

---

<sup>322</sup> PRIVATIZA MEU AMOR. Vídeo Clipe de Campanha - "Raio Privatizador". NCE. Ver também: MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*, p. 33.

<sup>323</sup> JEFF. *Gentili se Destaca ao Debater o Antipetismo em Seu Talh Show*. Terra. Site.

<sup>324</sup> ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", p. 163.

<sup>325</sup> OSTERMANN. Apud ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", p. 164.



Embora os irmãos Santos partilhassem, com outros ditos meritocráticos liberais de classe média, o antipetismo por *habitus*, bem como já tivessem participado de manifestações para assim se expressarem, os acontecimentos, experiências e contatos realizados por ocasião da campanha eleitoral de Paulo Batista "foram um protótipo para o que viria depois com o MBL"<sup>326</sup>. Ali, para além de publicidade eleitoral ou defesa do pensamento liberal, um grupo situado à direita do campo político foi gradualmente formado e dotado de técnicas agressivas de ativismo político através dos meios de comunicação digitais e das ruas, com alguma replicação na mídia tradicional.

Evidentemente, o MBL não foi o único grupo a evocar manifestações contra o Governo Dilma e o petismo de um modo geral. Contudo, como evidenciam alguns estudos, parte dos quais utilizados aqui, diversas matérias veiculadas pela grande mídia à época, bem como as fontes utilizadas para o desenvolvimento desta tese, nenhum outro representante inscrito à direita do campo político, obteve maior notoriedade ou foi mais eficaz no trabalho de levar às ruas, ambiente até então admitido como de atuação da esquerda por excelência, a oposição articulada através dos meios de comunicação vinculados à internet<sup>327</sup>.

De modo a corroborar com o parágrafo anterior, quando comparado ao MBL, o movimento "Revoltados On Line", por exemplo, é elucidativo. Liderado pelo empresário Marcello Reis, foi fundado "em 2006 ainda na época do Orkut e tinha como propósito inicial caçar suspeitos de pedofilia". Após participar dos protestos de 2013, "converteu o grupo em uma militância política de extrema direita, a favor do intervencionismo militar"<sup>328</sup>. Contudo, embora crítico ferrenho de Lula e do Governo Dilma, suas posições eram consideradas radicais demais dentre boa parte dos manifestantes, naquele momento. Assim, logo caiu no "ostracismo". É certo que teve importância, porém efêmera em relação ao MBL com o qual, inclusive, mantinha algumas divergências<sup>329</sup>.

Que pese a bandeira da intervenção militar não lhe fosse exclusiva naquele momento, era mínima sua aceitação. No mais, é preciso salientar que o próprio Bolsonaro, então Deputado Federal eleito pelo PP-RJ, embora pessoalmente partilhasse deste autoritarismo, formalmente coadunava com o discurso do impeachment por meio da democracia, seguindo a

---

<sup>326</sup> RAUH; SANTOS (Dir.); SANDALO (Prod.). *Não Vai Ter Golpe!* MBL Filmes. Documentário.

<sup>327</sup> Ver, por exemplo: MARTIN. *Não é Uma Banda de Indie-Rock, é a Vanguarda Anti-Dilma*. Site. Ver também: ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", pp. 161-173. Ver também: CASIMIRO. *A Nova Direita*, pp. 402a406. Ver também: MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*. Dissertação.

<sup>328</sup> PAVARIN. O Ostracismo do Maior Revoltado Online. *Piauí / Folha de São Paulo*. Site. Ver também: ZALIS; GONÇALVES. Quais São e Como Pensam os Movimentos que Vão Para a Rua contra Dilma no Domingo. Site.

<sup>329</sup> PAVARIN. O Ostracismo do Maior Revoltado Online. *Piauí / Folha de São Paulo*. Site. Ver também: ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", p. 160.

lógica do discurso do MBL, uma vez que isso satisfazia também suas pretensões políticas. Além disso, cabe ressaltar que, entre 2014 e 2016, o apelo eleitoral da direita em várias partes do mundo, a exemplo de Donald Trump nos Estados Unidos, era um aceno para tal possibilidade no Brasil, sem a necessidade do recurso direto da intervenção militar, que poderia trazer sanções ao país, dentre outras consequências. Assim, diante das circunstâncias postas, a maior bandeira do Revoltados On Line naquele momento não encontrou terreno fértil para prosperar.

Além do grupo de Marcello Reis, outro opositor ao Governo Dilma que merece atenção é o "Vem Pra Rua". Embora também tenha cooperado para mobilizar pessoas para as manifestações e concordasse com o MBL acerca da importância da manutenção da democracia, liberalismo econômico e meritocracia, dele divergiu inicialmente em relação ao afastamento da Presidenta Dilma. Criado em 2013, o Vem Pra Rua era integrado por uma cúpula "identificada com o mundo empresarial e financeiro, parte dela moderada e pouco convicta acerca das "evidências jurídicas" que pudessem "viabilizar" o impeachment. Que pese alguns membros, como Rogério Chequer, defenderem o contrário, essa divergência inicial com o MBL foi um dos fatores que inviabilizou maior projeção do Vem Pra Rua, uma vez que a maioria dos manifestantes antipetistas, revoltados com a reeleição de Dilma Rousseff, ansiava pela derrubada do seu governo<sup>330</sup>.

Associado ao exposto, alguns dados pertinentes ao MBL, também corroboram para a escolha do seu discurso como objeto de pesquisa. Em termos numéricos, ao final de 2018, por exemplo, entre comentários, curtidas e compartilhamentos, mais de 100 milhões de interações foram registradas na página do Movimento no *Facebook*, número próximo aos 126 milhões de Jair Bolsonaro, então candidato pelo PSL e que veio a vencer as eleições presidenciais daquele ano. Além disso, seus vídeos foram visualizados 278 milhões de vezes nas redes sociais, também em 2018, e um de seus membros chegou a ser colunista do jornal a Folha de São Paulo, entre 2016 e 2017, demonstrando certa convergência de interesses entre boa parte da mídia tradicional e os movimentos anti-Dilma naquele momento. Com projeção em alta, próximo das eleições de 2018, parte dos seus integrantes cogitaram criar o próprio partido. Todavia, a ideia considerada "aventura" por outros, foi abortada em razão da aproximação com alguns partidos existentes, como o Novo, o MDB, o PSDB, o Patriota e, dentre outros, sobretudo do DEM, do então Presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia<sup>331</sup>.

---

<sup>330</sup> BEDINELLI; MARTIN. *Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências*. Site. Ver também: ZALIS; GONÇALVES. Quais São e Como Pensam os Movimentos que Vão Para a Rua contra Dilma no Domingo. *Veja*.

<sup>331</sup> HOLANDA. Antissistema, MBL Quer Até Virar Partido. *Estadão*. Site.

Integrado em sua maioria por pessoas ligadas às frações da classe média urbana e a ela apelando apoio<sup>332</sup>, como tem-se procurado evidenciar, as principais lideranças do MBL, embora não compusesse um grupo propriamente homogêneo, concordavam o suficiente com a sugestibilidade do discurso por eles organizado. Neste sentido, é possível destacar como principais fatores de agregação entre seus membros no período de 2014 a 2018, o antipetismo, o apreço pela ideologia econômica neoliberal, não importando inicialmente suas variáveis, o desejo de cooperarem para a implementação de um governo politicamente de direita que favorecesse o "Estado mínimo", além do gradual apelo ao conservadorismo moral e dos costumes, que terminou por contribuir para a saída de "libertários" do Movimento, inclusive Fábio Ostermann, como será melhor abordado em outro momento. No mais, é preciso destacar como parte das pretensões do grupo, a consolidação da marca MBL como uma plataforma política a serviço dos interesses dos seus membros, incluindo candidaturas à mandatos parlamentares.

Em complemento ao exposto, é importante salientar que, para além de proposições pautadas pela "ética do diálogo", o discurso do ódio dirigido ao outro tomado como inimigo público a ser aniquilado por meio de técnicas inerentes a "retórica do ódio"<sup>333</sup>, conforme tratado na metodologia, foi o modus operandi adotado pelo Movimento desde o início, antes de vir a ser exacerbado pelo bolsonarismo, sobretudo o "raiz", enquanto prática política. Dito isso, é possível passar mais especificamente ao tumultuado ano de 2014, ano da disputa eleitoral presidencial, ano considerado como o da fundação, de fato, do Movimento Brasil Livre pelos seus integrantes, apesar da experiência embrionária pelo EPL, em 2013.

## O Discurso e a Retórica do Ódio

Em 2014, o ataque ao prédio da Editora Abril às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais, após a Revista Veja publicar uma reportagem especial afirmando que Dilma e Lula sabiam sobre o escândalo de propina da Petrobras, com base em informações de uma delação premiada feita pelo doleiro Alberto Youssef, foi um acontecimento político

---

<sup>332</sup> A necessidade do apoio de jovens de classe média aos propósitos do MBL, foi explicitado por Pedro D'eyrot. Segundo ele, por ocasião das manifestações, "a gente concluiu que precisava de mais agentes da sociedade civil, mais pessoas com cara de classe média", a exemplo "daquela galerinha que durante as eleições havia feito várias manifestações para o Aécio". D'EYROT. Apud RAUH; SANTOS (Dir.); SANDALO (Prod.). *Não Vai Ter Golpe!* MBL Filmes. Documentário.

<sup>333</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p.21. O "discurso do ódio" dentro de uma "dinâmica bélica", destinado a "desqualificar" e "destruir" o outro tomado como "inimigo", também foi identificado por Esther Solano Gallego, em seus estudos. Ver: GALEGO. Apud. PIAI. *Esther Solano: Uma Mulher Que Comprou Guerra Contra o MBL e a Patrulha do Pensamento*. Arte! Brasileiros. Entrevista.

indicativo das crescentes tensões entre forças polarizadas no campo político<sup>334</sup>. Tal delação, sem provas e obtida de forma vazada, foi tomada como efeito de verdade e inscrita na edição 2397, número 44 da Revista, prevista para o dia 29 de outubro de 2014, conforme informação de capa. Contudo, sua circulação foi antecipada para uma quinta-feira, dia 23 de outubro de 2014, evidenciando a clara pretensão de influenciar o resultado das eleições.

O teor tendencioso da reportagem levou o então Ministro do Tribunal Superior Eleitoral, Admar Gonzaga, em atendimento a um pedido formalizado por integrantes do Partido dos Trabalhadores - PT, determinar o direito de resposta de Dilma junto à *Veja*<sup>335</sup>. Os responsáveis pela Revista, malgrado um recurso em contrário junto ao Supremo Tribunal Federal - STF, cumpriram a determinação na madrugada do dia 26 de outubro de 2014. Coerentes ao oposicionismo manifesto ao longo de todo o Governo Dilma, o fizeram apenas no site e sob críticas a atitude do ministro do TSE. O comportamento político expresso na *Veja*, que antes mesmo do segundo turno das eleições já dispunha de um jornalista argumentando sobre um possível impeachment de Dilma caso vencesse<sup>336</sup>, ficou ainda mais explícito alguns meses depois, quando o STF liberou a publicidade dos depoimentos de Alberto Youssef, em março de 2015.

Na reportagem da *Veja* em questão, assinada pelo jornalista Robson Bodin, consta que o depoimento do doleiro, desfavorável a Dilma e a Lula, foi realizado no dia 21 de outubro de 2014, quando na verdade ocorreu no dia 03 de outubro de 2014. Curioso é que, no supracitado dia 21 de outubro de 2014, houve mesmo um depoimento. Todavia, seu conteúdo, não notabilizado pela Revista, evidenciou foi um suposto esquema de corrupção envolvendo Furnas e o Senador Aécio Neves<sup>337</sup>, então também candidato. A conduta parcial da Revista *Veja* às vésperas das eleições, o vazamento de informações de uma investigação então sigilosa, as intervenções da Justiça e o aceno ao impeachment naqueles dias de outubro de 2014, foram uma prévia do que estaria por vir.

Para além do supracitado caso da *Veja*, alguns números vinculados ao Jornal Nacional da Rede Globo, também são elucidativos para demonstrar o quão sua atuação parcial cooperou para fomentar o antipetismo poucos dias antes das eleições. A título de exemplo,

---

<sup>334</sup> Ver: JORNAL HOJE. Prédio da Editora Abril é Alvo de Ataque Após Reportagem da *Veja*. *Rede Globo*. Sobre a reportagem da Revista ver: REVISTA VEJA. *Eles Sabiam de Tudo*. Edição 2393, ano 47, número 44 de 29 de outubro de 2014, antecipada para o dia 23 de outubro de 2014.

<sup>335</sup> Ver: UOL. "Veja" Publica Direito de Resposta a Dilma e Critica Decisão do TSE. Site.

<sup>336</sup> Ver: BRASIL 247. Golpismo I: Reinaldo [Azevedo] Já Prega 'Impeachment' de Dilma. Site.

<sup>337</sup> Ver os depoimentos números 02 e 20, respectivamente dos dias 03 e 21 de outubro de 2014 em: FOLHA DE SÃO PAULO. *Acesse a Íntegra dos Depoimentos da Deleção do Doleiro Alberto Youssef*. Site. Ver também: PRAGMATISMO POLÍTICO. Vídeo: Doleiro Youssef Acusa Aécio de Receber Dinheiro Ilegal em Furnas. Site.

entre os dias 7 e 13 de setembro de 2014, enquanto o Jornal supracitado veiculou 23 matérias negativas contra o PT, Lula ou o Governo Dilma, o fez apenas 2 vezes em relação ao PSDB e à Aécio Neves, então Senador da República<sup>338</sup>. Sobre o assunto, Leonardo Avritzer compreende que "o fato da maior rede de televisão do país não ter distribuído o seu tempo de cobertura noticiosa igualmente pelos partidos que operaram o Petrolão", favoreceu junto à opinião pública uma concepção distorcida da corrupção associada ao PT<sup>339</sup>, fato que veio a cooperar para elaboração do discurso do ódio contra seus membros e simpatizantes, por parte do MBL. Que pese o fato de Dilma Rousseff ser a Presidenta em busca da reeleição naquele momento, a conduta da emissora carioca a partir do seu principal telejornal naquela oportunidade, não pode ser atribuída ao fato de que o candidato tucano e seu partido não estivessem envolvidos em escândalos políticos.

Se por um lado as acusações e investigações acerca do escândalo da Petrobras comprometiam a imagem do Governo Dilma, contra Aécio também pesavam acusações e investigações. Dentre elas é possível citar, concernente a sua passagem pelo governo de Minas Gerais, o caso do aeroporto construído na cidade de Cláudio-MG supostamente com dinheiro público em terras de um familiar, o da Investminas, ligada ao doleiro Alberto Youssef e à Cemig, os gastos com publicidade na Rádio Arco-Íris de propriedade de sua família, bem como as acusações da prática de nepotismo. Tais escândalos, foram veiculados pela pequena mídia e replicados nas redes sociais, no mesmo momento eleitoral em que o JN optou por focar suas atenções negativas sobre Dilma, de modo a procurar desacreditar seu governo e inviabilizar sua reeleição, embora sem sucesso naquele momento<sup>340</sup>.

Desta feita, a polarização presente naquele pleito eleitoral não foi superada com a vitória de Dilma Rousseff, ao contrário, "surtou de raiva" muitos de seus opositores<sup>341</sup>. Como sua derrota era atribuída "como certa pela oposição", tendo em vista a divulgação das denúncias de corrupção, "a quebra de expectativas que ocorreu com o anúncio de sua vitória foi de tal monta", que logo se "levantou a suspeita de que a eleição poderia ter sido fraudada"<sup>342</sup>. Desta feita, o ressentimento dos derrotados psdbistas, manifesto pela solicitação de uma auditoria nas urnas eletrônicas quatro dias após o resultado das eleições, foi um indicativo simbólico de que 2014 não acabaria tão cedo. A "atitude lamentável do então Senador Aécio Neves ao ser derrotado (...), iniciou uma irresponsável escalada de ações

---

<sup>338</sup> FRÔ. Manchetômetro: O viés do JN contra Dilma (...). *Revista Fórum*. Site.

<sup>339</sup> AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, pp. 164e171

<sup>340</sup> PASSOS. 14 Escândalos de Corrupção Envolvendo Aécio, o PSDB e Aliados. *Carta Maior*. Site.

<sup>341</sup> RAUH; SANTOS (Dir.); SANDALO (Prod.). *Não Vai Ter Golpe!* MBL Filmes. Documentário.

<sup>342</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 165.

políticas com a finalidade de inviabilizar o segundo mandato de Dilma Rousseff<sup>343</sup>. Ao argumentar ter perdido a eleição presidencial "para uma organização criminosa"<sup>344</sup>, Aécio plantou a desconfiança que cooperou para que "reações inflamadas" começassem a "surgir por parte de antipetistas mais ferrenhos, criando um clima propício para quem quisesse protestar contra a situação de alguma forma"<sup>345</sup>.

Em meio a tal contexto, a então abandonada marca do MBL foi retomada, reorganizada e orientada ao antipetismo, com o claro propósito político de atuar favoravelmente ao impeachment da Presidenta Dilma Rousseff<sup>346</sup>. Para tanto, no dia primeiro de novembro de 2014, se juntaram aos irmãos Santos e Fábio Ostermann, vários atores políticos já tratados neste capítulo, a exemplo Paulo Batista, Fred Rauh, Pedro D'eyrot, Gabriel Calamari, Rubinho, Rafael Rizzo e, dentro outros, aquele que veio a ser o ator político mais conhecido do MBL, ou seja, Kim Patroca Kataguiiri.

Kim Kataguiiri nasceu em Salto, Estado de São Paulo, em 1996. Neto de imigrantes japoneses, concluiu o ensino médio no Colégio Técnico de Limeira, instituição de ensino ligada à Unicamp. Iniciou Economia na Universidade Federal do ABC, em Santo André, mas deixou o curso sob o argumento de que os professores ensinavam sobre Marx e Keynes, mas ignoravam ou até desconheciam os pensadores liberais como Friedman, Hayek e Mises, fato que foi desmentido. Segundo o professor Ramon Vicente Garcia Fernandes, então Coordenador do Curso, Kim "não chegou a ter contato com nenhum professor de Economia da Faculdade" e que "disciplinas como História do Pensamento Econômico passa pelos economistas liberais"<sup>347</sup>.

Ainda na adolescência, influenciado pelo livro "*As Seis Lições*", de autoria de Mises, Kim iniciou seu ativismo liberal por meio do *You Tube*, ao publicizar um vídeo contra o Bolsa Família, segundo ele em resposta a um professor que durante uma aula no ensino médio defendeu o programa, fato que o incomodou. A partir de então, se tornou conhecido no meio

---

<sup>343</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 14. Ver também: AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, p. 51.

<sup>344</sup> AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, p. 58.

<sup>345</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 166. Ressalva seja feita, a quem credite uma parcela de responsabilidade da própria governança petista em relação ao seu desprestígio, para além das práticas políticas de seus adversários nesse sentido. No que concerne ao neoliberalismo, por exemplo, "infelizmente a chegada do PT ao Governo Federal em 2003, longe de contribuir para minar essa hegemonia, como todos esperavam, reforçou-a de modo significativo", sobretudo em relação a política macroeconômica e o sistema financeiro<sup>345</sup>. No mais, como se não bastassem os escândalos de corrupção que, indiferente de juízos, têm comprometido a imagem política das principais lideranças do Partido, em termos gerais a "esquerda brasileira tem mantido um comportamento arrogante, de quem pensa ser dona da verdade absoluta" e, mesmo "sofrendo muitas perdas", insiste em não ter a "humildade de reconhecer que alguma coisa importante está acontecendo do outro lado". GALLEGO. *Uma Mulher Que Comprou Guerra Com o MBL e a Patrulha do Pensamento*. Entrevista.

<sup>346</sup> MARTIN. Não é Uma Banda de Indie-Rock, é a Vanguarda Anti-Dilma. *El País*. Site: El País.

<sup>347</sup> NEY. Roqueiro e Ativista na Web, Líder Anti-Dilma Defende Privatizar Saúde e Educação. *IG - Último Segundo*. Site.

liberal e passou a "ganhar dinheiro" ao se tornar integrante do canal "Inimigos Públicos", no *You Tube* que, dentre outras coisas, tem por finalidade a produção de vídeos ironizando, ridicularizando e descredibilizando lideranças de esquerda<sup>348</sup>. Isso cooperou para sua aproximação com o EPL, bem como para sua participação na recriação do MBL. Em 2016, foi aprovado para cursar Direito no Instituto de Direito Público - IDP, que tem como um dos sócios o Ministro Gilmar Mendes do STF<sup>349</sup>. Sua destacada atuação no Movimento, bem como tenacidade antipetista de seus discursos, lhe garantiram fama para concorrer e se eleger Deputado Federal pelo DEM-SP, em 2018.

Ferrenho crítico de Karl Marx e do comunismo, o qual insiste associar ao petismo, Kataguiri, não raro, já incorreu em demonstrações que sugerem pouco conhecer sobre ele ou sua obra. Em uma das ocasiões, sugeriu que Marx teria percebido alguns de seus erros após presenciar os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, desconhecendo a data de sua morte em 1883<sup>350</sup>. Chegou a apagar o vídeo, mas tarde demais para ele, que se viu obrigado a suportar a chacota. Dentre outras colocações polêmicas, já afirmou analogamente a Olavo de Carvalho, que "historicamente a direita sempre se preocupou em defender valores e atingir fins nobres por meios corretos"<sup>351</sup>.

Além do exposto, Kataguiri também já sugeriu que o petismo incorre em "autoritário", "fascismo" e até "totalitarismo"<sup>352</sup>, regime que, segundo compreendeu Hannah Arendt, é inerente historicamente apenas ao Nazismo e ao Stalinismo<sup>353</sup>. Esta tática de inversão da realidade observável como uma das características do discurso de Kataguiri, também é comum no discurso olavista e sua "retórica do ódio". Não foi casualidade o lema "Olavo tem razão" ter sido notabilizado ao "grande público", justamente durante as "manifestações de 2015 e 2016" favoráveis ao impeachment de Dilma<sup>354</sup>. Embora crítico de boa parte da mídia tradicional, Kataguiri se tornou colunista do Jornal Folha de São Paulo em 2016, ano do impeachment de Dilma. Tal experiência, terminou por lhe render a escrita de um livro, intitulado "*Quem é Esse Moleque Para Estar na Folha*", em 2017, cujo conteúdo

---

<sup>348</sup> Ver: KATAGUIRI. *É Burrice Odiar o PT*. Inimigos Públicos. 2015. Vídeo. Neste, que tomou Lula e Dilma, bem como seus governos como foco, ao término conclui: "Este vídeo foi irônico. Caso você tenha acreditado no conteúdo do mesmo, vá imediatamente para o médico mais próximo, ou colégio, faculdade sei lá, se mata".

<sup>349</sup> BERGAMO. Kim Kataguiri, do MBL, É Aprovado em Vestibular de Direito. *Folha de São Paulo*. Site.

<sup>350</sup> NOGUEIRA. Vídeo: Kataguiri Diz Que Marx Percebeu Seus Erros na 1ª Guerra. *DCM*. Site.

<sup>351</sup> KATAGUIRI. *Quem É Este Moleque Para Estar na Folha.*, p. 124.

<sup>352</sup> MBL. *Discurso Kim Kataguiri na Primeira Manifestação Pelo Impeachment de Dilma*. Vídeo. Ver também: KATAGUIRI. *Quem É Este Moleque Para Estar na Folha*, pp. 46,47,48,88,89,92 e 96.

<sup>353</sup> ARENDT. *Origens do Totalitarismo*. Passim.

<sup>354</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p.75.

basicamente consiste em uma seleção de suas colunas publicadas no Jornal ao longo dos dois anos em que nele trabalhou.

Sobre o livro, logo na primeira orelha, um pequeno texto de Rodrigo Constantino<sup>355</sup>, apresentando ao leitor um indicativo das páginas seguintes. Escreveu um dos fundadores do Instituto Millenium que, "o movimento da contracultura da era moderna não pertence mais à esquerda, como nos anos 1960, mas sim ao que se denomina 'direita liberal'. Nada mais cafona e ultrapassado que um jovem com a camisa do assassino Che Guevara". Continuando, seguiu afirmando que "nada mais démodé do que alguém enaltecendo o tirano Fidel Castro, que finalmente foi para o inferno, para o azar e a preocupação do capeta"<sup>356</sup>. Em sua exacerbação do ódio, faltou apenas associar diretamente o infernal ditador cubano com o PT, assim como fez Bolsonaro em celebração a sua morte, em 2016<sup>357</sup>. Para além dos elementos textuais de capa, assim começa o livro de Kataguiiri, escrito por um liberal econômico (Constantino) que veio a ser um defensor do bolsonarismo e seu governo.

Em termos de conteúdo, ao invés de descrever aqui algumas citações que pudessem explicitar o ódio de Kataguiiri em relação à esquerda, mais especificamente ao petismo, seus partidários, simpatizantes e membros de seus governos, o procedimento escolhido por assim fazê-lo passou pelo trabalho de leitura e levantamento dos adjetivos ou expressões desqualificadoras por ele utilizadas para tanto. Em meio a longa lista, foi possível identificar: "bárbaros", "vândalos", "mentirosos", "cínicos", "vilões", "violentos", "delinquentes", "milicianos", "roubo", "ditadura", "propina", "dragão cuspidor de fogo", "fascismo", "moral flexível", "vitimista", "raivoso", "imbecil", "oportunista", "demagogo", "masturbadores ideológicos", "elitistas", "antidemocráticos", "imoral", "quadrilha", "desumano", "vigarista", "hipócrita", "nojento", "doente", "ignorante", "rancoroso", "sem pudor", "quadrúpede" e, dentre outras, "ladrão"<sup>358</sup>. Ironicamente, talvez seja razoável admitir que "Olavo tem razão"<sup>359</sup>, diante do exposto, ao dizer que aos "brasileiros" com "desprezo soberbo pelo

---

<sup>355</sup> Formado em Economia pela PUC-RJ, em 1998. Já trabalhou com Paulo Guedes (Ministro da Economia do Governo Bolsonaro) e foi por ele incentivado a se envolver com *think tanks* em prol da defesa do neoliberalismo, ou como preferem, liberalismo econômico. Em termos de costumes, se posiciona como conservador. Constantino tem passagem pelo Instituto Liberal, foi um dos fundadores do Instituto Millenium e atuou em defesa do impeachment de Dilma Rousseff. Já escreveu para os jornais *Valor Econômico*, *O Globo*, *IstoÉ* e *Veja*. Como comentarista, já passou pela Record News, CNN Brasil e recentemente atua na Jovem Pan, sempre se manifestando em defesa do Governo Bolsonaro e contra o petismo e seus governos.

<sup>356</sup> CONSTANTINO. Apud KATAGUIRI. *Quem É Este Moleque Para Estar na Folha*. Primeira orelha.

<sup>357</sup> Por ocasião da morte de Fidel Castro, disse Bolsonaro no facebook: "Fidel Castro, um grande exterminador de liberdades, promotor da miséria no mundo todo, certamente terá, ao lado de ídolos do PT, PCdoB e PSOL uma estadia eterna nas profundezas do inferno". BOLSONARO. *Fidel Castro Morreu*. Vídeo.

<sup>358</sup> KATAGUIRI. *Quem É Este Moleque Para Estar na Folha*. Passim.

<sup>359</sup> Frase afirmativa vista em vários cartazes durante das manifestações de rua, inclusive as convocadas pelo MBL, em meio ao processo de impeachment de Dilma.



conhecimento", uma coluna "da Folha" de São Paulo possa "suprir a lacuna, fundamentando verdades inabaláveis que só um pedante viciado em estudos ousaria contestar"<sup>360</sup>.

Contudo, a lista não para por aí, pois, falta citar os adjetivos mais utilizados, identificados ao menos dez vezes cada um, a saber: "terroristas", "criminosos", "vermelhos", "canalhas", "autoritários", "corrupção" e "ódio"<sup>361</sup>. Embora tais adjetivos ou expressões tenham sido levantadas no livro de Kim Kataguiri, é importante salientar que, de modo análogo, apesar das variações para conferirem mesmo sentido desqualificador ao inimigo, também foram identificadas ao longo da pesquisa, dentre outras, em vários discursos de rua, cartazes ou vídeos publicitários do MBL e seus membros, principalmente entre 2014 e 2016, anos que marcaram os ataques políticos que resultaram no golpe parlamentar contra o Governo de Dilma Rousseff. Como evidenciado, contraditoriamente ao que procura imputar ao outro tomado como inimigo, é Kataguiri quem promove o discurso do ódio, com base em uma "retórica do ódio", de modo semelhante a que já vinha sendo "ensinada" por Olavo de Carvalho "nas últimas décadas"<sup>362</sup>.

Embora publicamente se contestem, a ponto de terem se tornado desafetos, sobretudo após Olavo de Carvalho ter afirmado, em 2017, que o "MBL" estava "dando a bunda para os políticos", para os "caciques psdbistas"<sup>363</sup>, afirmação esta admitida como "profecia" pelos "olavistas", após alguns membros do Movimento terem se aproximado do PSDB e do DEM, em 2018, para concorrerem às eleições a exemplo do próprio Kataguiri, o fato é que, teoricamente, no que tange ao discurso antipetista há muitas similitudes entres ambos. Neste sentido, há quem entenda que, de certa forma, muitas das ideias divulgadas por Olavo de carvalho desde a década de 1990, "foram recitadas a cada defesa de Bolsonaro" ou "a cada fala de Kim Kataguiri pelo MBL"<sup>364</sup>, fato que explicita alguma relação entre seus discursos.

Apesar do MBL ter rompido com Bolsonaro, após este ter assumido a Presidência da República, não é possível deixar de ressaltar o apoio do Movimento a ele durante o segundo turno das eleições de 2018, em função do antipetismo em comum e do discurso liberal econômico associado a Paulo Guedes. No mais, este elo comum também é importante para a compreensão do quão o MBL cooperou para a emergência do bolsonarismo, embora não tivesse tal intenção. Para

---

<sup>360</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, p. 39.

<sup>361</sup> KATAGUIRI. *Quem É Este Moleque Para Estar na Folha*. Passim.

<sup>362</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 23.

<sup>363</sup> CARVALHO. Apud NOGUEIRA. "O MBL Vai Dar a Bunda Para os Políticos, Diz Olavo de Carvalho". *Diário do Centro do Mundo*. Site. Ver também: CARVALHO. Apud REDAÇÃO. *A Previsão Acertada de Olavo de Carvalho Sobre o MBL. Pragmatismo Político*. Site. Ver ainda: CARVALHO. *A Previsão Acertada de Olavo de Carvalho Sobre o MBL*. Vídeo.

<sup>364</sup> BRIZZI; PONTIN. Carta de Olavo de Carvalho em 2006 Anunciava as Discussões do Brasil de Hoje. *The Intercept Brasil*. Site.

tanto, uma das interseções é exatamente Olavo de Carvalho. Apesar de desafetos públicos, é inegável a influência do discurso olavista sobre o MBL. Tal influência, embora negada por membros do MBL, se tornou cada vez mais notória nos discursos analisados, na medida em que o Movimento foi gradativamente se distanciando do libertarianismo mais intenso ligado ao Fábio Ostermann e ao Paulo Batista, para viabilizarem a inclusão de pautas ligadas ao conservadorismo moral, não apenas para favorecerem a ampliação de suas ramificações e membros pelo país, como também para potencializar o discurso antipetista.

No que tange a Olavo de Carvalho, seu livro mais conhecido intitula-se "*O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*" e foi publicado em 2013. Não por acaso, assim o foi pelo Grupo Editorial Record que, naquele ano de manifestações, havia contratado para a função de Editor, Carlos Andreazza, que passou a priorizar publicações voltadas para um público de direita no Brasil. Analogamente ao que fez Kataguirí, o livro de Olavo é uma compilação de colunas e textos que ele escreveu e publicou em blogs e diversos jornais desde a década de 1990, a exemplo de "O Globo", "Diário do Comércio", "Jornal da tarde", "Época" e "Zero Hora", dentre outros. Embora crítico dos meios de comunicação tradicionais<sup>365</sup>, não deixou de recorrer a eles para expor suas ideias, como também veio a fazer Kataguirí depois dele.

Segundo foi possível identificar, os textos de Olavo, via de regra, tendem a seguir uma lógica padronizada. De início, uma citação de algum pensador de notório saber, com o qual concorde ou discorde, não importa. A intenção é demonstrar ao leitor, erudição, credenciamento intelectual, para transmitir credibilidade. O passo seguinte consiste em desenvolver, a partir da citação inicial, algum raciocínio inteligível simples, o qual o leitor possa compreender e ser levado a concordar. Feito isso, o ponto de vista olavista é então apresentado como única verdade possível, coagindo o leitor a aceitá-la, sob risco de continuar a ser "um idiota" em caso contrário. Isso ocorre, sobremaneira, porque a "retórica do ódio" inscrita no discurso, é praticada de modo a inviabilizar o diálogo pela racionalidade face a incitação de "pulsões autoritárias". No mais, "seus pressupostos", embora "apresentados num emaranhado de informações desencontradas", possuem certa "coerência interna que não deve ser menosprezada"<sup>366</sup>.

Contudo, para Olavo não basta apenas ser o portador da verdade vinculada à direita. Para ele, é igualmente importante denunciar a esquerda, portadora da mentira, bem como execrá-la em meio ao discurso, pela técnica da retórica do ódio, a qual todo leitor grato pelo conhecimento adquirido, passa a ter quase que por obrigação replicar, lógica também observada nas devidas proporções nos discursos de Kataguirí, dentre outros membros do MBL. Assim exposto, para

---

<sup>365</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, pp. 75,76 e 123.

<sup>366</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp. 4e50.

alguns, Olavo é considerado um manipulador. Todavia, como esta tese não opera exatamente com a ideia de manipulação, por admitir que toda influência ocorre por identificação ao discurso, por partilha de *habitus*, de que trata Bourdieu, a relação entre Olavo e seus leitores não poderia ser compreendida de modo diferente. Ressalva feita, segue um exemplo da lógica do discurso olavista.

Em 8 de janeiro de 2013, Olavo de Carvalho publicou um texto sobre *Direitos e Pobreza* no Diário do Comércio, que integra o livro supracitado. Logo no início, uma citação de Thomas Sowell, economista norte-americano ligado a "Escola de Chicago", argumentando "nunca" ter entendido "por que é ganância querer conservar o dinheiro que ganhou, mas não ser ganância querer tomar o dinheiro dos outros". Vale esclarecer que, pela lógica do texto como um todo, os "outros" são os capitalistas detentores dos meios de produção, enquanto os gananciosos, todos aqueles que defendem a ideia da justiça social.

Na sequência, após ter procurado demonstrar sua erudição, Olavo desenvolve o raciocínio de que "a obrigação moral que os ricos têm de ajudar os pobres, mesmo quando seja tomada em sentido absoluto e intransigente, não implica que pobres tenham o 'direito' de ser ajudados". Disso, sem expor nenhum dado ou estudo que possa lhe conferir alguma margem de razão, apresenta seu ponto de vista afirmando que, é "monstruosamente perversa a noção de que uma sociedade onde haja pobres, ou muito pobres, é uma sociedade injusta", pois, "só no mundo das alucinações a pobreza é, por si, fonte de direitos", fato que "até os marxistas compreendiam".

Desta feita, tomado por sua expressão da verdade, conclui acusando que "qualquer candidato que proponha a sua eleição como o pagamento de uma dívida social", a exemplo de "Lula" ou de "Obama", é "um charlatão do qual não se pode esperar nada de bom (...), um vigarista elevado à segunda potência"<sup>367</sup>. Em seu discurso, ofensas ou palavrões como forma de coerção ou desumanização do outro são constantes. Afinal, como entende Arthur Hussne Bernardo, "o gosto pelo vocabulário chulo, pela humilhação pública dos adversários, pela desumanização dos oponentes, só mostra técnicas de efeito retórico para destilar inverdades que, mesmo que posteriormente desmentidas", mantêm seu potencial de aceitação junto a algumas pessoas, que com elas se identificam<sup>368</sup>.

Para fins comparativos, é oportuno explicitar também um exemplo de texto escrito por Kataguirí, de modo a corroborar com a afirmação aqui tecida, da existência de similitudes entre eles, em termos de discurso. Em 03 de janeiro de 2017, escreveu ele à Folha de São Paulo, uma coluna intitulada *Esquerda Está Fadada a Ser Bolha da Elite*. Nela, discorreu que, Jorge Chaloub compreende a nova direita como focada em um discurso "moral", que

---

<sup>367</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, pp. 86a88.

<sup>368</sup> BERNARDO. Apud ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 51.

"divide o mundo entre bem e mal". Por isso, "todas as posições que se assemelhem à esquerda são retratadas como patologias, como exposto pelo termo 'esquerdopata'". A citação objeto da discórdia, foi precedida pelo argumento de que "bobagem é sempre bobagem, não importa quem a diga. Porém, quando a besteira é dita por alguém que se vende especialista no assunto, ela acaba convencendo os incautos, como bem ensina Schopenhauer em *A Arte da Razão*".

Se sentindo credenciado pela menção do filósofo alemão, Kataguirí apresenta sua versão da verdade inabalável, ao afirmar que "a direita sempre se preocupou (...) em atingir fins nobres por meios corretos", citação que já foi propositalmente descrita em outro momento deste capítulo. Entretanto, assim como Olavo, não basta a Kataguirí apresentar a direita como sendo melhor. É preciso expor o "mau-caratismo" do professor, "desmascarar psicologicamente, completamente, impiedosamente" sua posição esquerdista, fora das "regras formais de um confronto de argumentos"<sup>369</sup>. Para tanto, esclarece que o termo "esquerdopada" foi criado pelo colunista da Veja, Reinaldo de Azevedo, para explicitar que um esquerdista, ou mais precisamente um petista, "a exemplo de um psicopata", possui um "padrão moral elástico o bastante para justificar qualquer coisa, desde que concorra para atingir seus objetivos ou os do grupo". Trata-se, portanto, de uma "definição" atribuível a um tipo específico de esquerdista, "que tenta justificar atrocidades em nome de um suposto ideal de igualdade"<sup>370</sup>. Como procurou-se evidenciar, a semelhança entre a lógica do discurso de Olavo de Carvalho e Kim Kataguirí é evidente, não sendo diferente entre outros integrantes do MBL.

Além do exposto, assim como foi feito em relação ao livro de Kataguirí, o livro de Olavo de Carvalho também contém diversos adjetivos e expressões com intento de desqualificar as forças políticas de esquerda, sempre associadas ao comunismo, inclusive o petismo e seus governos, inscritas na "retórica do ódio" em meio ao discurso. Neste sentido, foi possível identificar, dentre tantas outras, "comunista", "imbecil", "lesado", "amoral", "corrupto", "terrorista", "desgraçado", "ódio", "genocida", "pedófilo", "idiota", "covardes", "preguiçosos", "canalha", "hediondo", "macabros", "infernai", "assassino", "rancoroso", "burro", "monstruoso", "demoníaco", "perverso" e "vigarista", para não delongar mais.

Em alguns dos seus discursos, a tentativa de Olavo de Carvalho de desqualificar o outro, inclusive no que tange à sua humanidade, é tão expressiva, que parece terem sido adaptados de obras como *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. Isso não implica afirmação da influência deste último em relação ao primeiro, mas tão somente destacar conteúdo análogo identificado durante a pesquisa, por coincidência ou não. Feita essa ressalva, seguem dois trechos resumidos de discursos

---

<sup>369</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, p. 243.

<sup>370</sup> KATAGUIRÍ. *Quem É Este Moleque Para Estar na Folha*, pp. 124a126.

de ambos, para fins de comparação. Em 28 de junho de 2016, expôs Olavo no *Facebook*, que os "comunistas, como bons psicopatas que são, sabem imitar os sentimentos bons das pessoas normais, para conquistar sua confiança e depois, quando estão desprevenidas, inocular nelas o veneno, o ódio revolucionário"<sup>371</sup>.

De modo análogo, embora trocando a figura do inimigo, mas sem deixar de associá-lo ao comunismo, escreveu Hitler na obra supracitada que "o judeu denota possuir alma (...) honesta e bondosa". Assim, "aproxima-se do trabalhador (...) despertando o desejo ardente" por "justiça social latente em cada ariano", incitando nele "o ódio contra os privilégios da sorte" conforme "a doutrina marxista" (...). Sob este disfarce (...) esconde intenções diabólicas"<sup>372</sup>. Como notório, em ambos os casos há a exploração da artilosidade, falsidade, disposição para a premeditação e inumanidade do outro tomado como inimigo, de modo a desqualificá-lo e expô-lo como figura nociva ligado ao comunismo, que deve ser eliminado em prol de um interesse coletivo personificado pelo líder que, no caso do Brasil veio a ser Jair Bolsonaro, como será melhor abordado em outro capítulo.

Além disso, Olavo também é capaz de afirmações que contrariam a História, como a de que as "revoluções enfraquecem e destroem as nações onde ocorrem (...), como na França que, antes de 1789, era o país mais rico e a potência dominante da Europa"<sup>373</sup>. No mais, consegue associar em um mesmo grupo, Marx, Voltaire, Rousseau, Stalin, Adorno, Gramsci, Lenin, Foucault, Althusser, Mao, Sartre, Diderot, Horkheimer, Lukács e Che Guevarra, dentre outros, bem como afirmar que "*tutti quanti* foram indivíduos sádicos, obsessivamente mentirosos, aproveitadores cínicos, vaidosos até a demência, desprovidos de qualquer sentimento moral superior e de qualquer boa intenção, exceto, talvez, no sentido de usar as palavras mais nobres para nomear os atos mais torpes". E continua sentenciando que, "em suma o panteão dos ídolos do esquerdismo universal era uma galeria de deformidades morais de fazer inveja à lista de vilões da literatura universal. De fato, não se encontrará entre os personagens de Shakespeare, Balzac, Dostoiévski (...) nenhum que se compare, em malícia e crueldade, a um Stalin" ou "a um Hitler"<sup>374</sup>.

Como é possível apreender, embora até chegue a realizar discursos análogos a ele, como demonstrado acima, Olavo chega a sugerir que Adolf Hitler tenha sido um líder de esquerda e, por consequência, o Nazismo de igual modo, como um regime de esquerda. Assim, não é de surpreender que muitos bolsonarista olavistas reproduzam tal interpretação, por desconhecimento

---

<sup>371</sup> CARVALHO. Apud. ASMAR. *Olavo de Carvalho: Notas das redes sociais reunidas*. Blog. Ver também em: ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 170.

<sup>372</sup> HITLER. *Mein Kampf*, pp. 234e236.

<sup>373</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, p. 162.

<sup>374</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, p. 151.

ou cinismo de que trata Peter Sloterdijk, inclusive o ex-Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que chegou a afirmar que "Fascismo e Nazismo são fenômenos de esquerda"<sup>375</sup>. Também não surpreende cartazes expostos nas manifestações convocadas pelo MBL, com textos tal qual "o PT é um Câncer Totalitário"<sup>376</sup>, ou mesmo o discurso de um seus integrantes conter a afirmação de que "o PT é um partido de ditadores, de psicopatas totalitários", o qual estariam lutando "para acabar. Acabar com o totalitarismo do PT"<sup>377</sup>.

Neste ponto, a exemplo de Olavo de carvalho, o ódio reafirmado pelo MBL ao inimigo a partir da expressão "psicopatas" é evidente, visto que as pessoas acometidas por esta maneira de ser, têm por características a incapacidade de amar, de sentir empatia pelo outro, o que potencializa, por outro lado, uma capacidade de praticar o mal sem sentir culpa. Portanto, o objetivo de desqualificação do petista e da necessidade de lutar contra ele é posta, ainda mais pelo reforço de um suposto caráter "totalitário" de sua conduta.

Segundo Hannah Arendt, um regime totalitário "não opera sem a orientação de uma lei" geral que possa ser aplicada à todos, a exemplo da "lei da natureza" no caso do Nazismo, regime de extrema-direita, ou da "lei da história" no caso do Stalinismo, regime de extrema-esquerda. Ambos, os únicos observados historicamente, em função da capacidade de imposição do "terror" que atingiram e que lhes são essenciais à existência. Diferente de ditaduras, as quais, via de regra, a preservação da vida é possível a depender da opção do cidadão em fazer ou não oposição a elas, no caso do totalitarismo isso não é possível, visto que viver ou morrer passa pelos critérios estabelecidos pelo líder, com base na lei geral que o rege, e que é executada por forças policiais leais a ele, a exemplo da SS de Hitler. Disso advém a tônica do "terror", uma vez que nos territórios submetidos ao nazismo ou ao stalinismo, todos se encontravam subjugados, respectivamente, à lei da natureza, que reivindica a prevalência do mais forte, ou à lei da história, que reivindica a vitória do proletariado sobre a burguesia em meio a luta de classes<sup>378</sup>.

Destarte, enquanto para Hitler a lei da natureza, ligada a Darwin, foi usada espuriamente para justificar o extermínio de todos aqueles considerados indesejáveis geneticamente, em prol da constituição de uma raça perfeita (ariana) que pudesse vir a deter o domínio mundial, no caso de Stalin, à lei da História, calcada em Marx, foi usada erroneamente para justificar o extermínio de todos aqueles que pudessem ser admitidos como contrarrevolucionários, partidários dos interesses burgueses, segundo os critérios impostos por ele, em prol de uma histórica vitória final do

---

<sup>375</sup> ARAÚJO. Apud JORNAL NACIONAL. Historiadores Criticam Ernesto Araújo Por Dizer Que Fascismo e Nazismo Eram de Esquerda. *Rede Globo*. Site.

<sup>376</sup> MBL. *15 de Março - A Maior Manifestação da História do Brasil*. Vídeo.

<sup>377</sup> MBL. *Discurso de Kim Kataguiri na 1ª Manifestação pelo impeachment da Dilma!*. Vídeo.

<sup>378</sup> ARENDT. *Origens do Totalitarismo*. Passim

proletariado, também destinado ao domínio global e a constituição de uma sociedade comunista<sup>379</sup>. Sem qualquer pretensão de encerrar discussão tão vasta e polêmica, esta pequena exposição sobre os regimes totalitários já basta, para explicitar o equívoco ou fraude de associar o PT e seus governos ao totalitarismo. Apesar disso, tal associação não deixa de ter seu caráter utilitário à olavistas, bolsonaristas e integrantes do MBL, na medida em que favorece a "retórica do ódio" inscrita no discurso antipetista.

Sobre a "retórica do ódio", trabalhada e "transmitida" por Olavo de Carvalho há anos, "sobretudo para jovens, por meio de cursos online ou simplesmente pelo consumo de uma miríade de vídeos disponíveis na internet", colunas em jornais e livros, João Cezar Rocha esclarece que, seu propósito inicial era "eliminar simbolicamente o outro". Para tanto, o "uso obsessivo e francamente monótono de palavras", como evidenciado nos exemplos analisados, "desempenha o mesmo papel de desqualificação completa do adversário, transformado em inimigo". Disso, o resultado tem sido cada vez mais o "ensurdecimento deliberado em relação a tudo o que não espelhe as próprias convicções, em geral radicais e, por isso mesmo, favoráveis à resolução violenta de conflitos". Assim, inaugurou-se "um perverso círculo vicioso do qual a sociedade brasileira tem dificuldade de se libertar"<sup>380</sup>.

Sobre a eliminação simbólica do outro através da concatenação de palavras por meio de técnicas inerentes à "retórica do ódio", é válido salientar que "o poder" delas para tal finalidade depende antes de qualquer coisa da "crença na legitimidade" por parte daqueles que as tomam, em relação àqueles que as proferem. Isso ocorre não por manipulação, mas por partilha de *habitus* com os membros de um grupo, que termina por conferir identificação e credulidade no discurso proferido pelas lideranças que os representam. Neste sentido, Bourdieu esclareceu que as "diferentes classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem uma definição de mundo social mais coerente aos seus interesses"<sup>381</sup>.

No que concerne à luta, os agentes sociais inscritos em grupos ou classes, podem travá-la, segundo Bourdieu, "quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida cotidiana", quer por meio de "especialistas da produção simbólica". Em jogo, "o monopólio da violência simbólica", expressão do "poder simbólico" que, através dos "sistemas simbólicos" ("instrumentos de conhecimento e comunicação integradores) constrói uma "realidade social" consensual em função de *habitus* partilhado por um grupo ou classe e, portanto, "o sentido social de mundo" favorável aos seus membros, que procura impô-lo aos demais no "campo

---

<sup>379</sup> ARENDT. *Origens do Totalitarismo*. Passim

<sup>380</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 44.

<sup>381</sup> BOURDIEU. *O Poder Simbólico*, pp. 11a15. Ver também: BOURDIEU. *Meditações Pascalianas*, pp. 206e207.

social" e nos demais campos que com ele interagem no "espaço social". Em outros termos, "poder simbólico, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica graças ao efeito específico de mobilização", só pode ser exercido se for "ignorado como arbitrário", pois, caso contrário, deixa de ser simbólico<sup>382</sup>.

Tomando o MBL como um "especialista da produção simbólica" que se presta aos interesses de parte da classe média, uma vez que se vale de vários "sistemas simbólicos", como "instrumentos de instrução" e "comunicação" a ela pertinentes e passível de "consensus", uma das produções que talvez melhor exemplifique sua capacidade de praticar "violência simbólica" como expressão do "poder simbólico", é a intitulada *2016: A História Não Contada*<sup>383</sup>. Produzido em novembro de 2016, o vídeo teve o intento de destacar a participação do MBL frente aos acontecimentos que viabilizaram o impeachment de Dilma Rousseff, bem como procurar transmitir sua versão dos fatos, a suposta "verdade" acerca da "guerra que todos insistem em não contar".

A produção inspirada no filme *Matrix*<sup>384</sup>, de 1999, começa com Fred Rauh sentado em uma poltrona, analogamente a uma cena do personagem Morpheus, interpretado por Laurence Fishburne. De pronto, ao comparar as produções, uma diferença inicial é o fato de Fishburne ser um ator negro e Rauh ser branco, um "alemão de Blumenau", como definido fenotipicamente por Alexandre Santos em outra produção. O propósito de tal comparação não é imputar ao MBL um caráter racista, mas salientar que quase todos os membros do movimento, bem como a quase totalidade dos manifestantes em torno deles, serem brancos e notoriamente integrantes da classe média, a considerar suas vestimentas, acessórios, bolsas e calçados, dentre outros indícios perceptíveis a um historiador por ofício, familiarizado com os ensinamentos de Marc Bloch ou Carlo Ginzburg neste sentido.

Isso também foi notabilizado por alguns jornalistas, a exemplo de Fabiano Maisonnave, que tratou sobre o assunto em uma reportagem para a Folha de São Paulo<sup>385</sup>. Aliás, o teor da reportagem, ao sugerir que a abertura da participação de negros no MBL decorreria da interpretação por parte da sociedade de que os "movimentos contrários à Presidenta Dilma Rousseff" seriam "representantes da elite branca", causou inconformismo em Fernando Silva Bispo, conhecido como Fernando Holiday, principal integrante negro do MBL, o qual caberá alguma atenção em outro momento deste capítulo<sup>386</sup>.

---

<sup>382</sup> BOURDIEU. *O Poder Simbólico*, pp. 9a14. Ver também BOURDIEU. *Meditações Pascalianas*, pp. 206e207.

<sup>383</sup> SANTOS; RAUH (Dir.) *2016: A História Não Contada*. MBL. Vídeo.

<sup>384</sup> MATRIX. Wachowski's (Direção e Roteiro); Silver (Produção). Filme.

<sup>385</sup> MAISONNAVE. Grupos Antigoverno Destacam Discursos de Negros e Pobres. *Folha de São Paulo*. Site.

<sup>386</sup> MBL. *Fernando Holiday rebate racismo da Folha*. MBL. Vídeo.



Tecida tal consideração e voltando à produção em questão, o Morpheus de Fred Rauh interpela alguém que, oculto em cena, tem por propósito representar qualquer pessoa incomodada com o petismo e ávida pela "verdade" do MBL, uma "verdade" que contenha "sistemas simbólicos" com os quais possa se identificar, por partilha de *habitus*. Para tanto, oferece com a mão esquerda uma pílula vermelha, em clara alusão a esquerda e ao comunismo em meio ao campo político, enquanto de modo oposto, oferece com a mão direita a pílula verde do patriotismo, do liberalismo econômico e do conservadorismo dos costumes. Na narrativa, a pílula vermelha garantiria o apreço de "artistas, professores, mídia" e "corruptos". Por outro lado, a pílula verde, embora "amarga" por implicar a "perda de todos os adjetivos reconfortantes", proporcionaria a "verdade" por "companhia". Ironicamente, ao contrário da produção do MBL, no filme Matrix, a pílula capaz de desvelar a falsa consciência, de viabilizar a aproximação com a "verdade", é justamente a vermelha.

A menção a "professores", "artistas" e a "mídia", não é aleatória. Traz em si a teoria conspiratória inscrita no "marxismo cultural", explicitada no Brasil por Olavo de Carvalho, mais que qualquer outro antes dele. Em suas palavras, por exemplo, o "trabalho de professores doutrinadores, completado pela grande mídia (...) já amplamente dominada por ativistas e simpatizantes da esquerda, envolvia os intelectuais e artistas de sua preferência ideológica", sobretudo, "a partir dos anos 1980" com "Paulo Freire", dentre outros "pedagogos esquerdistas". Para ele, o "produto dessa monstruosidade pedagógica" estaria chegando, inclusive, nos programas de "mestrado e doutorado"<sup>387</sup>.

Em termos básicos, no que concerne ao pensamento de Olavo de Carvalho, é possível dizer que o marxismo cultural é uma "reedição do pânico anticomunista", usado por ele "como chave de leitura para o mundo". No caso da América Latina, procura inferir o Foro de São Paulo, sob a liderança do PT e mais especificamente de Lula, como o conluio de comunistas interessados em assumirem o governo de seus países, sob um falso discurso de democracia. Para Olavo, o intento seria a ampliação da subversão dos valores ocidentais, por meio do aparelhamento e doutrinação das instituições públicas, principalmente as vinculadas à educação pública, com foco na destruição da família e dos valores cristãos, como também veio a ser defendido por um de seus adeptos, Abraham Weintraub, ex-Ministro da Educação do Governo Bolsonaro<sup>388</sup>. Tal estratégia, com raízes atribuídas ao filósofo marxista Antonio Gramsci, embora falecido em 1937, teria viabilizado a continuidade da revolução comunista

---

<sup>387</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, pp. 364e365.

<sup>388</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 330

mesmo após o colapso da União Soviética, por substituir a luta pela via da força militar, por outra mais inteligível, mais sutil e eficaz, ou seja, a via da doutrinação cultural<sup>389</sup>.

Apesar de amplamente utilizada por Olavo de Carvalho, inclusive para defender a necessidade de uma "guerra cultural" empreendida pela direita conservadora contra a esquerda, o conceito de "marxismo cultural" não foi cunhado por ele. No Brasil, embora a expressão não tenha sido usada, o entendimento análogo do "cultural marxism" enquanto teoria da "conspiração" está presente no "*Orvil*", livro de traz para a frente, que inicialmente iria se chamar "Terrorismo Nunca Mais". Foi "encomendado ao comando do Centro de Informações do Exército - CIE, em 1986", pelo então Ministro desta Força, "General Leônidas Pires Gonçalves", para contrapor outro, intitulado "*Brasil Nunca Mais*", prefaciado por Dom Paulo Evaristo Arns, então Arcebispo de São Paulo<sup>390</sup>.

Sobre as obras, enquanto o último trata de denunciar os horrores do Regime Militar brasileiro, com base em informações obtidas a partir de documentos da Justiça Militar, o primeiro procura evidenciar a versão dos militares acerca dele, enviesada pela "Doutrina de Segurança Nacional - DSN", resguardada no Brasil pela "Lei de Segurança Nacional - LSN". De um modo geral, seu conteúdo versa sobre supostas "conspirações e crimes da esquerda brasileira e suas tentativas em transformar o Brasil em um país comunista". Segundo nele consta, quatro foram tais tentativas. A primeira teria sido em "1922, com a criação do PCB". A segunda "entre 1954 a 1964, com as Ligas Camponesas e os discursos insuflados de Brizola e Luiz Carlos Prestes". A terceira, "entre 1964 a 1974, com a luta armada". Já a quarta, a pior de todas, seria a atual, inscrita na ideia do "cultural marxism", onde supostamente "temos a infiltração das instituições, em especial na educação e na cultura, com o objetivo de doutrinar a sociedade e modelar uma mentalidade social rumo ao comunismo"<sup>391</sup>.

A obra "ficou pronta durante o Governo de José Sarney que, na ocasião vetou sua publicação". Desde então, cópias xerografadas, posteriormente escaneadas e replicadas na internet, viabilizaram acesso a ela, até que, em 2012, acabou sendo publicada em formato de livro pela Editora Schoba. Sua apresentação foi escrita pelo coronel Carlos Brilhante Ustra, um dos mais conhecidos torturadores do Regime Militar, o mesmo enaltecido por Jair Bolsonaro, então Deputado Federal pelo PP-RJ, durante seu voto pelo impeachment de Dilma na Câmara dos Deputados, em 2016.

---

<sup>389</sup> CARVALHO. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, passim. Ver também: ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 328. Ver também: PONTIN, Fabrício. Apud SANTOS, João Vitor. Por Que a Direita Escolheu Olavo de Carvalho? *Instituto Humanas Unisinos - IHU/ Outras Mídias*. Entrevista. Site.

<sup>390</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 246.

<sup>391</sup> ORVIL. Apud ANDRAD; MELILO. Livro O Orvil na Formação do Pensamento Educacional e a Guerra Cultural no Brasil. *Pensar a Educação em Pauta*. Site. Ver também: ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 328.

Além do exposto em relação ao Orvil, outra noção de "marxismo cultural" apropriada por Olavo de Carvalho, veio dos Estados Unidos, em 1992, por meio de um "ensaio de Michael Minnicino", intitulado "*The New Dark Age - The Frankfurt School and Political Correctness*", em português "*A Nova Idade das trevas - A Escola de Frankfurt e o Politicamente Correto*", que mesclou "anticomunismo e antisemitismo". Na ocasião, embora a expressão ainda não tenha entrado em cena no carnaval conceitual de Minnicino, seus postulados já se encontravam ali definidos<sup>392</sup>. Assim, o desapareço de Olavo de Carvalho por pensadores inscritos na Escola de Frankfurt, como Max Horkheimer e Theodor Adorno, tem com as ideias de Minnicino alguma ligação.

Para João Cezar Rocha, o "marxismo cultural é uma espécie de Plano COHEN escrito em inglês", uma vez que essa mesma "mescla" na "história política brasileira, inspirou o infame relatório" do então Capitão "Olimpio Mourão Filho sobre a hipotética tomada de poder pelos comunistas", na década de 1930<sup>393</sup>. Este, enquanto General, foi um dos artífices do golpe civil-militar contra o Governo Goulart, em 1964. Eis mais uma demonstração do elo que se manifesta discursivamente entre Olavo, MBL e bolsonaristas, tratada a partir da produção *2016: A História Não Contada*, que a demandou, associada ao filme *Matrix*.

No filme *Matrix*, uma vez ouvidas as explicações de Morpheus e tomada a decisão pela pílula vermelha, Thomas Anderson, personagem interpretado por Keanu Reeves, tem sua falsa consciência esclarecida. Ele é levado a perceber viver uma ilusão em um mundo distópico, uma "Matrix" virtual controlada por máquinas cibernéticas, que reproduz em cativeiro e utiliza a energia dos seres humanos como baterias à existência do sistema, submetendo-os a uma realidade cotidiana por eles admitida como normal. Desta feita, Anderson aceita o chamado para compor o grupo de outros poucos esclarecidos que compõem a resistência e o consideram o "escolhido" para liderar a luta contra as máquinas. Neste momento, ele abandona seu alter ego e assume sua identidade como Neo, que seria seu verdadeiro "eu", apesar de todas as privações de vida fora da realidade virtual da "Matrix".

No caso de *2016: A História Não Contada*, após ouvir os argumentos do Morpheus de Fred Rauh e optar pela pílula patriota, aquele indivíduo até então submetido "a dança dos tolos" é levado a conhecer uma verdade com a qual possa se identificar, por partilha de *habitus*. Neste caso, a "verdade" narrada e apresentada através de imagens e audiovisuais pelo membro do MBL, que não deixa de cumprir o rito de exposição do inimigo, seguindo a lógica da retórica do ódio, nem o momento de erudição ao tratar de mitologia grega. Destarte, Rauh

---

<sup>392</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp. 328.

<sup>393</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp. 328a330.

denuncia que "2016 começou sombrio para a democracia", ameaçada pela esquerda liderada por Lula. Este "vagabundo", "corrupto" e "bandido", personificado pelos pixulecos de presidiário, "colocou seus zumbis" nas ruas, prontos para o confronto com coquetéis molotovs e símbolos anárquicos, com o "propósito de destruir as cidades" e promover o caos a serviço de sua "fantoche" a frente do Governo. Contudo, houve "luz por trás das sombras. O MBL estava lá para desmascará-los" e para lutar ao lado das forças da ordem, como Renan Santos, combatente da direita, em marcha com a Polícia Militar Paulista.

Continuando, Rauh enaltece os líderes do MBL "que trabalharam dia e noite" em prol da manifestação do dia 13 de maio de 2016, data usurpada da esquerda, por até então rememorar o "Comício das Reformas" do subversivo Presidente João Goulart, em 1964, pouco antes do golpe civil-militar. Os "escolhidos" do MBL, "marcharam" a pé de São Paulo à Brasília para cobrarem o impeachment de Dilma, enfrentando "privações" pelo caminho. Durante tal marcha, alguns dos seus integrantes experimentaram um pouco o que é viver longe do conforto de suas casas em bairros de classe média, análogas a tantas outras, parte das quais cuidadas por "cidadãs de segunda classe", como Val, pessoa "quase da família", explorada quase como escrava por uma Bárbara do Morumbi, conforme retratado no filme *Que Horas Ela Volta?*<sup>394</sup>. Aqui, outra contextualização é oportuna.

Lançado em 2015, justamente no contexto das manifestações favoráveis ao impeachment, este drama trata dos conflitos sociais de um Brasil em processo de mudança que, com os Governos Lula e Dilma, viabilizou a ralé (subproletariado) alguma esperança e maior dignidade a partir da expansão do emprego e da conquista de direitos antes negados, a exemplo dos conferidos às trabalhadoras domésticas, dentre outras coisas. Destarte, a personagem Val, interpretada por Regina Casé, explorada pela patroa Bárbara, interpretada por Karine Teles, é a personificação simbólica desta mudança, deste Brasil em que os herdeiros da exploração escravista estavam se libertando dos grilhões da subcidadania<sup>395</sup>, a que foram historicamente submetidos pelos herdeiros de privilégios ou de patrimônios, como o "doutor José Carlos", o patrão ocioso que acorda às 11 da manhã.

Contudo, também apresenta parte das motivações da classe média ter saído às ruas, a partir da contrariedade de Bárbara em constatar que o país está mudando. Para tanto, seu objeto de repúdio é a personagem Jéssica, interpretada por Camila Márdila, filha da empregada Val. Tratada como "rato" por Bárbara, esta se incomoda por Jéssica teimar em ser gente, cidadã e por passar no vestibular para cursar a Faculdade de Arquitetura, que seu filho

---

<sup>394</sup> QUE HORAS ELA VOLTA?. Muyleart (Direção e Roteiro). Gullane, et al (Produção). Filme.

<sup>395</sup> SOUZA. *Subcidadania Brasileira*, pp. 221, 231e232.

"maconheiro" não conseguiu ingressar. Mas o pior para Bárbara, é concluir que Jéssica não vai reproduzir o ciclo de subcidadania da mãe, que teve boa parte da vida praticamente "roubada" pela exploração dos "trabalhos domésticos sujos e pesados", para que a patroa pudesse se "dedicar a atividades produtivas mais rentáveis", fazendo aqui uma ponte com Jessé Souza<sup>396</sup>. Enquanto para Val seus espaços de convívio social praticamente se resumiam à cozinha, à área de serviço e seu quartinho, mais de despejo do que de descanso, com suas paredes mofadas, para Jéssica o mundo se apresentava como o limite.

Dependente desta ralé para lhe prover o ócio necessário à obtenção quase "exclusiva" de "capital cultural" a partir do qual obtém capital econômico suficiente para seu conforto, setores da classe média "moralista e conservadora", tão acostumados a explorá-la a "preço vil", saíram às ruas para defenderem seus interesses. Defensores por "excelência do mito da meritocracia" que viabiliza a "reprodução de privilégios", em um país onde, para muitos, as aparências importam, decidiram lutar pela subalternidade da ralé que "sempre desprezaram e odiaram", até como forma de manterem as linhas de distinção social. Todavia, visto que não poderiam escancarar oposição "a uma política bem-sucedida de inclusão" e "redistribuição de renda", representadas por "Lula e o PT", trataram de fazer isso inscrevendo no discurso do ódio o "combate seletivo da corrupção" de modo "fulanizado"<sup>397</sup>. Tal entendimento de Jessé Souza é algo muito notório nos discursos do MBL, principalmente quando se trata de Lula, admitido como "político criminoso mais corrupto que a população brasileira já viu"<sup>398</sup>. Inclusive, acerca da seletividade, nas poucas ocasiões em que seus integrantes foram forçados a abordarem publicamente escândalos de corrupção envolvendo personalidades políticas de partidos opostos ao petismo, o discurso do ódio com base na "retórica do ódio" não se observou. Sobre o assunto, um exemplo é pertinente.

Em 2017, quando a mídia tradicional divulgou parte da gravação feita por Joesley Batista da JBS, entregue à Procuradoria Geral da República - PGR, contendo informações de um suposto pedido de propina por parte de Aécio Neves, então Senador pelo PSDB-MG, sob o argumento de bancar sua defesa na Lava Jato, alguns integrantes de cúpula do MBL não lhe pouparam algumas críticas. Assim o fizeram, em um grupo mais restrito de *WhatsApp* "criado por um entusiasta" interessado em promover "interface entre o Movimento e executivos de médio e alto escalão do mercado financeiro", ligados a "instituições como Banco Safra, XP

---

<sup>396</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 81.

<sup>397</sup> Tal parágrafo foi escrito com base na concatenação de algumas posições defendidas por Jessé Souza, retiradas das seguintes obras e suas páginas. SOUZA. *A Elite do Atraso*, pp. 80e95. Também: SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, pp. 54,57,81,85,100e111.

<sup>398</sup> KATAGUIRI. *Quem é Esse Moleque Para Estar Na Folha*, p. 92.

Investimentos e Merrill Lynch". Todavia, demonstrando o seletismo, Renan Santos ponderou que publicamente as críticas deveriam ser amenizadas, pois, não deveriam "alterar a configuração das forças políticas e nem fornecer narrativas" que pudessem vir a "favorecer o ressurgimento da esquerda"<sup>399</sup>.

## Algumas Polêmicas

Como já mencionado, segundo seus integrantes, apesar de uma breve atuação nas manifestações de 2013, os integrantes do MBL atribuem como data de sua fundação o dia 01 de novembro de 2014, ocasião em que realizaram sua primeira manifestação contra o Governo de Dilma Rousseff, menos de uma semana após sua reeleição. Todavia, suas atividades foram iniciadas em associação com o já tratado Movimento Renovação Liberal - MRL, ou Renova, pertencente à família Santos, sob a presidência de Stephanie Liporacci Ferreira dos Santos, irmã de Renan e de Alexandre. Segundo seus integrantes, "MBL não é uma empresa, mas sim uma marca, sob gestão e responsabilidade do MRL, única pessoa jurídica do Movimento"<sup>400</sup>.

Apesar do exposto, em outra ocasião, quando interpelados a esclarecer a ligação entre ambos os movimentos, salientaram que "não se deve confundir um com o outro", já que em torno da marca MBL há "uma associação que congrega milhares de indivíduos identificados com causas de natureza política, social e econômica". Por outro lado, o MRL é uma "associação civil sem fins lucrativos" que "presta apoio formal ao MBL, por exemplo, em relação à realização de eventos"<sup>401</sup>. Em outras palavras, a relação entre MRL e MBL é confusa, pois, ao mesmo tempo em que afirmam que ambos os movimentos possuem "naturezas jurídicas" distintas, compartilham o mesmo CNPJ número 22.779.685/0001-59, o mesmo endereço em São Paulo onde, aliás, também funcionava, no momento desta pesquisa, o Produtora "NCE" ou "MMMXXIII Produções", ligada ao MBL. Em meio a tal confusão, até mesmo a marca MBL já foi objeto de disputa judicial, em 2019, envolvendo o Deputado Alexandre Frota, então filiado ao PSL-SP<sup>402</sup>. Que pese o MRL ter formalizado um pedido de registro da marca junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial - INPI, sob o nº 912869690, datado de 12 de junho de 2017, até onde a pesquisa pôde avançar, a situação não havia sido suficientemente esclarecida.

---

<sup>399</sup> ABUDD. Grupo da Mão Invisível. Dois Meses de Conversa no WhatsApp do MBL. *Folha de São Paulo*. Site.

<sup>400</sup> ESTADÃO. MP Vê 'Confusão Empresarial' Entre MBL e MRL, Mira em Sonegação e Prende Dois. Site.

<sup>401</sup> SEGALLA; ROSSI; BETIM. Renovação Liberal: A Associação (...) Para Onde Vai o Dinheiro do MBL. *El País*. Site.

<sup>402</sup> DA REDAÇÃO. Grupo de Alexandre Frota Ganha Registro da Marca MBL. *Isto É*. Site.

Sobre a natureza jurídica do MBL, em 2017, o jornal *El País* publicou uma reportagem assinada, dentre outros, por Vinícius Segalla, sugerindo existir "um lado nebuloso" acerca da "organização" e manutenção "financeira" do "Movimento", que então já contava "com 2,5 milhões de fãs em seu perfil na rede social"<sup>403</sup>. Em seu site, bem como em diversas ocasiões, os coordenadores nacionais do MBL, a exemplo dos irmãos Santos, argumentam que os recursos que mantêm o Movimento advêm de doações de "milhares de contribuintes" e da venda de produtos promocionais<sup>404</sup>. Assim, negam receber recursos de partidos políticos e *think tanks* nacionais e/ou internacionais. Contudo, a falta de transparência em relação à prestação de contas de tais recursos, já rendeu investigação ao MRL e ao MBL, inclusive pelo Ministério Público do Estado de São Paulo.

Segundo a investigação, tocada pelo Grupo Especial de Repressão a Delitos Econômicos - GEDEC, o "imbróglio criado no tocante à diferenciação da personalidade jurídica relativa ao MBL e o MRL, denota indícios da existência da prática de ilícitos por estas pessoas jurídicas", em que o primeiro seria "um mero nome fantasia" do segundo". No mais, concluí que "ainda que os ditos movimentos afirmem que não se confundem, na prática, não é o que se verifica", bem como ser tal "confusão, aparentemente proposital". A "forte suspeita" do GEDEC para isso, seria "suposta prática de lavagem de dinheiro", conforme "Art. 1º da Lei 9.613 de 03 de março de 1998, cometida por integrantes, fundadores e agregados (doadores)" do "MBL" e do seu relacional "MRL"<sup>405</sup>.

Sobre a falta de transparência do MBL acerca do seu balanço financeiro, identificada pelo GEDEC, explicitada pela reportagem do *El País* e solicitada em várias ocasiões "por órgãos de imprensa, adversários políticos, simpatizantes e até partidos aliados", a defesa por parte de seus coordenadores é a seguinte: "o MBL é o movimento político mais perseguido do Brasil e, portanto, como entidade privada, não tornamos público o balanço financeiro, em respeito à privacidade e integridade de nossos colaboradores, membros e doadores"<sup>406</sup>.

Os recursos admitidos como "não lastreáveis", segundo a investigação do GEDEC, são obtidos, conforme consta no site oficial do MBL, a partir de doações avulsas ou mensais, inscritas em categorias que envolvem quantias fixas e pacotes de benefícios aos interessados em assim contribuírem e fazerem parte do Movimento. Tais categorias atuais, da mais barata à mais cara, são intituladas, "Agente da CIA", "Irmãos Koch", "Mão Invisível",

---

<sup>403</sup> SEGALLA; ROSSI; BETIM. Renovação Liberal: A Associação (...) Para Onde Vai o Dinheiro do MBL. *El País*. Site.

<sup>404</sup> SANTOS. O Que é o MBL?. *MBL*. Site.

<sup>405</sup> MPSP / GEDEC. Auto do Procedimento Cautelar nº 1001514-54.2019.8.26.0050. PDF. Ressalva: Embora o documento date de 2020, ano fora do recorte temporal da pesquisa, os anos apurados pela investigação se inscrevem nele, razão pela qual foi utilizado.

<sup>406</sup> SEGALLA; ROSSI; BETIM. Renovação Liberal: A Associação (...) Para Onde Vai o Dinheiro do MBL. *El País*. Site.

"Exterminador de Pelegos" e "Rolo Compressor". Todavia, já houve "Imperialista Yankee", "Privatiza Tudo" e "I am 1%". Atualmente os valores vão de 30 reais a mil reais, embora já tenha chegado a 10 mil no caso desta última. Aos "doadores recorrentes", os benefícios incluem "descontos" em compra de produtos na loja virtual do Movimento e "Congressos", participação em "eventos exclusivos", direito a "kit anual de produtos" e até "jantar" com as lideranças, a depender da categoria. Parte destes nomes, segundo alguns membros do Movimento, são deboches em relação a "uma serie de teorias sobre quem o patrocina".

Deboches à parte, embora neguem outras formas de contribuição, algumas considerações são oportunas. No que tange os "*think tanks*", é preciso lembrar que a ideia e o embrião do MBL têm suas origens a partir de um deles, ligado a Atlas Network, ou seja, o EPL, como já foi abordado. Quanto a recursos provenientes de partidos políticos, existe matéria na imprensa que investiga o eventual recebimento. Neste sentido, uma reportagem publicada pelo jornal *UOL*, assinada por Pedro Lopes e Vinícius Segalla, apresentam informações que evidenciam que o MBL recebeu algum tipo de apoio financeiro ou logístico do PSDB, do então PMDB e do Solidariedade, por ocasião das manifestações favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff. Embora o DEM também tenha sido mencionado, em resposta à reportagem negou o apoio em dinheiro.

Questionado, Renan Santos, um dos coordenadores que em teoria defende o discurso do apartidarismo do MBL, afirmou na oportunidade que o Movimento "não criminaliza a política nem os políticos". Na continuidade, admitiu que a "aproximação com as lideranças políticas foi fundamental para pavimentar o caminho do impeachment"<sup>407</sup>. Sobre o tal apartidarismo, sua defesa não deixa de ser contestável, visto que desde suas primeiras manifestações, em 2014, o MBL já possuía lideranças filiadas a partidos políticos, a exemplo de Fábio Ostermann no Novo, e o próprio Renan Santos no PSDB, no qual se manteve até 2015, como já foi abordado em outro momento.

Em relação às polêmicas envolvendo o MBL, outro assunto ligado a elas diz respeito à guinada do Movimento em direção ao discurso conservador no que trata da moral e dos costumes. Isso é ainda mais curioso, se considerado o fato de suas raízes a partir do EPL, estarem ligadas a Fábio Ostermann, um libertário cujas ideias se inscrevem na "defesa do capitalismo sem restrições de qualquer tipo", bem como no que se refere à "moral" e à "política da liberdade dos seres humanos, sem coação de uns pelos outros"<sup>408</sup>. Aliás, cabe recordar que a postura conservadora adotada pelo PSL, por ocasião da filiação de Jair

---

<sup>407</sup> LOPES; SEGALLA. Áudios Mostram que Partidos Financiaram MBL em Atos Pró-Impeachment. *UOL*. Site.

<sup>408</sup> ROCHA. "*Menos Marx. Mais Mises*", p. 46



Bolsonaro, cooperou para a saída de Ostermann deste Partido e seu retorno para o Novo, mais próximo do pensamento libertário.

Esta guinada gradual, inclusive, ainda que sem tal intenção, favoreceu Bolsonaro, na medida em que passou a levar das redes sociais para as ruas, boa parte do que veio a compor o discurso bolsonarista de campanha à Presidência, que além da defesa do liberalismo econômico através do economista Paulo Guedes, articulou a defesa do conservadorismo moral e religioso, sobretudo ligado ao neopentecostalismo<sup>409</sup>, com o antipetismo, por meio da "retórica do ódio". Para Camila Rocha, os libertários foram gradualmente cedendo lugar aos liberais conservadores, "na medida em que os movimentos LGBT, feminista e outros também vinculados à promoção dos direitos humanos", via de regra ligados ao petismo, "começaram a obter conquistas importantes", ao mesmo tempo em que "novos sujeitos coletivos surgiram na esteira de uma 'primavera feminista no Brasil', que se consolidou em 2015"<sup>410</sup>.

Analogamente, Esther Solano Gallego também argumenta que, visto que a "ideia do Estado mínimo" inscrita no "neoliberalismo" tem apelo limitado junto à sociedade brasileira, uma vez que muitas "pessoas não querem isso, o MBL mudou a estratégia e passou" a explorar "pautas mais moralistas, na política, em relação à população LGBT, mulheres e punitivismo". Desta feita, é mais fácil "encontrar setores da sociedade que te apoiam, porque são pautas que ainda têm questões transversais de racismo e classismo que são complicadas de vencer"<sup>411</sup>. Neste sentido, talvez o melhor exemplo personificado deste conservadorismo no MBL, seja Fernando Holiday.

Fernando Silva Bispo, é natural de São Paulo. Nasceu no dia 22 de setembro de 1996. Foi criado pela mãe em Carapicuíba, no bairro Cohab 5 e passou pela infância socialmente em meio à pobreza. Estudou em escolas públicas e já travava discussões contra as cotas raciais com alguns de seus professores durante o ensino médio, o qual concluiu em 2013. Chegou a passar, "sem cotas", em Filosofia na Unifesp e iniciar Direito no Instituto de Direito Público, mas não concluiu. Se afirmando como "conservador", além de "negro, gay e de direita (...), trocou o neopentecostalismo pelo catolicismo por razões históricas, filosóficas e culturais", fazendo questão de frisar sua "admiração pela história do Império Romano e da Igreja Católica dos primórdios"<sup>412</sup>.

---

<sup>409</sup> Sobre o antipetismo inscrito no neopentecostalismo ver: AVRITZER: *O Pêndulo da Democracia*, pp. 125,128,146e147.

<sup>410</sup> ROCHA. "*Menos Marx. Mais Mises*", p. 177

<sup>411</sup> GALEGO. Apud. PIAI. Esther Solano: Uma Mulher Que Comprou Guerra Contra o MBL e a Patrulha do Pensamento. *Arte! Brasileiros*. Entrevista. Esta guinada do MBL em relação ao conservadorismo também foi identificado por Leonardo Avritzer. Ver: AVRITZER: *O Pêndulo da Democracia*, pp. 131e132.

<sup>412</sup> THOMAZ. Gays de Direita: O Que Pensam Jovens Homossexuais Conservadores. *Época*. Site.

No mais, é crítico ao aborto, antipetista e se diz "contrário aos movimentos negro e LGBT", pelo menos em relação à forma como se apresentam e manifestam. Por conta do conflito entre sua orientação sexual e religiosidade, argumenta procurar se ater "à risca ao mandamento presente em Levítico 20:13", de que "se um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, ambos terão praticado abominação". Para nisso não incorrer, disse em entrevista pretender "continuar com sua homossexualidade abstêmica". A exemplo de Kim Kataguri, com quem comunga de muitas ideias e idade, passou a se expressar através do *You Tube* ainda na adolescência. Por conta dos seus posicionamentos, conseguiu notoriedade, inclusive de membros do MBL<sup>413</sup>.

Criticado pelos opositores, "por ser um Movimento formado pela elite rica e branca", o MBL precisava de um contraponto. Para tanto, Fernando Silva "caiu como uma luva" e assim foi convidado em 2015, a partir de Kim Kataguri e Renan Santos, a integrar o grupo<sup>414</sup>. Carismático, impetuoso e bom comunicador, logo se tornou um dos rostos mais conhecidos do MBL e um dos seus coordenadores nacionais<sup>415</sup>. Sua ascensão midiática, cooperou para que se elegeesse como o mais jovem Vereador de São Paulo pelo DEM, em 2016. Em relação aos primeiros contatos com o MBL, após receber o convite para tanto, Fernando Silva chegou a dizer que no começo "achava" os membros do Movimento "um bando de playboys que não sabiam o que estavam fazendo". Todavia, passada esta primeira impressão, se ambientou<sup>416</sup>.

A integração de Fernando ao MBL, haja vista as peculiaridades elencadas, lhe renderam muitas críticas nas redes sociais e nos meios acadêmicos. Avaliado por muitos opositores como "capitão do mato", "fante da direita" ou "manipulado", para não delongar a lista de termos depreciativos facilmente encontrados acerca dele na internet, cumpre destacar não ser esta a posição nesta tese. Embora as fontes permitam afirmar, dentro do recorte temporal desta pesquisa, ser o MBL um Movimento composto quase que exclusivamente por pessoas brancas inscritas em setores da classe média no campo social, bem como ser Fernando Silva um contraponto neste sentido, a leitura proposta nessa tese se distancia da ideia de manipulação. É possível dizer que a adesão de Fernando Holiday ao movimento ocorreu por identificação com o discurso liberal-conservador, já notoriamente mais preconizado pelo Movimento em comparação ao "libertarianismo" nos idos de 2015, além de comungarem do mesmo antipetismo.

---

<sup>413</sup> GONÇALVES. Holiday: O 'Coxinha da Periferia' e a Difícil Estréia Parlamentar. *Veja*. Site. Ver também: THOMAZ. Gays de Direita: O Que Pensam Jovens Homossexuais Conservadores. *Época*. Site.

<sup>414</sup> GONÇALVES. Holiday: O 'Coxinha da Periferia' e a Difícil Estréia Parlamentar. *Veja*. Site. Ver também: MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*, p.23

<sup>415</sup> GONÇALVES. Holiday: O 'Coxinha da Periferia' e a Difícil Estréia Parlamentar. *Veja*. Site

<sup>416</sup> RAUH; SANTOS (Dir.); SANDALO (Prod.). *Não Vai Ter Golpe!* Documentário.

Uma vez no MBL, Fernando incorporou "Holiday" ao nome, com o qual passou a ser conhecido. Sobre o assunto, há controvérsias. Segundo Fernando, o sobrenome Silva é "muito comum" e Bispo ele não tinha intenção de usar, por ser proveniente do pai "que o abandonou". Assim, após ter sido desaconselhado por membros do MBL a usar "Fernando Fucker", como gostaria, em consenso com eles optou por Fernando Holiday. Segundo ele, a escolha é uma homenagem a "Billie Holiday", uma cantora de jazz norte-americana, falecida em 1959, que diz gostar<sup>417</sup>. Todavia, há outra versão. Segundo Fábio Ostermann, é "mentira" que o nome tenha sido "por causa da Billie Holiday", que o Fernando "nunca nem ouviu". Ele foi "inspirado no [Ryan] Holiday", autor do "livro de cabeceira das pessoas que estão à frente do MBL, especificamente Renan Santos e Pedro D'eyrot, que se chama *"Acredite, Estou Mentindo: Confissões de um Manipulador das Mídias"*<sup>418</sup>. Sobre o livro tão importante para Renan e D'eyrot, segue um trecho:

Se você quisesse ser gentil, poderia dizer que trabalho com marketing e relações públicas, ou publicidade e estratégias online. Mas esse é um verniz educado para esconder a dura verdade (...). Meu trabalho é mentir para os meios de comunicação, para que estes mintam para você. Eu trapaceio, suborno e conpiro para marcas bilionárias e escritores best sellers, abusando do meu conhecimento de internet para tanto. Eu direcionei milhões de dólares para blogs por meio de publicidade. (...). Eu despachei blogueiros de avião pelo país, (...) inventei falcaturas para atrair sua atenção e os cortejei com bebidas e jantares caros. Eu provavelmente enviei tantos cartões de presentes e camisetas para blogueiros de moda que seriam suficientes para vestir um país pequeno (...). Eu usei os blogs para controlar as notícias<sup>419</sup>.

Sobre alguma razão para o apreço a tal livro por parte de alguns membros do MBL, uma vez não ser possível a emissão de juízos de valor em um texto voltado para a academia, uma resposta foi apresentada pelo mesmo Fábio Ostermann, após ter deixado o Movimento. Segundo ele, o "grupo" passou a ser constituído por "pessoas que se especializaram na arte" de "mentir, de tentar parecer maiores do que realmente são". Em sua interpretação, o MBL havia se tornado "um bando de moleques, meia dúzia de oportunistas, principalmente (...) os irmãos metralhas que tem 200 processos trabalhistas nas costas". O conteúdo inscrito em um vídeo do *You Tube*, como seria de se esperar, foi indisponibilizado na internet<sup>420</sup>. Como evidenciado, em algum momento, o "pessoal" que inicialmente Fábio Ostermann havia achado "gente fina"<sup>421</sup>, por ele deixou ser.

---

<sup>417</sup> THOMAZ. Gays de Direita: O Que Pensam Jovens Homossexuais Conservadores. *Época*. Site.

<sup>418</sup> OSTERMANN. Apud MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do ... e Facebook*, p.39. Grifo nosso.

<sup>419</sup> HOLIDAY. *Acredite, Estou Mentindo*, p. 7.

<sup>420</sup> Todavia, foi antes disso, acessado por Renan Alfenas de Mattos, o qual deve ser creditado por esta informação. Apud MATTOS. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook*, p.39

<sup>421</sup> ROCHA. *"Menos Marx, Mais Mises"*, p. 163.

Em relação ao desligamento de Fábio Ostermann do MBL, em seus argumentos discorre ter sido consequência, dentre outras coisas, da expansão desordenada de membros e dos núcleos pelos Estados, da falta de transparência em relação à questão financeira, além da guinada do Movimento para a linha liberal conservadora. Segundo o próprio, "até julho de 2015 quem escrevia as pautas" e "cuidava da parte ideológica" era "basicamente" ele. Mas após as manifestações de São Paulo, "o negócio" ficou "totalmente descentralizado". São Paulo "começou a crescer mais" e ele, "envolvido com outras questões", inclusive em Porto Alegre, passou a ter dificuldades de acompanhar<sup>422</sup>.

Todavia, o que mais o teria incomodado foi a gradativa "subordinação" do MBL à "lógica do caos" e à "falta de organização", inclusive financeira. Neste sentido, argumentou que embora se "engajasse em esforços para arrecadar dinheiro para os projetos, acabava não vendo para onde estava indo esse dinheiro", fato que "criou certo desconforto" nele<sup>423</sup>. Desta feita, resolveu "deixar o MBL, por entender que o Movimento não mais representava os valores e as práticas que o motivaram e a outros ativistas libertários a concebê-lo"<sup>424</sup>. Por razões em parte análogas, no mesmo ano, um pouco antes de Ostermann, Paulo Batista, do "raio privatizador", também deixou o MBL<sup>425</sup>.

Que pese o conservadorismo moral com viés religioso adotado pelo MBL, que chegou a protestar, em 2017, contra *A Exposição Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, em cartaz sob a responsabilidade do Santander Cultural em Porto Alegre<sup>426</sup>, algumas exceções parecem oportunas, pelo menos quando se trata de um dos seus fundadores. Tal é o caso de Pedro Ferreira, mais conhecido pelo nome artístico Pedro D'eyrot, integrante do trio musical chamado Bonde do Rolê. O grupo que "faz apresentações escandalosas, que mistura funk carioca com música eletrônica e pop", possui no currículo apresentações internacionais e "elogios da revista 'Rolling Stone'"<sup>427</sup>.

Dentre suas produções de maior sucesso é possível destacar "Marina do Bairro", que integra o álbum "With Lasers", lançado em 2007, com o selo da Domino Records. Desta música, parte da letra aborda que, "do pipiu do meu priminho eu puxava a pelezinha. Desde os três aninhos eu mostrava a calcinha. Se nasci para ser devassa, ser devassa pode crer. Põe a jeba na minha frente que eu te mostro o que é fuder". Não é tudo, em outra parte acrescenta que "nego crescia os 'óio' quando via a periquita. Batia na minha cara e botava a 'xalxixa'.

---

<sup>422</sup> ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", p. 171

<sup>423</sup> ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", p. 171

<sup>424</sup> REDAÇÃO. Fábio Ostermann Desmente Declaração de Alexandre Frota Sobre MBL. *Bol. da Liberdade*. Site.

<sup>425</sup> ROCHA. "Menos Marx, Mais Mises", p. 168

<sup>426</sup> MENDONÇA. Queermuseu: O Dia em Que a Intolerância Pegou Uma Exposição Para Cristo. *El País*. Site.

<sup>427</sup> REVERBEL. Um dos Fundadores e Líderes do MBL Também é Cantor do Bonde do Rolê. *Folha de São Paulo*.

Punha o dedo no meu cu pra ver se tinha oxiúro"<sup>428</sup>. Talvez a descrição de parte desta música fosse desnecessária ao gosto de quem lê, mas não para pensar um pouco sobre as incoerências envolvendo alguns membros no MBL, particularmente neste caso, um dos seus fundadores.

Sobre algumas condutas e polêmicas envolvendo o MBL, o próprio Fernando Holiday, mais amadurecido após perceber a necessidade de diálogo no campo político, sobretudo após iniciar suas atividades enquanto parlamentar, bem como ter iniciado um curso de História na Mackenzie, passou a ponderar algumas coisas. Segundo ele, no início do mandato como vereador, "chegou muito menos aberto ao diálogo com quem pensava diferente". Todavia, o "parlamento força o diálogo" com "pessoas que não pensam da mesma forma". Nesse sentido, argumenta ter realizado autocríticas em relação a alguns de seus posicionamentos, "como no caso do Escola Sem Partido".

Também em relação às demandas ligadas aos "negros" e "LGBTs", passou a admitir que a direita deveria adotar "uma comunicação muito mais acolhedora". Ainda que continue a se "definir" como "conservador", avalia que o MBL "ajudou simplificar o debate político de uma forma perigosa, resumindo tudo a memes e aumentando a tensão política". Destarte, acredita que os demais membros do Movimento precisem fazer, a exemplo dele, "essa autocrítica de tentar qualificar o debate político como um todo", de modo a evitar simplificações e polarizações como fizeram no passado e que veio a viabilizar, inclusive, a eleição de Bolsonaro, de quem é opositor<sup>429</sup>.

Se estas reflexões resultaram indisposições ou não com o MBL, é difícil dizer, uma vez que há notícias divergentes sobre isso. Contudo, em 2021, Fernando Holiday se desligou do Movimento<sup>430</sup>. Certamente, ele não foi o único negro a se identificar com o discurso do MBL, mas como já tratado, foi o que mais cooperou para tentar quebrar a ideia de um Movimento de "elite branca", ou de brancos de classe média como as fontes permitem afirmar. Outros negros integraram o Movimento, a exemplo de Eric Balbinus, dentre outros, mas sem a mesma projeção.

Sobre o assunto, uma demonstração relevante para elucidar a importância de Holiday, no que diz respeito à intenção do MBL de quebrar a imagem de "elitista", pode ser realizada à partir do filme "*Não Vai Ter Golpe!*", de 2019, produção destinada a enaltecer o Movimento em meio às manifestações e acontecimentos que conduziram ao impeachment de Dilma. Em 134 minutos, o filme constituído a partir de uma compilação e seleção de várias

---

<sup>428</sup> BONDE DO ROLÊ. *Marina do Bairro*. Álbum With Lasers.

<sup>429</sup> BETIM. Holiday: "O MBL Ajudou a Simplificar o Debate Político de uma Forma Perigosa". *El País*. Site.

<sup>430</sup> FUCS. O Combate ao Aborto e a Causa LGBT Não São Bandeiras do MBL, Diz Holiday. *UOL*. Site.

fontes audiovisuais produzidas pelo MBL, narrativas, depoimentos e imagens retiradas da internet, rememorando, principalmente, o período entre 2014 e 2016, não aparece nenhum outro negro em situação de destaque, além de Fernando Holiday. Aliás, os negros não aparecem, sequer, em meio às imagens dos manifestantes, com raras exceções, como qualquer um que assista ao filme com tal propósito de observação poderá constatar.

Talvez por terem identificado isso, já na parte dos créditos, em meio a outros membros do MBL, como Arthur do Val, o "mamãe falei", ativista ingresso no Movimento em 2016, a voz tenha sido dada a quatro negros. Apontados no filme como "ativistas do MBL", nenhum deles com um sobrenome comum, nenhum deles um "da Silva", como Fernando Holiday, aparecem em um canto de tela prestando curtos depoimentos sobre os acontecimentos os quais não aparecem, Caué del Valle, Pedro Jácome, Jean Franco e o citado Eric Balbinus, um dos que tiveram sua página no *Facebook* desativada, supostamente por promover desinformação, em 2018. A propósito, a última polêmica a ser abordada em relação ao MBL diz respeito às *fake news*.

Sobre *fake news*, é evidente que quem as pratica não as assume, exceto alguém como o supracitado Ryan Holiday, que aparentemente não teve problema em assumir que seu "trabalho é mentir"<sup>431</sup>. Os membros do MBL sempre negaram a prática. Todavia, há indícios em contrário. Em 2018, o *Facebook* desativou uma rede de 196 páginas e 87 perfis, boa parte relacionadas ao MBL e a bolsonaristas, então aliados na luta pela derrota eleitoral de Fernando Haddad do PT à Presidência da República, no ano em questão.

Segundo uma reportagem, o argumento utilizado pelo *Facebook* para assim proceder, foi a identificação de "uma rede coordenada que se ocultava com o uso de contas falsas", de modo a "esconder das pessoas a natureza e a origem de conteúdos com o propósito de gerar divisão e espalhar desinformação", eufemismo para *fake news*<sup>432</sup>. Ainda conforme a reportagem, "a iniciativa" representou "parte dos esforços para reprimir perfis enganosos antes das eleições de outubro" de 2018. No mais, as "páginas desativadas, que juntas tinham mais de meio milhão de seguidores, variavam de notícias a temas políticos, com uma abordagem claramente conservadora"<sup>433</sup>.

Apesar das polêmicas e processos, principalmente em relação à falta de transparência quanto a origem e destinação dos recursos financeiros, o MBL não apenas resistiu como cresceu, a ponto de conseguir eleger diversos de seus membros a mandatos legislativos. Em

---

<sup>431</sup> HOLIDAY. *Acredite, Estou Mentindo*, p. 7.

<sup>432</sup> HOLANDA. Antissistema, MBL Quer Até Virar Partido. *Estadão*. Site.

<sup>433</sup> G1. Facebook Exclui Páginas de 'Rede de Desinformação' e MBL Fala em 'Censura'. Site.

2018, movidos pelo antipetismo e crédulos no discurso liberal econômico empreendido por Paulo Guedes, além de concordarem com algumas pautas conservadoras inscritas no bolsonarismo, se aliaram a Jair Bolsonaro, para depois romper com ele já no primeiro ano do mandato. Antipetistas, polêmicos, liberais-conservadores e dentre tantas outras coisas que ao Movimento é possível atribuir, em algo é preciso concordar com Renan Santos: quando se trata do MBL, a única coisa que não se pode fazer é ignorá-lo.

Conforme procurou-se explicitar neste capítulo, o MBL tem suas origens a partir da intenção de parte da direita, de levar o pensamento liberal às ruas, aproveitando o contexto das manifestações de 2013. Embora não tenha se constituído enquanto *think tank*, tem suas origens a partir de um, o EPL. Já em 2014, movidos pela insatisfação contra a reeleição de Dilma Rousseff à Presidência, um grupo de jovens consolidou a marca MBL e a transformou em um Movimento destinado a derrubar seu Governo. Para tanto, embora desafetos, apropriaram de Olavo de Carvalho parte do discurso do ódio contra o petismo, associando-o ao comunismo e à imoralidade, sobretudo no que tange à corrupção, elaborado com base em técnicas inscritas na retórica do ódio, que mais tarde veio a ser potencializada pelo bolsonarismo, sobretudo o "raiz", que será tratado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 4

### **Bolsonarismo: Entre a Teoria e a Prática do Discurso do Ódio ao Petismo.**

Uma Abordagem das Massas: Diálogo Teórico Entre Freud e Bourdieu.

No primeiro momento, esse capítulo propõe um diálogo entre alguns aspectos da sociologia de Pierre Bourdieu, com outros da psicologia de Sigmund Freud. O propósito consiste em destacar alguns apontamentos teóricos, de modo a viabilizar a compreensão do bolsonarismo enquanto fenômeno político de massa, uma vez que, sob a liderança de Jair Bolsonaro, milhares de brasileiros, a maior parte inscrita em setores da classe média, o tomaram como "ideal de ego" de si próprios. Isso decorreu não de um processo de manipulação, mas por identificação<sup>434</sup> com o discurso por ele personificado em função de *habitus* partilhado, sobretudo no que concerne ao antipetismo que, durante o processo eleitoral à Presidência de 2018, assumiu importância maior que a "preocupação com a manutenção (...) de uma estrutura de direitos"<sup>435</sup>.

Sobre o assunto, que pese as contribuições creditáveis a Jessé Souza ao longo desta pesquisa, uma ressalva deve ser feita. Sua inclinação em admitir o agente social como passível de manipulação, é distinta do entendimento preconizado nesta tese, de que a adesão ao discurso ocorre por identificação, em função de *habitus* partilhado com o emissor, segundo associação possível entre Freud e Bourdieu. Portanto, essa tese se afasta da avaliação de que o sentimento de protagonismo de frações da classe média em relação ao movimento destinado ao impeachment de Dilma, não teria passado de "manipulação do consórcio" entre a "elite do dinheiro e a mídia"<sup>436</sup>.

Nesse sentido, é importante esclarecer que, embora seja evidente que um discurso se vincule mais aos interesses de determinada classe social que outras, isso não implica que ela seja constituída com base na plena homogeneidade. Ao contrário, as classes que, segundo Jessé Souza, se inscrevem no campo social brasileiro, a saber, "elite", "média", "trabalhadora" e "ralé" (subproletariado), devem ser compreendidas também em termos teóricos e simbólicos. São "homogêneas tanto quanto possível", na medida em que "agrupam os agentes

---

<sup>434</sup> Para Freud, a "identificação é a forma mais original de ligação emocional com o outro" e "surge sempre que se percebe qualquer nova característica em comum com uma pessoa ou objeto" a partir dela, que possa prover alguma "simpatia". Assim, a "ligação mútua entre indivíduos na massa" é produzida por meio de uma "importante característica afetiva em comum", que se encontra manifesta "na ligação com o líder". FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 98a104.

<sup>435</sup> AVRITZER. *O Pendulo da Democracia*, p. 16.

<sup>436</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 101.



que mais se parecem entre si", enquanto também os "distinguem" dos "integrantes de outras classes, vizinhas ou distantes"<sup>437</sup>.

Sobre o assunto, Bourdieu destacou que as pessoas tendem a se aproximar dentro do "espaço social", sobretudo em função de uma certa "afinidade de estilos de vida", "gostos", modos de agir e pensar analogamente, ou seja, do *habitus* condicionado socialmente em virtude dos capitais econômico e cultural de que dispõem. Assim, "como a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus*", determinadas pessoas terminam por se aproximarem e se mobilizarem em espaços restritos do espaço social em função de suas afinidades e interesses mais ou menos comuns, ao mesmo tempo em que se segregam, distinguem ou se afastam de outras pessoas ou classes com as quais não partilham o mesmo estilo de vida, pensamentos ou outros interesses<sup>438</sup>.

Contudo, embora Bourdieu tenha chamado a atenção para o fato de que tais processos de aproximação possam constituir classes sociais, ele advertiu que elas só existem para evidenciar a marcação de "diferenças" e de "princípios de diferenciação" dentro do espaço social, e não de modo unívoco e real, como supunha Marx, visto as distinções entre os próprios indivíduos que as compõem. Assim, o fato de algumas pessoas estarem situadas mais próximas em um determinado "setor restrito do espaço social", não implica necessariamente "unidade", mas sim uma "potencialidade objetiva de unidade" ou "uma pretensão de existir como grupo, uma classe provável"<sup>439</sup>. No mais, esclarece que, em processos de mobilização política, quando um grupo de pessoas procura impor sobre outro uma "visão do mundo social" ou uma "maneira de construí-la, na percepção e na realidade", um "recorte" de tais grupos em conflito pode ser admitido enquanto "classes" em termos simbólicos<sup>440</sup>.

A partir do conceito de *habitus* de Bourdieu, é possível compreender o que leva as pessoas se aproximarem ou se distanciarem em meio ao espaço social. Todavia, isso não é suficiente para justificar o comportamento do indivíduo enquanto integrante de massa, ocasião em que subjugua sua capacidade de crítica à "sugestionabilidade" de um discurso, via

---

<sup>437</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, p. 24. Para Bourdieu, o "espaço social" pode ser compreendido como uma "realidade invisível, que não podemos mostrar nem tocar e que organiza as práticas e as representações dos agentes". É a "realidade primeira e última que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele". BOURDIEU. *Razões Práticas*, pp. 24e27.

<sup>438</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, pp. 21a24.

<sup>439</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, p. 25.

<sup>440</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, p. 26.

de regra, personificado por um líder<sup>441</sup>. Por isso, a importância, no contexto desta tese, da associação de sua sociologia, com a psicologia freudiana.

A ideia de *habitus* na perspectiva de Bourdieu, coopera para o entendimento do processo de formação da personalidade individual proposta por Freud. Segundo este, a personalidade inscrita na teoria da psique humana, é constituída por "*id*", "*superego*" (também conhecido como "*supereu*") e "*ego*" (ou simplesmente "*eu*"). O primeiro é a extensão mais inconsciente e instintiva, onde estão vinculadas as emoções, as "pulsões" ou impulsos de tendências fisiológicas, tais como os ligados aos desejos sexuais, bem como os afetos. O "*id*" é alheio a qualquer convenção social e se orienta pela busca incessante, irresponsável, primitiva e egoísta de satisfação de suas necessidades orgânicas e desejos<sup>442</sup>.

Quanto ao "*superego*", pode ser entendido como a extensão constituída socialmente, seja de modo consciente ou não. Responsável pelo senso de moralidade, das noções de certo e errado de cada um, depende do meio em que o indivíduo está inserido, das pessoas com quem se relacionada, da orientação educacional recebida, tanto dos pais quanto escolar, bem como das vivências e posições ocupadas dentro dos campos em meio ao espaço social<sup>443</sup>. Destarte, é possível um diálogo do superego com a linha de pensamento de Bourdieu. Em outras palavras, o superego, que começa a se desenvolver na infância buscando disciplinar (recalcar) o *id*, tem ligação com o *habitus* constituído ao longo da vida. Enquanto bússola moral do *ego*, o superego atua sobre ele também de modo opressor, na medida em que o impele a recalcar seus desejos mais primitivos, inscritos no *id*. Assim o faz, ao escancarar ao *ego* sua imperfeição em relação ao "*ideal do ego*", sua projeção referencial idealizada de perfeição de si mesmo que, embora sempre se apresente como um dever inalcançável por toda a vida, demanda o recalçamento do *id* na busca diária para procurar se aproximar dele, como será melhor abordado em outro momento<sup>444</sup>.

---

<sup>441</sup> A "sugestionabilidade", segundo Freud, pode ser entendida como uma qualidade psicológica que define a disposição de alguém para receber uma ideia por identificação e/ou ser por ela influenciado, de forma a agir ou pensar conforme tal ideia recebida. FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 45e71. Mas associando este entendimento com ao conceito de *habitus* de Bourdieu, a influência não pode ser confundida de modo algum com manipulação, uma vez que, esta influência só vai ocorrer se houver uma predisposição do agente social em aceitar a ideia por identificação a ela, em função de *habitus* socialmente constituído ao longo de sua vida. Sobre *habitus*, de modo mais condensado, ver: BOURDIEU. *Razões Práticas*, p.22.

<sup>442</sup> FREUD. *O Eu e o Id*, pp. 21a26. Ver também: ENDO; SOUZA. Apud. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 7a19. Ver também: HOSSFELD. 1923: Freud Publica o Clássico "O Eu e o Id". Site. Ver também: RODRIGUES. *Id, Ego e Superego*. Site.

<sup>443</sup> FREUD. *O Eu e o Id*, pp. 26a36. Ver também: ENDO; SOUZA. Apud. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 7a19. Ver também: HOSSFELD. 1923: Freud Publica o Clássico "O Eu e o Id". Site. Ver também: RODRIGUES. *Id, Ego e Superego*. Site.

<sup>444</sup> FREUD. *O Eu e o Id*, pp. 29a33

Sobre o *ego*, o qual é comparado psiquicamente como a ponta do iceberg, pode-se afirmar que é a extensão pré-consciente e consciente que se externaliza no espaço social. Portanto, é a manifestação mais notória da personalidade do indivíduo em sua interação com outros. Suas linhas fundamentais se formam ainda na infância, na medida em que o recalçamento progressivo do *id* pelo *superego*, como esperado em uma pessoa com desenvolvimento psíquico admitido como saudável, vai cooperando para o indivíduo tomar consciência de sua existência, com base em uma personalidade identificada como pessoal, a ponto de usar a palavra "*eu*" para se referir a si mesmo<sup>445</sup>. Desta feita, visto que no indivíduo o *id* se subordina ao *superego*, bem como que este tem ligação com o *habitus*, é possível admitir compatibilidades acerca da compreensão da personalidade humana manifesta pelo *ego*, a partir das teorias de Freud e Bourdieu.

Visto que em uma pessoa adulta, o esperado é o predomínio da razão sobre o instinto, ao *ego* cumpre se orientar mais pelo *superego* que pelo *id*, mais ligado à genética. Para tanto, embora este último nunca possa ser contido plenamente e procure o tempo inteiro se libertar dos recalcimentos disciplinadores do primeiro, exceto por questões patológicas ou inerentes às condições do indivíduo na massa, como será abordado, suas formas de manifestações pelo *ego*, a quem cabe a decisão final são, via de regra, amenas em meio à sociedade. Considerando o exposto, no que tange ao *ego* "não se pode falar em transmissão hereditária", visto o "hiato que separa o indivíduo real", dotado de uma personalidade majoritariamente constituída socialmente, "do conceito de espécie", ligado à biologia<sup>446</sup>. Aqui, mais uma vez evidencia-se a pertinência da associação entre as teorias de Freud e Bourdieu, no que concerne o assunto proposto.

Tomando o exposto, se é correto admitir que a personalidade humana em boa medida vincula-se ao *habitus*, bem como que este pode ser considerado o cerne dos parâmetros relacionais que favorecem uma predisposição de formação de classes no espaço social, é coerente afirmar que a "sugestionabilidade" inscrita em um discurso tende a contagiar mais os integrantes de uma classe social do que outras, na medida em que fomenta, por identificação, o aumento da reciprocidade entre eles<sup>447</sup>. Assim, a título de exemplo, quando o MBL

---

<sup>445</sup> FREUD. *O Eu e o Id*, pp. 21a36. Ver também: ENDO; SOUZA. Apud. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 7a19. Ver também: HOSSFELD. 1923: Freud Publica o Clássico "O Eu e o Id". Site. Ver também: RODRIGUES. *Id, Ego e Superego*. Site.

<sup>446</sup> FREUD. *O Eu e o Id*, p. 35.

<sup>447</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 45. Sobre o "contágio", Freud argumentou que dentro da psicologia das massas, ele é "fácil de constatar, mas inexplicável", de tal modo que deve ser incluído "na categoria dos fenômenos de tipo hipnótico". Para ele, "na multidão todo sentimento, todo ato é contagioso, e

argumenta ser o liberalismo econômico uma opção melhor para o país, é evidente que a "sugestionabilidade" contida neste discurso tem o potencial de contagiar mais as pessoas inscritas em classes sociais de maior renda, identificadas com o livre mercado, que àquelas inseridas nas classes de menor renda que, de modo mais ou menos consciente, compreendem sua relação de maior dependência em relação às políticas sociais de iniciativa estatal.

Considerando ser esta uma constatação plausível, é coerente afirmar que, em momentos de crise, sobretudo de natureza social que implique rivalidades entre as classes, aquelas mais avizinhas no espaço social, cujo *habitus* favoreça alguma interseção, tendem a se aproximar de modo a firmarem posições contrárias àquelas que, relacionalmente, impliquem antagonismo. Neste contexto, se em meio a uma crise, um grupo de pessoas, ainda que de classes ou frações de classes distintas, mas que em certa medida dialoguem entre si por *habitus*, se contagie por identificação a um discurso cujo conteúdo é provido de uma sugestionabilidade com a qual seus integrantes concordem, não importando seu teor de verdade, o potencial de organização destas pessoas enquanto massa<sup>448</sup> é evidente, sobretudo no momento em que o discurso encontre o líder que o personifique.

Para Freud, a sugestionabilidade contida em um discurso aumenta a reciprocidade entre as pessoas que com ela mais se identifiquem, já que é tomada, sobremaneira, como válida por todas elas, embora com alguma variação de intensidade de contágio<sup>449</sup>. Assim, o

---

isso em um grau tão elevado que o indivíduo muito facilmente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo" partilhado. FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 45.

<sup>448</sup> Sobre a questão da massa, embora Freud tenha desenvolvido seus estudos acerca da *Psicologia das Massas* a partir da "*Psicologia das Multidões*", de Le Bon, uma das distinções mais significativas entre eles diz respeito à discordância em relação ao chamado "instinto gregário" defendido pelo segundo e a importância do papel do líder defendido pelo primeiro. Embora concorde que "o indivíduo se sente incompleto quando está sozinho", Freud não compreende que os seres humanos optem por se unirem em grupos apenas com base em um instinto de sobrevivência biológico, de modo análogo aos animais que se unem em rebanhos. Dotados de racionalidade, os indivíduos são capazes de se articularem segundo os ditames do superego ao ego. Neste sentido, embora cada indivíduo disponha de uma personalidade, tendo sido ela majoritariamente constituída por *habitus*, para além de interesses mais particulares, outros são partilhados tanto mais próximos os agentes sociais estiverem inscritos no espaço social. Assim, em momentos de conflitos que tendem a irromper a lógica de funcionamento de algum campo ou vários deles no espaço social, os interesses mútuos se tornam mais evidentes, visto a necessidade de defendê-los face a outros indivíduos identificados como ameaça, que os queiram reivindicar. Disso, uma forma de união mais solidária e reativa para tanto, pautada pela identificação mútua em função de proximidade de *habitus* é demandada e formada, ou seja, a massa. Todavia, para Freud, além de interesses em comum, confessos ou não, outra condição fundamental da massa é a existência de um líder que ocupe o lugar de ideal do ego de cada um daqueles que a integram. No mais, embora possa ser constituída por indivíduos inscritos em grupos ou classes sociais distintas, seus membros são tanto mais unidos, quando mais *habitus* partilharem entre si, implicando um núcleo com maior proximidade de classe. O comportamento do indivíduo em meio à massa será abordado ao longo do texto, sobretudo no que tange à passagem da consciência a inconsciência por subordinação ao líder em função da questão do ideal do ego. FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, passim. Embora as informações tenham sido obtidas da obra como um todo, ver principalmente as páginas entre 119 e 128.

<sup>449</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 46

discurso não pode ser um discurso qualquer. Ele deve conter uma sugestionabilidade que leve o indivíduo em meio à massa a se libertar do recalçamento, ou seja, das ponderações morais entre o certo e o errado, de modo a deixar fluir seus pensamentos inconscientes e menos críticos<sup>450</sup>. Esse processo tende a se aprofundar na medida em que o discurso aceito induz aquele que o aceitou a compreender o outro com quem não partilha *habitus*, como um "inimigo objetivo", de que tratou Hannah Arendt<sup>451</sup>, ou mais precisamente uma ameaça àquilo que pretende preservar, tal qual seu estilo de vida ou a manutenção de privilégios, por exemplo, para ligar tal afirmação ao pensamento de Bourdieu e Jessé Souza.

Conforme é possível afirmar, de acordo com o que foi exposto, o discurso tomado como válido, aceito por um agente social, independe do seu teor de verdade, mas daquilo o qual está predisposto a tomar por verdade, segundo sua própria psique, ou seja, segundo as interações entre "ego", "superego" e "id" que a compõem, como já tratado<sup>452</sup>. É certo que uma pessoa, enquanto ser social, é passível de influências ao longo de toda a sua vida e, parte da própria personalidade e do *habitus* partilhado com outros, são evidências disso, uma vez que são socialmente constituídos<sup>453</sup>. Contudo, a influência não anula a capacidade de decisão do indivíduo e muito menos a responsabilidade pelos seus atos, ainda que tal capacidade de decisão não seja balizada pela verdade em si, pelo real, mas por aquilo que cada um toma como sendo verdadeiro, pela sua percepção da realidade no espaço social.

Dito isso, mesmo quando em momentos de conflitos de interesses de classes, uma pessoa decide se livrar dos recalçamentos provenientes dos princípios morais, para agir mais instintivamente de modo pouco crítico em meio à massa e sob uma liderança que personifique um discurso tomado por verdade, sobremaneira, ela o faz com base em uma possibilidade de escolha e não por manipulação, considerando os teóricos aqui utilizados. Isso, via de regra, ocorre quando, em meio aos conflitos de classes que resultem a quebra da hierarquia social então vigente, ou em sua potencial quebra, "os sentimentos isolados e os atos intelectuais pessoais do indivíduo são fracos demais para se fazer valer por conta própria e tem de aguardar pelo reforço mediante a repetição uniforme por parte dos outros", da sugestionabilidade contida no discurso personificado por um líder<sup>454</sup>.

Destarte, na inviabilidade de se defender sozinho do outro, admitido como inimigo, e suas representações simbólicas de classe ou mesmo de uma massa antagonica, o indivíduo,

---

<sup>450</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, passim.

<sup>451</sup> ARENDT. *Origens do Totalitarismo*, p.474.

<sup>452</sup> FREUD. *O Eu e o Id*, pp. 21a36.

<sup>453</sup> BOURDIEU. *Meditações Pascalianas*, p.205.

<sup>454</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 120.

voluntariamente, passa a se orientar segundo o comportamento da massa, seguindo fielmente a um líder carismático que personifique o discurso partilhado por todos que a compõem. Para tanto, é preciso que este líder esteja "ele próprio fascinado por uma fé intensa na sugestionabilidade do discurso" por ele personificado, não apenas para "despertar fé na massa", mas ocupar em relação ao indivíduo que a ela se integre, o lugar do seu próprio "ideal do ego" ou ideal de perfeição buscada, porém impossível de ser alcançada em si mesmo.

Para Freud, o "*ideal do ego*" ou "ideal do eu" é a "instância que pode se separar do restante do ego (personalidade exteriorizada) e entrar em conflito com ele", através das ações do superego que os compara o tempo inteiro<sup>455</sup>. Seria "aquilo que o ego aspira" por perfeição, segundo sua percepção da realidade, em meio ao espaço social, para fazer aqui uma associação com Bourdieu. O "ideal do ego" é aquilo que mantém o "*ego*" inquieto e insatisfeito consigo mesmo. Isso ocorre, porque a perfeição tão buscada lhe permanece sempre como um devir, apesar de todos os esforços que faça para se aproximar dela. Portanto, o "*ideal do ego*" é ao mesmo tempo motivador e opressor, uma vez que, se por um lado, coopera para evitar que o indivíduo se baste a si mesmo (como ocorre com o narcisista<sup>456</sup>), por outro atua como indicativo de sua própria imperfeição.

Como é possível compreender, o ideal do ego "influencia no recalçamento" do ego, o que é importante para a "auto-observação" individual, para a "consciência moral" e para a crítica a si mesmo. Assim, também atua como um incentivador do desenvolvimento psíquico, uma vez que cada indivíduo, ciente e crítico acerca de suas limitações, não cessa de perseguir, a vida inteira, sua meta idealizada e inalcançável de perfeição<sup>457</sup>. Todavia, esta capacidade de crítica é esvaziada quando o indivíduo, ingresso voluntariamente em uma massa, coloca o

---

<sup>455</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 107.

<sup>456</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 140a148. Uma pessoa narcisista, possui uma personalidade que tende a aproximar demais seu ego daquilo que toma por ideal do ego. Portanto, como admite seu ego como quase perfeito, se basta a si mesmo, se comportando de modo nada humilde e superior às demais pessoas, como se delas não precisasse e como a elas fosse indispensável. Ver FREUD. *Introdução ao Narcisismo*, passim.

<sup>457</sup> Segundo é possível apreender da teoria de Freud sobre a psique humana, dentre os vários meios buscados para a realização desta tese, o "recalçamento" que se inicia na infância, decorre de uma forma de opressão do "superego", responsável pelo controle moral, sobre o "id", extensão mais inconsciente e instintiva da psique humana, com o propósito de evitar a externalização através do "ego", de determinados comportamentos considerados inaceitáveis ou até repugnantes junto à coletividade a qual está inserido. Para tanto, agindo como filtro moral entre o "id" e o "ego", o "superego" toma o "ideal do ego" como parâmetro de referência para isso. Assim, o "superego" atua de modo a recalcar, comprimir, oprimir tudo o que, inerente ao "id", não coopere para procurar se aproximar do "ideal do ego", de perfeição que o "ego" aspira. Tal compreensão, para fins de citação, não pode ser resumida em uma página ou poucas páginas de uma obra de Freud, pois, decorreu das leituras de algumas de suas obras, tais como "*O Eu e o ID*", "*Introdução ao Narcisismo*" e "*Psicologia de Massas e Análise do Eu*" e acompanhamento de vídeo aulas.

líder na condição de ideal do ego de si próprio, passando a se sujeitar a ele quase que sob efeito "hipnotizador", como argumenta Freud<sup>458</sup>.

Assim, quanto maior a identificação com o discurso e, portanto, com o líder que o personifica, maior a dificuldade do indivíduo em agir criticamente em relação a ele. Em outras palavras, em meio à massa, quanto mais intensa for a identificação do ideal do ego de um indivíduo com o líder que personifique um discurso tomado como efeito de verdade, menor será sua capacidade de criticá-lo, pois, se por um lado o ego é passível de críticas, por outro aquilo tomado como ideal de perfeição, não. Por isso, para Freud, "não há como compreender a essência da massa quando se negligencia seu líder"<sup>459</sup>.

Tomando tal afirmação da teoria freudiana como plausível, é possível sustentar que o discurso do MBL, embora provido de um potencial de massa, não chegou a constituir uma. Isso porque, apesar do discurso trazer em si a exposição de um inimigo aceito a ser combatido em prol de interesses compartilhados, nenhuma de suas lideranças dispunham dos atributos necessários para personificá-lo naquele momento. Em outros termos, com o MBL o discurso vinculado às forças políticas de direita que veio a prevalecer, não se verticalizou, visto a falta de uma liderança capaz de fazê-lo, seja pela incipiência dos principais nomes à frente do Movimento naquele momento, a exemplo de Fábio Ostermann, Kim Kataguirí, Renan Santos, Alexandre Santos, Pedro D'eyrot e Fernando Holiday, seja pela própria rivalidade entre eles ou pela notoriedade pública que atendesse aos seus interesses pessoais.

É certo que dentre os membros supracitados, Kim Kataguirí e Fernando Holiday foram os que mais se destacaram em meio às manifestações destinadas a cooperar para o impeachment de Dilma Rousseff. Não por acaso, foram eleitos, respectivamente, Deputado Federal em 2018 e Vereador de São de Paulo, em 2016, ambos pelo DEM Paulista. Todavia, conhecidos do público, sobretudo, a partir de 2014, carecia a eles trajetórias políticas que, em meio ao campo político, pudessem favorecê-los para se apresentarem como lideranças nacionais, face a outras mais experimentadas e conhecidas. No mais, segundo o Art. 14, § 2º, Inciso VI, alínea 'a' da Constituição Federal de 1988, ainda que decidissem tentar, nem mesmo a idade mínima de 35 anos dispunham, para concorrerem à Presidência. Assim, como será tratado em outra parte do capítulo, Jair Bolsonaro, diante da combinação favorável entre o momento político, sua personalidade e trajetória parlamentar, personificou o discurso

---

<sup>458</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 115.

<sup>459</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 123. Ver também: MIRANDA. *Psicanálise Aula 18 - Ideal de Ego Segundo Freud*. PUC Minas. Vídeo.

manifesto pelo MBL e agregou em torno de si milhares de brasileiros que o colocaram como *ideal do ego* de si próprios, constituindo a massa bolsonarista.

Além do exposto, os escândalos de corrupção envolvendo algumas lideranças políticas de expressão nacional de outros partidos de centro-direita ou de direita após o impeachment, a exemplo do então Senador Aécio Neves do PSDB-MG, com quem alguns integrantes do MBL se identificavam e apoiavam, também favoreceu a projeção de Bolsonaro. Isso porque, embora a questão da corrupção não tenha deixado de se prestar ao antipetismo, atingiu de alguma maneira também outros partidos. Com isso não há intenção em dizer que o discurso tenha sido para ele elaborado, mas tão somente que, diante de um conjunto de circunstâncias naquele momento, em parte contrário aos interesses de alguns integrantes do MBL, Bolsonaro conseguiu personificá-lo e constituir a massa, como será tratado em outro momento.

Retomando a discussão mais especificamente teórica, no tipo de massa que se presta a psicologia freudiana, o líder "é o ideal da massa", que domina o ego do indivíduo a ela integrado, no momento em que este coloca o líder em seu lugar de perfeição referencial, ou seja, em seu lugar de ideal do ego o qual não consegue criticar, ou pelo menos não com facilidade, reafirmando o que já foi dito. Para tanto, Freud deixa claro que o líder precisa dispor de um "encanto magnético", de um "prestígio pessoal" ou como é possível interpretar de sua obra, de carisma, embora tal palavra não seja utilizada por ele<sup>460</sup>.

Todavia, isso não quer dizer reciprocidade afetiva com a massa, pois, o líder é "absolutamente narcísico" em sua relação com ela. Isso porque, uma vez que cabe ao líder uma inabalável fé em si mesmo, como o único capaz de conduzir a massa ao alcance do objetivo geral por ele personificado e por ela desejado a partir dele, suas ações demandam força, independência e segurança, não afetividade. Afinal, mais que dizer o que o povo quer ouvir, o líder precisa acreditar ser ele "o que o povo quer"<sup>461</sup>. Assim, embora necessite nutrir no indivíduo que o colocou na condição de *ideal do ego* de si próprio, a ilusão de ser amado por ele, em função de sua personalidade narcísica o líder "não ama ninguém exceto a si mesmo", bem como a outros "apenas na medida em que sirvam às suas necessidades"<sup>462</sup>.

Inclinada aos extremos, a massa não se preocupa com a verdade em si. Portanto, para agir sobre ela o líder "não precisa de ponderações lógicas de seus argumentos", mas sim "pintar as imagens mais fortes, exagerar e repetir sempre a mesma coisa" que se preste ao

---

<sup>460</sup> FREUD. *Psicologia das Massas (...)*, p. 56. Ver também: MIRANDA. *Psicanálise Aula 18 - Ideal de Ego*. Vídeo.

<sup>461</sup> BOLSONARO. Apud. TOLOTTI. *Bolsonaro: Eu Não Falo o Que o Povo Quer Ouvir, Eu Sou o Que o Povo Quer*. Site.

<sup>462</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 132



clamor daqueles que a integram<sup>463</sup>. Antecessor a Freud, Gustave Le Bon já argumentava que a massa "só se deixa impressionar por sentimentos excessivos". Assim, "o orador que a quiser seduzir terá de usar e abusar das afirmações violentas. Exagerar, afirmar, repetir e nunca tentar demonstrar o que quer que seja pelo raciocínio"<sup>464</sup>.

Nesta lógica, o indivíduo procede por "identificação a sugestionabilidade de um discurso aceito" (como o antipetismo no caso do bolsonarismo), personificado pelo líder (a exemplo de Bolsonaro) com o qual se sente afetivamente ligado<sup>465</sup>. Isso, sobretudo em um momento de crise em que a defesa dos seus interesses em relação ao outro grupo ou mesmo massa com a qual rivalize, não possa ser satisfeito isoladamente. Assim, diante da força do arrebatamento da massa, do sentimento de proteção por ela proporcionado, da possibilidade de agir em meio a ela com certo anonimato e sem as amarras da consciência moral, do "ganho de prazer (...) mediante a suspensão de suas inibições" no que tange à eliminação (simbólica ou física) do outro visto como inimigo face ao interesse da massa tomado como seu, da credulidade em relação ao líder e da sensação de ser por ele amado (ainda que não o seja), a "crítica do indivíduo se cala e ele se deixa deslizar para dentro do mesmo afeto" partilhado pelos demais<sup>466</sup>. No mais, a "certeza da impunidade, tanto mais forte quanto mais numerosa for a multidão e a noção de um poder bastante considerável, devido ao número, tornam possíveis [na massa] sentimentos e atos que eram impossíveis no indivíduo isolado"<sup>467</sup>.

Nesta condição, é capaz de abrir mão até mesmo de interesses mais pessoais antes motivadores, em prol de algum interesse coletivo o qual partilhe<sup>468</sup>. Porém, é bom insistir que assim não procede por manipulação. Embora um discurso qualquer, inclusive o mais "performático", seja dotado de uma "força simbólica" que "constitui uma forma de poder que se exerce sobre os corpos diretamente" como que "por encanto" a "despeito de qualquer constrição física", tal "encanto sempre opera apoiando-se em disposições" pessoais "previamente constituídas", quais sejam, "*habitus*"<sup>469</sup>.

Diante da "impressão de um poder irrestrito" proporcionado pela massa, o indivíduo se "entrega aos instintos" para fazer o que gostaria, mas que sozinho "necessariamente teria refreado"<sup>470</sup>. Uma vez inscrito na massa, a obediência acrítica à autoridade do líder tomado

---

<sup>463</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 51.

<sup>464</sup> LE BON, Gustave. *Psicologia das Multidões*, p. 25.

<sup>465</sup> MIRANDA. *Psicanálise Aula 18 - Ideal de Ego*. Vídeo.

<sup>466</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, pp. 63e64.

<sup>467</sup> LE BON. *Psicologia das Multidões*, p. 24. Grifo nosso.

<sup>468</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 45.

<sup>469</sup> BOURDIEU. *Meditações Pascalianas*, p.205.

<sup>470</sup> SAROLDI. *Freud e a Psicologia das Massas*. Vídeo. Ver também: FREUD. *Psicologia das Massas*, p. 43.

como seu ideal de perfeição, termina por cooperar para que o indivíduo desative sua "consciência moral", a ponto de liberar o ego de recalcamientos, inclusive parte daqueles necessários ao convívio social. Assim, não reluta em ceder "à tentação do ganho de prazer" obtido "mediante a suspensão de suas inibições" e do abandono daquilo tomado por politicamente correto<sup>471</sup>. Isso porque a massa "não é apenas impulsiva e móvel. Tal como o selvagem, também ela não admite que se interponham obstáculos entre o seu desejo e a realização desse desejo, o que lhe dá a sensação de um poder irresistível"<sup>472</sup>.

Considerando o exposto, para "o indivíduo [em uma massa] a noção de impossibilidade desaparece"<sup>473</sup>. Desta feita, de uma maneira geral, compreende-se porque na massa ele é capaz de coadunar e praticar coisas que normalmente procuraria evitar em suas condições habituais, a exemplo da violência simbólica ou física contra aqueles tomados como inimigos objetivos<sup>474</sup>. Sendo a massa irritadiça, "o que em um indivíduo isolado seria motivo de antipatia ou desaprovação", nela é potencializada a "um ódio feroz"<sup>475</sup>. Tal é o caso análogo, do bolsonarista "raiz" de que trata Esther Solano, em relação ao petismo.

Neste ponto, a abordagem de Freud acerca da atuação de um indivíduo na massa, em certa medida interage com o que Hannah Arendt veio a compreender como "banalidade do mal" décadas depois dele, assunto tratado em seu livro "*Eichmann em Jerusalém*". Embora suas teorias não se cruzem, paralelamente são análogas em vários aspectos, inclusive nesse. Por ocasião da cobertura do julgamento do nazista Adolf Eichmann<sup>476</sup>, Arendt constatou o quão em um regime de massa, as maiores atrocidades podem ser praticadas por pessoas "terrível e assustadoramente normais", visto a facilidade com que são capazes de cumprir as ordens mais atrozes contra aqueles admitidos como inimigos objetivos, de modo acrítico à liderança com a qual se identificam<sup>477</sup>.

Em sua perplexidade, Arendt chegou inclusive a afirmar que "essa normalidade" lhe era "muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas"<sup>478</sup>. No mais, é importante salientar que a banalidade com que tais pessoas procedem de modo maléfico, de modo algum

---

<sup>471</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 64.

<sup>472</sup> LE BON. *Psicologia das Multidões*, p. 18.

<sup>473</sup> LE BON. *Psicologia das Multidões*, p. 18. Grifo nosso.

<sup>474</sup> FREUD. *Psicologia das Massas*, p.64.

<sup>475</sup> LE BON. *Psicologia das Multidões*, p. 18.

<sup>476</sup> Adolf Eichmann foi Tenente-Coronel da SS (Schutzstaffel) nazista e um dos principais organizadores do Holocausto. Foi designado para gerir a logística das deportações em massa dos judeus para os guetos e campos de extermínio das zonas ocupadas pelos alemães no Leste Europeu durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1960, foi capturado na Argentina pela Mossad, o Serviço Secreto de Israel. Após um julgamento de grande publicidade, foi considerado culpado por crimes de guerra e enforcado em 1962.

<sup>477</sup> ARENDT. *Eichmann em Jerusalém*, p. 299.

<sup>478</sup> ARENDT. *Eichmann em Jerusalém*, p. 299.

se trata de uma questão de inteligência, mas de "irreflexão"<sup>479</sup>. Destarte, pelo "mero fato de pertencer a uma massa organizada, o ser humano desce vários degraus na escala da civilização. Em seu isolamento, pode ser um indivíduo culto; na massa se torna um bárbaro, um ser instintivo"<sup>480</sup>.

Apesar do exposto, é certo que, em meio ao espaço social, nem todas as pessoas se identificam com a sugestionabilidade inscrita em um discurso de massa, embora possam se identificar com outro, ou agir cinicamente em relação a ele. Entretanto, Freud esclarece que, uma massa só pode existir na medida em que seus integrantes "tenham algo ou interesse em comum, alguma orientação emocional similar em certa situação e um certo grau de influenciar uns aos outros", bem como a identificação com o discurso e com o líder que o personifica, ainda que com alguma variação de intensidade de contágio<sup>481</sup>.

Aqui, novamente promovendo o diálogo da sociologia de Bourdieu com a psicologia de Freud, é possível dizer que a identificação com a sugestionabilidade de um discurso de massa por uma pessoa é diretamente proporcional à sua compatibilidade de *habitus* partilhado com outros em meio ao espaço social<sup>482</sup>. Assim, embora membros de classes sociais distintas possam compor uma mesma massa, sem dúvidas é possível compreender que em meio a ela, exista um grupo de pessoas mais coeso em uma classe que, em função de uma maior compatibilidade de *habitus*, mais se identifique com a sugestionabilidade do discurso personificado pelo líder. No caso do bolsonarismo, embora indivíduos inscritos em outras classes sociais também tenham se identificado em alguma medida com o discurso personificado por Bolsonaro, em nenhuma outra eles foram mais suscetíveis a ele, que em algumas frações da classe média, como compreende Jessé Souza.

Além do exposto, quando tratamos de um discurso de massa, é preciso salientar que, nem todos aqueles que o apoiam o fazem por terem sido contagiados por identificação a sugestionabilidade nele contido. Embora representem uma minoria em relação ao todo da massa, tais pessoas podem, por conveniência, auto conservação ou interesses racionalizados, ainda que inconfessos, se servirem do discurso e do comportamento da massa para tanto. Tais pessoas, via de regra, partilham *habitus* um tanto diferenciados daqueles que compõem a massa heterogênea identificada ao discurso. Sua lógica de conduta, neste caso, tende ao chamado cinismo moderno, de que trata o filósofo Peter Sloterdijk.

---

<sup>479</sup> ARENDT. *Eichmann em Jerusalém*, p. 311.

<sup>480</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 48. Ver também: LE BON. *Psicologia das Multidões*, p. 15.

<sup>481</sup> FREUD. *Psicologia das Massas*, pp. 61e62.

<sup>482</sup> BOURDIEU. *Razões Práticas*, pp.22e25.

Embora a teoria de Sloterdijk não se inscreva como uma das mais importantes para este estudo, é cabível aqui para prover uma associação com o comportamento da chamada "elite do dinheiro" por Jessé Souza, em relação aos acontecimentos, sobretudo, que cooperaram para o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. Segundo Sloterdijk, o cínico moderno pode ser compreendido como alguém que obtém o esclarecimento acerca da falsa consciência, que para ele é a consciência induzida por uma dada "realidade" e não propriamente pelo "real"<sup>483</sup>.

De modo a exemplificar brevemente, isto é o que acontece com Thomas Anderson, personagem interpretado por Keanu Reeves no filme *Matrix*, trabalhado no terceiro capítulo. Contudo, apesar de consciente acerca da "realidade" que o envolve, bem como do discurso inscrito na massa, o "cínico moderno", ao contrário de seus predecessores da antiguidade, termina por agir segundo a lógica desta mesma "realidade" por ele desnudada. Assim, embora esclarecido, se adapta a realidade, agindo em meio a ela de modo a satisfazer seus interesses e oportunizar ganhos, ainda que em detrimento ou promovendo o infortúnio de outros.

Desta feita, o cínico moderno não usa sua consciência esclarecida para tecer críticas a realidade a qual está inserido e muito menos para viabilizar o esclarecimento de terceiros. Seu comportamento é egoísta e destinado a satisfazer a si mesmo<sup>484</sup>. Ele não pensa como um típico homem de massa, uma vez que seu apoio ao discurso ou ao líder não ocorre propriamente por contágio decorrente da identificação, ou pelo menos não de modo intenso. Ao contrário, em muitos casos até fomenta o discurso em prol de benefícios racionalizados.

No caso do Brasil, via de regra, assim pode ser compreendida boa parte das pessoas que constituem a classe social a qual Jessé Souza atribui como a "elite do dinheiro"<sup>485</sup> que, em função de interesses econômicos, cooperaram para o fomento do discurso empreendido pelo MBL a favor do impeachment de Dilma Rousseff e que, por sua vez, contribuiu para o advento do bolsonarismo. Para estes cínicos, "desde que o dinheiro entre no bolso, pouco importa o arranjo social que torna isso possível"<sup>486</sup>.

---

<sup>483</sup> SLOTERDIJK. *Crítica da Razão Cínica*, p. 34.

<sup>484</sup> SLOTERDIJK. *Crítica da Razão Cínica*, pp. 31a37.

<sup>485</sup> Para Jessé Souza, a "elite do dinheiro" do dinheiro é antes de tudo a elite financeira, que comanda os grandes bancos e fundos de investimentos. É a ela que as outras frações de endinheirados, como a fração do agronegócio, da indústria e do comércio, confiam seu lucro". Foi favorecida durante o governo Lula, mas veio a se sentir ameaçada durante o governo Dilma, quando as taxas de juros começaram a ser reduzidas de modo a procurar incentivar o setor produtivo, em detrimento da especulação financeira. Aqui, talvez este tenha sido uma das maiores razões de bastidores, a impulsionar o impeachment de Dilma, segundo Jessé, com o apoio da mídia e da classe média, para ele em boa medida manipulada, manipulação que é contestada aqui. Ver: SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, pp. 13e106.

<sup>486</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 80.

Evidentemente, seria um erro admitir o cinismo apenas como inerente às parcelas mais ricas da sociedade brasileira. Todavia, a disponibilidade de capital econômico de que dispõem os cínicos inscritos na elite do dinheiro, viabiliza a eles poder simbólico considerável em relação ao fomento do discurso. Sobre o poder simbólico, esclareceu Bourdieu trata-se de "poder subordinado, uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder (...) capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia"<sup>487</sup>. Através dele, é possível obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica graças ao efeito específico de mobilização", que só pode ser exercido se for "ignorado como arbitrário", pois, caso contrário, deixa de ser simbólico<sup>488</sup>.

Talvez este "poder quase mágico", apresentado por Bourdieu, coopere para a compreensão da manipulação da elite do dinheiro sobre a classe média, partilhada por Jessé Souza. Todavia, o próprio Bourdieu contesta a ideia de manipulação, uma vez que "indiferente de qual seja o campo inscrito no espaço social, sendo ele marcado por lutas entre os agentes sociais que se aproximam ou se afastam para conservá-lo ou transformá-lo, nenhum deles termina por agir contra seus interesses"<sup>489</sup>, exceto em uma situação de massa. Isso porque, agindo irresponsavelmente pautado pelo inconsciente e não pela razão, o indivíduo pode vir a sacrificar seus interesses mais pessoais, por algum outro coletivo que também lhe convenha, segundo Freud, razão a qual a associação de sua psicologia e a sociologia de Bourdieu se justifica, de modo a melhor condução desta tese.

Dito isso, que pese a maior capacidade da elite do dinheiro, nacional e/ou internacional, financiar a produção e a circulação do discurso, inclusive por meio da mídia (como também afirma Jessé Souza), ou dos meios de comunicação digitais, sem identificação não há adesão. Portanto, se a identificação é um pressuposto freudiano para a aceitação da sugestibilidade de um discurso de massa personificado por uma liderança, a ideia da manipulação é incompatível.

No mais, ainda que a adesão ao discurso ocorra por identificação em função de *habitus*, como já tratado, o ingresso do indivíduo na massa não deixa de ser uma escolha, antes de se entregar mais aos instintos. Ao fazê-la, de algum modo assume a possibilidade de banalizar o mal em certa medida, analogamente ao que tratou Hannah Arendt. Assim, aos seus atos praticados em meio a ela, cumpre conferir responsabilidades, como assim foi compreendido no julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém.

---

<sup>487</sup> BOURDIEU. *O Poder Simbólico*, p.15.

<sup>488</sup> BOURDIEU. *O Poder Simbólico*, pp. 9a14. Ver também BOURDIEU. *Meditações Pascalianas*, pp. 206e207.

<sup>489</sup> BOURDIEU. *Os Usos Sociais da Ciência*, pp. 22a25.

Desta feita, a refutação insistente da ideia de manipulação nesta tese, caminha para seu efeito de sentido. Ela não tem ocorrido apenas pelo dito, ou seja, pela sua inconformidade ao aporte teórico que sustenta a própria tese. Há também o não dito, ligado à inviabilidade da ideia da manipulação de imputar responsabilidade às ações praticadas pelos indivíduos em meio à massa, sobretudo aquelas constituídas a partir de lideranças capazes de personificar discursos pautados pelo ódio, a exemplo de Jair Bolsonaro, ainda que tenha contado com a contribuição do Movimento Brasil Livre e seus integrantes mais notórios. Sobre o assunto, o próprio Renan Santos, um dos coordenadores do MBL, avaliou que "Jair Bolsonaro surfou nas manifestações de 2015 e 2016 para se estabelecer como liderança da direita. Utilizou um movimento político se apropriando de suas pautas e ganhou as eleições"<sup>490</sup>.

É certo que o potencial para formação de massa inscrito no discurso do MBL, embora não fosse sua pretensão, cooperou para a emergência do bolsonarismo, sobretudo por ocasião das eleições de 2018. No mais, que pese a heterogeneidade ser característica da massa, no caso do bolsonarismo, pelas razões discutidas na metodologia e citadas aqui, os indivíduos mais sugestionáveis ao discurso do ódio ao petismo, se inscrevem em algumas frações da classe média, como identificado por Jessé Souza, Leonardo Avritzer e Jairo Nicolau, conforme abordagens realizadas, a partir deles, ao longo dos capítulos da tese.

Dito isso, aferir as nuances da receptividade de um discurso junto à massa como um todo não é possível. Todavia, a identificação aproximada do perfil mais comum das pessoas que a compõem é plausível, a partir da abordagem do tipo ideal, de que tratou Max Weber em sua obra "*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*". Assim, associando tal teoria com outros estudos e fontes, conforme tratado no capítulo da metodologia, foi possível abstrair da classe média o tipo ideal mais suscetível ao discurso que implicou no bolsonarismo, em conformidade ao que Esther Solano denomina como bolsonarista "raiz". Ao assim proceder, o intento não foi desconsiderar as pessoas de outras classes sociais inseridas em sua massa de apoio, mas tão somente tornar o estudo possível.

Se conforme o que foi tratado até aqui, é pertinente afirmar ser o bolsonarismo um fenômeno de massa, é preciso identificar, além da liderança notória de Jair Bolsonaro, outra condição necessária à sua existência segundo Freud, ou seja, algum interesse comum compartilhado<sup>491</sup>. Neste sentido, segundo é possível apreender de Jessé Souza, o interesse comum compartilhado pelo núcleo bolsonarista, oculto em relação ao discurso antipetista com o qual se identifica e reproduz, diz respeito, sobretudo, à luta pela manutenção do "privilégio ao capital

---

<sup>490</sup> SANTOS. Apud. UOL. *Coordenador do MBL: Bolsonaro Surfou nas Manifestações Contra Dilma*. Entrevista.

<sup>491</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 61.

cultural valorizado"<sup>492</sup>. Para tanto, argumenta Leonardo Avritzer que diante da perspectiva de submissão a estruturas "igualitárias" promovidas pelos governos petistas, inclusive no que tange à ampliação do acesso ao capital cultural à outras classes sociais pauperizadas, a classe média brasileira se revoltou<sup>493</sup>. Completando na mesma linha de raciocínio, se revoltou e se uniu inicialmente em torno de um discurso com potencial de massa empreendido pelo MBL, como tratado no terceiro capítulo, e que veio a se consolidar com o bolsonarismo, em 2018.

Assim, considerando que "por trás dos motivos confessos de nossas ações, sem dúvidas existem razões secretas que não confessamos"<sup>494</sup>, o ódio de classe de que trata Jessé Souza e que para Freud tem o mesmo poder unificador quanto à afeição, cooperou para que muitos indivíduos inscritos nas frações da classe média, passassem a demandar um discurso que contivesse uma sugestionabilidade a qual pudessem se identificar e se contagiarem mutuamente, em um processo embrionário de formação de massa. Nessa linha, considerando que o petismo implica em si também uma massa de apoio, com líder definido e posições políticas de esquerda, a identidade de seus opositores não poderia ocorrer de outro modo senão pela direita e pela extrema-direita no campo político, a qual estão historicamente ligados. Desta feita, uma vez percorrida, tomando por base Freud e Bourdieu, esta abordagem de cunho mais teórico acerca das massas, o momento seguinte consiste em aplicá-la ao bolsonarismo enquanto seu fenômeno de expressão.

Bolsonaro: De Excêntrico à Presidenciável.

Quando Jair Bolsonaro iniciou ainda em 2015 a sua "pré-campanha como candidato à Presidência em viagens pelo Brasil, a expectativa dos analistas" era de que ele não conseguiria "ativar" nada além de um reduzido "contingente de eleitores de extrema-direita", segundo Jairo Nicolau<sup>495</sup>. Para tanto, não consideraram o fato de que o discurso do ódio que o nutria politicamente, já havia superado os limites das redes sociais e ganhado as ruas, a partir de grupos como o Movimento Brasil Livre - MBL, como tratado no terceiro capítulo. Assim, aquela "figura excêntrica e folclórica", como era tratado em suas "entrevistas" por diversos "apresentadores de programas de auditório televisivos", terminou por vencer as eleições sem moderar seu discurso em nenhum momento<sup>496</sup>.

---

<sup>492</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p.81.

<sup>493</sup> AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, p. 31.

<sup>494</sup> FREUD. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, p. 91.

<sup>495</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, p. 11.

<sup>496</sup> NICOLAU. *O Brasil Dobrou à Direita*, pp.8e11. Ver tb: ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p.320.

O homem que sugeriu que Adolf Hitler construiu o muro de Berlim na Alemanha, em meio à uma tentativa de tecer críticas aos governos petistas<sup>497</sup>, foi sendo apresentado ao público por conta de suas polêmicas, através de diversos programas de televisão ávidos por audiência, a exemplo do *Custe o Que Custar - CQC*. Assim, enquanto o MBL conduzia às ruas o discurso do ódio contra o petismo, entre uma avacalhada e outra, Bolsonaro foi ampliando sua popularidade, ao se apresentar como o político conservador de extrema-direita que a personificava, em nome da defesa de Deus, da Pátria e da Família, em uma versão distorcida do integralismo brasileiro da década de 1930<sup>498</sup>.

Recentemente, ex-integrantes do CQC, como Monica Iozzi e Rafael Bastos, em tom de mea-culpa, reconheceram o quão o Programa contribuiu para dar visibilidade nacional a Bolsonaro, em nome da audiência. Bastos chegou a argumentar que, embora ciente da existência de uma "massa conservadora" inscrita na sociedade brasileira, jamais imaginou que Bolsonaro pudesse vencer as eleições em 2018. Já Iozzi, disse lamentar que entrevistas destinadas a denunciar seu despreparo e discurso do ódio, tenham se prestado, de modo inimaginável na época, à publicidade política com fins eleitorais<sup>499</sup>.

Ex-Capitão do Exército Brasileiro "reformado em desonra", "indisciplinado" e "mau militar", segundo a avaliação de Ernesto Geisel<sup>500</sup>, Bolsonaro fez carreira política enquanto parlamentar junto ao eleitorado do Rio de Janeiro. Congressista do "baixo clero"<sup>501</sup>, expressão utilizada para denominar parlamentares pouco expressivos politicamente na Câmara dos Deputados, foi filiado a partidos ligados ao "centrão" por quase três décadas, sem nunca ter aprovado alguma proposta relevante ao país. Todavia, embora tenha se tornado conhecido nacionalmente em seu último mandato antes das eleições de 2018, visto ter conseguido

---

<sup>497</sup> BOLSONARO. Apud TAVARES. *Jair Bolsonaro: "É o muro do Hitler"*. Revista Época. Site.

<sup>498</sup> Sobre o assunto, embora notório o intento de Bolsonaro em retomar analogamente o slogan histórico da Ação Integralista Brasileira - AIB, qual seja, "Deus, Pátria e Família", de modo a agregar algum capital político ao seu discurso, é importante ressaltar certa inapropriação comparativa entre ela e o bolsonarismo. Que pese o grupo iniciado por Plínio Salgado, no que concerne a defesa do conservadorismo moral, viabilizar alguma comparação com o discurso bolsonarista, é preciso rememorar que, ao contrário deste último, a AIB defendia posições keynesianas no que tange ao intervencionismo estatal na economia. Tanto, que associava liberalismo econômico ao comunismo, de modo a combatê-lo, oposto a Jair Bolsonaro que, defensor do Estado mínimo (pelo menos publicamente), muito em função de Paulo Guedes, já tece o discurso anticomunista associando-o ao petismo, justamente para explorar a questão da corrupção supostamente praticada pelos seus governos pela via do aparelhamento do Estado. Sobre a AIB, dentro do exposto, ver: MOTTA. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, pp. 11e12.

<sup>499</sup> BASTOS, Rafael. *Bolsonaro é Culpa do CQC!* You Tube. Ver também: IOZZI. Apud ZANETTI. Iozzi Diz Que Tentava Denunciar Bolsonaro no CQC e Não Percebia Perigo. UOL. Site.

<sup>500</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 318.

<sup>501</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 299. Assim também se considerou o próprio Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional da Rede Globo, em 28 de agosto de 2018, em meio a campanha eleitoral. Nesta mesma ocasião, tratou do chamado "kit gay".



personificar o discurso que transitava entre as redes sociais e as ruas, Bolsonaro não pode ser considerado um engodo de última hora para a direita.

Muito antes de enaltecer o conhecido torturador do período do regime militar, Carlos Alberto Brilhante Ustra, durante a sessão da votação do impeachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, em 2016, escandalizando ao vivo parte da sociedade brasileira e sendo por outra aclamado, em muitas outras oportunidades já havia externalizado suas linhas de pensamento, inclusive político. Em termos gerais, é possível concordar que "Bolsonaro tenta fazer o mal desde que o Brasil sabe dele" e, como não foi barrado, com ele "o mal assumiu o poder", em 2018, conforme avaliam alguns de seus críticos<sup>502</sup>. Portanto, se há algo do qual não pode ser acusado é de mentir sobre vários aspectos daquilo que sempre pensou e que veio a orientar sua conduta à frente da Presidência.

Sobre o assunto, até mesmo em sua proposta de plano de governo, disponibilizada ao eleitorado durante a campanha, o discurso central ligado ao antipetismo está presente, em detrimento de um projeto de desenvolvimento social para o país. Intitulado o *Caminho da Prosperidade*, logo na capa há uma citação bíblica de *João 8: 32*: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Além de nada plausível em um documento que deveria ser marcado pela laicidade, dado seus propósitos, o conteúdo explora um componente dicotômico observável em discursos de Olavo de Carvalho e do MBL, que consiste na apresentação da direita como portadora da verdade e da esquerda como protagonista da mentira.

Porém, destaque para o elemento novo, marcado pelo apelo religioso destinado a reforçar o caráter conservador contra o petismo, sempre associado ao imaginário comunista e suas pautas consideradas progressistas, sobretudo no que tange à garantia dos direitos humanos em geral, que para Bolsonaro não passa de "esterco da vagabundagem"<sup>503</sup>. Em outros termos, "trata-se de difundir a verdade sobre a [suposta] hegemonia cultural da esquerda, cuja denúncia libertaria a sociedade de sua ocorrência"<sup>504</sup>.

Continuando sobre o documento, logo na primeira página, o cerne de um "Brasil Livre", pautado pela sugestão de "um governo decente, diferente de tudo aquilo que jogou" a sociedade "em uma crise ética, moral e fiscal. Um governo sem 'toma lá, dá cá', sem acordos espúrios (...), formado por pessoas que tenham compromisso com o Brasil e com os

---

<sup>502</sup> BRUM. Preciso te Contar Sobre Bolsonaro, o Fazedor de Órfãos. *El País*. Site.

<sup>503</sup> BOLSONARO. *Direitos Humanos, o Esterco da Vagabundagem*. Tweet.

<sup>504</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 259. Grifo nosso.

brasileiros"<sup>505</sup>. Anos antes, o MBL também se afirmou compromissado em "lutar até o fim por um Brasil mais justo e livre", de modo a "torná-lo um país, de fato, para os brasileiros"<sup>506</sup>.

Entretanto, como divulgado pela mídia, a política do 'toma lá, dá cá' com o centrão não apenas se manteve durante o Governo Bolsonaro, como foi praticamente institucionalizada e elevada à cifra de bilhões, sob a confessa afirmação do Presidente sempre ter feito parte deste núcleo parlamentar fisiológico, o que realmente é fato<sup>507</sup>. Assim, o que em qualquer outro governo seria tratado como corrupção, no seu se transformou em "orçamento secreto". Isso, sob os olhares acríticos do bolsonarista "raiz", dependente do "mito" para a manutenção da massa, sob a apatia do MBL, bem como sob a perseguição do chamado "gabinete do ódio", contra todos aqueles que ousem denunciar e investigar quaisquer ações suspeitas do governo<sup>508</sup>. Contudo, apesar da importância da discussão, visto fugir ao recorte temporal desta tese, não há como ser delongada, cabendo a outro estudo.

Retomando a proposta do plano de governo, de um modo geral, o que se observa em suas 81 páginas é a formalização do discurso destinado a combater o petismo e seus aliados, nos diversos campos do espaço social, sobretudo no que tange à educação. Neste sentido, vale destacar a página 8, onde se lê que "nos últimos trinta anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira. Precisamos nos libertar e vamos nos libertar", pois, "queremos um Brasil com todas as cores: verde, amarelo, azul e branco"<sup>509</sup>, menos o vermelho.

O trecho supracitado é muito significativo, visto escancarar que o propósito maior da proposta de governo é travar a chamada guerra cultural contra os inimigos internos ligados às forças políticas de esquerda, particularmente o petismo, associado aos dois pontos mais observados nos discursos do MBL como é possível inferir, ou seja, o comunismo e a corrupção. Neste sentido, é importante ressaltar que a palavra "corrupção" vinculada aos governos petistas corta toda a proposta, insistentemente. Além disso, entre a exaltação ao "liberalismo" e ao conservadorismo, além da execração do que seria o "viés totalitário do

---

<sup>505</sup> O CAMINHO PARA PROSPERIDADE. Proposta do Plano de Governo de Jair Messias Bolsonaro, 2018.

<sup>506</sup> SANTOS; RAUH (Dir.). 365: *Ascensão*. Vídeo.

<sup>507</sup> GALVANI. Bolsonaro: 'Sempre Fui do Centrão, Tenho me Dado Muito Bem com Eles'. *Estado de Minas*. Site

<sup>508</sup> Sobre o "gabinete do ódio" supostamente implementado no Palácio do Planalto em janeiro de 2019, segundo as investigações inerentes ao inquérito das chamadas *Fake News*, sob a responsabilidade do Ministro do STF Alexandre de Moraes, ver: SAID. Ex-Aliados de Bolsonaro Mostram Como Funciona o Gabinete do Ódio. *Congresso em Foco*. Site. Ver também: GALVANI. Seis Ponto Para Entender a Investigação de Fake News no STF Que Chegou a Bolsonaro. *CNN Brasil*. Site. Sobre a perseguição a partir do "gabinete do ódio", ver ainda: MELLO. *A Máquina do Ódio*. Passim.

<sup>509</sup> O CAMINHO PARA PROSPERIDADE, p. 8.

Foro de São Paulo" contra "nossas instituições democráticas" através do petismo<sup>510</sup>, chama a atenção um alvo em potencial a ser atacado nesta guerra cultural, bem como os heróis conclamados a cooperar para vencê-la: a educação e as forças militares, respectivamente.

Pertinente à educação, que segundo os termos da proposta estaria apresentando "péssimo desempenho" diante do "montante de recursos gastos", um dos "maiores" do mundo, a solução apresentada consistiria em uma reformulação geral ao modelo aplicado. Para tanto, seria preciso mudar "conteúdos e métodos, implementando mais matemática, ciências e português", em detrimento das ciências humanas, bem como evitar "sexualização precoce", combater a "forte doutrinação" e "expurgar a ideologia de Paulo Freire". No mais, também seria preciso "inverter a pirâmide", aproximando o ensino superior e a pesquisa da iniciativa privada, de modo a priorizar investimentos públicos na "educação básica e no ensino médio / técnico", além de ampliar o ensino à distância<sup>511</sup>.

Embora não conste na proposta quais as áreas pertinentes ao ensino técnico deveriam receber investimentos, um apontamento foi feito pelo próprio Bolsonaro em uma entrevista de campanha eleitoral cedida ao Jornal das Dez da Globo News, em 28 de agosto de 2018. Na oportunidade, após argumentar existir "uma tara da garotada em ter um diploma" superior, bem como afirmar que a Universidade de Brasília - UnB é um lugar onde se encontra "maconha", "cachaça" e "camisinha jogada pelo chão", Bolsonaro defendeu que o melhor para o país seria investir em cursos que viabilizassem ocupações aos jovens, inclusive nos quartéis, tais como "técnico em geladeira, mecânico, ladrilheiro, pedreiro e padeiro"<sup>512</sup>.

Se como apresentado, as páginas dedicadas à educação na proposta podem ser resumidas a partir da interpretação de que pouco entrega e muito gasta a serviço da doutrinação comunista, de modo a atuar contra os valores da família cristã e dos interesses da pátria, o oposto ocorre quando trata dos militares. No que se refere às polícias, por exemplo, de um lado enaltece os "guerreiros" e "heróis nacionais que tombaram e foram esquecidos pelos governantes" petistas na "guerra do Brasil" contra a criminalidade, enquanto de outro denuncia como "mentiras da esquerda" os estudos que as apresentam como dentre as mais violentas e que mais matam no mundo<sup>513</sup>.

---

<sup>510</sup> O CAMINHO PARA PROSPERIDADE, p. 11.

<sup>511</sup> O CAMINHO PARA PROSPERIDADE, pp. 41a49. No que tange a Paulo Freire, essa não foi a primeira menção de Bolsonaro a ele. Durante a campanha eleitoral à Presidência, já havia manifesto seu ódio a educador, ao argumentar que o futuro Ministro da Educação deveria "ser alguém *que chegue com um lança-chama e toque fogo no Paulo Freire*". NOGUEIRA. Bolsonaro e o Ministro da Educação Ideal. DCM. Site.

<sup>512</sup> BOLSONARO. Apud. PEREIRA, Heraldo, et.al. *Central das Eleições 2018. Entrevista a Jair Bolsonaro no Jornal das Dez*. Globo News. Vídeo.

<sup>513</sup> O CAMINHO PARA PROSPERIDADE, pp. 28a32.

Quanto às Forças Armadas, o texto da proposta traz que são "atacadas em sua imagem pela doutrinação ideológica da esquerda", por serem "o último obstáculo ao socialismo" e "garantia contra a barbárie". Além disso, relembra a história a que todos deveriam se "orgulhar", dos seus "heróis" que lutaram contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial e que "impediram a tomada do poder (...) pelos comunistas no Brasil em 1964".

Destarte, enquanto sobram críticas à educação e seus profissionais, em parte admitidos como vermelhos, maconheiros e depravados que devem ser combatidos, a bem de um novo modelo acrítico e agro-fabril, no caso das forças militares, integradas por heróis e guerreiros segundo apresentado, cumpre ao governo "proteger seus integrantes", ampliar os investimentos em políticas públicas destinadas ao seu bem estar, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, de modo a que possam cumprir bem suas atribuições, inclusive no que concerne a "consolidação" de maior atendimento à própria educação<sup>514</sup>. Isso, "para impedir que os militantes disfarçados de professores continuem a doutrinar os estudantes dos ensinos fundamental, médio e universitário"<sup>515</sup>.

Neste sentido, o ataque aos que educam e a valorização dos que reprimem e matam, cumpre a lógica de uma proposta de plano de governo direcionada à uma suposta guerra cultural contra o petismo associado ao comunismo, em detrimento dos anseios sociais de boa parte da população, especialmente aquela mais vulnerável economicamente. Além disso, é preciso considerar que antes mesmo do Orvil e da própria ideia de marxismo cultural, Bolsonaro passou por um processo de formação profissional orientado para o combate do suposto inimigo interno associado ao comunismo.

Ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, em 1974, sendo dela declarado aspirante a oficial em 1977, Bolsonaro teve "sua mentalidade" castrense "forjada sob a égide" da Doutrina de Segurança Nacional - DSN e da "Lei de Segurança Nacional - LSN de 1969 que, mais que um Decreto-Lei, é sobretudo um culto à morte"<sup>516</sup>. Assim, não por acaso já ter manifestado publicamente que "policial que não mata não é policial"<sup>517</sup>, ou sugerir outros absurdos tal qual, que "se na época de Jesus houvesse arma de fogo Ele usaria"<sup>518</sup>.

É importante considerar que essa formação não apenas passou a permear seu discurso e visão de mundo, como a cooperar para angariar cada vez mais a simpatia, por identificação e partilha de *habitus*, das parcelas mais conservadoras da sociedade brasileira.

---

<sup>514</sup> O CAMINHO PARA PROSPERIDADE, pp. 33e34.

<sup>515</sup> GARSCHAGEN. *Pare de Acreditar no Governo*, p.261.

<sup>516</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp. 244.

<sup>517</sup> BOLSONARO. Apud. GONÇALVES. Bolsonaro: "Policial Que Não Mata Não é Policial". *Veja*. Site.

<sup>518</sup> BOLSONARO. Apud. DA REDAÇÃO. Bolsonaro: Jesus Só Não Usou Arma (...) Não Existia. *Catraca Livre*. Site.

Portanto, uma abordagem sobre o histórico do anticomunismo no Brasil, a partir da perspectiva da DSN e da LSN é relevante, não apenas para uma melhor reflexão sobre o próprio Bolsonaro, mas também sobre o antipetismo, que viabilizou sua ascensão à Presidência, por mais improvável que fosse pensar nisso há alguns anos atrás.

## O Anticomunismo no Brasil Antes do Antipetismo

Acerca da Doutrina de Segurança Nacional, suas origens remontam aos Estados Unidos. Para tanto, o ataque japonês à sua frota naval ancorada em Pearl Harbor, em dezembro de 1941, fato considerado o estopim de seu ingresso na Segunda Guerra Mundial, bem como a capacidade de reação da União Soviética frente à Alemanha nazista no mesmo ano, demonstraram ao seu governo a necessidade da elaboração de uma doutrina destinada a "prevenir futuros ataques de inimigos externos, por meio de atividades de inteligência" ligadas a "espionagem e a contraespionagem"<sup>519</sup>.

Encerrada a Segunda Guerra, visto o crescente acirramento das relações com a União Soviética, em 1946, o diplomata de carreira do Serviço de Relações Exteriores dos Estados Unidos, George Kennan, formulou a chamada *política de contenção*. Esta, se tornou a matriz das ações norte-americanas" destinada a "conter o avanço comunista a partir dos estudos das fontes da conduta soviética". Para tanto, no mesmo ano foi criada em Washington a National War College - NWC, com a finalidade de preparar oficiais capazes de elaborar a DSN, que algum tempo depois veio a ser implementada no Brasil<sup>520</sup>.

Sobre os antecedentes, é possível dizer que a incorporação da Força Expedicionária Brasileira - FEB ao V Exército norte-americano na Segunda Guerra, contribuiu para maior afinidade e proximidade militar entre os dois países, principalmente com a ascensão do General Eurico Gaspar Dutra à Presidência, após a deposição de Getúlio Vargas, em 1945. Um capítulo importante nessa história ocorre em 1949, com a criação da Escola Superior de Guerra - ESG no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade do "Marechal César Obino, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas", em moldes análogos à congênere norte-americana<sup>521</sup>.

Em termos de objetivos, inicialmente coube a ESG capacitar "pessoal de alto nível no sentido de exercer funções de direção e planejamento de segurança nacional"<sup>522</sup>.

---

<sup>519</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 228.

<sup>520</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 229.

<sup>521</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, p. 69.

<sup>522</sup> Conforme o Artigo 1º da Lei número 785 de 20 de agosto de 1949, que fundou a ESG. Citado em ALVES. *Estado e Oposição no Brasil*, p. 28. Ver também: SILVA. *A Defesa Legal do Arbitrio*, p. 119.

Entretanto, visto o acirramento da Guerra Fria, a referida escola aprimorou um “método de análise e interpretação dos fatores políticos, econômicos, diplomáticos e militares”, que estrategicamente condicionou a questão do desenvolvimento à segurança nacional<sup>523</sup>. Foi a partir da criação da ESG, que a DSN se inscreveu na política brasileira<sup>524</sup>.

Inscrito em tal contexto, ao Brasil coube assegurar todos os recursos necessários em prol dos “objetivos nacionais, a despeito dos antagonismos internos e externos existentes ou presumíveis”<sup>525</sup>. Em outras palavras, mediante as relações dicotômicas entre “o Ocidente cristão e o Oriente admitido como comunista”, caberia ao Brasil angariar recursos para empreender luta contra a chamada “guerra revolucionária” e, por consequência, assegurar a manutenção dos “objetivos nacionais permanentes”<sup>526</sup>.

Definida pelos militares da ESG como um “conflito normalmente interno, estimulado ou auxiliado pelo exterior”, a guerra revolucionária “geralmente inspirada em uma ideologia”, era entendida como a forma pela qual os comunistas procurariam atingir o poder, através do “progressivo controle da nação”<sup>527</sup>. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, essa compreensão havia sido firmada “pelo Estado-Maior do Exército e pela ESG, a partir de influências recebidas de teóricos militares estrangeiros, particularmente franceses e norte-americanos”, em meio a um conjunto de estudos destinados a entender e teorizar os mecanismos de atuação dos comunistas em sua ascensão “à tomada violenta do poder”<sup>528</sup>.

Assim, se como evidenciado, parte dos militares brasileiros concebia a existência de um movimento comunista revolucionário em curso no país, “a guerra interna ou a eliminação do inimigo interno passou a ser uma estratégia imposta pelos imperativos da segurança nacional”<sup>529</sup>. Parte integrante do Ocidente, onde “se criou desde o berço e cujos ideais democráticos e cristãos profundamente incorporou à sua própria cultura”, para os militares e

---

<sup>523</sup> Manual Básico da Escola Superior de Guerra, 1976, p. 19. Ver também: VIZENTINE. *Do Nacional-Desenvolvimentismo à Política Externa Independente*, p. 205.

<sup>524</sup> BORGES. *A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares*, p.36.

<sup>525</sup> SILVA. *Geopolítica do Brasil*, p. 160. Ver também: SERBIN. *Diálogos na Sombra*, p. 87. Ver ainda o Artigo 2º do Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967.

<sup>526</sup> Em teoria, os “objetivos nacionais permanentes” compreendiam a “soberania nacional” e a “independência política do país”, à manutenção “de um estilo de vida democrático”, o “federalismo”, a “integração nacional”, a manutenção “da moral cristã”, o desenvolvimento econômico, social e cultural, a “solidariedade e cooperação entre os países americanos”, o “fortalecimento do prestígio do Brasil no exterior” e a vigilância constante contra doutrinas nocivas a manutenção do “*status quo*” no continente sul-americano. SILVA. *Conjuntura Política Nacional*, pp. 74e75.

<sup>527</sup> Estado Maior das Forças Armadas, Escola Superior de Guerra – ESG – Departamento de Estudos, 1976, p. 78. Ver também § 3º do Artigo 3º do Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967.

<sup>528</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o ‘Perigo Vermelho’*, p. 261.

<sup>529</sup> BORGES. *A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares*, p. 28.

parte da sociedade civil, o Brasil não poderia ficar alheio ao dever de conter o trabalho de comunização interna, tido como um fato corrente em meio à Guerra Fria<sup>530</sup>.

Neste contexto, é possível dizer que, para as Forças Armadas, as políticas de desenvolvimento econômico do Brasil deveriam se submeter à Doutrina de Segurança Nacional, priorizando “a defesa militar, mais do que as necessidades básicas da população”<sup>531</sup>, como veio a ser observado após o golpe de 1964. A título de exemplo, é válido citar que os gastos militares brasileiros quadruplicaram entre 1960 e 1980, período que circunscreve a passagem de Bolsonaro pela AMAN. Além disso, entre 1967 e 1972, as aquisições de armamentos feitas pelo Brasil representaram mais de 40 por cento dos 600 milhões de dólares vendidos à América Latina pela Europa<sup>532</sup>, em parte sob a justificativa da necessidade de defesa contra a expansão do comunismo em meio a Guerra Fria.

Nesta linha, tomando por válido o jargão "mais canhões, menos manteiga" do nazista Hermann Goering, expressou o General Golbery do Couto e Silva "que não há como fugir à necessidade de sacrificar o bem-estar em proveito da segurança" e "os povos que se negaram a admiti-lo aprenderam no pó da derrota a lição merecida"<sup>533</sup>. O pensamento de Golbery neste sentido, permite associá-lo analogamente a outro, de Carl Schmitt, para o qual "seria tonto acreditar que um povo sem defesa já só teria amigos", bem como que "seria um cálculo perturbador acreditar que o inimigo pudesse talvez ser comovido pela ausência de resistência"<sup>534</sup>. Assim, contraditoriamente, em nome da liberdade e da "democracia", os militares "rasgaram a Constituição"<sup>535</sup>. O fizeram, inclusive, com o apoio de alguns bacharéis em Direito ligados à União Democrática Nacional - UDN.

Sobre estes bacharéis udenistas, é curiosa a dubiedade em relação às nuances do próprio ofício no que tange à Constituição de 1946, visto não terem saído em defesa dela face ao golpe, embora, por outro lado, a tenham tomado "contra as reformas de base preconizadas pelo Governo João Goulart". Isso em função da "proverbial resistência" de muitos deles à "mudança social", coerente com as concepções elitistas e "conservadora do direito"<sup>536</sup>, segundo *habitus* o qual partilhavam. Desta feita, os militares não apenas derrubaram um governo legítimo, "como fecharam o Congresso Nacional, suspenderam garantias dos

---

<sup>530</sup> SILVA. *Conjuntura Política Nacional*, p. 226.

<sup>531</sup> ALVES, *Estado e Oposição no Brasil*, p. 58.

<sup>532</sup> BRIGAGÃO, *O Mercado da Segurança*, pp. 30a33.

<sup>533</sup> SILVA. *Geopolítica do Brasil*, p. 22.

<sup>534</sup> SCHMITT. *O Conceito do Político*, p. 95.

<sup>535</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, p. 71

<sup>536</sup> CHALOUB. *O Brasil dos Bacharéis: Um discurso Liberal Udenista*. Lua Nova, p. 271.

cidadãos, prenderam, torturaram", inclusive crianças e mulheres gestantes<sup>537</sup> e "assassinaram, tudo em nome de um regime inspirado inicialmente pela Doutrina de Segurança nacional" contra inimigos internos tomados como comunistas<sup>538</sup>.

Sobre o assunto, historicamente é possível admitir que a Lei nº 38, de 4 de abril de 1935, destinada a punir "crimes contra a ordem política e social", já dispunha de conteúdo orientado a combater o avanço das ideias comunistas no Brasil. Neste sentido, foi usada para colocar na ilegalidade a Aliança Nacional Libertadora - ANL, cujo rápido crescimento vinha incomodando o Governo Vargas e seus aliados ligados à direita no campo político, como os Integralistas de Plínio Salgado. A resposta Aliancista por meio do levante liderado por Prestes no mesmo ano, levou Vargas a sancionar a Lei nº 136, em dezembro, de modo a reforçar a Lei nº 38, ampliando a lista de crimes e penas, visto o estado de terror suscitado pelos acontecimentos junto a uma parte da opinião pública. Tais acontecimentos, terminaram por cooperar para a formulação do Plano Cohen e o consequente início da ditadura do Estado Novo, contra o inimigo interno de matriz comunista.

Acerca do anticomunismo no Brasil, o qual o antipetismo veio a ser associado, é certo que alguns acontecimentos ao longo do século XX, como a própria Intentona Comunista de 1935, tenham justificado algum "temor sincero". Assim, é importante salientar que "os defensores da ordem não estavam exagerando totalmente" quando o "denunciaram" como um "inimigo ativo e perigoso"<sup>539</sup>. Que pese o levante liderado por Prestes ter se "limitado a alguns quartéis" e sido "sufocado rapidamente", foi "mantido na memória dos militares como uma pira permanente em torno da qual se celebram as solenidades anuais de reafirmação (...) do combate ao comunismo, pedra angular da ideologia assumida pelo Estado, sobretudo após o golpe de 1964", que depôs o Presidente João Goulart<sup>540</sup>.

Concernente ao Governo Goulart, apesar do temor exagerado propagado pela oposição em relação ao comunismo, o fato de alguns de seus simpatizantes influenciarem seu governo "não pode ser negado" e "neste sentido a 'ameaça vermelha' também não foi mera

---

<sup>537</sup> Um caso conhecido, por se tratar de uma figura pública, é o da economista Míriam Leitão da Rede Globo / Globo News. Em 1972, ela foi "presa e torturada, grávida, aos dezenove anos, no 38º Batalhão de Infantaria em Vitória. Foi agredida com tapas, chutes, golpes que abriram a sua cabeça e passou pelo constrangimento de ficar nua na frente de dez soldados e três agentes da repressão, além de ficar horas intermináveis numa sala escura com uma jibóia". Ao longo de dois meses de torturas, perdeu onze quilos. Ver: MELLO. *A Máquina do Ódio*, p. 91. Ver também: OTAVIO. Míriam Leitão Fala Sobre Tortura que Sofreu Nua e Grávida. *O Globo*. Site.

<sup>538</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, pp. 43a50, 71.

<sup>539</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, p. 193.

<sup>540</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, p. 55. Ver também: MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, p. 79.



fabulação"<sup>541</sup>. Todavia, no que tange à sociedade em geral, é possível afirmar que esse temor se fazia sentir muito mais a partir do imaginário constituído acerca do comunismo, do que propriamente da compreensão teórica acerca dele, obviamente com exceções à regra.

Desprovidos, sobremaneira, do conhecimento teórico ou de vivências em países que adotaram o socialismo real durante a Guerra Fria, boa parte das populações ocidentais foram influenciadas a conceberem o comunismo a partir de informações e propagandas orientadas por governos e empresários capitalistas, com grande controle sobre a mídia e centros educacionais. Para tanto, a lógica do discurso consistiu em ignorar as críticas ao capitalismo, de modo a explorar apenas as dicotomias do comunismo em relação a hábitos constituídos no ocidente a partir das Revoluções Francesa e Americana, sobretudo no que tange ao cristianismo, à propriedade e à liberdade. Desta feita, apelando ao maniqueísmo de modo a reforçar a identificação com os valores ocidentais tomados como inalienáveis, a constituição de um imaginário anticomunista não só foi possível, como mostrou-se adaptável às conjunturas históricas, se convertendo em "pau pra toda obra"<sup>542</sup>.

A partir desta lógica, considerando que, teoricamente, o comunismo inscreve em si a defesa do ateísmo que atenta contra a fé cristã, a crítica à propriedade privada, o incentivo à ditadura do proletariado, bem como o internacionalismo da luta dos trabalhadores que se contrapõe aos discursos nacionalistas, não foi difícil identificá-lo à "imagem do mal" e "Moscou como a "cidade de Satanás"<sup>543</sup>. Destarte, desde a Intentona de 1935 e do Plano Cohen de 1937, na Era Vargas, passando pelos efeitos da Revolução Cubana de 1959, a maledicência do comunismo foi tomada como certeza junto ao imaginário coletivo brasileiro, cumprindo apenas, a cada conjuntura histórica marcada por conflitos sociais, com alguma perspectiva de conquistas aos de baixo, associar ao "perigo vermelho" o inimigo objetivo interno a ser eliminado, a bem dos interesses do capital e da manutenção de privilégios de minorias, a exemplo do interesse pelo monopólio sobre o capital cultural pela classe média, como argumenta Jessé Souza<sup>544</sup>.

Desta feita, "a aplicação indiscriminada da expressão comunista aos indivíduos pertencentes aos diversos matizes da esquerda, praticada de maneira mais frequente pelos anticomunistas conservadores e reacionários, tinha" e continua a ter "como objetivo descredibilizar todo e qualquer processo de mudança social"<sup>545</sup>. Que pese as peculiaridades de

---

<sup>541</sup> MOTTA. *Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura*, p. 168.

<sup>542</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 191.

<sup>543</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, pp. 20,47e49.

<sup>544</sup> SOUZA. *A Classe Média no Espelho. Sua História, Seus Sonhos e Ilusões, Sua Realidade*, p. 16.

<sup>545</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, pp.163e164.

cada momento, assim ocorreu em 1964 e mais recentemente em 2016, quando a oposição ao Governo Dilma, incluindo o MBL com seu discurso do ódio, "derrubou o único partido de esquerda que chegou à Presidência do Brasil"<sup>546</sup>.

Momentos à parte, para Rodrigo Patto Sá Motta, desde as suas origens "os argumentos anticomunistas" tiveram menos "inspiração liberal" e mais apelo aos "valores religiosos", em torno dos quais "constituiu-se a base principal de mobilização" em um país onde a maioria partilha hábitos cristãos<sup>547</sup>. Disso, não por acaso a compreensão de que o lema integralista "Deus, Pátria e Família" tenha sintetizado tão bem ao longo do tempo "diferentes 'ênfases' anticomunistas"<sup>548</sup>, podendo ser simbolicamente percebida em alguma medida, tanto na "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" contra o Governo Goulart, quanto no lema da campanha eleitoral de Bolsonaro, que veio a ser do seu governo, "Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos", apesar das diferenças com os próprios integralistas no que tange à questão do liberalismo econômico, como já abordado em outro momento.

Se em meio ao discurso dos defensores da ordem cumpre a preservação dos valores da família cristã, para além daquilo que foi expresso por todas as constituições da história republicana brasileira, "não pode existir essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão" e deve ser voltado "para as maiorias". Assim, "as minorias têm que se curvar às maiorias (...) ou simplesmente desaparecerem"<sup>549</sup>. As minorias neste caso, quaisquer "marginais vermelhos" associados ao petismo a "serem banidos de nossa pátria" por meio de uma "faxina ampla"<sup>550</sup>. Embora tais manifestações de Bolsonaro tenham ocorrido mais recentemente, por ocasião de sua campanha à Presidência, "a prática de macular a imagem de adversários, atribuindo-lhes o rótulo de comunistas"<sup>551</sup>, de modo a reforçar a identificação dos conservadores com discursos contrários à esquerda no campo político, não é recente, como tem-se procurado demonstrar.

Quando se trata do apelo maniqueísta, sobretudo no que tange à questão religiosa, o objetivo é inviabilizar qualquer diálogo ou tolerância em relação ao inimigo objetivo associado ao comunismo. Isso decorre de uma característica reducionista inscrita nos discursos destinados a esta finalidade desde a década de 1930, qual seja, "quem não for contra o comunismo é comunista!". Em outros termos, a lógica do discurso consiste em bipolarizar a

---

<sup>546</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 40. Ver também MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, p. 231.

<sup>547</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, p. 2.

<sup>548</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, p. 45.

<sup>549</sup> BOLSONARO, Jair. *Em Evento no Estado da Paraíba*. You Tube.

<sup>550</sup> BOLSONARO, Jair. *Áudio Para Manifestantes em Apoio a Sua Candidatura*. You Tube.

<sup>551</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, p. 163

sociedade, atribuindo como inimigo objetivo a ser eliminado não apenas o outro admitido como comunista, mas qualquer um que assim não proceda, inclusive os indiferentes, seja por apatia, prudência ou qualquer outra orientação política<sup>552</sup>. Assim, diante da "iminência da 'ameaça vermelha' qualquer dado" ou comparação desfavorável ao inimigo a ela associado, "pode ser automaticamente incorporado, pois o anticomunismo (...) opera como autêntico buraco negro, capaz de assimilar o próprio universo"<sup>553</sup>.

Satanistas zoomorficamente associados à "serpentes", "bodes" e "dragões", aliados de Cuba e da Venezuela, "seita internacional" destinada a "destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus", a começar pela família, depravados, solapadores morais, "assassinos", personificações do mal, "diabólicos", "violentos, abrutalhados, agressores da pátria e da liberdade", perigosos, ameaçadores, defensores do aborto e da promiscuidade sexual, "ateus", "estrangeiros", "traidores" e "tiranos", aos comunistas quase tudo atribuído como ruim coube. "Em que pesem as singularidades notadas nas diferentes conjunturas" históricas, "os comunistas foram representados por seus inimigos sempre na qualidade de personagens nefastos (...), parceiros do próprio diabo"<sup>554</sup>.

Além do exposto, é preciso considerar outro aspecto muito explorado pelos anticomunistas para associar o comunismo ao mal, qual seja, a exploração do vermelho. Todavia, antes de tratar deste aspecto, é válido salientar que existe uma tradição histórica do uso do vermelho para representar a luta popular por direitos em diversos campos, como atesta o uso do barrete frígio nesta cor, pelos defensores do republicanismo durante a Revolução Francesa, iniciada em 1789. No mesmo país, se "tornou a cor do movimento dos trabalhadores desde 1830", quando "se falou pela primeira vez em uma revolução social que deveria suceder a uma revolução política", anteriormente ao próprio marxismo<sup>555</sup>.

Entretanto, foi durante a "Internacional Socialista de 1889" que a bandeira vermelha foi elevada como "símbolo principal" da luta dos trabalhadores, vindo depois a ser utilizada pelos Bolcheviques. Posteriormente, por influência de Trotsky, a estrela vermelha simbolizando a aliança dos trabalhadores nos cinco continentes, passou a ser usada para representar o Exército dos Russos Vermelhos contra o chamado Exército dos Russos Brancos durante a Guerra Civil naquele país, a partir de 1918<sup>556</sup>.

---

<sup>552</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, p. 222.

<sup>553</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 191.

<sup>554</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, pp. 50,51,66,75,105,244e280. Ver também: RUSSEL. *Lúcifer: O Diabo Na Idade Média*, pp. 63e64.

<sup>555</sup> KOENEN. Apud. KLEIN. *O Empalidecimento De Uma Cor Política*. Goethe Institut. Entrevista.

<sup>556</sup> KOENEN. Apud. KLEIN. *O Empalidecimento De Uma Cor Política*. Goethe Institut. Entrevista. Ver também: MALARENKO. *O Exército Vermelho em Canções (1918-1945)*, p. 7.

Apesar desta tradição, visto o ateísmo inscrito no comunismo, seus detratores, pela via da religiosidade cristã, terminaram por associar o vermelho à outra tradição observada desde a Idade Média: a cor do diabo. Este, embora normalmente apresentando como negro, por contraposição à falta de luz, não raro também o era na cor vermelha no período em questão, em associação ao sofrimento pelo fogo<sup>557</sup>. Além disso, no que tange à psicologia das cores, se por um lado o vermelho pode ter o "amor" por significado, por outro está ligado à "raiva, à fúria, à ira, o desejo, à excitação, à agressão, o calor, o fogo, à guerra, o perigo, o sangue e à violência"<sup>558</sup>. Em outros termos, o vermelho está associado simbolicamente a muitos dos atributos negativos imputados aos comunistas.

Se como demonstrado, o comunismo e seus associados históricos foram apresentados como inimigos internos a serem eliminados pela via do Estado, o qual caberia defender a ordem Divina manifesta pela pátria e pela família cristã, isso não ocorreu sem uma legislação que tenha viabilizado o emprego da violência por parte daqueles que reclamavam para si o arbítrio da defesa da ordem. Como já discorrido, parte desta iniciativa remonta a Era Vargas, com as Leis nº 38 e 136 de 1935. Todavia, elas não foram as únicas e muito menos as que continham as punições mais severas, como a pena de morte, já defendida por Bolsonaro<sup>559</sup>.

Após assumirem o governo em função do golpe contra o Governo Goulart, os militares sentiram a necessidade de formalizarem a DSN, de modo a regulamentar o combate ao inimigo interno, em parceria com os Estados Unidos em meio a Guerra Fria. Assim o fizeram, através do Decreto-Lei nº 314, de março de 1967, no final do Governo Castello Branco. Cópia adaptada das Leis nº 38 e 136 da década de 1930, foi considerado brando pelos setores militares da chamada 'linha dura'. Assim, com a intensificação da oposição ao regime militar, após o decreto do Ato Institucional nº 5 de 1968, a Junta Militar que assumiu o governo no lugar do enfermo General Costa e Silva, instituiu a Lei de Segurança Nacional - LSN, através do Decreto-Lei nº 898 de setembro de 1969<sup>560</sup>.

Pertinente à LSN, é possível afirmar que basicamente criminalizou quaisquer manifestações contrárias ao regime militar como "subversão", expressão nela contida para maquiagem o uso da palavra comunismo e suas variáveis<sup>561</sup>. Muito mais "robusta" que a anterior de 1967, saltou de 58 para 107 artigos. Dentre as mudanças, "o substantivo morte" aparece em

---

<sup>557</sup> RUSSEL. *Lúcifer: O Diabo Na Idade Média*, p. 66. Ver Também: ZIERER. *O Diabo e Suas Múltiplas Imagens Nas Iluminuras do Monstro Devorador e do Anjo Caído*, p. 15.

<sup>558</sup> CLEMENTE. Entenda o Que é Psicologia das Cores e Descubra o Significado de Cada Cor. Site.

<sup>559</sup> BRAGON. Em 2003, Bolsonaro Parabenizou Grupos de Extermínio por Substituir Pena de Morte no País. *Folha de São Paulo*. Site.

<sup>560</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, p. 159.

<sup>561</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, pp. 62e63.

sua redação "32 vezes". No capítulo II, que trata dos "Crimes e das Penas", nada menos que 9 artigos estabelecem como pena: "prisão perpétua, em grau mínimo, e morte, em grau máximo"<sup>562</sup>. No mais, sua inflexão atingiu limite tal que até mesmo "divulgar (...) fato verdadeiro (...) de modo a indispor ou tentar indispor o povo com as autoridades constituídas", poderia resultar uma pena de "detenção" de 2 anos, conforme consta no Artigo 16.

Em relação à repressão, nem mesmo os adversários políticos que por ventura estivessem exilados em algum país vizinho, estariam a salvo. Isso porquê o Artigo 5º estabelecia que crimes cometidos no estrangeiro com o intuito de "produzir seu resultado no território nacional" estariam sujeitos à LSN, como alguns anos depois viria a ser viabilizado pela chamada Operação Condor, que reuniu órgãos de repressão de ditaduras do cone sul. Por todo o conjunto, é possível dizer que a LSN foi um brutal instrumento de "caça ao inimigo interno" e representou "um culto à morte do outro, visto como inimigo a ser eliminado"<sup>563</sup>.

Ressalva seja feita, é importante salientar que, durante o regime militar não há casos de pessoas formalmente sentenciadas à morte com base na LSN. Isso não significa observância às normas jurídicas nela contidas, mas o contrário. Embora prevista, a pena de morte pela via da Lei de Segurança Nacional implicava o cumprimento de todos os ritos legais entre o inquérito e o julgamento, bem como o cumprimento dos prazos cabíveis. Esta burocracia jurídica, evidentemente, era compreendida como um entrave à sua aplicação em pronta resposta aos interesses do regime.

Considerando o exposto, visto que o Ato Institucional nº 5 de 1968 havia essencialmente retirado do cidadão garantias fundamentais de defesa em relação ao Estado, este terminou por viabilizar a aplicação da própria LSN de modo mais direto e obscuro, uma vez que uma prisão, por exemplo, poderia ser realizada com base em uma mera suspeição<sup>564</sup>. Além disso, de modo a justificar tais prisões e alimentar o imaginário social acerca da existência da figura do inimigo interno, necessário a continuidade do regime, não raro confissões forjadas foram obtidas com base em torturas. Tal colocação, não tem por propósito negar a luta armada contra o regime militar ou outras formas de oposição a ele.

Como já abordado, por mais que tenha ocorrido uma exacerbação proposital do "perigo vermelho", de modo a atender os interesses da oposição a um governo de viés progressista, ele não pode ser considerado "mera fabulação". Disso, ainda que não seja possível "supor uma recepção unívoca do público ao discurso (...) anticomunista, acreditando

---

<sup>562</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 243.

<sup>563</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp. 242a244.

<sup>564</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, p. 75.

que todos os brasileiros partilhavam do mesmo pavor", também "seria simplista imaginar que as manifestações" de apoio a tal discurso seriam "reflexo de manipulação"<sup>565</sup>.

Por outro lado, considerando o projeto *Brasil: Nunca Mais*, que demandou o trabalho de análise de mais de 1 milhão de páginas inscritas em 707 processos completos, dentre outros incompletos, obtidos junto à Justiça Militar brasileira entre 1964 e 1979, "especialmente aqueles que atingiram a esfera do Superior Tribunal Militar - STM", além de depoimentos de sobreviventes, é possível ter uma dimensão do quão os excessos do regime foram terríveis. A partir dele, o que se observa é uma "impressionante sequência de transcrições de depoimentos relatando torturas, (...) com nomes dos torturadores, de centros de sevícias, de presos políticos, de desaparecidos e de infâmias sem conta".

Além do exposto, o projeto também demonstrou como a tortura foi "institucionalizada" e "ministrada" como instrução à militares das Forças Armadas", inclusive com tal rigor de "método científico" que era "incluída em currículos de formação" daqueles que a recebiam<sup>566</sup>. Segundo João Cezar Rocha, a repercussão do *Brasil: Nunca Mais*, que teve seus resultados condensados em um livro de mesmo nome, publicado em 1985, motivou a resposta do agonizante regime militar através do *Orvil*, não apenas para contrapô-lo e procurar salvaguardar a imagem dos militares, mas também para justificar a necessidade da continuidade do combate aos inimigos internos através da guerra cultural<sup>567</sup>.

Foi em meio a este contexto e tendo por base a LSN, que Bolsonaro recebeu sua educação militar na AMAN para se tornar oficial do Exército Brasileiro, educação esta que o acompanhou enquanto parlamentar por quase três décadas. Assim, considerando *habitus* apreendido na caserna, inscrito em sua personalidade, não por acaso Bolsonaro ser favorável à tortura e exaltar torturador<sup>568</sup>. De igual modo, também não é coincidência ter como seu Ministro-Chefe de Segurança Institucional, o General Augusto Heleno.

Capitão em 1977, ano em que Bolsonaro concluiu sua formação na AMAN, Heleno esteve ao lado do General Silvo Frota, "maior expoente da linha dura do regime militar", que foi exonerado pelo Presidente Geisel após uma "aventura golpista" para sucedê-lo, com o intuito de barrar o processo de abertura<sup>569</sup>. Dentro desta perspectiva, é plausível compreender que provido da *virtú* de que tratou Maquiavel, Bolsonaro foi favorecido pela *fortuna*, na

---

<sup>565</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, p. 200.

<sup>566</sup> ARNS. *Brasil: Nunca Mais*, pp. 22,25,31e32.

<sup>567</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp. 246,247,254a259e271.

<sup>568</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, p. 254.

<sup>569</sup> ROCHA. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, pp. 225e226.

medida em que sua personalidade se fundiu ao discurso do ódio ao petismo associado ao comunismo, proferido mais intensamente pela oposição desde 2014, sobretudo pelo MBL<sup>570</sup>.

### O Antipetismo Associado ao Anticomunismo

Em termos simbólicos, é inegável que o Partido dos Trabalhadores - PT, desde as suas origens, possui alguns elementos que favoreceram alguma associação ao comunismo. Viabilizado pelo processo de abertura controlado pelos militares 'castelistas', sua fundação em 1979 pode ser considerada "uma das construções mais originais da política brasileira". Embora tenha contado com parlamentares do MDB, eleitos em 1978, suas "forças principais vieram do universo extraparlamentar", principalmente do meio sindical (a exemplo de Lula), intelectuais marxistas e "militantes populares ligados à Igreja Católica". Disso advém a "originalidade" do Partido, capaz de "unir católicos, marxistas, intelectuais e operários", embora "não isento de conflitos". No mais, "tratou-se de um dos raros casos na história brasileira de um partido criado fora do universo das elites e do Estado"<sup>571</sup>.

Além do exposto, é preciso salientar que o Partido rapidamente angariou o "apoio de uma larga militância ligada a organizações sociais", movida por um "discurso crítico em relação ao *status quo*". Tal discurso, não apenas foi apresentado "como uma proposta nova" e descomprometida "com as tradicionais elites sociais e políticas do país", como também foi personificado por Lula, líder "carismático" que veio a se tornar maior que o próprio Partido<sup>572</sup>. Junte a tudo isso, a não menos importante estrela vermelha, análoga a do Exército Vermelho russo como já abordado, tomada como símbolo do Partido em plena Guerra Fria, e os elementos que cooperaram para fomentar no imaginário de parte significativa da sociedade brasileira a associação do petismo ao comunismo estão postos.

Disso, não por acaso em outro momento deste capítulo, a abordagem sobre a questão do vermelho, visto sua importância histórica no que concerne à simbologia comunista e sua associação ao mal. No Brasil, não foi e não tem sido diferente. Antes mesmo do PT, por ocasião das articulações destinadas ao golpe civil-militar de 1964, não só muitos clérigos católicos, a exemplo de Dom Geraldo de Proença Sigaud, então bispo de Diamantina, teciam fortes discursos contra o comunismo, associando-o ao mal e ao vermelho, como muitos

---

<sup>570</sup> Sobre virtú e fortuna ver: MAQUIAVEL. *O Príncipe*, capítulos VII e XXV.

<sup>571</sup> MOTTA. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*, p. 131. Ver também: ALVES. *Estado e Oposição no Brasil*, p. 330.

<sup>572</sup> MOTTA. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*, p. 132. Ver também: ALVES. *Estado e Oposição no Brasil: 1964-1984*, p. 331.

jornais e revistas de grande circulação. Em relação a estes últimos, é possível citar, dentre outros, O Globo, O Cruzeiro, Jornal do Brasil e O Estado de São Paulo<sup>573</sup>.

Para além da questão cromática, embora situado à esquerda no campo político e mesmo considerando todos os elementos apresentados, é importante salientar que em nenhum momento ao longo de sua história, o PT deixou de agir dentro dos limites da democracia e do sistema capitalista. Em outros termos, o Partido nunca "aplicou políticas caracteristicamente socialistas", apesar do imaginário constituído junto a parte da sociedade<sup>574</sup>. Portanto, ainda que seus detratores o tenham tomado como inimigo interno a ser eliminado, "os ataques de caráter antissocialista e anticomunista dirigidos ao PT padecem de fragilidade óbvia, dada a natureza moderada de suas ações à frente do governo brasileiro"<sup>575</sup>.

Apesar desta fragilidade destacada por Rodrigo Patto Sá Motta, isso não inviabilizou que um discurso do ódio fosse desenvolvido contra o petismo, como já tratado no terceiro capítulo. Para tanto, parte das discussões destacou a importância de Olavo de Carvalho no que concerne à disseminação deste discurso do ódio, com base na retórica do ódio, tratada por João Cezar Rocha. Assim, não por acaso sua replicação análoga no discurso do MBL e menos ainda ele ter se tornado a "referência filosófica" da família Bolsonaro, a ponto de influenciar a nomeação dos polêmicos Ricardo Vélez Rodríguez e Ernesto Araújo, respectivamente para os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, em janeiro de 2019<sup>576</sup>.

Em uma de suas obras mais recentes, Rodrigo Patto Sá Motta concorda que Olavo de Carvalho, "filósofo autodidata", curiosa figura de "um astrólogo que se tornou católico conservador, tendo sido comunista na juventude", tenha assumido a posição de uma "espécie de guru" para um grupo de ferrenhos antipetistas, dentre os quais o jornalista Reinaldo Azevedo<sup>577</sup>. Embora não utilize a palavra ódio para tratar de seu discurso, Motta destaca que Olavo de Carvalho se notabilizou por um "debate político mais agressivo, com a estratégia de atacar virulentamente alvos de esquerda visando destruir sua credibilidade", aplicando "métodos da sofística e da erística, sobretudo técnicas para encolerizar os adversários com ataques insolentes e vexatórios"<sup>578</sup>. Tal constatação, apenas corrobora com o exposto no terceiro capítulo desta tese.

---

<sup>573</sup> MOTTA. *Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho'*, pp. 266e271.

<sup>574</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, p. 88.

<sup>575</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, p. 91.

<sup>576</sup> BOLSONARO, Eduardo. Apud. GODOY. "É Nossa Referência Filosófica". You Tube. Ver também: MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, p. 85.

<sup>577</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, pp. 83e84.

<sup>578</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, p. 84.



No que tange à publicações, o livro mais conhecido de Olavo de Carvalho, inclusive recomendado por Eduardo Bolsonaro aos bolsonaristas<sup>579</sup>, intitula-se "*O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*". Publicado em 2013, trata-se de uma seleção de colunas publicadas por ele em diversos jornais, desde a década de 1990. Não por acaso, assim o foi pelo Grupo Editorial Record que, naquele ano de manifestações, havia contratado para a função de Editor Executivo, Carlos Andreazza, que intensificou atenções à publicações voltadas para um público de direita no Brasil, identificado com o antipetismo<sup>580</sup>.

Além de Olavo, outros que tiveram livros publicados pela Editora na mesma linha, foram Diogo Mainardi com "*Lula é Minha Anta*", Reinaldo Azevedo com "*O País dos Petralhas*", em 2008 e "*O País dos Petralhas II*", em 2012, Merval Pereira com "*O Lulismo no Poder*", em 2010 e "*Mensalão*", em 2013, Rodrigo Constantino com "*Esquerda Caviar*", em 2013 e, dentre outros, Bruno Garschagen com "*Pare de Acreditar no Governo*", em 2015. Além do forte antipetismo, sobre eles é relevante salientar serem personalidades midiáticas<sup>581</sup>.

Indiferente de suas formações, prestam ou já prestaram serviços para alguns dos grandes meios de comunicação a seguir, como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *IstoÉ*, *Rádio CBN*, *TV Globo*, *Globo News*, *Jovem Pan*, *Rede TV!*, *Band News*, *CNN Brasil*, e dentre outros, a Revista *Veja*, a mais comum entre a maioria deles. Além disso, alguns são ligados a *think tanks* liberais, sobretudo do ponto de vista econômico, a exemplo de Constantino em relação ao *Instituto Millenium* e de Garschagen em relação ao *Instituto Mises Brasil*. Todos eles, em alguma medida, cooperaram para o discurso do ódio contra o petismo, conduzido às ruas pelo MBL. Disso, por consequência, a interpretação de que também possuem sua parcela de responsabilidade no que concerne à ascensão do bolsonarismo ao poder, não é absurda.

Quanto ao grupo em questão, diante da "falta de algo mais concreto para justificar os ataques anticomunistas ao PT, uma das estratégias" foi a de "acusar" os intelectuais de esquerda, de algum modo ligados à educação, setores da mídia e da cultura, de "não denunciarem os crimes do comunismo histórico e de seus ditadores", o que na compreensão destes "propagandistas de direita seria prova de associação culposa"<sup>582</sup>. Neste sentido, nenhum outro se destacou mais que Olavo de Carvalho. Seu *modus operandi* discursivo foi tratado no terceiro capítulo desta tese. Entretanto, aqui também é pertinente uma breve exposição do seu pensamento, de modo a corroborar a afirmação de Rodrigo Patto Sá Motta. No citado livro "*O*

---

<sup>579</sup> BOLSONARO, Eduardo. Apud. GODOY. "*É Nossa Referência Filosófica*". You Tube.

<sup>580</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", p. 172.

<sup>581</sup> ROCHA. "*Menos Marx, Mais Mises*", pp. 173e174. Ver também: MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, pp. 83e84.

<sup>582</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, pp. 88e89.

*Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*", Olavo de Carvalho dedica o maior capítulo, intitulado *Intelligentzia - Mas Pode Chamar de Máfia*, sobre o assunto.

Admirador do "príncipe" Dom Bertrand Orléans e Bragança, para ele "homem da mais elevada moral"<sup>583</sup>, Olavo não poupa críticas ao sistema educacional brasileiro, visto que, em seu entendimento, nas últimas décadas "a ascensão de um professor na escala acadêmica depende em quase nada das suas realizações intelectuais, em geral nulas ou desprezíveis, mas em quase tudo da posição que ocupe na hierarquia partidária ou pelo menos nas afeições da liderança esquerdista". Dentre seus desafetos, além de Paulo Freire, um dos nomes mais citados é o do Professor Emir Sader<sup>584</sup>.

Segundo sua interpretação, "intelectuais" como Sader, "no sentido ampliado que Gramsci deu ao termo", foram os responsáveis por "criarem a lenda do partido ético" com a conivência de setores da mídia<sup>585</sup>. Com isso, cooperaram para a eleição de Lula em 2002, sob a "estampa de reformador democrático, legalista e paladino da moralidade", com o intuito de esconder o que "anos de desempenho no Foro de São Paulo já mostravam": um "leninista cínico, disposto a todas as mentiras e todas as trapaças para manter o seu grupo no poder"<sup>586</sup>. Assim, não apenas os "ratos" petistas chegaram ao poder, como a "escória marxista" ascendeu ao "primeiro plano da vida nacional", implicando na "destruição da cultura superior e do sistema educacional do Brasil"<sup>587</sup>. Como se vê, há forte convergência entre essas formulações e os ataques à educação praticados pelo Governo Bolsonaro, formalizado em seu plano de governo, em meio a perspectiva de guerra cultural contra o petismo.

Na mesma linha, outra estratégia antipetista consistiu em acusar seus governos de "apoiarem movimentos" considerados terroristas, "criminosos e subversivos", a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e das "narcotraficantes" Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC. No mais, para tais "publicistas de direita, o Foro de São Paulo representa uma grande conspiração internacional", com o propósito de concretizar o "suposto plano URSAL", qual seja, o de consolidar um conjunto de "ditaduras comunistas na América Latina"<sup>588</sup>. Para Reinaldo Azevedo, o Foro de São Paulo é uma "Internacional Comunista", um "comintern cucaracho", integrado pelo "PT e as FARC",

---

<sup>583</sup> CARVALHO. *Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, p. 293.

<sup>584</sup> CARVALHO. *Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, p. 298.

<sup>585</sup> CARVALHO. *Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, p. 281.

<sup>586</sup> CARVALHO. *Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, pp. 264e265.

<sup>587</sup> CARVALHO. *Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*, pp. 265e317.

<sup>588</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, pp. 88e89.

dentre outros "grupos e governos que optaram pelo terror, pela ditadura ou por ambos", de modo a "chantagear a democracia e cobrar muito caro pelo que temos direito de graça"<sup>589</sup>.

Outro tema frequente ligado a este grupo contra o petismo é o da corrupção. Em relação a ele, "os governos do PT deram muito o que falar (...), desde o chamado mensalão em 2005 até os episódios investigados pela operação Lava Jato a partir de 2014". Sobre o assunto, ainda que "em alguns casos possa haver fundamento (...), sabe-se que muitos escândalos foram inventados para desestabilizar os governos de esquerda"<sup>590</sup>.

Neste sentido, as vitórias de Lula em relação a alguns processos judiciais, bem como o entendimento por parte do Supremo Tribunal Federal - STF, de que o então juiz Sergio Fernando Moro cometeu excessos em relação a outros que o conduziram à prisão, são indicativos disso<sup>591</sup>. "De qualquer modo, importa destacar que o tema foi muito explorado pelos propagandistas de direita. Aliás, no caso de Mainardi, a corrupção dos governos petistas era praticamente o único tema", inclusive conectada ao comunismo a partir de "analogias entre acusações a Lula e denúncias envolvendo o governo de Fidel Castro"<sup>592</sup>. No mais, enquanto Azevedo sugeriu que o "país dos petralhas" usou a "causa humanitária" para "aparelhar o Estado" e "bater carteiras", Carvalho, de modo mais agudo, afirmou que o "PT aprendeu com Lenin a mentir, fomentar a corrupção e a roubar protegido pela ética do partido, para destruir as estruturas tradicionais e a boa sociedade"<sup>593</sup>.

Como procurou-se demonstrar, a associação entre o anticomunismo e o antipetismo possui raízes históricas, que cooperaram para o discurso do MBL conduzido às ruas, bem como para a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, embora este nem sempre tenha sido um antipetista ortodoxo. Sobre o assunto, é relevante salientar que o parlamentar Bolsonaro já foi eleitor de Lula, sob o argumento de "não" considerar "estranho um representante histórico da direita trabalhar em favor de um esquerdista"<sup>594</sup>. Todavia, em meio às manifestações favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff tocadas por grupos como o MBL, soube se posicionar politicamente e personificar como nenhum outro, o discurso do ódio contra o petismo. Assim, não apenas passou a ocupar o lugar de ideal do ego de milhares de brasileiros

---

<sup>589</sup> AZEVEDO, Reinaldo. Foro de São Paulo 1. *Veja*. Site. Ver também AZEVEDO. *O País dos Petralhas*, p.213.

<sup>590</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, p. 93.

<sup>591</sup> Sobre o assunto, há quem entenda que a falta de punição ao então Juiz Sergio Moro pelo STF, na época em que estes excessos foram cometidos, gerou "fortes suspeitas de seletividade na operação do Poder Judiciário". AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, p. 151. Mais críticas em relação à atuação inadequada de Sérgio Moro no que tange à operação Lava Jato, em desfavor de Lula, bem como acerca de seu comportamento seletivo ao combate à corrupção, ver também na mesma obra as páginas, 137, 164,168, 171,172 e 180.

<sup>592</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, p. 93.

<sup>593</sup> MOTTA. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*, pp. 86,91e93.

<sup>594</sup> ZANINI. Bolsonaro dá Apoio a Comunista. *Folha de São Paulo / Uol*. Site.

com ele identificados e por ele contagiados, como constituiu em torno de sua liderança uma massa de bolsonaristas com um núcleo "raiz", para além das questões eleitorais.

## Bolsonaro e o Discurso do Ódio ao Petismo

No que concerne às manifestações do discurso do ódio ao petismo por parte de Bolsonaro antes das eleições de 2018, é preciso salientar que algumas já foram explicitadas neste capítulo. Todavia, para além delas, há outras. Em entrevista à Central das Eleições na Globo News, em 3 agosto de 2018, Bolsonaro disse que "detesta o PT (...) há muito tempo", visto "conhecer esse pessoal, alguns desde a década de 1970"<sup>595</sup>. Atenção aqui deve ser conferida ao verbo 'detestar', que tem por sinônimo 'odiar' e que demonstra a guinada do discurso de Bolsonaro em relação ao petismo com o passar dos anos, sobretudo após 2014, como já abordado em outro capítulo. Este é o mesmo parlamentar que anos antes admitiu na tribuna da Câmara dos Deputados ter votado no "camarada" Lula, que recomendou José Genoíno para Ministro da Defesa, bem como explicitou não se opor à escolha de Aldo Rebelo do PCdoB para tanto, por "reconhecer" disporem ambos de "competência" e "caráter"<sup>596</sup>.

Outra declaração impactante de Bolsonaro durante a campanha, que representa bem a eliminação do outro tomado como inimigo interno, para além do sentido simbólico, foi realizada em comício no Acre, em setembro de 2018. Em um palanque e sob aplausos da multidão, após simular tiros de fuzil usando um tripé de um equipamento de filmagem, disse ele, se valendo de um termo desqualificador cunhado por Reinaldo Azevedo: "Vamos fuzilar a petralhada (...), vamos por estes picaretas para correr". Nesta ocasião, embora a palavra comunismo não tenha sido utilizada, a associação não deixou de ser feita a partir da Venezuela. Continuou Bolsonaro: "Já que eles gostam tanto da Venezuela essa turma tem que ir prá lá" e é bom que saibam que "lá não tem nem mortadela, vão ter que comer capim"<sup>597</sup>.

Seja pelo gestual ou pelo uso da palavra "fuziliar", não há como interpretar a intenção de Bolsonaro como mera forma de expressão política. Durante toda a fala, inclusive, ele manteve o tripé em punho, como quem porta um fuzil pronto para disparar a qualquer momento. O discurso tem claro viés de incitação à violência física, de modo a intimidar não adversários políticos, mas inimigos a serem eliminados. Além disso, a palavra "turma" não é

---

<sup>595</sup> BOLSONARO. Apud LEAL; BECKER. Jair Bolsonaro Eleito: Veja Aqui 110 Frases Ditas Por Ele Pela Lupa em 2018. *Piauí / Folha de São Paulo*. Site.

<sup>596</sup> BOLSONARO. Apud OLIVEIRA. *Vídeo em Que Bolsonaro Diz Que Votou em Lula (...)*. Metrópole. Vídeo.

<sup>597</sup> BOLSONARO. Apud. PODER 360º. *No Acre, Bolsonaro Fala em "Fuzilar" a "Petalhada" e Enviá-los à "Venezuela"*. Vídeo.

gratuita. Tem sentido de 'bando', que tanto pode ser entendido como de comunistas, quanto de animais, a considerar a implícita ideia de banimento para um país inscrito neste regime, segundo o imaginário de muitos, ou sua associação com a palavra "capim" utilizada. De qualquer modo, o discurso como um todo não deixa margem à outra interpretação geral, de que a um suposto bem da pátria, é preciso eliminar o inimigo personificado pela figura do petista, sendo o caminho para isso a eleição do "mito".

Em relação ao banimento e ao comunismo, que no discurso anterior não foi tomado como foco, em outra ocasião o fez com todas as letras. Disse Bolsonaro, por meio de uma gravação replicada a manifestantes em seu apoio na avenida Paulista, em 21 de outubro de 2018: "A faxina agora será muito mais ampla. Essa turma (...) ou vai para fora ou para a cadeia". De qualquer modo, "esses bandidos vermelhos serão banidos de nossa pátria"<sup>598</sup>.

Os "bandidos vermelhos" evidentemente, são os integrantes e simpatizantes do "PT, que sempre pregou a luta de classes, homo contra hétero, pai contra filho, norte contra sul e rico contra pobre", até "chegarmos à divisão física", análoga ao "muro de Berlim (..) de Hitler"<sup>599</sup>. Para além do erro histórico e do intento de reafirmar o nós contra eles, é curiosa a tentativa de Bolsonaro associar Hitler ao petismo, ao menos por duas razões. A primeira pelo fato do líder nazista ter sido a maior personificação da extrema-direita no século XX. A segunda, por Bolsonaro dispor dentre seus apoiadores, não raro, pessoas simpáticas ao nazismo que, inclusive, vieram a integrar seu governo<sup>600</sup>. Todavia, visto que na massa o indivíduo se vê diante da possibilidade de subordinar a razão aos instintos, o importante é sempre apoiar o líder colocado na condição de ideal do ego, por identificação, na luta contra o inimigo em função da busca do interesse coletivo, como já tratado segundo Freud.

A perspectiva de aniquilação do outro também está presente no discurso de Bolsonaro através de sua defesa à tortura. Sobre o assunto, é certo que ele nunca escondeu o que pensa. Todavia, é particularmente recente sua adaptação ao petismo. Dentre outros, o mais notório foi realizado durante a votação do impeachment de Dilma Roussef em 2016, em plena Câmara dos Deputados e com cobertura midiática a nível nacional. No dia da consumação do que muitos avaliam como golpe, a exemplo de Jessé Souza, disse Bolsonaro: "Pela família (...), contra o comunismo (...) e pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o

---

<sup>598</sup> BOLSONARO. *Áudio Para Manifestantes em Apoio a Sua Candidatura*. You Tube.

<sup>599</sup> BOLSONARO. Apud TAVARES; FREITAS. Jair Bolsonaro: "É o muro do Hitler". *Revista Época*. Site.

<sup>600</sup> Um exemplo disso foi o Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim, exonerado em 2020, após proferir um discurso dotado de elementos simbólicos análogos aos discursos de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista e um dos mais próximos a Hitler. BARBIÉRI. Bolsonaro Exonera Secretário da Cultura, Que Fez Discurso com Frases Semelhantes às de Ministro de Hitler. *G1*. Site.

pavor de Dilma Rousseff (...), o meu voto é sim"<sup>601</sup>. O discurso "não foi de improviso". Na companhia do filho Eduardo, Jair Bolsonaro "leu o nome do militar em um pedaço de papel amarrotado. Foi um ato sádico, planejado, covarde e cruel, assim como eram as sessões de torturas em centenas de pessoas"<sup>602</sup>.

Ao dedicar seu voto ao torturador, Bolsonaro explicitou não apenas falta de empatia a uma petista, mas insensibilidade com o sofrimento alheio, traço de personalidade característico dos psicopatas, segundo a Psicologia. O ídolo de Bolsonaro em questão, chefiou o DOI-CODI, subordinado ao II Exército, entre 1970 e 1974. Na época Capitão, era considerado "senhor da vida e da morte" em relação aos presos submetidos à torturas, por suspeição ou atos contra o regime militar<sup>603</sup>. Por sua participação no Comando de Libertação Nacional - Colina, Dilma Rousseff foi presa em janeiro de 1970, aos 22 anos e conduzida ao DOI-CODI. Sob a responsabilidade de Ustra, foi torturada. Que pese também ter sido interrogada igualmente sob tortura por alguns meses em Juiz de Fora - MG, a maior parte dos seus quase três anos de detenção foram cumpridos em São Paulo<sup>604</sup>.

Espancamentos, choques, palmatória e pau de arara foram algumas delas<sup>605</sup>. Disso, mais que as hemorragias que sofreu na época, sequelas físicas e psicológicas nunca a deixaram de acompanhar, bem como o deboche de Bolsonaro desde aquele depoimento de 2016 que lhe rendeu maior notoriedade política, assim como ao próprio Ustra, junto ao eleitorado de direita mais conservador<sup>606</sup>. Tudo isso, dentro da lógica olavista e do *Orvil*, de reescrever a história do regime militar, segundo a perspectiva dos que torturaram e assassinaram em nome da Lei de Segurança Nacional, em benefício de poucos.

Continuando a linha do discurso do ódio, partilhado por uma massa composta por conservadores que se dizem cristãos, a associação do petismo com o comunismo por parte de Bolsonaro, não estaria completa sem alguma menção ao Foro de São Paulo e ao diabo. Assim, na tribuna da Câmara dos Deputados, em 6 de abril de 2016, dias antes da votação do

---

<sup>601</sup> BOLSONARO. Discurso e Voto a Favor do Impeachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados. Vídeo

<sup>602</sup> GUIMARÃES. Conheça a História Sombria do Coronel Ustra, Torturador e Ídolo de Bolsonaro. *Brasil de Fato*.

<sup>603</sup> CHAVES. Ex-Sargento do Exército. Apud. ÉBOLI, Evandro. Ex-Agente do DOI-Codi Diz Que Ustra Torturava e Que Era 'Senhor da Vida e da Morte'. *O Globo*. Site.

<sup>604</sup> SARDINHA. *Choque, Pau de Arara e Palmatória. O Relato de Dilma Sobre a Tortura Ironizada Por Bolsonaro. Congresso em Foco*. Site. Ver também: KIEFER. Documentos Revelam Detalhes da Tortura Sofrida Por Dilma em Minas Na Ditadura. *Estado de Minas*. Site.

<sup>605</sup> KIEFER. Documentos Revelam Detalhes da Tortura Sofrida Por Dilma em Minas Na Ditadura. *Estado de Minas*. Site. Ver também: SARDINHA. Choque, Pau de Arara e Palmatória. O Relato de Dilma Sobre a Tortura Ironizada Por Bolsonaro. *Congresso em Foco*. Site.

<sup>606</sup> SENRA. Novas curtidas a Coronel Ustra Crescem 3.300% Após Homenagem de Bolsonaro. *BBC Brasil*. Site. Ver também: SARDINHA. Choque, Pau de Arara e Palmatória. O Relato de Dilma Sobre a Tortura Ironizada Por Bolsonaro. *Congresso em Foco*. Site

impeachment, ele sugeriu que a Presidenta Dilma, em conluio com Lula e as FARC, dentre outros agentes do supracitado Foro, estariam preparando um atentado terrorista em solo nacional, de modo a responsabilizar o Estado Islâmico. O intento deste "banho de sangue" contra o próprio povo, seria reivindicar o "estado de defesa" e assim inviabilizar o impeachment, visto que "há muita gente disposta a fazer mais que o diabo para o PT não sair do poder". Assim, é bom que saibam que "esses carrapatos, esses vermes não vão nos largar após uma simples votação do impeachment nesta Casa. Peço a Deus para estar errado"<sup>607</sup>.

Com estas duas últimas frases, o parlamentar que, em maio de 2014, considerou "uma grande honra" vir a ser vice do psdbista Aécio Neves na disputa à Presidência, caso fosse convidado<sup>608</sup>, em 2016 deixou claro não se contentar mais ser coadjuvante neste sentido. Ao argumentar que o parasitário petismo não seria suprimido apenas pelo impeachment, ainda que ele ocorresse caso o suposto ato terrorista não se concretizasse, Bolsonaro tornou implícito a quem quisesse entender, que a "faxina ampla" solicitada nas ruas pelo MBL naquele momento, ele estaria disposto a promover a partir de 2018. Para tanto, não mediria esforços, inclusive no que tange a "fuzilar" ou "banir" os "vermes" segundo ele, os "ratos" conforme Olavo de Carvalho ou os "nojentos" para alguns integrantes do MBL. Em outras palavras, estaria disposto a tudo para eliminar a "petralhada" enquanto inimigo interno.

Em seu discurso do ódio, Bolsonaro também não poupou críticas às minorias, de algum modo beneficiadas por políticas públicas orientadas pelos governos petistas ou por eles apoiadas em função de parcerias com Organização das Nações Unidas - ONU, por respeito à Declaração dos Direitos Humanos, a qual o Brasil é signatário desde o início. Sobre a ONU, disse Bolsonaro em 2018 que, uma vez Presidente sairia fora dela, visto que "não serve para nada" e por ser "um local de reunião de comunistas e de gente que não tem o menor compromisso com a América do Sul"<sup>609</sup>. Além disso, antes das eleições de 2018, Bolsonaro fez discursos que o sugerem machista, homofóbico e xenofóbo, dentre outras formas de manifestações de preconceitos, tais como contra indígenas, quilombolas e até deficientes físicos<sup>610</sup>. Em relação a estes últimos, Lula foi um alvo de Bolsonaro em 2017, ao se referir a ele como um "energúmeno que [a frente do governo] não sabia contar até dez porque não tinha um dedo. Uma vergonha pro nosso Brasil"<sup>611</sup>.

---

<sup>607</sup> BOLSONARO, Jair. Câmara dos Deputados. 16 de abril de 2016. Discurso.

<sup>608</sup> BOLSONARO. Apud ORDONES. "Se Eu Não For Candidato, Quero Ser Vice De Aécio". InfoMoney. Entrevista.

<sup>609</sup> BOLSONARO. Apud BALLOUSSIER. Brasil Sairá da 'ONU Comunista' Se Eu For Eleito. *Folha de São Paulo*. Site.

<sup>610</sup> CONSTANTINO; COSTA; EIRAS. As Ideias e Valores de Bolsonaro em 100 Frases. *O Globo*. Site.

<sup>611</sup> CONSTANTINO; COSTA; EIRAS. As Ideias e Valores de Bolsonaro em 100 Frases. *O Globo*. Site. Grifo nosso.

Quanto à xenofobia, no mesmo discurso supracitado do dia 06 de abril de 2016, Bolsonaro implicitamente sugeriu que "dentre cubanos", "senegaleses" e "haitianos" residentes no Brasil, alguns poderiam ser terroristas a serviço do PT. Ao perceber algum excesso, tentou contornar e só conseguiu piorar ao dizer que "existe aqui [no Brasil] gente do Estado Islâmico, senegaleses. Não que esteja chamando todo senegalês de bandido. Existem [também] haitianos e é a mesma coisa"<sup>612</sup>. Não foi a única vez. Por ocasião de um debate no Fórum de Liberdade e Democracia, ocorrido em São Paulo, em outubro de 2016, Bolsonaro discorreu que o "Brasil é a nossa casa. Aqui não pode entrar qualquer um não. Já basta os cubanos legalizados aqui entre aspas, fantasiados de 'Mais Médicos'. Nós não podemos fazer do Brasil a casa da mãe Joana"<sup>613</sup>.

Após criticar os cubanos para seus apoiadores como desejou, continuou sua explanação em termos mais amplos sobre o tema e em certo momento afirmou que "é lógico que devemos ter compaixão" pelos refugiados, "mas é preciso ter controle, porque junto com eles vem uma minoria que é a escória e o preço pode ser muito alto para nos livrarmos dessa pequena escória no futuro"<sup>614</sup>. Contrariado por posições divergentes, amparadas por argumentos mais sólidos, de modo apelativo e destinado a inviabilizar um debate inteligível, concluiu Bolsonaro dizendo que, já que é "bacana falar em acolhimento, vamos fazer um programa então: adote um refugiado na sua casa"<sup>615</sup>.

Sobre parte dos assuntos inscritos em seu discurso do ódio, Bolsonaro procurou os resumir em outubro de 2018, bem ao estilo olavista, ao afirmar em entrevista à TV Cidade Verde, afiliada do SBT no Piauí, que iria acabar com a política do "coitadismo", mirando conquistar votos junto ao eleitorado conservador "nordestino". Em suas palavras: "isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino. Vamos acabar com isso", visto que as "políticas afirmativas reforçam o preconceito". Na mesma ocasião, quando indagado sobre o MST, disse que iria "tipificar suas ações como "terrorismo", de modo a coibir "o terror" no campo"<sup>616</sup>.

No que tange ao discurso do ódio proveniente de Bolsonaro contra o petismo, uma ressalva precisa ser feita, quando comparado ao do MBL. Enquanto este último tinha uma especial predileção pela associação entre o petismo e a corrupção, como evidenciado no livro de Kim Kataguirí, em que ela aparece por quase quatro dezenas de vezes, o apelo de

---

<sup>612</sup> BOLSONARO. Câmara dos Deputados. 16 de abril de 2016. Discurso.

<sup>613</sup> BOLSONARO. Apud. BARRA. "Não Podemos Fazer do Brasil a Casa da Mãe Joana" (...). *InfoMoney*. Site.

<sup>614</sup> BOLSONARO. Apud. BARRA. "Não Podemos Fazer do Brasil a Casa da Mãe Joana" (...). *InfoMoney*. Site.

<sup>615</sup> BOLSONARO. Apud. BARRA. "Não Podemos Fazer do Brasil a Casa da Mãe Joana" (...). *InfoMoney*. Site.

<sup>616</sup> BOLSONARO. Apud. SENA. Vamos Acabar Com Coitadismo (...). *Folha de São Paulo*. Site.



Bolsonaro esteve mais focado às temáticas mais caras aos conservadores, incluindo os mais sensíveis às tradições cristãs. Isso não significa que seu discurso não tenha explorado a questão da corrupção petista. Sua proposta de plano de governo, inclusive, demonstra o quão a temática foi cara a ele. No mais, durante a campanha, chegou a ofender Fernando Haddad, o chamando de "marmitta de corrupto preso" (Lula), apenas para exemplificar<sup>617</sup>.

Entretanto, para Bolsonaro foi mais importante em seus discursos públicos, atacar o petismo o associando à pedofilia<sup>618</sup>, por exemplo, dentre outras formas tratadas ao longo deste capítulo, inclusive no que concerne à educação em meio aos ditames da guerra cultural. Isso porque, como chegou a enfatizar em janeiro de 2018, em sua pretensão de colocar "o PT fora de combate (...), vale mais a questão ideológica do que a corrupção"<sup>619</sup>. De qualquer forma, inspirados no olavismo, se há algo possível de afirmação neste momento é que os discursos do ódio contra o petismo proferidos pelo MBL e pelos bolsonaristas a partir do seu líder, são complementares. Neste sentido, enquanto o primeiro o conduziu das redes sociais e dos livros para às ruas, pressionando os parlamentares em relação ao impeachment de Dilma, o segundo o conduziu das ruas para a Presidência da República.

Acerca de Bolsonaro, as manifestações de discurso do ódio ao petismo poderiam seguir por páginas a fio. Todavia, visto a natureza qualitativa desta tese, os trabalhos realizados parecem suficientes para dar suporte a ela. Como perceptível, nenhum discurso bolsonarista foi tomado a partir de algum de seus apoiadores inscritos na massa. Isso porque, não é necessário aos fins propostos, conforme tratado na metodologia. Assim, após todas as discussões tecidas, acredita-se ser possível afirmar, tal qual apresentado no resumo, tratar-se o bolsonarismo de um fenômeno de massa situado à extrema-direita no campo político nacional. Esta, por sua vez, é dotada de um núcleo "raiz", composto por pessoas de classe média que tomaram Jair Bolsonaro como "ideal do ego" de si próprias, visto se identificarem com o discurso por ele personificado em função de *habitus* partilhado (inscrito em suas personalidades), o qual reproduzem nos diversos campos do espaço social.

Disso, visto que na perspectiva freudiana o líder é a própria personificação do discurso tomado como verdadeiro ou válido pela massa, o que ele diz a representa. Desta feita, por subordinarem a razão aos instintos em meio a ela, a possibilidade de diálogo inteligível com seus integrantes se esvai, na mesma proporção que a capacidade de crítica, uma vez que qualquer ação neste sentido em relação a Bolsonaro, se converte em uma crítica

---

<sup>617</sup> BOLSONARO. Twitter. 10 de outubro de 2018.

<sup>618</sup> CONSTANTINO; COSTA; EIRAS. As Ideias e Valores de Bolsonaro em 100 Frases. *O Globo*. Site

<sup>619</sup> BOLSONARO. Apud CONSTANTINO; COSTA; EIRAS. As Ideias e Valores de Bolsonaro em 100 Frases. *O Globo*.

incompreendida a si mesmo. Portanto, o discurso do ódio ao petismo personificado por Bolsonaro, representa o sentimento de ódio de seus apoiadores na massa, com base em algum interesse coletivo, também partilhado e não necessariamente confesso. Dito isso, a contribuição desta tese não estaria completa, sem alguma discussão sobre isso, como será abordado a seguir, a título de considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Por Um Brasil Menos Livre

Conforme tratado ao longo dos capítulos, o bolsonarismo enquanto fenômeno político de massa está longe de ser homogêneo. Contudo, possui um núcleo "raiz" particularmente inscrito na classe média, ressentida com os governos petistas por ter se sentido "ameaçada pelas mudanças na sociedade", a exemplo das conquistas materiais e da "ascensão dos setores mais populares", que lhe implicaram alguma "perda de status"<sup>620</sup>. Acerca do assunto, é possível dizer que as políticas públicas promovidas pelos governos petistas em benefício do subproletariado, descontentaram parte da classe média, principalmente a mais tradicional, visto sua dependência em relação a ele para suprir suas demandas cidadinas, de modo a dispor do tempo livre necessário à conquista do capital cultural, para alguns, seu maior privilégio histórico.

Dentro da lógica capitalista ancorada em Pierre Bourdieu, enquanto as famílias mais ricas podem viabilizar uma herança econômica aos seus descendentes que, via de regra, não precisarão empreender maior esforço na vida para continuarem abastados, outros dependerão muito mais do capital cultural adquirido através dos estudos e suas relações sociais, também uma forma de capital, de modo a constituírem algum capital econômico com que possam viver com algum conforto, bem como desfrutar simbolicamente de uma boa posição hierárquica na pirâmide social<sup>621</sup>. Esses três capitais aparecem na realidade social quase sempre juntos e de algum modo embrenhados, mais não na mesma proporcionalidade a depender dos segmentos de classe analisados. A primazia do capital econômico define a "elite endinheirada" que domina e explora todas as outras, enquanto a "preponderância do capital cultural define a classe média", segundo Jessé Souza. Todavia, "ambas precisam possuir, em medida variável, tanto os dois capitais principais quanto algum capital social, sob o risco de fracassar na competição social"<sup>622</sup>.

Embora o capital cultural seja um privilégio mais vinculado à classe média, as famílias nela inseridas procuram a partir dele conquistarem o máximo de capital econômico possível, não apenas para conforto e poder simbólico, mas também para comprarem o tempo livre dos seus filhos, de modo a que estes possam também ser dotados de capital cultural e continuarem a reproduzir o ciclo. Desta feita, ao contrário dos jovens das classes mais

---

<sup>620</sup> GOLDSTEIN, Ariel. *A Ascensão da Direita Radical Brasileira no Contexto Internacional*, p. 34.

<sup>621</sup> BOURDIEU. *Espaço Social e Poder Simbólico*. In: *Coisas Ditas*. Passim.

<sup>622</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 60.

populares, que precisam desde muito cedo conciliarem trabalho e estudo em instituições públicas muitas vezes precárias, os jovens da classe média podem se dedicar mais aos estudos até o início da vida adulta, via de regra cursando o ensino médio em colégios particulares e bons cursos superiores em universidades públicas.

Essa dualidade termina por contribuir para que estes últimos "concentrem capital cultural mais valorizado para o mercado de trabalho", o que implica a ocupação das melhores vagas de emprego e renda, tanto no setor privado quanto no setor público<sup>623</sup>. Como esse tipo de privilégio de acesso à maior disponibilidade de capital cultural não é, propositalmente ou não, melhor tratado em nossa sociedade, é cômodo a uma parcela expressiva da classe média ser a defensora, por excelência, do discurso da meritocracia, a exemplo da maior parte das lideranças do MBL dela oriundos, como procurou-se tratar no terceiro capítulo.

Por outro lado, pouco se trata do subproletariado. Herdeiro das reminiscências da exploração laboral e do preconceito de classe proveniente do período escravista, não deixa de ser vítima do discurso meritocrático, face às desigualdades sociais que inviabilizam formas justas de competição. Para Jessé Souza, esta parcela precarizada de trabalhadores a que a subcidadania foi imposta, seja pela herança social, pouca escolarização, cor da pele e falta de acesso a boa parte dos direitos trabalhistas, compõe a chamada "ralé" brasileira, historicamente subjugada economicamente e socialmente pela classe média, dela dependente para dispor do ócio necessário à busca pelo capital cultural<sup>624</sup>.

Desta feita, Jessé argumenta que a "exploração da ralé brasileira pela classe média", tem por intento prover a esta última as condições mais favoráveis à boa escolarização e, por consequência, a ocupação das "atividades que são mais bem remuneradas"<sup>625</sup>. Para tanto, é necessário, por exemplo, que suas demandas "domésticas, sujas e pesadas", sejam realizadas pela ralé "a preço vil", detrimento escolar e "tempo roubado", explicitando "a funcionalidade da miséria"<sup>626</sup>. Assim, a ralé enquanto "classe roubada é condenada eternamente a desempenhar os mesmos papéis secularmente servis", reflexo da mentalidade da exploração escravista que de algum modo ainda se faz presente em nossa sociedade<sup>627</sup>.

De modo a cooperar com exemplos para além da teoria, ao final do seu livro *A Classe Média no Espelho*, Jessé Souza traz uma série de entrevistas realizadas com pessoas que aderiram ao bolsonarismo por identificação com o discurso antipetista. Dentre vários que

---

<sup>623</sup> SOUZA, *A Radiografia do Golpe*, p. 61.

<sup>624</sup> SOUZA, *A Radiografia do Golpe Ibidem*, p. 81.

<sup>625</sup> SOUZA. *A Elite do Atraso*, p. 80.

<sup>626</sup> SOUZA. *A Elite do Atraso*, p. 80.

<sup>627</sup> SOUZA. *A Elite do Atraso*, p. 80.

poderiam ser abordados face a discussão aqui realizada, o de Mirtes, que participou de manifestações em Porto Alegre vestida com a camisa da Seleção Brasileira de Futebol e bandagem na testa em apoio a Sergio Moro, é elucidativo. Segundo ela, dentre as razões que a levaram a se "irritar" com o petismo, foi o fato dos seus governos terem "estimulado" a "ingratidão" e o "egoísmo" dos "mais pobres". Seu parâmetro para tal constatação, o fato da filha da empregada, a quem ela arroga ter ajudado com roupas usadas e sobras de comida, querer cobrá-la pela faxina aos sábados, "depois de tudo o que" fez "por ela e pela mãe"<sup>628</sup>.

Tal expressão da realidade, não por acaso foi representada no filme *Que Horas Ela Volta?*, dirigido por Anna Muyleart, abordado no terceiro capítulo. Nele, a tensão social análoga a percorrida por Mirtes, é encenada entre a patroa Bárbara e a filha da empregada Val, a jovem Jéssica, que em meio ao Brasil das possibilidades de ascensão social da ralé viabilizada pelos governos petistas, queria ser mais que uma "pessoa quase da família", como a mãe em relação aos patrões<sup>629</sup>. Sua negativa em perpetuar a sina da mãe, sua insubordinação social, bem como seu sonho em se tornar arquiteta, contestando um privilégio de classe que deveria ser conferido ao filho da patroa, se prestam como representação simbólica daquilo que milhares de Bárbaras, Fabinhos, senhores Carlos e Mirtes não estavam dispostos a admitirem.

Por esta linha de raciocínio, é possível compreender que a participação da classe média "nos golpes contra as classes populares tem muito a ver, portanto, com as estratégias de reprodução de privilégios e muito pouco com moralidade e combate à corrupção", caracterizados por discursos religiosos ou ações deliberadamente seletivas como as decorrentes da Operação "Lava Jato"<sup>630</sup>, como evidenciado por Gleen Greenwald do The Intercept Brasil<sup>631</sup>. No mais, até mesmo membros do Supremo Tribunal Federal - STF, teceram suas críticas à "Lava Jato", ainda que um tanto tardiamente no que concerne a seus efeitos práticos. Conforme reconheceu o Ministro Ricardo Lewandowski, "a verdade é que as operações [da Lava Jato] foram seletivas. Elas não foram democráticas no sentido de pegar os oligarcas de maneira ampla e abrangente". Para ele, "essa avaliação episódica que certas operações produziram pode se mostrar no futuro próximo (...) realmente uma falácia", pois, "o combate à corrupção no Brasil sempre foi um mote para permitir retrocessos"<sup>632</sup>. Embora não use a palavra, no que tange a esta tese é bom complementar: "retrocessos" sociais.

---

<sup>628</sup> Apud SOUZA. *A Classe Média no Espelho*, p. 235.

<sup>629</sup> QUE HORAS ELA VOLTA?. Muyleart (Direção e Roteiro). África Filmes / Globo Filmes, 2015.

<sup>630</sup> SOUZA. *A Elite do Atraso*, p. 95.

<sup>631</sup> GREENWALD; NEVES. Vazamento Seletivo. *The Intercept Brasil*. Site.

<sup>632</sup> JIMÉNEZ; OLIVEIRA. Entrevista a Ricardo Lewandowski. *El País*. Site. Grifo nosso.

Considerando o exposto, por mais críticas que caibam, não é exagero considerar que, por ter praticado um governo marcado pela diminuição das desigualdades sociais, em que parte desta mesma rale passou a ter melhor acesso à educação, emprego, renda, condições de cidadania e ampliação da capacidade de consumo, os Governos Lula e Dilma passaram a sofrer, gradualmente, não apenas a oposição de uma significativa parcela dos setores médios urbanos, como também seu ódio, face a ameaça da diminuição de alguns de seus privilégios de classe, como a competição pelo acesso ao capital cultural e às melhores ocupações no mercado de trabalho, bem como em função da diminuição da oferta de mão de obra barata.

Desta feita, não por acaso Leonardo Avritzer considerar que, a classe média se revoltou "com a perspectiva de ter que se submeter à estruturas igualitárias, do aeroporto ao Sistema Único de Saúde - SUS", uma vez que estava habituada a utilizar "estratégias de acesso privado a serviços sociais e à estrutura do Estado ao longo de todo o período de modernização recente, dos anos 1930 ao início do século XXI"<sup>633</sup>. Por isso, a reação conservadora exatamente no momento em que o país caminhava para a "produção da igualdade social", interrompida pelo "retrocesso destrutivo" representado pela eleição de Jair Bolsonaro em outubro de 2018<sup>634</sup>, sob uma máscara de patriotismo.

Destarte, apesar da dinamização da economia, muitos integrantes da "classe média tradicional, não gostaram de ter de compartilhar espaços sociais antes [mais] restritos com [as parcelas] (...) das classes populares ascendentes"<sup>635</sup>. Neste sentido, basta rememorar as muitas reclamações nos aeroportos pejorativamente comparados com rodoviárias lotadas de pobres, as insatisfações com os chamados "rolezinhos" dos adolescentes de periferia em shopping centers, os olhares de repúdio aos mais pobres nas filas para a compra de carnes nos supermercados, além das críticas em relação ao aumento das vendas de veículos populares<sup>636</sup>.

Notoriamente, durante as gestões petistas, passou a existir um desconforto "difuso na classe média tradicional que não pode ser apenas compreendido com motivos racionais". Em termos gerais, a maior proximidade, tanto física quanto de hábitos de consumo, "entre classes sociais que guardavam antes enorme distância, precipitou e explicitou publicamente um racismo de classe antes silencioso e exercido somente no mundo privado"<sup>637</sup>.

Contudo, como na "política a legitimação dos interesses é fundamental", os setores inconformados de parte da "elite do dinheiro" e da classe média não poderiam simplesmente,

---

<sup>633</sup> AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, p. 31.

<sup>634</sup> AVRITZER. *O Pêndulo da Democracia*, p. 10e35.

<sup>635</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, p. 82. Grifo nosso.

<sup>636</sup> ZYLBERKAN. "Não Posso Nem Mais Ir ao Shopping que Frequento, Diz Organizador de 'Rolezinho'". *Veja*. Site

<sup>637</sup> SOUZA. *A Radiografia do Golpe*, pp. 82e83

"na cara de pau", dizer para a maior parte da população brasileira que as "benesses do mundo moderno" cabem apenas a alguns poucos privilegiados, pois, pelos princípios do cristianismo e do direito, todos são, respectivamente, filhos de Deus e iguais perante as leis<sup>638</sup>. Desta feita, conforme o presente estudo procurou abordar a partir da tese nele inscrita, o recurso utilizado pelos inconformados foi procurar combater o petismo pela via do discurso do ódio, que favoreceu a emergência do bolsonarismo e a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência, como expressão de uma reação conservadora em prol de um Brasil menos livre.

---

<sup>638</sup> SOUZA. O Engodo do Combate a Corrupção. In: *Resgatar o Brasil*, p. 19.

## Referências Bibliográficas

ALI, Tariq. *O Espírito da Época*. In: HARVEY, David; et.al. (Orgs). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015

ALVES, Giovanni. *Ocupar Wall Street ... e Depois?* In: HARVEY, David; et.al. (Orgs). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964 – 1984)*. 1ed. Bauru: Edusc, 2005.

AMORIN, Aloízio Batista de. *Elementos de Sociologia do Direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001.

ANSART, Pierre. *Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?* Revista História e Perspectivas. Uberlândia: UFU (25 e 26). Jul/Dez de 2001 - Jan/Jul de 2002.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 299.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ARNS, Dom Paulo Evaristo (Prefácio). *Brasil: Nunca Mais*. 36ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

AVRITZER, Leonardo. *O Pêndulo da Democracia*. São Paulo: Todavia, 2019.

AZEVEDO, Reinaldo. *O País dos Petralhas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BARROS, José D'Assunção. *História Comparada: da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico*. Revista História Social, n13. Campinas: PPGH do IFCH da Unicamp, 2007.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda. Razões e Significados de Uma Distinção Política*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1995.

BORGES, Nilson. *A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Luciana A N. (Orgs.). *O Tempo da Ditadura; regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (Coleção O Brasil Republicano, Volume 4).

BOURDIEU, Pierre (Org.). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: Táticas Para Enfrentar a Invasão Neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998



BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de Sociólogo: Metodologia da Pesquisa na Sociologia*. 8ed. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989,

BOURDIEU, Pierre. *Os Usos Sociais da Ciência*. Por Uma Sociologia do Campo Científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação*. 11ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 2019.

BRIGAGÃO, Clovis. *O Mercado da Segurança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Perez. *O Método Comparativo na História*. In: *Os Métodos da História*. 3ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma Introdução à História*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Henrique Soares. *Rebeliões e Ocupações de 2011*. In: HARVEY, David; et.al. (Orgs). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015

CARVALHO, Olavo de. *O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2017,

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. *A Nova Direita - Aparelhos de Ação Política e Ideológica no Brasil Contemporâneo*. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. *O Brasil dos Bacharéis: Um discurso Liberal Udenista*. Lua Nova - Revista de Cultura Política. São Paulo, n107, 2019, ISSN 1807-0175. PDF. Disponível também em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/tn7ZcPLBzxfkwjYBqm5TFqC/?lang=pt>. Acesso em 17 de janeiro de 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. 2ed. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

DEMO, Pedro. *Introdução a Metodologia Científica*. 3ed. São Paulo: Atlas, 1995

DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

FLORINDO, Glauber Miranda. *O Método Comparado na História: das Problemáticas às Novas Propostas*. Revista de Ciências Humanas, vol. 13, n 2. Viçosa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. *O Eu e o ID, Autobiografia e Outros Textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. PDF.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2019.

GALLEGO, Esther Solano. *Crise da Democracia e Extremismos de Direita*. Revista Análise, n 42/ maio de 2018. Parceria Fridrich Ebert Stiftung Brasil. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.PDF>.

GARSCHAGEN, Bruno. *Pare de Acreditar no Governo. Por que os Brasileiros Não Confiam nos Políticos e Amam o Estado*. São Paulo: Record, 2015.

GOLDSTEIN, Ariel. *A Ascensão da Direita Radical Brasileira no Contexto Internacional*. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane (Orgs). *Pensar as Direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda, 2019, pp. 17a36.

HARVEY, David. *Os Rebeldes na Rua: O Partido de Wall Street Encontra Sua Nêmesis*. In: H., David; et.al (Orgs). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015

HITLER, Adolf. *Minha Luta (Mein Kampf)*. 5ed. Tradução de Klaus Von Puschen. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 234e236.

HOLIDAY, Ryan. *Acredite, Estou Mentindo: Confissões de Um Manipulador de Mídias*. Tradução de Antonio Carlos Vilela. 1ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012,

JAKOBSON, Ronan. *Essais de Linguistique Générale. Fondations du langage*. Paris: Éditions du Minuit, 2003.

JEANNENEY, Jean-Noel. *A Mídia*. In: RÉMOND, René (Org.). *Por Uma História Política*. 2ed. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

KALIL, Isabela Oliveira (Coord.). *Quem São e no Que Acreditam os Eleitores de Jair Bolsonaro*. Pesquisa realizada pelo Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual - NEU da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Outubro de 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.PDF>.

KATAGUIRI, Kim. *Quem É Este Moleque Para Estar na Folha*. Santos: Simonsen, 2017

LAGE, Otília. *História Comparada e Método Comparativo Historiográfico: Problemáticas e Propostas*. In: LAGE, Otília (Coord.). *Alto Douro e Pico, Paisagens Vinhateiras Culturais e Patrimônio Mundial em Perspectiva Multifocal: Experimentação Comparada*. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória - CITCEM, 2018 ISBN 978-989-8351-92-0. Ebook.

LE BON, Gustave. *Psicologia das Multidões*. Tradução de Ivone Moura Delraux. Série Pensadores. Presses Universitaires de France: Delraux, 1895. Edição de 1980. PDF.

LILLA, Mark. *A Mente Imprudente. Os Intelectuais na Atividade Política*. 1ed. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2017

LIMA, Venício A. de. *Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação*. In: MIRACATO, Ermínia; et.al. (Org.). *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil*. 1ed. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2013.

LUZ, Madel T. *Natural; Racional; Social: Razão Médica e Racionalidade Científica Moderna*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*: 1ed. Tradução de Sírío Possenti. São Paulo: Parábola, 2021.

MALARENKO, Henady. *O Exército Vermelho em Canções (1918-1945) - Volume 1*. Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russa. São Paulo: USP, 2008.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 7ed. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2008.

MARTINHO, Luís Mauro Sá. *Teoria da Mídias Digitais*. Linguagens, Ambientes e Redes. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARTINS, Carlos E. *Globalização, Dependência e Neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2014.

Manual Básico da Escola Superior de Guerra, publicado pelo Estado-Maior das Forças Armadas. Ver Estado Maior das Forças Armadas, Escola Superior de Guerra – ESG – Departamento de Estudos, 1976.

MATTOS, Renan Alfenas de. *A Mobilização Política Através de Vídeos do Youtube e Facebook: Uma Análise do Movimento Brasil Livre*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS. Universidade Federal Fluminense - UFF, 2018

MELLO, Patrícia Campos. *A Máquina do Ódio. Notas de Uma Repórter Sobre Fake News e Violência Digital*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. *A Reemergência da Direita Brasileira*. In: GALLEGO, Esther Solano (Org). *O Ódio Como Política - A Reinvenção das Direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; MINAYO-GOMÉZ, Carlos. *Difíceis e Possíveis Relações Entre Métodos Quantitativos e Qualitativos nos Estudos de Problemas de Saúde*. In: GOLDENBERG, Paulete, et.al (Orgs). *O Clássico e o Novo: Tendências, Objetos e Abordagens em Ciências Sociais e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2007

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Anticomunismo, Antipetismo e o Giro Direitista no Brasil*. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane (Orgs). *Pensar as Direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda, 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o "Perigo Vermelho". O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva / FAPESP, 2002.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NERI, Marcelo. *A Nova Classe Média. O Lado Brilhante da Base da Pirâmide*. São Paulo: Saraiva, 2011.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil Dobrou à Direita: Uma Radiografia da Eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

O CAMINHO PARA PROSPERIDADE. Proposta do Plano de Governo de Jair Messias Bolsonaro, 2018. Sem outros dados da publicação. PDF.

ONOFRE, Gabriel da Fonseca. O Profeta e o Livro Sagrado do Livre Mercado: Hayek e o Caminho da Servidão Nos Estados Unidos. *Revista Fronteiras & Debates*, ISSN 2446-8215 v. 6, n. 1. Macapá: Unifap, 2019,

ORLANDI, Eni R. *Análise do Discurso*. 3ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Tradução de Eni Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes, 2019.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso. Uma Crítica a Afirmação do Óbvio*. 2ed. Tradução de Eni Orlandi, et.al. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

PESCHANSKI, João Alexandre. *Os "Ocupas" e a Desigualdade Econômica*. In: HARVEY, David; et.al. (Orgs). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015

PIKETTY, Thomas. *A Economia da Desigualdade*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

ROCHA, Camila. *"Menos Marx, Mais Mises": Uma Gênese da Nova Direita Brasileira (2006-2018)*. Tese. Departamento de Ciência Política. Universidade de São Paulo - USP, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro Rocha. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio. Crônicas de Um Brasil Pós-Político*. Goiânia: Caminhos, 2021, p.21.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: O Diabo Na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.

SADER, Emir. *Crise Capitalista e o Novo Cenário no Oriente Médio*. In: HARVEY, David; et.al. (Orgs). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015

SAFATLE, Vladimir. *Amar Uma Ideia*. In: HARVEY, David; et.al. (Orgs). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Os Processos de Globalização*. In: *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. *Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARDER, Ziauddin. *Em Que Acreditam os Muçulmanos?* Tradução de Marilene Tombini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAUVIAT, Catherine. *Occupy Wall Street, Um Movimento Social Inédito nos Estados Unidos*. Revista cadernos do Desenvolvimento. ISSN 2447-7532. Rio de Janeiro. Vol. 7, nº 11, julho - dezembro. 2012.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHMITT, Carl. *O Conceito do Político*. Tradução de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Edições 70, 2019. Original de 1932.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; SILVA JÚNIOR, Edinaldo Enoque da. *O Tipo Ideal Weberiano: Presença e Representação em Obras de Zygmunt Bauman*. Revista Espaço Acadêmico. N20, nov 2018. PDF.

SERBIN, Kenneth. *Diálogos na Sombra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Golbery do Couto e. *Conjuntura Política Nacional: O Poder Executivo e Geopolítica do Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

SILVA, Golbery do Couto e. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SILVA, Márcia Pereira da. *A Defesa Legal do Arbítrio: Os Governos Militares e a Cultura da Legalidade (1964-1985)*. Tese de Doutorado em História apresentada ao Curso de Pós-Graduação das Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

SINGER, André. *Os Sentidos do Lulismo: Reforma Gradual e Pacto Conservador*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da Razão Cínica*. Tradução de Marco Casanova, et.al. São Paulo: Editora Estação Liberdade Ltda, 2012.

SOUZA, Jessé. *A Classe Média no Espelho. Sua História, Seus Sonhos e Ilusões, Sua Realidade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

- SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso. Da Escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
- SOUZA, Jessé. *A Radiografia do Golpe. Entenda Como e Por que Você Foi Enganado*. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.
- SOUZA, Jessé. *O Engodo do Combate à Corrupção*. In: SOUZA, Jessé; VALIM, Rafael (Coords.). *Resgatar o Brasil*. São Paulo: Boitempo / Contracorrente, 2018.
- SOUZA, Jessé. *Subcidadania Brasileira. Para Entender o País Além do Jeitinho Brasileiro*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.
- STRECK, Danilo R. *Racionalidade Ecológica e Formação de Cidadania: Entrevista com Gerd Gigerenzer*. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 829-843, jul./set. 2014. PDF.
- VIEIRA, Fábio Antunes. *Social-Democracia e Comunismo: Raízes Marxistas e Uma Dicotomia*. *Revista Científica das Faculdades ISEIB*. Montes Claros. ISSN: 1808-6454. Vol. 1, nº 3, 2008.
- VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Do Nacional-Desenvolvimentismo à Política Externa Independente*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 – Livro III.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *O Fim do Mundo Como o Concebemos*. *Ciência Social Para o Século XXI*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *A Esquerda Mundial Após 2011*. In: HARVEY, David; et.al. (Orgs.). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 4ed. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- WEBER, Max. *A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais*. In: CONH, Gabriel (Org.). *Weber: Sociologia*. São Paulo: Ática, 2004
- ZIERER, Adriana Maria de Souza. *O Diabo e Suas Múltiplas Imagens Nas Iluminuras do Monstro Devorador e do Anjo Caído (Século XV): Alguns Exemplos*. *Revista Antíteses*, v. 9, nº 17, jan./jun. de 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Dialnet-ODiaboESuasMultiplasImagensAtravesDoMonstroDevorad-5611867.PDF>.
- ZIZEK, Slavoj. *O Violento Silêncio de Um Começo*. In: HARVEY, David; et.al. (Orgs.). *Occupy. Movimentos de Protesto Que Tomaram as Ruas*. 1ed. Tradução de João Alexandre Peschanski, et.al. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2015
- ZIZEK, Slavoj. *Problemas no Paraíso*. In: MIRACATO, Ermínia; et.al. (Org.). *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil*. 1ed. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2013.

## Fontes

### Sites

ABUDD, Bruno. Grupo da Mão Invisível. Dois Meses de Conversa no WhatsApp do MBL. *Folha de São Paulo / Revista Piauí*. 03 de outubro de 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

ALL COURSES. Introdução à Escola Austríaca. *Estudantes Pela Liberdade*. Disponível em: <https://epl.thinkific.com>. Acesso em 12 de janeiro de 2022.

AMARAL, Marina. A Nova Roupa da Direita. *Agência Pública*. Matéria de 23 de junho de 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.

AMORIN, Eduardo. Perseguição a jornalistas e comunicadores populares explode no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 05 de março de 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/perseguiacao-a-jornalistas-comunicadores-populares-explode-no-brasil/>. Acesso em 22 de julho de 2021.

ANDRADE, Renata; MELILO, Raquel. Livro O Orvil na Formação do Pensamento Educacional e a Guerra Cultural no Brasil. *Pensar a Educação em Pauta*. 12 de março de 2021. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/livro-o-orvil-na-formacao-do-pensamento-educacional-e-a-guerra-cultural-no-brasil>. Acesso em 23 de julho de 2021.

ASMAR, Marie. Olavo de Carvalho: Notas das redes sociais reunidas. 29 de junho de 2016. Disponível em: <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2016/06/29/28062016>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

AZEVEDO, Reinaldo. Foro de São Paulo 1. *Veja*. 04 de março de 2008. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/foro-de-sao-paulo-1-o-meu-artigo-de-janeiro-na-veja>. Acesso em 11 de janeiro de 2022.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. Bolsonaro Exonera Secretário da Cultura, Que Fez Discurso com Frases Semelhantes às de Ministro de Hitler. *GI*. 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/bolsonaro-exonera-secretario-da-cultura-que-fez-discurso-com-frases-semelhantes-as-de-ministro-de-hitler.ghtml>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

BARRECHEGUREN, Pablo. Doutorado e Prejudicial a Saúde Mental. *El País*. 26 de março de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/ciencia/1521113964\\_993420.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/ciencia/1521113964_993420.html). Acesso em 09 de novembro de 2021.

BATISTA JR., João; DEODORO, Juliana. Um Protesto Por Dia, Quem Aguenta? *Veja - São Paulo*. Matéria de 14 de junho de 2013. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/protestos-aumento-passagem-sp>. Acesso em 05 de maio de 2020.

BECKER, Clara; LEAL, Natália. Jair Bolsonaro Eleito: Veja Aqui 110 Frases Ditas Por Ele e Checadas Pela Lupa em 2018. *Piauí / Folha de São Paulo*. 28 de outubro de 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/10/28/tudo-sobre-bolsonaro>. Acesso em 22 de fev. de 2022.





BOLSONARO, Jair. Apud LEAL, Natália; BECKER, Clara. Jair Bolsonaro Eleito: Veja Aqui 110 Frases Ditas Por Ele Pela Lupa em 2018. *Piauí / Folha de São Paulo*. 28 de outubro de 2018. O conteúdo foi obtido de: Central das Eleições. Globo News. 03 de agosto de 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/10/28/tudo-sobre-bolsonaro>. Acesso em 27 de novembro de 2021.

BOLSONARO, Jair. Apud. ORDONES, Arthur. “Se Eu Não For Candidato, Quero Ser Vice De Aécio”, Diz Jair Bolsonaro. *InfoMoney*. 24 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/se-eu-nao-for-candidato-que-ro-ser-vice-de-aecio-diz-jair-bolsonaro>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

BOLSONARO, Jair. Apud. SENA, Yala. Vamos Acabar Com Coitadismo de Nordestino, de Gay, de Negro e de Mulher, Diz Bolsonaro. *Folha de São Paulo*. 23 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/vamos-acabar-com-coitadismo-de-nordestino-de-gay-de-negro-e-de-mulher-diz-bolsonaro.shtml>

BOLSONARO, Jair. Apud TAVARES, Flávia; FREITAS, Ariane. Jair Bolsonaro: "É o muro do Hitler". *Revista Época*. 14 de abril de 2016. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/especial-impeachment/noticia/2016/04/jair-bolsonaro-e-o-muro-do-hitler.html>. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

BRASIL 247. Golpismo I: Reinaldo [Azevedo] Já Prega ‘Impeachment’ de Dilma. 24 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/golpismo-i-reinaldo-ja-prega-impeachment-de-dilma>. Acesso em 03 de julho de 2019.

BRAGON, Ranier. Em 2003, Bolsonaro Parabenizou Grupos de Extermínio por Substituir Pena de Morte no País. *Folha de São Paulo*. 24 de junho de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/em-2003-bolsonaro-parabenizou-grupos-de-extermio-por-substituir-pena-de-morte-no-pais.shtml>. Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

BRIZZI, João; PONTIN, Fabrício. Carta de Olavo de Carvalho em 2006 Anunciava as Discussões do Brasil de Hoje. *The Intercept Brasil*. 29 de outubro de 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/28/novo-brasil-esculpido-olavo-de-carvalho>. Acesso em 07 de janeiro de 2022.

BRUM, Eliane. Maria, Preciso te Contar Sobre Bolsonaro, o Fazedor de Órfãos. *El País*. 05 de maio de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-05-05/maria-preciso-te-contar-sobre-bolsonaro-o-fazedor-de-orfaos.html>. Acesso em 21 de agosto de 2021.

CHAVES, Marival. Ex-Sargento do Exército. Apud. ÉBOLI, Evandro. Ex-Agente do DOI-Codi Diz Que Ustra Torturava e Que Era ‘Senhor da Vida e da Morte’. *O Globo*. 10 de maio de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/ex-agente-do-doi-codi-diz-que-ustra-torturava-que-era-senhor-da-vida-da-morte-8350197>. Acesso em 15 de julho de 2021.

CLEMENTE, Matheus. Entenda o Que é Psicologia das Cores e Descubra o Significado de Cada Cor. 22 de julho de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/psicologia-das-cores>. Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

CONSTANTINO, Rita; COSTA, Valter; EIRAS, Yuri. As Ideias e Valores de Bolsonaro em 100 Frases. *O Globo*. 08 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/as-ideias-os-valores-de-bolsonaro-em-100-frases-23353141>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

DA REDAÇÃO. Entenda a Crise na Tunísia. *BBC Brasil*. Matéria de 14 de janeiro de 2011. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110114\\_tunisia\\_qa\\_rc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110114_tunisia_qa_rc). Acesso em 30 de abril de 2020.

DA REDAÇÃO. Grupo de Alexandre Frota Ganha Registro da Marca MBL. *Isto É*. 06 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/grupo-de-alexandre-frota-ganha-registro-da-marca-mbl>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.

DE BLAS, Elsa Garcia; GÁLVEZ, Jiménez. Os "Indignados" da Espanha Avaliam Seu Legado Quatro Anos Depois. *El País Brasil - Caderno Internacional*. Matéria de 15 de maio de 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/15/internacional/1431679318\\_951340.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/15/internacional/1431679318_951340.html). Acesso em 02 de maio de 2020.

ESTADÃO. MP Vê 'Confusão Empresarial' Entre MBL e MRL, Mira em Sonegação e Prende Dois. Atualizado em 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/mp-ve-confusao-empresarial-entre-mbl-e-mrl-mira-em-sonegacao-e-prende-dois>. Acesso em 12 de set. de 2020.

FRÔ, Maria. *Manchetômetro*: O viés do JN contra Dilma ao logo de todo o período eleitoral foi tremendo. *Revista Fórum*. Publicação: 25 de outubro de 2014. Fonte: <https://revistaforum.com.br/bmariafro-manchetometro-o-vies-jn-contradilma-ao-logo-de-todo-o-periodo-eleitoral-foi-tremendo>. Acesso em 30 de junho de 2019.

FUCS, José. O Combate ao Aborto e a Causa LGBT Não São Bandeiras do MBL, Diz Holiday. 29 de janeiro de 2021. *UOL*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/01/29/o-combate-ao-aborto-e-a-causa-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl.htm>. Acesso em 23 de janeiro de 2022.

G1. Facebook Exclui Páginas de 'Rede de Desinformação' e MBL Fala em 'Censura'. 27 de julho de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-das-eleicoes-dizem-fontes.ghtml>. Acesso em 23 de janeiro de 2022.

GALHARDO, Ricardo. Caco Barcellos é Hostilizado por Manifestantes em São Paulo. *IG - Último Segundo*. Matéria de 17 de junho de 2013. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-17/caco-barcellos-e-hostilizado-por-manifestantes-em-sao-paulo.html>. Acesso em 05 de maio de 2020.

GALLEGO, Esther Solano. Entrevista a João Vitor Santos. A Hiper-radicalização da Base Bolsonarista. *Instituto Humanitas Unisinos*. Concedida em 29 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/613237-a-hiper-radicalizacao-da-base-bolsonarista-o-voto-util-em-lula-e-a-impossibilidade-da-terceira-via-entrevista-especial-com-esther-solano>. Acesso em 07 de dezembro de 2021.

GALLEGO, Esther Solano. Uma Mulher Que Comprou Guerra Com o MBL e a Patrulha do Pensamento. Entrevista à Carolina Piai. *Arte! Brasileiros*. 10 de outubro de 2017. Fonte:

<https://artebrasileiros.com.br/brasil/esther-solano-uma-mulher-que-comprou-guerra-contr-o-mbl-e-patrolha-do-pensamento>. Acesso em 25 de junho de 2019.

GALVANI, Giovanna. Seis Pontos Para Entender a Investigação de Fake News no STF Que Chegou a Bolsonaro. *CNN Brasil*. 04 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/6-pontos-para-entender-a-investigacao-de-fake-news-no-stf-que-chegou-a-bolsonaro>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022

GALVANI, Nathalia. Bolsonaro: 'Sempre Fui do Centrão, Tenho me Dado Muito Bem com Eles'. *Estado de Minas*. 02 de agosto de 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/02/interna\\_politica,1292021/bolsonaro-sempre-fui-do-centrao-tenho-me-dado-muito-bem-com-eles.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/02/interna_politica,1292021/bolsonaro-sempre-fui-do-centrao-tenho-me-dado-muito-bem-com-eles.shtml). Acesso em 14 de agosto de 2021.

GONÇALVES, Eduardo. Holiday: O 'Coxinha da Periferia' e a Difícil Estréia Parlamentar. *Veja*. 20 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/holiday-o-coxinha-da-periferia-e-a-dificil-estrea-parlamentar>. Acesso em 14 de outubro de 2021.

GUIMARÃES, Juca. Conheça a História Sombria do Coronel Ustra, Torturador e Ídolo de Bolsonaro. *Brasil de Fato*. 17 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildfato.com.br/2018/10/17/conheca-a-historia-sombria-do-coronel-ustra-torturador-e-idolo-de-bolsonaro>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

HOLANDA, Marianna. Antissistema, MBL Quer Até Virar Partido. *Estadão*. 16 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,antissistema-mbl-quer-ate- virar-partido,70002647923>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

HOSSFELD, Carola. 1923: Freud Publica o Clássico "O Eu e o ID". *Deutsche Welle*. 23 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1923-freud-publica-o-cl%C3%A1ssico-o-eu-e-o-id/a-504071>. Acesso em 21 de fevereiro de 2022.

IOZZI, Mônica. Apud ZANETTI, Laysa. Iozzi Diz Que Tentava Denunciar Bolsonaro no CQC e Não Percebia Perigo. *UOL*. 04 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/02/04/monica-iozzi-fala-sobre-dar-voz-a-bolsonaro-em-cqc-queria-fazer-denuncia.htm>. Acesso em 08 de fevereiro de 2022.

JEFF, Benício. Gentili se Destaca ao Debater o Antipetismo em Seu Talk Show. *Terra*. 05 de novembro de 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/gentili-se-destaca-ao-debater-o-antipetismo-em-seu-talk-show,4d25987402bd89ded18247f4f3d98fa33zqicdi6.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

KATAGUIRI, Kim: As 6 Lições de Ludwig Von Mises. *MBL - Biblioteca do Kim*. Matéria de 25 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f9SNurzam78>. Acesso em 14 de abril de 2020.

KIEFER, Sandra. Documentos Revelam Detalhes da Tortura Sofrida Por Dilma em Minas Na Ditadura. *Estado de Minas*. 17 de junho de 2012. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/06/17/interna\\_politica,300586/documentos-revelam-detalhes-da-tortura-sofrida-por-dilma-em-minas-na-ditadura.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/06/17/interna_politica,300586/documentos-revelam-detalhes-da-tortura-sofrida-por-dilma-em-minas-na-ditadura.shtml). Acesso em 03 de janeiro de 2021.

KOENEN, Gerd. Apud. KLEIN, Sarah. O Empalidecimento De Uma Cor Política. *Goethe Institut*. Abril de 2018. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/hum/21254970.html>. Acesso em 02 de março de 2022. Entrevista.

LAMBERT, Renaud. Na Espanha, a Hipótese Podemos. *Le Mond Diplomatique Brasil*. Matéria de 6 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/na-espanha-a-hipotese-podemos>. Acesso em 03 de maio de 2020.

LLANERAS, Kiko. Bolsonaro Arrasa nas Cidades mais Brancas e Ricas; Haddad nas Mais Negras e Pobres. *El País*. Publicada em 16 de outubro de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/actualidad/1540379382\\_123933.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/actualidad/1540379382_123933.html). Acesso em 11 de agosto de 2021.

LINHARES, Carolina. Eleitorado de Bolsonaro Expõe Mistura que Inclui até Opção de Voto em Lula. *Folha de São Paulo*. 21 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/eleitorado-de-bolsonaro-expoe-mistura-que-inclui-ate-opcao-de-voto-em-lula.shtml>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.

LOPES, Pedro; SEGALLA, Vinícius. Áudios Mostram que Partidos Financiaram MBL em Atos Pró-Impeachment. *UOL*. 27 de maio de 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.

LOPES, Pedro; SEGALLA, Vinícius. Líder do MBL Responde a Mais de 60 Processos e Sofre Cobrança de 4,9 Milhões de Reais. *UOL São Paulo*. 8 de maio de 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/08/mbl-sofre-acao-de-despejo-e-um-de-seus-lideres-tem-divida-de-r-44-milhoes.htm>. Acesso em 24 de fevereiro de 2021

MALDIDIÉ, Denise. A Ansiedade da Fala. Uma Viagem Pela História da Análise do Discurso: A Obra de Michel Pêcheux. *Revue de Sémio-Linguistique des Textes et Discours - SEMEN*. Paris, 1993. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/3313>. Acesso em 05 de dezembro de 2021.

MAISONNAVE, Fabiano. Grupos Antigoverno Destacam Discursos de Negros e Pobres. *Folha de São Paulo*. 23 de março de 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1606636-grupos-antigoverno-destacam-discursos-de-negros-e-pobres.shtml?fbclid=IwAR3iUSEBjJnJ4qVpYo44OmrH5hZDq41znYipvatPQ-OfY8co4wLBV5TsGdo>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

MARTELLO, Alexandre. Balança Comercial Registra em 2012 Pior Desempenho em 10 Anos. *G1 - Caderno de Economia*. Matéria de 02 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/01/balanca-comercial-registra-em-2012-menor-superavit-em-dez-anos.html>. Acesso em 05 de maio de 2020.

MARTIN, Maria. Não é Uma Banda de Indie-Rock, é a Vanguarda Anti-Dilma. *El País*. 12 de dezembro de 2014. Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638\\_389650.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html). Acesso em 21 de junho de 2019.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O Dia em Que a Intolerância Pegou Uma Exposição Para Cristo. *El País*. 13 de setembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html). Acesso em 21 de janeiro de 2022.

MORAES, Fernando Tadeu. Suicídio de Doutorando da USP Levanta Questões Sobre Saúde Mental na Pós. *Folha de São Paulo - Ciência*. 27 de outubro de 2017. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1930625-suicidio-de-doutorando-da-usp-levanta-questoes-sobre-saude-mental-na-pos.shtml>. Acesso em 09 de novembro de 2021.

Movimento Brasil Livre - MBL. <https://mbl.org.br>. Site

MPSP / GEDEC. *Auto do Procedimento Cautelar* nº 1001514-54.2019.8.26.0050. Data: 18 de junho de 2020. Assinatura: Marcelo Batlouni Mendroni - Promotor de Justiça - GEDEC. Baixada em 15 de agosto de 2021. PDF.

MRL. *Estatuto*. São Paulo, 02 de julho de 2014. PDF.

NEY, Thiago. Roqueiro e Ativista na Web, Líder Anti-Dilma Defende Privatizar Saúde e Educação. *IG - Último Segundo*. 12 de março de 2015. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20150313234241/http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-03-12/roqueiro-e-ativista-na-web-lider-anti-dilma-defende-privatizar-saude-e-educacao.html>. Acesso em 21 de julho de 2021.

NOGUEIRA, Kiko. Bolsonaro e o Ministro da Educação Ideal. *DCM*. 03 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/bolsonaro-e-o-ministro-da-educacao-ideal-tem-de-ser-alguem-que-chegue-com-um-lanca-chama-e-toque-fogo-no-paulo-freire>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

NOGUEIRA, Kiko. Vídeo: Kataguiri Diz Que Marx Percebeu Seus Erros na 1ª Guerra, Quando Ele Estava Morto Havia 31 Anos. *DCM*. 20 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-kataguiri-diz-que-marx-percebeu-seus-erros-na-1a-guerra-quando-ele-estava-morto-havia-31-anos>. Acesso em 03 de junho de 2021.

NOGUEIRA, Kiko. "O MBL Vai Dar a Bunda Para os Políticos, Diz Olavo de Carvalho". *Diário do Centro do Mundo*. 24 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-o-mbl-vai-dar-bunda-para-os-politicos-diz-olavo-de-carvalho>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

OTAVIO, Chico. Míriam Leitão Fala Sobre Tortura que Sofreu Nua e Grávida. *O Globo*. 19 de agosto de 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/miriam-leitao-fala-sobre-tortura-que-sofreu-nua-gravida-de-1-mes-durante-ditadura-13663114>. Acesso em 11 de abril de 2021.

PASSOS, Najla. 14 Escândalos de Corrupção Envolvendo Aécio, o PSDB e Aliados. *Carta Maior*. 17 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/14-escandalos-de-corrupcao-envolvendo-Aecio-o-PSDB-e-aliados/4/32017>. Acesso em 30 de junho de 2019.

PAULA, Christiane Jalles de. IBAD. *FGV - CPDOC*. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O\\_Instituto\\_Brasileiro\\_de\\_Acao\\_Democratica](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_Instituto_Brasileiro_de_Acao_Democratica). Acesso em 04 de janeiro de 2022

PAVARIN, Guilherme. O Ostracismo do Maior Revoltado Online. *Piauí / Folha de São Paulo*. 26 de maio de 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-ostracismo-do-maior-revoltado-online>. Acesso em 25 de março de 2020

PIAI, Carolina. Esther Solano: Uma Mulher Que Comprou Guerra Contra o MBL e a Patrulha do Pensamento. *Arte! Brasileiros*. 10 de outubro de 2017. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/brasil/esther-solano-uma-mulher-que-comprou-guerra-contra-o-mbl-e-patrulha-do-pensamento>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

PONTIN, Fabrício. Apud SANTOS, João Vitor. Por Que a Direita Escolheu Olavo de Carvalho? *Instituto Humanas Unisinos - IHU/ Outras mídias*. Entrevista. 11 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/por-que-a-direita-escolheu-olavo-de-carvalho>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Vídeo: Doleiro Youssef Acusa Aécio de Receber Dinheiro Ilegal em Furnas. Publicação: 20 de março de 2015. Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/video-doleiro-youssef-acusa-aecio-de-receber-dinheiro-ilegal-em-furnas.html>. Acesso em 03 de julho de 2019.

REDAÇÃO. A Previsão Acertada de Olavo de Carvalho Sobre o MBL. *Pragmatismo Político*. 24 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/08/a-previsao-acertada-de-olavo-de-carvalho-sobre-o-mbl.html>. Acesso em 23 de novembro de 2021.

REDAÇÃO. Fábio Ostermann Desmente Declaração de Alexandre Frota Sobre MBL. *Boletim da Liberdade*. 18 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/11/18/fabio-ostermann-desmente-declaracao-de-alexandre-frota-sobre-mbl>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

REVERBEL, Paula. Um dos Fundadores e Líderes do MBL Também é Cantor do Bonde do Rolê. *Folha de São Paulo*. 07 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/10/1820495-um-dos-fundadores-e-lideres-do-mbl-tambem-e-cantor-do-bonde-do-role.shtml>. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

REVISTA VEJA. Eles Sabiam de Tudo. Edição 2393, ano 47, número 44 de 29 de outubro de 2014, antecipada para o dia 23 de outubro de 2019.

SANTOS, João Vitor. Por Que a Direita Escolheu Olavo de Carvalho? *Instituto Humanas Unisinos - IHU / Outras Mídias*. Entrevista. 11 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/por-que-a-direita-escolheu-olavo-de-carvalho>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022.

SAID, Flávia. Ex-Aliados de Bolsonaro Mostram Como Funciona o Gabinete do Ódio. *Congresso em Foco*. 20 de maio de 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio>. Acesso em 12 de janeiro de 2022.

SARDINHA, Edson. Choque, Pau de Arara e Palmatória. O Relato de Dilma Sobre a Tortura Ironizada Por Bolsonaro. *Congresso em Foco*. 29 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/choque-pau-de-arara-e-palmatoria-o-relato-de-dilma-sobre-a-tortura-ironizada-por-bolsonaro>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

SEGALLA, Vinicius. Fundador do MBL dá Calote em Faculdade e Foge da Justiça. *Carta Capital*. 12 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/fundador-do-mbl-da-calote-em-faculdade-e-foge-da-justica>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

SEGALLA, Vinícius; ROSSI, Mariana; BETIM, Felipe. Renovação Liberal: A Associação Familiar Para Onde Vai o Dinheiro do MBL. *El País*. 29 de setembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506462642\\_201383.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506462642_201383.html). Acesso em 24 de fevereiro de 2021.

SENRA, Ricardo. Novas curtidas a Coronel Ustra Crescem 3.300% Após Homenagem de Bolsonaro. *BBC Brasil*. 20 de abril de 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419\\_salasocial\\_ustra\\_curtidas\\_fs](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_salasocial_ustra_curtidas_fs). Acesso em 03 de janeiro de 2021.

SHALDERS, André. Como o Discurso de Bolsonaro Mudou ao Longo de 27 Anos na Câmara? *BBC Brasil*. 7 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>. Acesso em 8 de agosto de 2021.

SUTTON, Rob. How Covid paved the Road to Serfdom. *The Critic*. 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://thecritic.co.uk/how-covid-paved-the-road-to-serfdom>. Acesso em 27 de março de 2021.

THOMAZ, Danilo. Gays de Direita: O Que Pensam Jovens Homossexuais Conservadores. *Época*. 16 de junho de 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/politica/noticia/2018/06/gays-de-direita.html>. Acesso em 14 de maio de 2020.

TJSP. *Processo* nº 1064799-70.2016.8.26.0100. Consulta de Processos do Segundo Grau realizada em 04 de março de 2021.

TJSP. *Processo* nº 1003389-82.2014.826.002. Consulta de Processos do Primeiro Grau realizada em 04 de março de 2021.

TOLOTTI, Rodrigo. Bolsonaro: Eu Não Falo o Que o Povo Quer Ouvir, Eu Sou o Que o Povo Quer. *InfoMoney*. 06 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-eu-nao-falo-o-que-o-povo-quer-ouvir-eu-sou-o-que-o-povo-quer-veja-o-video>. Acesso em 22 de abril de 2021.

Tribunal Superior Eleitoral - TSE. Eleições 2018: *Justiça Eleitoral Conclui Totalização dos Votos do Segundo Turno*. Publicado em 30 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>. Acesso em 28 de agosto de 2021.

UCHOA, Pablo. O Que o Movimento "Occupy" Tem a Ver Com os Protestos no Brasil. *BBC Brasil*. Matéria publicada em 26 de junho de 2013. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130625\\_impacto\\_occupy\\_gm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130625_impacto_occupy_gm). Acesso em 03 de maio de 2020.

UOL. "Veja" Publica Direito de Resposta a Dilma e Critica Decisão do TSE. Publicação: 26 de outubro de 2014. Fonte: <https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/26/veja-publica-direito-de-resposta-a-dilma-e-critica-decisao-do-tse.htm>. Acesso em 03 de julho de 2019.

ZALIS, Pieter; GONÇALVES, Eduardo. Quais São e Como Pensam os Movimentos que Vão Para a Rua contra Dilma no Domingo. *Veja*. 11 de março de 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/quais-sao-e-como-pensam-os-movimentos-que-vaio-para-a-rua-contradilma-no-domingo>. Acesso em 23 de março de 2021.

ZANINI, Fábio. Bolsonaro dá Apoio a Comunista. *Folha de São Paulo / Uol*. 19 de dezembro de 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1912200206.htm>. Acesso em 08 de março de 2022.

ZYLBERKAN, Mariana. As Celebidades Arrependidas Pelo Apoio a Bolsonaro. *Veja*. 16 de agosto de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/artistas-arrependidos-bolsonaro-gentili-lobao>. Acesso em 19 de janeiro de 2022.

## Audiovisuais

BASTOS, Rafael. *Bolsonaro é Culpa do CQC!* You Tube. 27 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IREZJreTc4c>. Acesso em 28 de janeiro de 2022.

BOLSONARO, Eduardo. Apud. GODOY, Mariana. "*É Nossa Referência Filosófica*". Programa Mariana Godoy Entrevista. Rede TV. 27 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITdPd-P9TBs>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

BOLSONARO, Jair. *Áudio Para Manifestantes em Apoio a Sua Candidatura*. You Tube. 21 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6AkDNfmi7zs>. Acesso em 11 de outubro de 2021. Vídeo.

BOLSONARO, Jair. *Discurso e Voto a Favor do Impeachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados*. 17 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WvN7nYxbH-o>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

BOLSONARO, Jair. *Em Evento no Estado da Paraíba*. You Tube. 15 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCKEwP8TeZY>. Acesso 11 de outubro de 2021. Vídeo.

BOLSONARO, Jair. *Fidel Castro Morreu*. 26 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=728917903923865>. Acesso em 16 de junho de 2021.

BOLSONARO, Jair. Apud. OLIVEIRA, Mayara. *Vídeo em Que Bolsonaro Diz Que Votou em Lula Volta a Viralizar*. Metrôpole. 18 de dezembro de 2021. Vídeo original de 2002. Disponível: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/video-em-que-bolsonaro-diz-que-votou-em-lula-volta-a-viralizar>. Acesso em 05 de janeiro de 2022.

BOLSONARO, Jair. Apud. PEREIRA, Heraldo, et.al. *Central das Eleições 2018. Entrevista a Jair Bolsonaro no Jornal das Dez*. Globo News. 28 de agosto de 2018. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/central-das-eleicoes-2018/v/6980297>. Acesso em 12 março de 2021.

BOLSONARO, Jair. Apud. PODER 360°. *No Acre, Bolsonaro Fala em "Fuzilar" a "Petralhada" e Enviá-los à "Venezuela"*. 01 set. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbYQ>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

BONDE DO ROLÊ. *Marina do Bairro*. Álbum With Lasers. Londres: Domino Records, 2007. A letra pode ser encontrada em: <https://www.letras.mus.br/bonde-do-rolê/1165116>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.



CARVALHO, Olavo de. *A Previsão Acertada de Olavo de Carvalho Sobre o MBL*. 26 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SHdNbRvSGz4>. Acesso em 13 de janeiro de 2021.

GALLEGO, Esther Solano. *O Bolsonarismo Nutella - Comunicação e Hegemonia Cultural*. Seminário Internacional Democracia em Colapso? Realização: SESC e Editora Boitempo. São Paulo, 15 out. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V9v1O14R8aA>. Acesso em 25 de abril de 2021. Vídeo.

JORNAL HOJE. Rede Globo. *Prédio da Editora Abril é Alvo de Ataque Após Reportagem da Veja*. Rede Globo. Site: Globoplay. Publicada em 25 de outubro de 2014. Disponível: <https://globoplay.globo.com/v/3720406>. Acesso em 28 de junho de 2019

JORNAL NACIONAL. Rede Globo. *Historiadores Criticam Ernesto Araújo Por Dizer Que Fascismo e Nazismo Eram de Esquerda*. Rede Globo. 23 de março de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/29/historiadores-criticam-ernesto-araujo-por-dizer-que-fascismo-e-nazismo-eram-de-esquerda.ghtml>. Acesso em 25 de março de 2019.

JORNAL NACIONAL. Rede Globo. Edição de 17 de junho de 2013. Vídeo. Disponível em: <http://g1.globo.com/videos/t/manifestacoes/v/jornal-nacional-manifestacoes-de-junho-de-2013/3567019>. Acesso em 05 de maio de 2020.

KATAGUIRI, Kim. *É Burrice Odiar o PT*. Inimigos Públicos. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j1c30D32Hhk>. Acesso em 03 de janeiro de 2022

MATRIX. Wachowski, Lillt; Wachowski, Lana (Direção e Roteiro); Silver, Joel (Produção). Filme. Estados Unidos: Warner Bross, 1999. Gênero de ação e ficção. DVD, 136min. *MBL. 15 de Março - A Maior Manifestação da História do Brasil*. Vídeo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qem\\_0OGZEjk](https://www.youtube.com/watch?v=qem_0OGZEjk). Acesso em 09 de setembro de 2019.

MBL. *Discurso de Kim KataguiRI na 1ª Manifestação pelo impeachment da Dilma!*. 01 de novembro de 2014. Vídeo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mCcd\\_KDkBh8](https://www.youtube.com/watch?v=mCcd_KDkBh8). Acesso em 09 de setembro de 2019.

MBL. *Fernando Holiday rebate racismo da Folha*. MBL. 23 de março de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=290502507740566>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

METEORO DOC. *O Que é o MBL*. 15 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yHgVcDZumjw>. Acesso em 19 de janeiro 2020. Documentário.

MIRANDA, Hélio. *Psicanálise Aula 18 - Ideal de Ego Segundo Freud*. PUC Minas. 18 de março de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LOtehvbBWdw>. Acesso em 14 de setembro de 2020.

PRIVATIZA MEU AMOR. Vídeo Clipe de Campanha - "Raio Privatizador". NCE - 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTLriOaHNAw>. Acesso em 09 de junho de 2021.

QUE HORAS ELA VOLTA?. Muyleart, Anna (Direção e Roteiro). Gullane, Fabiano, et al (Produção). Brasil: África Filmes / Globo Filmes, 2015. Gênero: Drama. DVD, 114 min.

RAUH, Fred; SANTOS, Alexandre (Dir.); SANDALO, Gabriel (Prod.). *Não Vai Ter Golpe! O Nascimento de Um Brasil Livre*. São Paulo: MBL Filmes e NCE Serviços de Filmagens. Documentário, 2019, 134 min.

RODRIGUES, Cássia. *Id, Ego e Superego - Teoria Estrutural*. 11 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z4Ro1TNN5RU>. Acesso em 14 de setembro de 2020.

SANTOS, Alexandre. *A Lacrada da Ancine!* MBL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=15OLjZ-8is8>. Acesso em 04 de janeiro de 2022.

SANTOS, Alexandre; RAUH, Frederico (Direção e Roteiro); SANTOS, Renan; KATAGUIRI, Kim (Texto). *2016: A História Não Contada*. MBL / 2013 Filmes. 23 de novembro de 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3\\_ADtjAKCq4](https://www.youtube.com/watch?v=3_ADtjAKCq4). Acesso em 31 de agosto de 2019.

SANTOS, Alexandre; RAUH, Frederico (Dir.). *365: Ascensão*. Dezembro de 2015. NCE / MBL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUEaYX5IjZI>, Acesso em 09 de setembro de 2019.

SANTOS, Renan. *O Que é o MBL?*. MBL. Disponível em: <https://mbl.org.br>

SANTOS, Renan. *O Que é o MBL?*. MBL. Disponível em: <https://www.youtube.com/mblivre>

SAROLDI, Nina. *Freud e a Psicologia das Massas*. 08 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J7IgfX-roJU>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022

TV FOLHA. *Candidato do 'Raio Privatizador' Diz que Não é Nenhum Tiririca*. Folha de São Paulo. 02 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5wjZ1uzALr8>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

UOL NEWS. *Coordenador do MBL: Bolsonaro Surfou nas Manifestações Contra Dilma*. 18 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=510093586939294>. Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

## Fotografia da Capa

FREITAS, Ailton de - Agência O Globo. Fotografia. Fonte: MARIZ, Renata. *MBL Entrega no Congresso Pedido de Impeachment*. O Globo. Matéria de 27 de maio de 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/movimento-brasil-livre-entrega-no-congresso-pedido-de-impeachment-de-dilma-16277066>. Acesso em 17 de agosto de 2020.